

Antônio da Silva Ferreira

Acima e além

OS SONHOS DE DOM BOSCO

Conforme Novo
Acordo Ortográfico



2011 © Antônio da Silva Ferreira

Todos os direitos reservados

EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR - Quadra 506 - Bloco B
Sala 65 - Asa Sul 70350-525
Brasília (DF)
Tel.: (61) 3214-2300
www.edbrasil.org.br

Sumário

Apresentação	5
Introdução	6
Capítulo 1	
Sonhos sobre a Igreja católica	11
As duas colunas	11
O cavalo vermelho	14
O dever do padre	15
O dever da esmola	16
Capítulo 2	
Sonhos sobre a Congregação Salesiana	17
O sonho dos 9 anos	17
Tornar-se franciscano?	20
A caminhada do Oratório para Valdocco	20
Um aceno à futura Congregação Salesiana	22
O caramanchão de rosas	24
Com quem contar?	27
A filoxera	28
Confeitos para os salesianos	31
As colônias agrícolas	33
Fases de uma luta para a Obra Salesiana sobreviver	37
Nossa Senhora defende as casas salesianas da França	38
Conselhos vários	39
As meninas pedem ajuda	42
Indicações para destruir a Congregação Salesiana	43
Uma obra nos Becchi?	45
As missões da Patagônia	46
Sonho sobre as missões da América (1883)	48
Sonho do senhor Dom Bosco (1883)	49
Os frutos das missões salesianas	58
De Santiago a Pequim	64
Visita às casas salesianas em companhia do padre Cafasso	67
Capítulo 3	
Sonho sobre a pedagogia salesiana	68
Carta de Roma de 1884 – Não basta amar...	68
Capítulo 4	
Sonhos sobre a ação do demônio	83
O calar-se na confissão	83
Jovens vítimas de escândalo sexual	84
O elefante	84
A marmotinha	88
A lanterna mágica	88
A serpente	89

O gato e as flores	92
Os animais ferozes	93
Confissões malfeitas	94
O demônio no pátio	97
O touro furioso.....	99

Capítulo 5

Sonhos sobre monstros	107
O banquete	107
Um monstro ataca Dom Bosco.....	110
O sapo gigante	110
Foi buscar frutos e nada achou.....	112
Uma visita ao colégio de Lanzo	121
Invoquemos a misericórdia de Deus.....	123
O país da prova.....	126
A fé, nosso escudo e nossa vitória.....	131
As dez colinas	137
A perdiz e a codorna	141
Situações dos jovens do Oratório	145
A jangada	150
A vinha do Senhor	158

Capítulo 6

Sonhos sobre as virtudes a ser cultivadas	162
O lenço	162
Meios para conservar a pureza.....	165
Confiança em Deus.....	166
Necessidade da correção por parte dos superiores	166
O personagem dos dez diamantes.....	167
Os jovens levam dons a Nossa Senhora.....	174

Capítulo 7

Sonhos sobre a morte e a vida eterna	177
As 22 luas	177
Dom Bosco salva um jovem da morte	178
Morrerá no Natal	178
A águia	179
A estreia	180
Uma visita aos dormitórios.....	187
Cada um tem seu caminho	188
O inferno.....	188
O purgatório.....	205
O jardim salesiano – Domingos Sávio	211

Capítulo 8

Sonhos diversos	224
O sonhador	224
Após a morte de Mamãe Margarida.....	225
Encontro com São Pedro e São Paulo	226
Que missa complicada.....	227
Sermão sobre a Via-sacra	229
Nicho na Basílica de São Pedro	230

Referências bibliográficas	231
---	-----

Apresentação

Muitas são as pessoas que se dirigem à Editora Salesiana solicitando a publicação dos sonhos de Dom Bosco. Não se trata apenas de algo que desperta a curiosidade dos leitores. É um fator de grande influência na vida espiritual de tantas gerações, especialmente da Família Salesiana. Como teremos ocasião de ver, influenciou também a vida política de algumas nações, especialmente da América Latina.

Esta edição quer situar-se unicamente no nível de divulgação dos sonhos. Não tem pretensões de servir de material para um trabalho científico. Nisto se diferencia dos textos ultimamente publicados pela Editora Salesiana, como as *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales* (MO) e *Não basta amar...* Outras seriam as exigências para um trabalho nesse nível. Entre elas a de se dispor de edições críticas de todos os sonhos de Dom Bosco, utopia que nos transporta para um futuro bem remoto.

A breve introdução, com um conciso resumo da doutrina de Carl Jung sobre o sonho, dá ao leitor um panorama de quanto encontrará no livro e lhe fornece os instrumentos necessários para uma leitura mais aprofundada dos sonhos de Dom Bosco.

Estes são reunidos em blocos, sobre assuntos diversos: Igreja, Congregação Salesiana etc. Chama a atenção a presença de Nossa Senhora no que se refere ao desenvolvimento da Obra Salesiana e em outros sonhos.

Encerramos com as palavras do próprio Dom Bosco quando escrevia a dom Cagliero, em 10 de fevereiro de 1885: “Recomendo ainda que não se dê grande importância aos sonhos. (...) Se estes servem para ajudar a entender as coisas morais ou das regras, está bem, se dê atenção a eles. Diversamente, não se dê importância alguma a eles”.

Introdução

“Se houver entre vós um profeta do Senhor,
eu me revelarei a ele em visões
e lhe falarei em sonhos” (Nm 12,6).

1. Entre os elementos da vida de Dom Bosco que mais provocam curiosidade e interesse das pessoas estão seus sonhos. Deles escreve padre Lemoyne, nas *Memorie biografiche...* (MB):

A palavra sonho e Dom Bosco são correlativos. É deveras admirável a repetição desse fenômeno durante setenta anos. [...] A vida de Dom Bosco é uma trama de sonhos tão maravilhosos, que não se compreende sem a assistência divina direta. Fica, pois, de todo em todo excluída a ideia de que houvesse sido um estulto, um iludido, um enganador ou um vaidoso. Os que viveram a seu lado durante trinta, quarenta anos jamais viram nele o menor sinal de querer conquistar o apreço dos seus fazendo-se passar por um privilegiado com dotes sobrenaturais. Dom Bosco era humilde, e a humildade aborrece a mentira.¹

Deve-se notar que não lhe escapou nunca palavra que fizesse alusão às esplêndidas virtudes de seu coração, nunca uma expressão que afirmasse ser ele favorecido por Deus com dons sobrenaturais.

Porém, a estas suas reticências, frutos de profunda humildade, suprimam amplamente não só aqueles que viveram a seu lado, mas também as pessoas amigas e os cooperadores, que em número de centenas e centenas foram referir ao padre Lemoyne o que sabiam. Muitos protestaram que estavam prontos a confirmar com juramento o que testemunhavam.

O amor de seus filhos fez que eles deixassem copiosas memórias do que viram com os próprios olhos e ouviram com seus ouvidos. O próprio padre Lemoyne, de 1864 a 1888, colocou por escrito o que acontecia de mais memorável. Muitas coisas as soube por meio de longos colóquios, frequentes e confidenciais, que teve com o Santo por bem vinte e quatro anos.

2. Com a palavra “sonho” Dom Bosco exprime uma série de relatos de não igual natureza. Na maioria dos casos, trata-se realmente da exposição de material onírico.

¹ Cf. Giovanni Battista Lemoyne; Eugenio Ceria; Angelo Amadei, *Memorie biografiche* [MB] di Don [del Venerabile - del Beato - di San] Giovanni Bosco. 20 volumes. San Benigno Canavese - Turim, 1898-1948 (edição extracomercial), vol. I, p. 254-256.

Outras vezes são apólogos, parábolas, meios enfim de tornar clara e interessante a apresentação de ensinamentos diversos.

3. Esse esforço de endereçar os sonhos para a obra de educação da juventude e dos salesianos fez que vários sonhos passassem por um processo redacional. De alguns sonhos exporemos essa caminhada do texto até a redação final.

Se essa caminhada cria dificuldades do ponto de vista histórico, ela também elucida melhor o objetivo que Dom Bosco tinha em mente ao fazer o relato do sonho.

Do ponto de vista psicológico, ela ajuda na compreensão do modo de ver do Santo e na compreensão de sua psique.

Escolhemos, para apresentar os sonhos de Dom Bosco, as concepções de Carl Gustav Jung, que muito nos elucidam sobre esse assunto. É o que faremos a seguir, expondo algumas ideias sobre o sonho na visão analítica de Jung.²

4. Para Jung, o sonho “não é de modo algum uma mistura confusa de associações casuais e desprovidas de sentido. [...] É um produto autônomo e muito importante da atividade psíquica”.³

Ele “retrata a situação interna do sonhador, cuja verdade e realidade o consciente reluta em aceitar ou não aceitar de todo”. O sonho retrata a verdade e a realidade interiores exatamente “como expressão de um processo inconsciente, alheio à vontade e longe do controle da consciência”, representando “a verdade e a realidade interiores exatamente como elas são [...] simplesmente porque é assim”.⁴

5. Muitas vezes esses sonhos trazem propósitos e antecipações que possibilitam melhor informação e melhor conhecimento das orientações inequívocas da situação vital do sonhador. Assume características extremamente criativas, ao revelar uma tensão psíquica dirigida a um fim futuro, ou a uma significação ainda por aparecer.⁵

O significado finalista e prospectivo dos sonhos é descrito por Jung “como uma função apropriada, que prepara o caminho para a solução de conflitos e problemas atuais. [...] Os sonhos preparam determinadas situações, as anunciam ou previnem

² Nesta apresentação, servimo-nos do trabalho inédito de Maria José do Amaral Ferreira, *Trabalhando com os sonhos*. São Paulo, 2006.

³ Carl Gustav Jung, “A análise dos sonhos”. In: *Freud e a psicanálise*. Obras completas de Carl Gustav Jung. Vol. 4. Petrópolis, Vozes, 1989.

⁴ Id., “A aplicação prática da análise dos sonhos”. In: *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 16/2. Petrópolis, Vozes, 2000.

⁵ Id., “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 8/2. Petrópolis, Vozes, 2000. Em Dom Bosco se manifesta claramente essa tensão para o futuro: a salvação dos jovens. Os sonhos nos revelam a *autenticidade* dessa dedicação de Dom Bosco ao bem dos jovens, em uma forma até agora pouco apresentada. Quanto ao significado, ver o sonho do cavalo vermelho: a história nos leva a dar-lhe um significado diverso daquele dado por Dom Bosco. Ele ainda não tinha referências que lhe permitissem identificar os fatos a que esse sonho se refere.

contra elas muito antes que se tornem reais”.⁶ Passam a ser então fonte de indicações terapêuticas essenciais.⁷

“Muitas vezes os sonhos iniciais são de uma clareza e transparência espantosas.”⁸ “O sonho retifica a situação consciente e acrescenta material que ainda lhe está faltando.”⁹ Jung coloca o sonho “numa relação estreita com a situação consciente [sem a qual] nunca poderá ser interpretado com um mínimo de segurança. É só a partir do conhecimento da situação consciente que se pode descobrir que sinal dar aos conteúdos inconscientes”.¹⁰

Os sonhos podem exprimir verdades e sentenças filosóficas (e teológicas, em nosso caso), recordações, planos, antecipações e até visões telepáticas.¹¹

Assim como não existem apenas desejos e medos no consciente, mas uma infinidade de outras coisas, também é sumamente provável que nossa alma onírica tenha uma riqueza semelhante de conteúdos e formas de vida ou quem sabe muito superiores às da vida consciente, cuja natureza é essencialmente concentração, limitação, exclusão.¹²

6. Entre as muitas recomendações que Jung faz em seus textos sobre o tema, está a de que se analisem *séries de sonhos*.

É extremamente raro que um sonho isolado e obscuro possa ser interpretado com razoável segurança. [...] A interpretação só adquire uma relativa segurança numa *série de sonhos*, em que os sonhos posteriores vão corrigindo as incorreções contidas nas interpretações anteriores. Também é na série de sonhos que conteúdos e motivos básicos são reconhecidos com maior clareza.¹³

Jung, assim, considera uma série de sonhos não como uma sucessão fortuita de acontecimentos desconexos e isolados, mas “como um processo de desenvolvimento e de organização que se desenrola segundo um plano bem elaborado.”¹⁴

E Jung também nos alerta: a compreensão dos sonhos “não é um processo exclusivamente intelectual”.¹⁵ E ainda: o leitor não deve “supor em Dom Bosco uma psicologia igual à sua”.¹⁶

⁶ Id., “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*, p. 193.

⁷ Id., “A aplicação prática da análise dos sonhos”. In: *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*, p. 15.

⁸ Id., *ibid.*, p. 16. Veja o sonho dos 9 anos.

⁹ Id., “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*.

¹⁰ Id., “A aplicação prática da análise dos sonhos”. In: *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*, p. 34 e 25.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 19.

¹² Id., *ibid.*, p. 19.

¹³ Id., *ibid.*, p. 21.

¹⁴ Id., “Da essência dos sonhos”. In: *A natureza da psique*. Vol. 8/2. Veja os sonhos contidos nas *Memórias do Oratório*.

¹⁵ Id., “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*, p. 182.

¹⁶ Id., *ibid.*, p.197.

7. É bom reconhecer ainda que o símbolo “é como expressão de um conteúdo que o consciente ainda não reconheceu e formulou conceitualmente”. É preciso, pois relacionar essa simbologia com a situação consciente do sonhador “renunciando a tudo o que se sabe melhor, e de antemão, para pesquisar o que as coisas significam” para quem está sonhando. As imagens oníricas têm “cada uma delas sua própria significação, em virtude da qual elas aparecem no sonho”.¹⁷

“Uma imagem é, ao mesmo tempo, composta subjetivamente e condicionada objetivamente. [...] é preciso, primeiro, verificar se a imagem é reproduzida por causa de seu significado objetivo.”¹⁸

8. Jung distingue os “grandes sonhos” (significativos) e os “pequenos sonhos” (banais).

Os “pequenos sonhos” nos aparecem como fragmentos da fantasia noturna recorrente, que derivam da esfera subjetiva e pessoal, e sua significação se esgota no âmbito dos fatos ordinários da vida de cada dia. [...] Os “grandes sonhos”, pelo contrário, ficam gravados muitas vezes na memória por toda a vida, e constituem, não raramente, a joia mais preciosa do tesouro das experiências psíquicas vividas.

[Neles] aparecem elementos que não são individuais e que não podem ser derivados da experiência pessoal.¹⁹

Jung reconhece, no entanto, “uma predominância dos sonhos ‘médios’, nos quais é possível reconhecer certa estrutura que tem analogia com a estrutura do drama”.²⁰ Para ele, esse tipo de sonhos começa com uma *indicação de lugar*, que chama de exposição. “Ela indica o lugar da ação, os personagens que nela atuam, e frequentemente a situação inicial.” A segunda fase é a do *desenvolvimento da ação*. “A situação se complica de uma forma ou de outra, e se estabelece certa tensão, porque não se sabe o que vai acontecer.” A terceira fase é a da *culminação ou peripécia*. Nela “acontece qualquer coisa de decisivo, em que a situação muda inteiramente”. A quarta e última fase é a *da lise*, a solução ou o resultado produzido pelo trabalho do sonho. “Mostra-nos a situação final, que é, ao mesmo tempo, o resultado procurado.”²¹

9. Gostaríamos de ressaltar a extraordinária presença de Nossa Senhora nos sonhos de Dom Bosco como estimuladora do desenvolvimento da Obra Salesiana e como Auxiliadora nas diversas situações de dificuldade.

¹⁷ Id., “A aplicação prática da análise dos sonhos”. In: *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*, p. 27-28.

¹⁸ Id., “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*, p. 204-205.

¹⁹ Id., “Da essência dos sonhos”. In: *A natureza da psique*, p. 230-231. A seguir, Jung interpreta o fato como derivado do *inconsciente coletivo*. Não é o caso de discutirmos aqui esse tema. Interessará a quem for fazer um estudo científico dos sonhos de Dom Bosco.

²⁰ O que se encaixa perfeitamente no trabalho redacional tantas vezes feito pelo padre Lemoyne. Leia, por exemplo, a “Carta de Roma de 1884”, não como uma carta, mas como um teatro. Terá uma compreensão muito mais perfeita do documento.

²¹ Id., “Da essência dos sonhos”. In: *A natureza da psique*, p. 234-235. Leia o sonho do elefante.

Encerramos esta exposição da teoria de Jung dizendo que com o sonho temos muito que aprender: “O sonho não dissimula, ensina”.²²

“Ao lidar com os sonhos, não podemos ser ingênuos.”²³ Nunca é demais ressaltar a humildade, a prudência e a cautela que marcam a atitude de Jung diante da análise dos sonhos, “terreno traiçoeiro onde a única coisa certa é a incerteza”.²⁴

²² Id., “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*, p. 184.

²³ Id., “Símbolos e a interpretação dos sonhos” In: *A vida simbólica: escritos diversos*. O. C. vol. 18/1. Petrópolis, Vozes, 2000.

²⁴ Id., “A aplicação prática da análise dos sonhos”. In: *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*, p. 20.

Capítulo 1

Sonhos sobre a Igreja católica

As duas colunas²⁵

No dia 26 de maio de 1862, Dom Bosco tinha prometido aos jovens contar-lhes alguma coisa de belo no último ou no penúltimo dia do mês. Em 30 de maio, pois, de noite, contou uma parábola ou “semelhança”, como ele quis chamá-la.

O sonho das duas colunas se insere em um momento especial da história da Igreja na Itália. Ela se encontrava quase em estado de perseguição. Por volta de 1860, cerca de 900 padres estavam presos na Ilha de Elba, por terem se manifestado favoráveis ao papa. Mais de cem dioceses ficaram sem bispo. As pessoas que eram suspeitas de favorecer a causa do Pontífice tinham suas casas investigadas e sofriam vexames das autoridades. Dom Bosco e o Oratório não foram exceções.

Nessa época, foram muitas as pessoas que disseram ter tido visões ou avisos de que a Igreja triunfaria de seus inimigos.²⁶ Este sonho se insere nesse grupo de manifestações. Ele condiciona a vitória da Igreja às devoções, tão caras a Dom Bosco, da Eucaristia e da Imaculada. Eis o texto:

Quero contar a vocês um sonho. É verdade que quem sonha não raciocina. Todavia, eu, que contaria a vocês até os meus pecados, se não tivesse medo de fazer que escapassem todos e fizesse cair a casa, conto este sonho para utilidade espiritual de vocês. Sonhei alguns dias atrás.

*[Os navios em combate]*²⁷

Imaginem que estão numa praia, ou melhor, sobre um escolho isolado, e que não podem ver outro pedaço de terra senão o que têm sob os pés. Em toda aquela vasta superfície das águas, avista-se se uma multidão de embarcações dispostas para a batalha, cujas proas terminam num esporão de ferro, agudo como um dardo que, onde empurrado, fere e traspassa tudo. Essas embarcações, equipadas com canhões, cargas de fuzis e outras armas de todo tipo de material incendiário, e também com livros, avançam contra uma embarcação muito maior e mais alta que todas, tentando chocar-se contra ela com o esporão, incendiá-la ou causar-lhe todo dano possível de outros modos.

²⁵ Cf. MB VII, p. 169-171.

²⁶ Não apresentamos o sonho sobre Roma e Paris, pois se sabe que não é de Dom Bosco. Cf. Francis Desramaut, “Le recit de l’audience pontificale du 12 février 1870 dans les *Memorie biografiche* de Don Bosco”. RSS 10 (1987), p. 81-104.

²⁷ Tomamos a liberdade de acrescentar subtítulos que ajudem a ler o texto do sonho.

Preparada com perfeição, aquela majestosa embarcação é escoltada por muitos navios pequenos, que dela recebem o sinal de comando e fazem evoluções para defender-se da frota adversária. O vento é contrário a elas e o mar agitado parece favorecer os inimigos.

[As duas colunas]

No meio da imensidão do mar se elevam das ondas duas robustas colunas, altíssimas, pouco distantes uma da outra. Sobre uma delas encontra-se a estátua da Virgem Imaculada, que tem pendurado sob os pés um largo cartaz com a inscrição: “Auxílio dos cristãos” (*Auxilium christianorum*). Sobre a outra coluna, muito mais alta e grossa, há uma hóstia de grandeza proporcional à coluna e, debaixo, outro cartaz com as palavras: “Salvação dos que creem” (*Salus credentium*).

[A batalha]

O comandante supremo da grande embarcação, que é o pontífice romano, vendo o furor dos inimigos e a situação desfavorável em que se encontram seus fiéis, resolve convocar junto a si os pilotos das embarcações secundárias para se aconselharem e decidirem o que fazer. Todos os pilotos sobem e se reúnem em torno do papa. Mas como o vento se enfureça sempre mais e a tempestade aumente, são reenviados para governar as próprias embarcações.

Vindo um pouco de bonança, o papa reúne pela segunda vez em torno de si os pilotos, enquanto a nau capitânia segue seu curso. Mas a borrasca volta, causando medo.

O papa está no timão e todos os seus esforços são dirigidos a levar a embarcação para o meio daquelas duas colunas, do alto das quais pendem muitas âncoras e grossos ganchos soldados a correntes.

Naus inimigas movem-se todas para assaltá-la e tentam detê-la por todos os modos e fazê-la afundar. Umas com os escritos, com os livros, com matérias incendiárias de que estão cheias e que procuram jogar a bordo. As outras com os canhões, com os fuzis e com os esporões. O combate se faz cada vez mais aguerrido. As proas dos inimigos chocam-se violentamente, mas são inúteis seus esforços e seu ímpeto. Em vão tentam a prova e desperdiçam toda sua fadiga e munição. A grande embarcação prossegue segura e franca em seu caminho. Acontece às vezes que, levando golpes formidáveis, sofre em seus flancos uma larga e profunda abertura. Mas apenas aconteceu o dano, a um sopro vindo das duas colunas as brechas se fecham e seus furos se obturam.

E, no entanto, os canhões dos assaltantes explodem, quebram-se os fuzis, toda e qualquer arma e os esporões são destruídos. Muitas embarcações afundam. Então os inimigos furibundos começam a combater com armas curtas: mãos, socos, blasfêmias e maldições.

[O papa morreu! – Elege-se outro papa]

Eis que o papa, ferido gravemente, cai. Logo aqueles que estão junto dele correm para ajudá-lo e o levantam. O papa é atingido pela segunda vez, cai de novo e morre. Um grito de vitória e de alegria ressoa entre os inimigos; em seus navios se vê uma indizível exultação. Então, morto o pontífice, outro papa entra em seu lugar. Os pilotos reunidos o elegeram tão subitamente que a notícia da morte do papa chega com a notícia da eleição do sucessor. Os adversários começam a perder a coragem.

[A vitória da Igreja]

O novo papa, desbaratando e superando todos os obstáculos, guia a nau até as duas colunas e, chegando ao meio delas, liga-a com uma correntinha que pendia da proa a uma âncora da coluna sobre a qual estava a Hóstia; e com outra correntinha que pendia da popa liga-a da parte oposta a outra âncora pendente da coluna sobre a qual estava colocada a Virgem Imaculada.

Sucede então uma grande reviravolta. Todas as embarcações que até então tinham combatido aquela sobre a qual se sentava o papa fogem, se dispersam, chocam-se e se arrebatam umas contra as outras. As embarcações afundam e procuram afundar as outras.

Alguns pequenos navios que tinham combatido valorosamente com o papa são os primeiros a se ligar às colunas.

Muitas outras embarcações, tendo se retirado por temor da batalha, e que se encontram a grande distância, ficam observando prudentemente, até que, perdidos nos redemoinhos do mar os restos de todas as embarcações desfeitas, vogam com grande força na direção daquelas duas colunas. Ao chegar lá, se prendem aos ganchos que das mesmas pendem, e aí ficam tranquilas e seguras, junto com a embarcação principal sobre a qual está o papa. No mar, reina uma grande calma.

Então Dom Bosco interrogou padre Rua:

– Que é que pensa disso que contei?

Padre Rua respondeu:

– Parece-me que a nau do papa seja a Igreja, de que ele é o chefe; as embarcações, os homens; o mar, este mundo. Aqueles que defendem a grande nau são os bons, afeiçoados à Santa Sé. Os outros, são seus inimigos que, com toda a espécie de armas, tentam reduzi-la a nada. E que as duas colunas de salvação são a devoção a Maria Santíssima e a devoção ao Santíssimo Sacramento da Eucaristia.

Padre Rua não falou do papa caído e morto e também Dom Bosco calou-se sobre esse assunto. Só acrescentou:

– Falou bem. É necessário somente corrigir uma expressão. Os navios dos inimigos são as perseguições. Preparam-se gravíssimos trabalhos para a Igreja. O que existiu

até agora é quase nada em relação a quanto deve acontecer. Seus inimigos são representados pelas embarcações que tentam afundar, se conseguirem, o navio principal. Só restam dois meios para salvar-se em tanta desordem: a devoção a Maria Santíssima e a frequência da Comunhão, empregando todos os modos e da melhor maneira para praticá-las e fazê-las praticar por toda parte e por todos. Boa-noite!

O cavalo vermelho²⁸

Dia 6 de julho de 1862, Dom Bosco contou um sonho que tivera na noite anterior:

Esta noite tive um sonho singular. Sonhei que me encontrava junto com a marquesa Barolo e que passeávamos em uma pracinha que dava para uma grande planície. Eu via os jovens do Oratório a correr, a pular, a recrear-se alegremente. Queria que a marquesa ficasse à minha direita, mas ela me disse:

– Não, fique onde está.

Pôs-se então a falar dos meus jovens:

– Está muito bem que o senhor se ocupe dos jovens, mas deixe só a mim o cuidado de ocupar-me das filhas, assim iremos de acordo.

Eu lhe respondi:

– Mas me diga um pouco: Nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo para redimir só os juvenzinhos ou também para as meninas.

– Eu sei que Nosso Senhor redimiu a todos, meninos e meninas.

– Pois bem, eu devo procurar que seu sangue não seja derramado inutilmente tanto pelos jovens quanto pelas meninas.

Enquanto conversávamos sobre isso, eis que entre os meus jovens que estavam na pracinha fez-se um profundo silêncio. Todos deixaram seus brinquedos e se puseram em fuga, quem por um lado, quem por outro, cheios de temor.

Eu e a marquesa paramos e por um momento ficamos imóveis. Procuo o motivo daquele terror e assim vou adiante com a marquesa. Levanto um pouco os olhos e eis que lá no fundo da planície vejo descer à terra um cavalo grande... mas tão grande!... Fiquei com o sangue gelado pelo medo.

– Era grande como esta sala? – perguntou padre Francesia.

– Ó, bem maior – respondeu Dom Bosco. – Era alto e grande três ou quatro vezes o Palácio Madama. Em suma, uma coisa extraordinária.

²⁸ Cf. MB VII, p. 217-219.

Enquanto eu queria fugir, temendo alguma catástrofe, a marquesa Barolo desmaiou e caiu por terra. Eu quase não conseguia ficar de pé, de tanto que me tremiam os joelhos. Corri e fui me esconder atrás de uma casinhola que não estava muito distante, mas me tocaram de lá, aos gritos:

– Vá embora! Vá embora! Não venha aqui!

No entanto, eu dizia comigo mesmo:

– Quem sabe que diabo será aquele cavalo! Não quero mais fugir, quero ir adiante e observá-lo mais de perto.

E, embora tremendo todo, criei coragem, voltei atrás e avancei.

Ó, que horror! Com aquelas orelhas em pé, com aquele tamanho focinho. Ora me parecia que tinha tanta gente em cima, ora que tivesse asas, de forma que exclamei:

– Mas este é um demônio!

Enquanto o contemplava, como estava em companhia de outros, perguntei a um:

– Que é este cavalo?

Tive como resposta:

– Este é o cavalo vermelho *equus rufus*, do Apocalipse.

Depois, acordei e me encontrei na cama, apavorado, e toda essa manhã, rezando missa, no confessionário, tinha sempre diante aquela desagradável figura. Agora quero que alguém procure se este *equus rufus* é verdadeiramente citado na Sagrada Escritura e qual seja o seu significado.

O dever do padre

Na noite de 29 para 30 de setembro de 1884, Dom Bosco sonhou:

Pareceu-lhe que ia para Castelnuovo, caminhando por uma planície. A seu lado, um venerando sacerdote, do qual disse que não recordava mais o nome. Conversavam sobre os padres:

– Trabalho, trabalho, trabalho! – diziam. – Eis qual deveria ser o objetivo e a glória dos padres. Não cansar-se nunca de trabalhar, assim, quantas almas se salvariam! Quantas coisas para fazer pela glória de Deus! Ó, se o missionário agisse de verdade como missionário, se o pároco fosse realmente o pároco. Quantos prodígios de santidade resplandeceriam em toda parte! Mas, infelizmente, muitos têm medo de trabalhar e preferem as próprias comodidades...

Raciocinando desse modo entre eles, chegaram a um lugar chamado Filippelli. Então Dom Bosco começou a lamentar a atual escassez de padres:

– É verdade – continuou o outro –, são poucos os padres. Mas se todos eles agissem como padres haveria o bastante. Em vez disso, quantos padres há que não fazem nada

para o ministério! Uns não fazem mais do que ser o padre da família,²⁹ outros, por timidez, ficam na ociosidade. Se eles se colocassem no ministério, se fizessem o exame de confissão, encheriam um grande vazio nas fileiras da Igreja. Deus dá as vocações em proporção com a necessidade. Quando veio o alistamento militar dos clérigos, todos estavam espantados, como se ninguém mais devesse ser padre; mas quando as fantasias se acalmaram viu-se que as vocações, em vez de minguar, estavam aumentando.

– E agora – interrogou Dom Bosco –, que é preciso fazer para promover as vocações no meio dos jovens?

– Nada mais – respondeu o companheiro de viagem – que cultivar com zelo entre eles a moralidade. A moralidade é a sementeira das vocações.

– E o que devem fazer especialmente os padres para obter que a vocação deles produza fruto?

– O presbítero aprenda a dirigir bem e a santificar sua casa (*presbyter discat domum suam regere et sanctificare*). Cada um seja exemplo de santidade na própria família e na própria paróquia. Não às desordens de gula, não ao engolfar-se nos cuidados temporais. Seja antes de tudo modelo em casa e depois será o primeiro fora.

A certo ponto do caminho aquele sacerdote perguntou a Dom Bosco aonde ia. Dom Bosco indicou Castelnuovo. Então, deixando-o prosseguir, ficou com um grupo de pessoas que o precediam. Dados poucos passos, Dom Bosco acordou.³⁰

O dever da esmola³¹

Dom Bosco queria publicar um livro sobre o emprego que os ricos deveriam fazer do dinheiro, mas os salesianos não concordaram com ele, pois um artigo do Boletim Salesiano sobre o assunto provocara não pouca polêmica. No dia 4 de junho de 1887, narrou o seguinte sonho:

Sonhei algumas noites atrás que vi Nossa Senhora. Ela me repreendia pelo meu silêncio sobre a obrigação da esmola. Disse-me que muitos sacerdotes se perdiam porque faltavam aos deveres impostos pelo sexto e pelo sétimo mandamentos. Mas insistiu especialmente sobre o mau uso das riquezas.

– Caso se desse o supérfluo aos pobres, seria maior o número dos eleitos, mas muitos conservam venenosamente etc. (*Si superfluum daretur orphanis maior esset numerus electorum; sed multi venenose conservant etc.*)

E se lamentava de que o sacerdote do púlpito tivesse medo de explicar o dever de dar o supérfluo aos pobres, e assim o rico acumula ouro no seu cofre.

²⁹ Ordenavam-se sacerdotes e depois ficavam em casa.

³⁰ Cf. MB XVII, p. 383-384.

³¹ Cf. MB XVI, p. 361.

Sonhos sobre a Congregação Salesiana

O sonho dos 9 anos³²

– Deste sonho – diz padre Felipe Rinaldi – não é possível fixar com precisão o tempo em que o Venerável teve esta primeira ilustração sobrenatural a respeito de sua futura missão.³³

No dia 30 de outubro de 1875, Giuseppe Turco, colega de escola de Dom Bosco, foi ao Oratório e assim apresentou este sonho:

“Um dia vimos que ele, fora do costume, corria e saltava alegre pela nossa vinha e, todo em festa, apresentou-se a meu pai:

– Que há, Joãozinho? Por que você está tão alegre, quando de um tempo para cá via você todo triste?

– Boas notícias, boas notícias! Esta noite tive um sonho em que vi que continuaria meus estudos, me faria padre, e me encontraria à frente de muitos jovens de cuja educação me ocuparia pelo resto de minha vida. Eia! Agora está tudo pronto, eu poderei ser padre.

– Mas isso não é mais do que um sonho. Depois, entre o dizer e o acontecer...

– Oh! O resto é nada, eu serei padre e estarei à frente de tantos jovens a quem farei muito bem!

E assim dizendo foi todo alegre e contente, como de costume, ler, estudar e vigiar a uva”.³⁴

Segundo este testemunho, o sonho teria acontecido quando João Bosco, adolescente, estava no Sussambrino, não nos Becchi. Verificamos então que ele apresenta o mesmo esquema dos demais sonhos narrados nas Memórias do Oratório de São Francisco de Sales. É um esquema único e de fácil interpretação.

Parte-se de uma ansiedade ou necessidade do Santo. O sonho vem responder a esse desconforto. Propõe-se uma meta a ser atingida ou norma de vida a ser seguida. Mas não são indicados os meios concretos para se atingir essa meta. Tal tarefa fica entregue à indústria do sonhador. A vida vivida pelo Santo confirmará a proposta do sonho e levará à realização de quanto ali contido.

³² Cf. São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855* (MO), 3ª ed. São Paulo, Editora Salesiana [2005], p. 28-30.

³³ Cf. *Atti del Capitolo Superiore* 26 (1924), p. 312.

³⁴ Cf. *Notizie varie dei primi tempi dell'Oratorio di Don Bosco ecc...* ASC A 0030112, FDB 892 A 8.

No caso do “sonho dos 9 anos”, ele corresponde a um momento em que João Bosco está buscando uma resposta ao seu problema vocacional. O sonho lhe garante que será padre e que cuidará dos jovens.

Dom Bosco, porém, o coloca na idade de 9 anos.³⁵

Da importância deste sonho nos fala padre Rinaldi: “Toda a sua vida lhe foi mostrada como num espelho, por um enigma (1Cor 13,12), no espelho da fé e na obscuridade do enigma [...], mas para nós ele não é mais um enigma no espelho, mas uma luz poderosa que ilumina e conforta no caminho que por chamamento divino devemos percorrer”.³⁶ Pode-se dizer que ele é o programa de ação de Dom Bosco e da Família Salesiana.³⁷

Com efeito, o trabalho redacional de Dom Bosco o transforma num tratado de espiritualidade e de pedagogia salesiana. Aí estão a missão de trabalhar com a juventude, que lhe é confiada por Jesus, o papel de Maria Santíssima que guia como Mãe e Mestra, o sistema educativo a ser seguido – ganhar o coração dos jovens –, o tornar-se humilde, forte e robusto.

E terminamos com padre Rinaldi: “Este sonho, pois, é cheio de sabedoria para nós, e nos recorda como Dom Bosco o praticou com a maior diligência, obtendo efeitos surpreendentes com meios julgados impossíveis”.³⁸

Eis como Dom Bosco conta o sonho nas Memórias do Oratório:

Nessa idade tive um sonho que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. Pareceu-me estar perto de casa, numa área bastante espaçosa, onde uma multidão de meninos estava a brincar. Alguns riam, outros divertiam-se, não poucos blasfemavam. Ao ouvir as blasfêmias, lancei-me de pronto no meio deles, tentando, com socos e palavras, fazê-los calar. Nesse momento apareceu um homem venerando, de aspecto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-lhe o corpo; seu rosto, porém, era tão luminoso que eu não conseguia fitá-lo. Chamou-me pelo nome e mandou que me pusesse à frente daqueles meninos, acrescentando estas palavras:

– Não é com pancadas mas com a mansidão e a caridade que deverás ganhar³⁹ esses teus amigos. Põe-te imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e a preciosidade da virtude.

Confuso e assustado, repliquei que eu era um menino pobre e ignorante, incapaz de lhes falar de religião. Senão quando aqueles meninos, parando de brigar, de gritar e blasfemar, juntaram-se ao redor do personagem que estava a falar. Quase sem saber o que dizer, acrescentei:

³⁵ Cf. MO, p. 28. O sonho de Santiago a Pequim coloca este sonho aos 10 anos e o relaciona com a expansão mundial das missões salesianas.

³⁶ Cf. *Atti del Capitolo Superiore* 26 (1924), p. 314-315.

³⁷ Cf. *Atti del Capitolo Superiore* 23 (1924), p. 198-199.

³⁸ Cf. *Atti del Capitolo Superiore* 26 (1924), p. 315.

³⁹ Num primeiro momento, Dom Bosco havia escrito “têm de ser acalmados”. A seguir corrigiu para “deverás ganhar”. Nessa frase se vê toda a essência de seu sistema educativo: ganhar os corações dos jovens.

– Quem sois vós que me ordenais coisas impossíveis?

– Justamente porque te parecem impossíveis deves torná-las possíveis com a obediência e a aquisição da ciência.

– Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?

– Eu te darei a mestra, sob cuja orientação poderás tornar-te sábio, e sem a qual toda sabedoria se converte em estultice.

– Mas quem sois vós que assim falais?

– Sou o filho daquela que tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

– Minha mãe diz que sem sua licença não devo estar com gente que não conheço; dize-me, pois, vosso nome.

– Pergunta-o a minha mãe.

Nesse momento vi a seu lado uma senhora de aspecto majestoso, vestida de um manto todo resplandecente, como se cada uma de suas partes fosse fulgidíssima estrela. Percebendo-me cada vez mais confuso em minhas perguntas e respostas, acenou para que me aproximasse e, tomando-me com bondade pela mão, disse:

– Olha.

Vi então que todos os meninos haviam fugido, e em lugar deles estava uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais.

– Eis o teu campo, onde deves trabalhar. Torna-te humilde, forte, robusto;⁴⁰ o que agora vês acontecer a esses animais, deves fazê-lo aos meus filhos.

Tornei então a olhar, e em vez de animais ferozes apareceram mansos cordeirinhos que, saltitando e balindo, corriam ao redor daquele homem e daquela senhora, como a fazer-lhes festa.

Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo:

– A seu tempo tudo compreenderás.

Após essas palavras, um ruído qualquer me acordou, e tudo desapareceu.

Fiquei transtornado. Parecia-me ter as mãos doloridas pelos socos que desferira e doer-me o rosto pelos tapas recebidos; além disso, aquele personagem, a senhora, as coisas ditas e ouvidas de tal modo me encheram a cabeça que naquela noite não pude mais conciliar o sono.⁴¹

⁴⁰ Inicialmente, Dom Bosco havia escrito: “Torna-te sadio, forte, robusto”.

⁴¹ “De manhãzinha contei logo o sonho, primeiro aos meus irmãos, que se puseram a rir, depois à mamãe e à vovó. Cada um dava o seu palpite. O irmão José dizia: ‘Vais ser pastor de cabras, de ovelhas e de outros animais’. Mamãe: ‘Quem sabe se um dia não serás sacerdote’. Antônio,

Tornar-se franciscano?

Chegando o momento de escolher ser padre diocesano ou religioso, João Bosco, aconselhando-se consigo mesmo, decidiu-se a entrar na Ordem Franciscana. “Apresentei o pedido aos conventuais reformados, prestei o exame correspondente, fui aceito, e assim tudo estava preparado para entrar no Convento da Paz, em Chieri.”⁴²

Poucos dias antes do tempo marcado para a entrada, teve um sonho bastante estranho. Assim Dom Bosco o conta:

Pareceu-me ver uma multidão daqueles religiosos com os hábitos rasgados, correndo em sentido contrário uns dos outros. Um deles veio dizer-me:

– Procura a paz, e aqui não haverá de encontrá-la. Observa a atitude dos seus irmãos. Deus lhe prepara outro lugar, outra messe.

Queria fazer algumas perguntas àquele religioso, mas um ruído me despertou e não vi mais nada.⁴³

A caminhada do Oratório para Valdocco⁴⁴

Após ordenar-se sacerdote, por dois anos Dom Bosco ficou no Colégio Eclesiástico de Turim, a fim de estudar moral e preparar-se para o ministério das confissões. Ali fundaria seu primeiro Oratório.

Terminado o curso, foi-lhe dada outra bolsa de estudos e continuou ainda por um ano naquele colégio. Era como se fosse um assistente à cátedra do padre José

secamente: ‘Chefe de bandidos, isso sim’. Mas a avó que, de todo analfabeta, entendia muito de teologia, deu a sentença definitiva: ‘Não se deve fazer caso dos sonhos’. Eu era do parecer de minha avó, todavia não pude nunca tirar aquele sonho da minha cabeça. O que vou doravante expor dará a isso alguma explicação. Mantive-me sempre calado; meus parentes não lhe deram importância. Mas quando, em 1858, fui a Roma para falar com o papa sobre a Congregação Salesiana, ele me fez contar pormenorizadamente tudo quanto tivesse ainda que só a aparência de sobrenatural. Contei então pela primeira vez o sonho que tive na idade 9 a 10 anos. O papa mandou-me escrevê-lo literalmente, e com pormenores, e deixá-lo como estímulo aos filhos da congregação, a qual era precisamente o objetivo de minha viagem a Roma” (MO, p. 30).

⁴² Fez o pedido em março de 1834. Apresentou-se ao exame de vocação em Turim, no Convento de Santa Maria dos Anjos, em 18 de abril, e foi aceito dia 28 do mesmo mês, conforme consta do registro dos postulantes, onde se afirma possuir todos os requisitos e ter sido admitido por unanimidade.

⁴³ O que teria acontecido a João Bosco se tivesse entrado na ordem dos franciscanos? Em 1854, a ordem foi extinta no Piemonte, conforme a lei apresentada pelo ministro Urbano Rattazzi. Os sacerdotes que o desejassem deviam incardinar-se nas dioceses. Os irmãos recebiam uma pensão do Estado. Verdadeiramente ali não encontraria a paz.

⁴⁴ MO, p. 133-134.

Cafasso. Aos que encontravam dificuldade para seguir as conferências desse sacerdote, ele dava aulas de reforço.

Ao final do terceiro ano, não era mais possível continuar ali. Padre Cafasso então lhe arranhou o emprego de capelão do Pequeno Hospital de Santa Filomena, na obra do Refúgio, da marquesa Barolo. Ao ter de anunciar aos meninos a mudança de lugar do Oratório, tem o seguinte sonho:

Sonhei que estava no meio de uma multidão de lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma inferneira de espantar os mais corajosos. Ia fugir quando uma senhora, muito bem trajada à moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso se punha à frente. Estivemos vagando por vários lugares; fizemos três estações ou paradas. A cada parada muitos desses animais convertiam-se em cordeiros, cujo número ia sempre aumentando. Depois de muito andar, encontrei-me num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse prejudicar os outros.⁴⁵

Esgotado de cansaço, queria sentar-me à beira de um caminho ali perto, mas a pastorinha convidou-me a continuar andando. Após andar um pouco, encontrei-me em vasto pátio rodeado de pórticos, em cuja extremidade se erguia uma igreja. Percebi então que quatro quintos dos animais haviam se transformado em cordeiros. O número deles tornou-se depois muito maior. Naquele momento chegaram alguns pastorzinhos para vigiá-los. Mas ficavam pouco tempo e iam embora. Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros se convertiam em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros.⁴⁶ Com o grande aumento do número dos pastorzinhos, eles se separavam e se dirigiam a outros lugares, onde reuniam alguns animais estranhos e os levavam a outros redís.

Eu queria ir embora, porque parecia estar na hora de rezar missa, mas a pastora me convidou a olhar para o sul. Olhei e vi um campo semeado de milho, batatas, couves, beterrabas, alface e muitas outras verduras.

– Olha outra vez – disse-me.

Olhei de novo. Vi então uma igreja estupenda e alta. Um conjunto de música instrumental e vocal convidava-me a cantar missa. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em caracteres garrafais: “Aqui a minha casa, daqui sairá a minha glória” (*Hic domus mea, inde gloria mea*).

Sempre em sonho, quis perguntar à pastora onde é que eu estava, que significava aquele andar e parar, a casa, a igreja e depois outra igreja mais.

⁴⁵ Cf. Isaías 11,6-9 (Nota do tradutor).

⁴⁶ Faz lembrar o que diz Santo Agostinho: “Na realidade, se houver boas ovelhas, haverá também bons pastores, pois é delas que vêm os bons pastores” (Santo Agostinho, “Sermão sobre os pastores”, Sermão 46,29-30: CCL 555-557i, citado no ofício de leituras da *Liturgia das Horas*, sexta-feira da 25ª semana, 2ª leitura).

– Tudo haverás de compreender quando com teus olhos materiais vires realizado o que agora vês com os olhos da mente.

Parecendo-me, porém, estar acordado, disse:

– Eu vejo claro e vejo com os olhos materiais. Sei aonde vou e o que faço.

Naquele instante soou o sino de Ave-marias na igreja de São Francisco, e acordei.

O sonho durou quase a noite inteira, com muitos detalhes. Por então pouco compreendi o significado, porque não lhe dava muito crédito; mas fui entendendo as coisas à proporção que iam se realizando. Posteriormente, junto com outro sonho,⁴⁷ serviu-me de programa em minhas decisões.

Um aceno à futura Congregação Salesiana⁴⁸

Dom Bosco contou este sonho no dia 2 de fevereiro de 1875, ao padre Júlio Barberis e ao padre João Batista Lemoyne. Ele reproduz sonhos precedentes, mas com aspectos novos que convergem para um só ponto: o futuro do Oratório. Nele se afirma também a necessidade de uma congregação religiosa para que a obra possa prosperar.

Pareceu-me que me encontrava numa grande planície cheia de uma quantidade sem-fim de jovens. Alguns brigavam entre si, outros blasfemavam. Aqui se roubava, lá se ofendiam os bons costumes. Nos ares se via uma nuvem de pedras, lançadas por aqueles que se davam combate uns aos outros. Eram jovens abandonados pelos parentes e corrompidos. Eu estava para afastar-me de lá, quando vi a meu lado uma senhora que me disse:

– Vá no meio daqueles jovens e trabalhe.

Eu fui, mas o que fazer? Não havia local onde acolher algum deles. Queria fazer bem a eles. Dirigia-me a pessoas que de longe estavam observando e que me poderiam ser de válido apoio; mas ninguém me dava atenção e ninguém me ajudava. Dirigi-me então àquela Matrona, a qual me disse:

– Eis o local – e me fez ver um prado.

– Mas aqui não há senão um prado – disse eu.

⁴⁷ Dom Bosco sonhou que trabalhava como alfaiate. Ao trabalhar no Oratório, intuiu o que significasse aquele trabalhar como alfaiate. O sonho “indicava como ele não fosse chamado só a escolher os jovens santos e empenhar-se em aperfeiçoá-los e protegê-los, mas sim a reunir em torno de si jovens desviados e estragados pelos perigos do mundo, os quais por meio de seus cuidados se fizessem bons cristãos e cooperassem para a reforma da sociedade” (MB I, p. 382).

⁴⁸ Cf. MB II, p. 297-301.

– Meu filho e os Apóstolos não tinham um palmo de terra onde repousar a cabeça
– ela respondeu.

Comecei a trabalhar naquele prado, admoestando, pregando e confessando. Mas via que para a maior parte todo o esforço resultava inútil, se não se encontrasse um lugar cercado e com alguma construção onde recolhê-los e onde receber alguns completamente abandonados pelos pais e marginalizados e desprezados pelos outros cidadãos.

Então aquela senhora me conduziu um pouco mais além, para o norte, e me disse:

– Observe!

E eu, olhando, vi uma igreja pequena e baixa, um pouco de pátio e jovens em grande número.

Retomei meu trabalho. Mas, tendo esta igreja se tornado pequena, recorri ainda a Ela, e Ela me fez ver uma outra igreja muito maior com uma casa vizinha. Depois, conduzindo-me ainda um pouco ao lado, num pedaço de terreno cultivado, quase diante da fachada da segunda igreja, acrescentou:

– Neste lugar onde os gloriosos Mártires de Turim Aventor e Otávio sofreram seu martírio, sobre estes torrões que foram banhados e santificados pelo sangue deles, eu quero que Deus seja honrado de modo especialíssimo.

Dizendo assim, avançava um pé colocando-o sobre o lugar onde aconteceu o martírio e mo indicou com precisão. Eu queria pôr algum sinal para encontrá-lo quando voltasse outra vez àquele campo, mas não encontrei nada em torno de mim; nem um pau, nem uma pedra: todavia, conservei-o com precisão na memória. Corresponde exatamente ao ângulo interno da capela dos Santíssimos Mártires, antes chamada de Sant’Anna, ao lado do Evangelho, na igreja de Maria Auxiliadora.

No entanto eu me vi circundado por um número imenso e sempre crescente de jovens. Mas, olhando a Senhora, cresciam também os meios e o local. E vi depois uma grandíssima igreja, precisamente no lugar onde me tinha feito ver que aconteceu o martírio dos santos da legião Tebea, com muitos edifícios em volta e com um belo monumento no meio.

Enquanto aconteciam estas coisas, eu, sempre em sonho, tinha colaboradores, padres e clérigos, que me ajudavam um pouco e depois fugiam. Eu procurava com grandes fadigas atraí-los a mim, e eles pouco depois iam embora e me deixavam completamente só.

Então me dirigi novamente àquela Senhora, a qual me disse:

– Quer saber como fazer para que não escapem mais de você? Tome esta fita, e ligue a frente deles.

Tomo com reverência a fitinha branca da sua mão e vejo que nela estava escrita esta palavra: Obediência. Experimentei logo fazer quanto me disse aquela Senhora, e comecei a amarrar a cabeça de algum dos meus voluntários colaboradores com as fitas, e vi logo grande e admirável efeito. Este efeito sempre crescia enquanto eu continuava na missão que me

tinha sido conferida, pois estes deixavam totalmente o pensamento de ir embora para outro lugar, e ficaram me ajudando. Assim foi constituída a Congregação.

Vi ainda muitas outras coisas que agora não é o caso de dar a conhecer a vocês,⁴⁹ mas basta dizer que desde aquele tempo eu caminhei sempre seguro, quer quanto aos Oratórios, quer quanto à Congregação, quer quanto ao modo de comportar-me nas relações com os externos investidos de qualquer autoridade. As grandes dificuldades que devem surgir estão todas previstas, e conheço o modo de superá-las. Vejo parte por parte tudo o que deverá suceder conosco, e caminho adiante com clara luz.

Foi depois de ter visto igrejas, casas, pátios, jovens, clérigos e padres que me ajudavam, e o modo de levar tudo adiante, que eu falava disso com outros e contava como coisa já feita. É por isso que muitos acreditavam que eu delirasse e fui considerado louco.

O caramanchão de rosas⁵⁰

Em 1857, Dom Bosco já se preocupava com a maneira de garantir a continuidade de sua obra. O ministro do Interior, Urbano Rattazzi, o havia aconselhado a fundar uma congregação religiosa com modalidades novas, para não ser atingida pela lei de supressão das ordens e congregações religiosas no Piemonte.

Dom Bosco teve este sonho, mas o narrou pela primeira vez anos depois que tinha acontecido. Em 1864, uma noite depois das orações reuniu em sua antecâmara para a conferência, como costumava fazer de quando em quando, aqueles que já pertenciam à sua congregação e lhes contou este sonho.

Ele tinha entendido a qualidade do sonho. Concluía afirmando que depois daquele tempo via muito bem o caminho que devia percorrer. As oposições e as artes com que se tentava fazê-lo parar já lhe eram conhecidas. E que, embora muitos devessem ser os espinhos entre os quais tinha de caminhar, estava certo, seguro da vontade de Deus e do feliz êxito de seu grande empreendimento.

Com este sonho Dom Bosco era avisado também de não se desencorajar pelas defecções que aconteceriam entre aqueles que pareciam destinados a coadjuvá-lo em sua missão. Os primeiros que se afastam do caramanchão são os padres diocesanos e os seculares, que no princípio tinham se consagrado ao Oratório festivo. Os outros que chegam depois representam os salesianos, aos quais é prometido ajuda e conforto divinos, figurados no soprar do vento.

Eis como Dom Bosco conta o sonho:

Já contei a vocês diversas coisas em forma de sonho, das quais podemos argumentar quanto Maria Santíssima nos ame e nos ajude. Mas já que nós só estamos aqui para que cada um de nós esteja seguro de ser Maria Virgem que quer nossa congregação, e para

⁴⁹ Parece que aludisse a grandes acontecimentos futuros.

⁵⁰ Cf. MB III, p. 32-36.

que nos animemos sempre e mais a trabalhar para a maior glória de Deus, vou contar-lhes não a descrição de um sonho, mas aquilo que a própria querida Mãe se agradou de fazer-me ver. Ela quer que coloquemos nela toda a nossa confiança. Eu falo a vocês com plena confiança, mas desejo que quanto estou para vos dizer não se divulgue para outros da Casa, ou fora do Oratório, para que não se dê pretexto às críticas do maligno.

Um dia do ano de 1847, tendo eu meditado muito sobre o modo de fazer o bem, especialmente em vantagem da juventude, apareceu-me a Rainha do céu e me conduziu a um jardim encantador. Aí havia como que um rústico mas bellissimo e vasto pórtico, feito em forma de vestíbulo. Plantas trepadeiras ornavam e enfaixavam os pilares e, com os ramos riquíssimos de folhas e de flores, voltando para o alto, umas para as outras, suas cimas, e entrelaçando-se estendiam em cima um gracioso toldo. Este pórtico levava a uma bela rua, na qual a vista de olhos prolongava-se num caramanchão encantador ao ver-se, que era ladeado e coberto por maravilhosas roseiras em plena floração. O solo também estava todo coberto de rosas. A Bem-aventurada Virgem me disse:

– Tire os sapatos! – e como os tivesse tirado acrescentou: – Vá adiante por aquele caramanchão: é aquela a estrada que deve percorrer.

Fui contente de ter tirado os sapatos porque me teria sido desagradável esmagar aquelas rosas, tão belas eram. E comecei a caminhar, mas logo senti que as rosas escondiam espinhos agudíssimos, de modo que meus pés sangravam. Então, dados apenas poucos passos, fui obrigado a parar e depois a voltar atrás.

– Aqui são necessários os sapatos – disse então à minha guia.

– Certamente – respondeu-me –, são necessários bons sapatos.

Calcei-me e retomei o caminho com certo número de companheiros que tinham aparecido naquele momento, pedindo para caminhar comigo. Eles seguiram-me debaixo do caramanchão, que era de uma formosura incrível. Mas à medida que avançava ele aparecia estreito e baixo. Muitos ramos desciam do alto e tornavam a subir como festões; outros estavam dependurados perpendicularmente sobre o caminho. Dos fustes das roseiras outros ramos se estendiam horizontalmente de cá e de lá. Outros formando às vezes uma sebe mais espessa invadiam uma parte do caminho. Outros serpeavam a pouca altura da terra. Porém, estavam todos revestidos de rosas, e eu não via senão rosas aos lados, rosas por cima, rosas diante dos meus passos. Enquanto eu experimentava ainda intensas dores nos pés e me contorcia um pouco, tocava as rosas de cá e de lá e senti que espinhos ainda mais pungentes estavam escondidos debaixo delas. Todavia fui adiante. As minhas pernas se enroscavam nos ramos estendidos por terra e ficavam feridas. Removia um ramo transversal, que me impedia o caminho, ou então para evitá-lo roçava a espádua, e me feria e sangrava não só nas mãos, mas em toda a pessoa. Em cima, as rosas que pendiam escondiam também grandíssima quantidade de espinhos, que se fincavam na minha cabeça. Não obstante, encorajado pela Bem-aventurada Virgem, prossegui meu caminho. De quando em quando,

porém, também me atingiam picadas mais agudas e penetrantes, que me causavam um espasmo ainda mais doloroso.

No entanto, todos, e eram muitíssimos, os que me observavam a caminhar por aquele caramanchão diziam:

– Oh, como Dom Bosco caminha sempre sobre rosas: ele vai adiante muito tranquilo. Tudo lhe vai bem.

Mas eles não viam os espinhos que laceravam meus pobres membros. Muitos clérigos, padres e leigos, convidados por mim, se tinham posto a seguir-me em festa, atraídos pela beleza daquelas flores. Mas, quando se deram conta de que se devia caminhar sobre espinhos pungentes e que estes despontavam de todas as partes, começaram a gritar, dizendo:

– Fomos enganados!

Eu respondi:

– Quem quiser caminhar deliciosamente sobre as rosas volte para trás. Os outros me sigam.

Não poucos voltaram para trás. Tendo percorrido um bom trecho do caminho, voltei-me para dar um olhar aos meus companheiros. Mas qual foi a minha dor quando vi que uma parte destes tinha desaparecido, e outra parte já me tinha dado as costas e se afastava. Logo voltei atrás também eu para chamá-los de volta, mas inutilmente, pois nem me davam atenção. Então comecei a chorar sem parar e a questionar-me dizendo:

– Será possível que eu deva percorrer sozinho todo esse caminho tão cansativo?

Mas logo fui consolado. Vi avançar em minha direção um grupo de padres, de clérigos e de seculares, que me disseram:

– Eis-nos aqui. Somos todos seus, prontos a segui-lo.

Precedendo-os, retomei a caminhada. Somente alguns perderam a coragem e pararam. Mas uma grande parte deles chegou comigo à meta.

Percorrido o caramanchão em toda a sua extensão, encontrei-me num outro ameníssimo jardim, onde me circundaram os meus poucos sequazes, todos emagrecidos, desarrumados, sangrando. Então se levantou um ventinho fresco e àquele sopro todos sararam. Soprou outro vento e como por encanto encontrei-me rodeado por um número imenso de jovens e de clérigos, de coadjutores leigos e também de padres, que se puseram a trabalhar comigo guiando aquela juventude. De vários reconheci a fisionomia. Muitos não os conhecia ainda.

No entanto, tendo eu chegado a um lugar elevado do jardim, vi diante de mim um edifício monumental, surpreendente por magnificência de arte. Atravessada sua soleira, entrei numa sala muito espaçosa, de tal forma rica que nenhum palácio real no mundo pode gabar-se de outra igual. Rosas fresquíssimas e sem espinhos estavam espalhadas

aqui e ali e enfeitavam a sala. Delas emanava uma fragrância suavíssima. Então a Virgem Santíssima, que tinha sido minha guia, me interrogou:

– Sabe o que significa isso que você vê agora, e isso que viu antes?

– Não – respondi –, peço-vos que mo expliqueis.

Então Ela me disse:

– Saiba que o caminho que percorreram entre rosas e espinhos significa o cuidado da juventude que você deve assumir. Nele, deve caminhar com os sapatos da mortificação. Os espinhos por terra representam as afeições sensíveis, as simpatias ou antipatias humanas que distraem o educador do verdadeiro fim, o ferem, o detêm em sua missão, impedem-no de proceder e recolher coroas para a vida eterna. As rosas são símbolos da caridade ardente que deve distinguir você e todos os seus auxiliares. Os outros espinhos significam os obstáculos, os sofrimentos, os desgostos que lhes hão de tocar. Mas não percam a coragem. Com a caridade e com a mortificação vão superar tudo e chegarão às rosas sem espinhos.

Apenas a Mãe de Deus acabou de falar, voltei a mim e me encontrei em meu quarto.

Com quem contar?⁵¹

Dom Bosco repetia muitas vezes que *o Senhor teria realizado tudo, por meio dos jovens que tinham crescido no Oratório.*

Tinha continuado suas conferências aos irmãos da Pia Sociedade. Padre Paulo Albera recorda de uma daqueles tempos, a qual produziu imenso efeito nos congregados. Narrou Dom Bosco que tinha tido um sonho:

Pareceu-lhe que havia em torno de si jovens e padres. Tendo-lhes ele feito a proposta de colocar-se a caminho e subir uma alta montanha pouco distante, todos aceitaram. No cume daquela montanha estavam preparadas mesas para um magnífico banquete, que devia ser alegrado por músicas e por esplêndidas festas.

Colocaram-se, pois, todos em viagem. A subida era íngreme e trabalhosa. Encontraram-se obstáculos de várias espécies, às vezes difíceis de superar e às vezes fastidiosos para quem já estava cansado, de modo que a certo ponto todos se assentaram.

Dom Bosco também se assentou e, depois de ter exortado seus companheiros a que tivessem coragem e continuassem a subida, levantou-se e se pôs novamente a caminho, andando com passo acelerado. Mas a um ponto voltou-se para observar seus seguidores. Viu que todos tinham voltado, e ele tinha ficado sozinho. Desceu logo o monte e foi buscar outros companheiros. Encontrou-os, guiou-os por aquelas alturas às vezes escarpadas e de novo todos desapareceram.

⁵¹ Cf. MB VII, p. 336.

Dom Bosco continuou então: “Eu penso que afinal de contas eu devo chegar lá em cima não sozinho, mas acompanhado de muitos outros... Aquela é a minha meta... Esta a minha missão... E como farei para cumpri-la? Entendo! Os primeiros foram seguidores recolhidos aqui e ali, virtuosos, com boa vontade, mas não submetidos à prova e com meu espírito, não acostumados a superar árduos caminhos, não unidos entre eles e comigo por vínculos especiais... E foi por isso que me abandonaram... Mas eu remediarei o inconveniente. Foi demasiado amargo meu desengano. Vejo aquilo que devo fazer... Eu não posso contar senão com aqueles que eu mesmo terei formado... Por isso, voltarei às faldas do monte, reunirei muitos meninos, me farei amar por eles, adestrá-los-ei a suportar corajosamente provas e sacrifícios... Vão obedecer-me de boa vontade... Juntos, subiremos o monte do Senhor”.

Dirigindo-se de improviso aos reunidos ali, dizia ter colocado neles as suas esperanças. E por uma longa hora, com voz afogueada, os encorajava a ser fiéis à sua vocação, em vista das inúmeras graças que Nossa Senhora teria concedido a eles, e do prêmio infalível que o Senhor lhes tinha preparado.

A filoxera⁵²

A redação deste sonho é feita pelo padre Lemoyne com base em dados que recolheu dos vários salesianos e de suas crônicas. Já nelas é chamado de o sonho da filoxera. Eis o texto do padre Lemoyne:

Parecia a Dom Bosco que se encontrava numa vastíssima sala em Borgo San Salvario, em Turim. Religiosos e religiosas em grande número, pertencentes a diversas ordens e congregações, estavam ali reunidos. Ao entrar Dom Bosco, todos os olhares se voltaram para ele, como se fosse esperado por todos.

No meio deles viu um homem de aspecto estranho, tendo na cabeça uma faixa branca e com a pessoa envolvida numa espécie de lençol, como se fosse um capote. Dom Bosco quis saber de quem se tratava e lhe foi respondido que aquela cabeça estranha era ele mesmo, Dom Bosco. Representava talvez Dom Bosco que sonhava.

Foi adiante, pois, em meio àquela multidão de pessoas religiosas, que lhe faziam uma larga coroa ao redor, sorrindo-lhe, mas ninguém falava. Ele observava surpreendido, mas todos continuavam a olhá-lo sorrindo e sem dizer palavra. Finalmente rompeu o silêncio e disse:

– Por que vocês riem assim? Parece que queiram zombar de mim!

– Zombar de você? Está enganado, nós rimos porque adivhamos o motivo que o conduziu aqui.

⁵² A filoxera é uma doença das vinhas, causada por insetos. Foi descoberta na Itália somente em 1879, mas na França começou antes e dela se falava muito em toda parte, embora com inexactidões derivadas de conhecimento incompleto.

– Como podem adivinhar, se eu mesmo não saberia dizer por que vim? Asseguro que o rir de vocês me surpreende.

– O motivo que o trouxe aqui, disseram os religiosos, é este. Você pregou o retiro espiritual a seus clérigos em Lanzo.

– E com isso?

– Agora vem procurar o que vai dizer na pregação de encerramento.

– Que seja. Deem-me então uma sugestão sobre o que devo dizer, algum aviso que ajude a fazer florescer sempre mais a Congregação de São Francisco de Sales. Ficaria agradecido.

– Uma só coisa nós sugerimos: diga a seus filhos que tenham cuidado com a filoxera.

– A filoxera?! Mas em que entra a filoxera?

– Se você mantiver longe de sua congregação a filoxera, ela terá vida longa e florescerá e fará um grandíssimo bem às almas.

– Mas não entendo vocês.

– Como, não entende? A filoxera é o flagelo que levou à ruína tantas ordens religiosas e foi a causa pela qual tantas não atingem mais hoje sua altíssima finalidade.

– É inútil este aviso, se vocês não se explicam melhor. Eu não estou compreendendo nada.

– Então não valeu a pena estudar tanta teologia.

– Parece-me ter cumprido o meu dever, mas nos tratados teológicos nunca encontrei que se fale de filoxera.

– E no entanto fala-se disso. Reduza ao sentido moral e espiritual esta palavra.

– Na etimologia de filoxera não vejo nem mesmo um significado que, de longe, possa reduzir-se a sentido espiritual.

– Já que você não é capaz de explicar o mistério, eis que chega quem te dará a explicação.

Naquele momento Dom Bosco notou certo movimento no meio da turba para deixar livre a passagem a alguém, e viu avançar para ele um novo personagem. Fixou-o, mas pareceu-lhe que nunca o tinha visto, embora com seus modos familiares mostrasse ser um seu antigo conhecido. Apenas aproximou-se, Dom Bosco lhe disse:

– O senhor chega mesmo na hora de tirar-me do embaraço em que me colocaram estes senhores. Pretendem que a filoxera ameace destruir as casas religiosas e querem que eu a tome como tema da conclusão de nossos exercícios espirituais.

– Dom Bosco, que pensa ser tão sábio, não sabe estas coisas? É certo que se você combater com todo o poder esta filoxera e ensinar aos seus filhos o modo de combatê-la como se deve, sua sociedade não deixará de florescer. Sabe que coisa é a filoxera?

– Sei que é uma doença que ataca as plantas e as destrói, fazendo-as estiolar.

– E esta doença, do que é proveniente?

– Origina-se de uma multidão infinita de animaizinhos que tomam conta de uma planta.

– Como se faz para salvar as plantas vizinhas da destruição?

– Eis aquilo que não entendo mais.

– Escute bem o que estou para lhe dizer. A filoxera começa a aparecer sobre uma planta só. Não passa muito tempo e todas as plantas mais próximas ficam infectadas, também as que se encontram a certa distância. Ora, quando numa vinha, num pomar, num jardim aparece a doença, a infecção se estende rapidamente, e a beleza e os frutos esperados se perdem. Sabe como se estende o mal? Não por contato, porque a distância o impede; não porque os animaizinhos desçam ao solo e atravessem o espaço que os separa das outras plantas. A experiência o prova: é o vento que levanta esta maldição e a espalha sobre os ramos das plantas ainda sadias. E sucede rapidíssimamente tão grande desgraça! Pois bem, saiba que o vento da murmuração leva longe a filoxera da desobediência. Entende?

– Começo a entender.

– Os prejuízos que traz essa filoxera levada por um tal vento são incalculáveis. Nas casas mais florescentes faz diminuir a caridade recíproca, depois o zelo pela salvação das almas. Então gera ócio, depois tira todas as outras virtudes religiosas e, enfim, o escândalo as torna objeto de reprovação por parte de Deus e por parte dos homens. Não é preciso que algum dos depravados passe de um colégio para o outro. Basta esse vento que sopra de longe. Acredite! Essa foi a causa que conduziu à destruição certas ordens religiosas.

– Tem razão. Reconheço a verdade daquilo que diz. Mas como pôr remédio a tamanha desgraça?

– Não bastam as meias medidas. É necessário recorrer a meios extremos. Para dar um basta à filoxera material, tentou-se desinfetar com enxofre as plantas infectadas. Recorreu-se à água com cal, inventaram-se outros expedientes, mas tudo isso serviu para nada, porque de uma só planta a filoxera arruína num instante a vinha inteira. Depois, de uma vinha se propaga àquelas da vizinhança, e destas às outras, de modo que de uma região se estende a toda a província, dela vai a todo um reino e assim por diante.

E o personagem continuou explicando:

– Quer, pois, saber o único modo que existe para trincar eficazmente o mal, em seu princípio? Apenas a filoxera se manifesta sobre uma planta, cortá-la cuidadosa-

mente, cortar as sebes em torno e jogar tudo nas chamas. Se depois a vinha inteira for infectada, arrancar todas as plantas e reduzi-las a cinzas para salvar as vinhas vizinhas. Somente o fogo extermina tal doença. Por isso, quando numa casa se manifesta a filoxera da oposição à vontade dos superiores, a pouca atenção soberba para com as regras, o desprezo das obrigações da vida comum, você não demore: arranque pela raiz; rejeite seus membros, sem deixar-se vencer por uma pernicioso tolerância. Como fez com a casa, assim fará com o indivíduo. Às vezes pode parecer que um indivíduo isolado possa sarar e voltar novamente ao bom caminho; ou então você sentirá por ter de castigá-lo pelo amor que tem por ele ou também por alguma habilidade especial sua ou ciência, que parece redundar em louvor da congregação. Não se deixe levar por semelhantes reflexões. Pessoas dessa qualidade dificilmente mudarão de costume. Não digo que a conversão seja impossível. Sustento, porém, que acontece raramente, e tão raramente, que essa probabilidade não basta para induzir um superior a dobrar-se a sentença mais benigna. Talvez alguns poderão ir pior no meio do mundo. Que seja. Eles suportarão todo o peso de sua conduta, mas a congregação não virá a sofrer com isso.

– E se realmente, mantendo-os na sociedade, se pudesse com a tolerância atraí-los para o bem?

– Esta é uma suposição sem valor. É melhor mandar embora um desses soberbos que conservá-lo com a dúvida de que possa continuar a semear a cizânia na vinha do Senhor. Guarde bem na memória esta máxima. Coloque-a decisivamente em prática, caso haja necessidade. Faça disso objeto de conferência aos seus diretores e seja esse argumento o tema para o encerramento de seus exercícios.

– Sim, vou fazê-lo. Obrigado por seus avisos. Mas agora diga-me: quem é você?

– Não me conhece mais? Não se recorda quantas vezes nós nos vimos?

Enquanto o desconhecido assim falava, todos os presentes sorriam. Naquele momento tocou o sinal para levantar e Dom Bosco acordou.

Ele acrescentou que este sonho tinha durado três noites consecutivas. Essa particularidade tira consistência à dúvida de que o relato seja uma espécie de parábola pensada por ele para enfeitar fantásticamente sua ideia. A coisa da “cabeça esquisita” forneceu-lhe o preâmbulo com que, como de costume, humilhar a si mesmo no princípio e tirar da mente dos ouvintes a impressão de que se tratasse de carismas extraordinários. Na maior parte dos sonhos Dom Bosco encontrava um personagem que lhe servia de guia e de intérprete.⁵³

Confeitos para os salesianos⁵⁴

Quando da partida da terceira expedição missionária, em setembro de 1877, Dom Bosco foi ao retiro que eles fizeram em Lanzo, junto com outros salesianos. Na pregação das lembranças do retiro, Dom Bosco contou este sonho:

⁵³ Cf. MB XII, p. 475.

⁵⁴ Cf. MB XIII, p. 302-303.

Em lugar de fazer um sermão vou contar uma pequena estória. Chamem-na como quiserem: fábula, estória. Deem-lhe muita, deem-lhe pouca, deem-lhe nenhuma importância. Julguem-na como agrada a vocês. Todavia, também a estoriuzinha que estou para contar a vocês nos ensinará alguma coisa.

Parecia-me passar pelas alamedas de Porta Susa. Diante do quartel dos militares vi uma mulher que me parecia uma vendedora de castanhas assadas, porque fazia girar sobre o fogo uma espécie de cilindro, dentro do qual eu acreditava que estavam castanhas a assar.⁵⁵

Maravilhado ao ver uma maneira tão nova de assar as castanhas, aproximei-me e vi bem aquele cilindro a girar. Perguntei à mulher que coisa fizesse assar naquele estranho utensílio. E ela:

- Estou fazendo confeitos para os salesianos.
- Como – disse –, confeitos para os salesianos?
- Sim! – respondeu-me.

E no dizer isso abriu o cilindro e mo mostrou. Eu pude então divisar dentro daquele cilindro confeitos de várias cores, separados e divididos uns dos outros por uma tela. Uns eram brancos, outros vermelhos, outros negros. Sobre eles vi uma espécie de açúcar engomado, que parecia gotas de chuva ou de orvalho caído recentemente, e sobre estas gotas de chuva estavam espalhadas em alguns pontos manchas vermelhas.

Eu então interroguei a mulher:

- Podem-se comer esses confeitos?
- Sim – disse, e me ofereceu alguns.

E eu:

– Mas... quer dizer que alguns desses confeitos são vermelhos, outros negros e outros brancos?

E aquela mulher:

– Os brancos custam pouca fadiga, mas se podem manchar facilmente; os vermelhos custam sangue; os negros custam a vida. Quem prova um destes, não conhece fadigas, não conhece a morte.

– E aquele açúcar engomado, que quer indicar?

– É símbolo da doçura do Santo que vocês tomaram para imitar. Aquela espécie de orvalho significa que se deverá suar e suar muito para conservar esta doçura, e que às vezes se deverá até versar sangue para não perdê-la.

⁵⁵ Em sua pequena crônica, padre Barberis escreve: Dom Bosco, “vendo a sua condição de bem-vestida, com limpeza e propriedade”, perguntou quem ela fosse. E ela respondeu: “Não é necessário saber quem eu seja. Vá, conserve na mente quanto ouviu e depois não se preocupe da boca de quem tenha saído” (Nota do padre Eugenio Ceria).

Eu, todo maravilhado, queria continuar a fazer perguntas, mas ela não me respondeu, não falou mais e eu continuei meu caminho, todo preocupado com as coisas ouvidas. Mas eis que, dados apenas alguns passos, encontrei padre Picco com outros nossos padres, todos assombrados e mortificados, com os cabelos arrepiados:

– O que aconteceu? – perguntei a eles.

E padre Picco disse:⁵⁶

– Se soubesse!... Se soubesse!...

Eu insistia perguntando o que havia de novo, e ele:

– Se soubesse!... Viu aquela mulher que fazia confeitos?

– Sim! E daí?

– Pois bem – continuava todo amedrontado –, me disse que lhe recomendasse que seus filhos trabalhem e trabalhem muito. Ela dizia: “Encontrarão muitos espinhos, mas encontrarão também muitas rosas. Diga a eles que a vida é breve e a messe é muita. A vida, se entende, é breve comparada com Deus, porque diante dele é um momento, um nada”.⁵⁷

– Mas... e não se trabalha? – disse eu.

E ele:

– Sim, trabalha-se.

Depois disso eu não vi mais nem ele nem os outros, e mais maravilhado que antes continuei minha caminhada para o Oratório. Chegando aqui despertei.

Esta é a história que queria contar a vocês. Podem chamá-la de apólogo, parábola, fantasia, pouco importa. O que queria que se conservasse bem na mente é o que disse aquela mulher ao padre Picco e aos outros; ou seja, que pratiquemos a mansidão do nosso São Francisco e que trabalhem muito e sempre!

As colônias agrícolas⁵⁸

Dom Bosco sempre tinha se manifestado contrário à fundação de colônias agrícolas. Em seu modo de ver, não ofereciam garantias suficientes para a conduta moral dos jovens. Este sonho o dispôs a acolher favoravelmente os pedidos de fundação das escolas agrícolas. O texto é do padre Lemoyne.

⁵⁶ O professor padre Mateo Picco mantinha uma escola de Retórica em Turim. Ali iam estudar os jovens do Oratório.

⁵⁷ Padre Giuseppe Vespignani traz um particular que nos parece merece relevo. Segundo ele, padre Picco teria também gritado: “Defecções no Oratório! Perseguições contra o Oratório!”. E o autor comenta: “Nós que ouvimos o relato fomos testemunhas das defecções e perseguições que se sucederam naqueles dias no Oratório, e compreendemos que o primeiro a provar daquelas pastilhas de Nossa Senhora tinha sido o nosso pai Dom Bosco” (Nota do padre Eugenio Ceria).

⁵⁸ Cf. MB XIII, p. 533-536.

Sonhei. Diante de mim se estendia uma região que não me parecia dos arredores de Turim. Uma casa rústica, que tinha na frente um pequeno terreiro, parecia que me abrigasse. Esta casa, como aquelas dos camponeses, era singela, e o aposento em que eu me achava tinha portas que levavam a vários outros aposentos. Estes, porém, não no mesmo plano do primeiro. Para alguns se subia, para outros se descia por meio de poucos degraus. Em volta de tudo se via uma grade que sustentava utensílios para os trabalhos rurais. Eu olhava de uma parte e da outra, mas não via ninguém. Circulei pelos aposentos, mas estavam todos vazios. A casa estava deserta.

Foi quando a voz de um menino que cantava chegou ao meu ouvido. A voz vinha de fora da casa. Saí. O menino tinha uns 10 ou 12 anos, era robusto e estava vestido como artesão. Sua voz era sonora. Estava em pé, firme, fixando o olhar em mim. Perto dele, uma mulher, vestida com roupas limpas, mas com aparência de camponesa, que o assistia. O jovem cantava em francês:

– *Respeitável amigo, seja nosso pai amável...*

Eu, que tinha parado na soleira da porta, lhe disse:

– Venha, venha. Quem é você?

O jovem, olhando para mim, repetia a mesma canção de antes. Eu disse:

– O que você quer de mim?

E o outro voltava a cantar seu ritornelo.

E eu:

– Mas explique-se com clareza. Quer que o receba em casa? Tem alguma coisa bonita para me dizer? Deseja algum presente, uma medalha, talvez? Ou espera de mim algum socorro em dinheiro?

O jovem, então, não prestando atenção às minhas perguntas, deu uma olhada em volta e, trocando as palavras, se pôs a cantar:

– *Eis meus companheiros, que dirão o que nós queremos.*

Surgiu então uma grande quantidade de jovens que vinha avançando para aquele terreiro no qual eu me encontrava, caminhando sobre terreno não cultivado. E estes, em coro pleno, cantaram distintamente:

– *Nosso pai do caminho,
Guiai-nos na caminhada.
Guiai-nos ao jardim,
Não ao jardim das flores,
Mas ao jardim dos bons costumes.*⁵⁹

⁵⁹ *Ami respectable, soyez notre père aimable/Voilà mes compagnons qui diront ce que nous voulons./Notre père du Chemin,/Guidez-nous dans le Chemin/Guidez nous au jardin, / Non au jardin des fleurs.*

Mais au jardin des bonnes meurs/Notre Patrie c'est le pays de Marie/ Nous attendons l'ami qui nous guide au Paradis/Notre Patrie c'est le pays de Marie.

– Mas quem são vocês? – disse eu maravilhado, enquanto ia adiante em meio àquela multidão de meninos. E o pequeno, que tinha cantado antes sozinho, respondeu sozinho continuando o canto:

– *Nossa Pátria é o país de Maria.*

E eu retomei:

– Não entendo! O que vocês estão fazendo aqui? O que querem de mim?

E todos em coro:

– *Nós aguardamos o amigo que nos guie ao paraíso.*

– De acordo, acrescentei. Querem vir para os meus colégios? São muitos! Mas de algum modo o faremos. Querem aprender o catecismo? Eu vou ensiná-lo. Querem se confessar? Estou pronto. Querem que ensine o canto a vocês, dê aula, ou então faça um sermão?

E todos em coro graciosamente repetiram:

– *Nossa Pátria é o país de Maria.*

Calei-me então e pensava comigo mesmo:

– Onde é que eu estou? Em Turim ou na França? Mas ontem não me encontrava ainda no Oratório? Que coisa estranha é essa! Não entendo nada!

E, enquanto assim pensava e refletia, aquela boa mulher tomou pela mão o menino e com a outra fez um sinal, indicando aos jovens que se recolhessem e que se encaminhassem para um terreiro maior que o primeiro, que não estava muito distante:

– Venha comigo – disse. E se pôs a caminho.

Todos os jovens que tinham me circundado se puseram em marcha para o segundo terreiro. Enquanto eu também ia com eles, novos grupos de jovens se juntavam ao primeiro. Muitos deles levavam a foice, outros a enxada, e também levavam instrumentos de vários ofícios. Eu admirava esses jovens, sempre mais estupefato. Não estava no Oratório, não estava em Sampierdarena. Dizia comigo mesmo:

– Mas eu não estou sonhando, porque estou caminhando.

No entanto, a multidão dos jovens que me circundava, se às vezes eu diminuía o passo, esbarrava em mim e me empurrava para o terreiro maior.

Entretanto, eu não perdia de vista a mulher que nos precedia, e que atraía minha viva curiosidade. Com aquele seu modesto vestir de montanhesa ou pastorzinha, com aquele seu lenço vermelho no pescoço e peitoral branco, parecia-me também um ser misterioso, embora nada tivesse de surpreendente nem seu eterno.

Sobre aquele segundo terreiro havia uma outra casa rústica e, pouco distante, um edifício muito bonito.

Quando todos os jovens se recolheram naquele terreiro, a mulher se dirigiu a mim:

– Olhe estes campos – disse-me –, olhe esta casa, olhe esta juventude!

Eu olhava, e a multidão dos jovens era incontável. Somavam mais de mil vezes numerosos do que os que tinham partido do primeiro terreiro. E a mulher continuou:

– Estes jovens são todos seus!

– Meus? – respondi. – E com que autoridade a senhora os dá a mim? Não são nem seus nem meus, são de Nosso Senhor!

– Com qual autoridade? – retomou a mulher. – Eles são os meus filhos e eu os confio a você.

– Mas como farei eu para vigiar uma juventude tão vivaz, tão imensa? Veja aqueles jovens que correm loucamente pelos campos e os outros que os perseguem? Estes que saltam os fossos, aqueles que sobem nas árvores? Aqueles lá brigam... Como é possível que eu sozinho os mantenha todos em ordem e em disciplina?

– Pede-me o que fazer? Observa! – exclamou a mulher.

Voltei-me e vi avançar um novo grupo numerosíssimo de outros jovens. E eis a mulher a lançar e estender um grande véu sobre eles e cobri-los todos. Onde tivesse pegado o véu, não vi. Depois de alguns instantes o puxou para si. Aqueles jovens tinham se transformado. Tinham se tornado homens, eram todos padres e clérigos.

– E estes padres e clérigos são meus? – interroguei a mulher.

Ela me respondeu:

– São seus se os fizer tais! E se quer saber alguma coisa a mais venha aqui.

Ela me fez avançar um pouco em sua direção.

– Mas, diga-me, boa mulher, diga-me, que lugar é este? Onde estou eu?

A mulher não respondeu, mas com a mão fez sinal àqueles jovens que todos se recolhessem em torno dela. Os jovens se aproximaram e ela entoou:

– *Atenção, meninos, silêncio. Operários. Aprendizes, cantem todos juntos.*

E batendo as mãos deu um sinal. Então os jovens, em pleno coro, cantaram:

– *Glória, honra, ação de graças ao Senhor Deus dos exércitos.*

Todos juntos formaram uma maravilhosa harmonia. Eram séries de vozes que contemporaneamente das notas mais baixas subiam às mais altas, entrecruzando-se, de modo que parecia que o baixo partia da terra, enquanto o soprano ia perder-se no alto dos céus. Uma vez que terminaram este hino todos gritaram, cantando:

– *Assim seja!*⁶⁰

E eu então acordei.

⁶⁰ *Attention, garçons, silence. Ouvriers. Ateliers, chantez tous ensemble./Gloria, honor, gratiarum actio Domino Deo Sabaoth./Ainsi soit-il!*

Fases de uma luta para a Obra Salesiana sobreviver

Dom Bosco e a Obra Salesiana tinham passado por muitas dificuldades, quer no plano civil, quer no âmbito da Igreja. No plano civil, duas denúncias anônimas tinham provocado uma perquirição da polícia na tipografia do Oratório, em busca de publicações clandestinas, como constava das denúncias. No plano eclesiástico, os desentendimentos com a autoridade diocesana de Turim tinham chegado ao auge. Corriam processos contra Dom Bosco e o padre João Bonetti na Cúria romana, e acreditava-se que eles fossem levar a pior na questão. Parecia que as esperanças humanas tivessem desaparecido. Além disso, não se conseguia obter os privilégios necessários para o bom funcionamento de uma congregação de direito pontifício.

Depois deste sonho, tudo mudou de feição. Dom Bosco obteve sentença favorável de Roma em dois processos. Leão XIII, pessoalmente, organizou uma acomodação entre o arcebispo e Dom Bosco. Estes aceitaram quanto lhes mandava o Pontífice. A questão esfriou, mas só terminou definitivamente com a morte do arcebispo. O Santo foi então recompensado de sua obediência com a nomeação a arcebispo de Turim do cardeal Gaetano Alimonda, notório amigo de Dom Bosco. E por expressa vontade do papa os privilégios foram concedidos à Congregação Salesiana.

Eis o que então Dom Bosco sonhou e contou ao Capítulo Superior no dia seguinte:

Pareceu-lhe estar com seu Capítulo no aposento vizinho ao próprio quarto, chamado o quarto do bispo, e que fazia uma conferência. Enquanto falava das nossas coisas, deu-se conta de que o céu se cobria de nuvens. Sobreveio então uma tempestade com raios, relâmpagos e trovões que davam medo. Um trovão mais fragoroso do que os precedentes fez tremer a casa. Padre Bonetti levantou-se e foi para o corredor, ao lado. Depois de instantes se pôs a gritar:

– Uma chuva de espinhos!

De fato, caíam espinhos tão cerradamente como as gotas de água de uma chuva forte.

Depois, ouviu-se um segundo trovão, fragoroso como o primeiro, e logo pareceu que o tempo clareasse um pouco. Então padre Bonetti gritou do corredor:

– Ora essa, uma chuva de botões!

Caíam tantos botões de flor, que em breve se formou em terra outra camada.

Ao terceiro estrondo, de um trovão muito veemente, apareceram pedaços de céu sereno e alguns raios de sol. Padre Bonetti gritou, no corredor:

– Uma chuva de flores!

O ambiente estava repleto de flores de todas as cores, formas e tipos, que num instante cobriram o solo e os tetos das casas com admirável variedade de tintas.

Um quarto trovão fortíssimo ressoou no ar. O céu tinha se tornado límpido e resplandecia um sol brilhante. E padre Bonetti se pôs a gritar:

– Venham, venham ver! Chovem rosas.

Com efeito, rosas muito perfumadas caíam do alto em flocos.

– Oh, finalmente! – exclamou então padre Bonetti.⁶¹

Nossa Senhora defende as casas salesianas da França⁶²

Na França, estava em andamento o trabalho de atacar e demolir as instituições da Igreja, trabalho que se estenderia até a Primeira Guerra Mundial. Fora publicado um decreto que obrigava as ordens e congregações religiosas a pedir a aprovação do governo. As que não obtivessem essa aprovação seriam expulsas do país.

Ora, os salesianos tinham entrado na França não como congregação religiosa, mas apenas como imigrantes italianos que queriam se ocupar da juventude pobre e abandonada. O mesmo fizeram na Argentina, no Uruguai, no Brasil e em outros países. Tendo chegado às autoridades uma denúncia a esse respeito, os agentes do governo visitaram as casas salesianas e verificaram que realmente se tratava de uma congregação religiosa não reconhecida pelo Estado. Dia 2 de novembro de 1880 receberam ordem de se retirar dos colégios em 24 horas. De outra forma, seriam expulsos pelas forças da ordem.

Dom Bosco, no entanto, manifestava uma grande calma e segurança de que nada aconteceria às casas salesianas da França naquela ocasião, como de fato nada aconteceu.

Dia 1^a de dezembro, revelou aos capitulares por que estava tão seguro disso. E contou o seguinte sonho:

Desde 1858, quando estive em Roma pela primeira vez, e em muitas outras circunstâncias, Pio IX me disse que contasse ou escrevesse tudo o que, mesmo de longe, tivesse alguma aparência de sobrenatural. É por isso que escrevo algumas coisas, outras as conto. Mas fico contente que as saibam, porque redundam sempre na maior glória de Deus e em vantagem das almas.

Tive este sonho lá pela festa da Natividade de Nossa Senhora. Não o contei antes porque não dava importância a ele e queria esperar um pouco. Mas, querer ou não querer, a coisa adquiriu importância e por isso o contarei.

Estávamos no tempo em que na França se começava a temer pelas congregações religiosas. Antes, tendo sido expulsos os jesuítas, estava-se a ponto de ver expulsas todas as outras. Eu temia por nossas casas da França. Rezei, fiz rezar, e eis que uma noite, dormindo, vi diante de mim a Virgem Santíssima colocada no alto, do mesmo modo que se encontra Maria Auxiliadora sobre a cúpula. Tinha um grande manto, que se estendia todo ao redor de si e formava como que um salão imenso. E ali debaixo vi

⁶¹ Cf. MB XIV, p. 537.

⁶² Cf. MB XIV, p. 608-609.

todas as nossas casas da França. Nossa Senhora olhava sorridente essas várias casas, quando eis que aconteceu um temporal tão horrível, ou melhor, um terremoto com raios, granizo, monstros horríveis de todas as formas e figuras, fuzilaria, tiros de canhão, que encheram todos do maior temor.

Todos esses monstros, raios e balas eram dirigidos contra os nossos que estavam debaixo do manto de Maria. Mas nenhum causou dano àqueles que se encontravam sob uma tão poderosa defensora: todos os dardos se embotavam contra seu manto e caíam no vazio. A Bem-aventurada Virgem, num mar de luz, com a face radiante e um sorriso de paraíso, disse muitas vezes durante esse tempo:

– Eu amo quem me ama (*Ego diligentes me diligo*).

Pouco por vez cessou toda a borrasca e, dos nossos, nenhum foi vítima daquele temporal, terremoto ou tempestade, que se queira chamar.⁶³

Conselhos vários⁶⁴

Avisos importantes para o bom andamento da congregação Dom Bosco recebeu do padre Provera, em sonho: escolha dos sócios, trabalho e vigilância por parte dos superiores com os jovens, frequência dos sacramentos.

Na noite de 17 a 18 de janeiro de 1883 sonhei que saía do refeitório com outros padres da congregação. Quando cheguei à porta dei-me conta de que junto comigo saía um padre desconhecido, mas que, olhando bem para ele, reconheci ser padre Provera, nosso antigo irmão. Estava um pouco mais alto de estatura do que era quando vivia como mortal. Vestido de novo, com a face risonha, mandando uma espécie de clarão cintilante, demonstrava querer passar adiante.

– Padre Provera?⁶⁵ – perguntei. – É verdadeiramente padre Provera?

– Sim, sou padre Provera – respondeu.

Mas aqui sua face tornou-se tão bela e luminosa que com grande fadiga podíamos fixar o olhar nela.

– Se você é verdadeiramente padre Provera não me escape, espere um momento. Mas, por favor, não me deixe sua sombra nas mãos enquanto você desaparece, deixe-me falar.

⁶³ Os salesianos foram expulsos da França em 1904, da mesma forma que outros religiosos, dos quais alguns vieram para o Brasil. Durante a Primeira Guerra Mundial, muitos retornaram à França para defender a pátria nos campos de batalha. A pátria soube ser agradecida, e voltaram novamente para a França. Deixamos aqui de publicar o sonho relativo à casa de Santa Margarida, do qual não temos o texto, mas apenas referências a seu conteúdo (cf. MB XV, p. 53-55).

⁶⁴ Cf. MB XIV, p. 608-609.

⁶⁵ Padre Francesco Provera faleceu em Turim, em 13 de abril de 1874.

– Sim, sim! Fale que eu o escutarei.

– Você se salvou?

– Sim, me salvei. Fui salvo pela misericórdia do Senhor.

– O que goza na outra vida?

– Tudo o que o coração pode imaginar, e a mente é capaz de entender, o olho de ver, a língua de exprimir.

Dito isso, fez um gesto com o qual indicava que queria partir e sua mão, que apertava a minha, tornava-se quase insensível.

– Não – lhe disse –, não vá embora, fale, diga-me alguma coisa a meu respeito.

– Continue a trabalhar. Muitas coisas o esperam.

– Ainda por muito tempo?

– Não tanto. Mas trabalhe com todo o esforço possível como se devesse viver para sempre, mas... Mas sempre bem preparado.

– E para os irmãos da congregação?

– Aos irmãos de nossa congregação, mande e recomende que tenham fervor.

– Como fazer para obtê-lo?

– Diz-nos o chefe supremo dos mestres. Tome uma foicinha bem afiada e faça como o bom vinhateiro. Corte os ramos secos ou inúteis para a videira. Então esta se tornará vigorosa e dará copiosos frutos e, o que importa muito, dará frutos por muito tempo.

– Mas aos nossos irmãos, o que devo dizer?

– Aos meus amigos – disse com voz mais forte –, aos meus irmãos diga que está preparado um grande prêmio, mas que Deus o dá somente àqueles que forem perseverantes nas batalhas do Senhor.

– Aos nossos jovens, o que me recomenda?

– Quanto aos nossos jovens, deve-se empregar trabalho e vigilância.

– E o que mais?

– Vigilância e trabalho, trabalho e vigilância.

– O que deverão praticar os nossos jovens para assegurar para si a salvação eterna?

– Alimentem-se com frequência do alimento dos fortes e tomem propósitos firmes na confissão.

– Diga-me alguma coisa que devam fazer de preferência neste mundo.

Naquele momento, um vivíssimo esplendor investiu toda a sua pessoa e eu tive de abaixar os olhos, porque o olhar sofria como quem fixa a luz elétrica, mas incompa-

ravelmente mais viva da que às vezes nós vemos. Naquele momento ele se pôs a falar com voz semelhante à de quem canta:

– Glória a Deus Pai, glória a Deus Filho, Glória a Deus Espírito Santo. A Deus, que era, é e será o juiz dos vivos e dos mortos.

Eu queria ainda falar, mas o outro, com a voz mais bela e sonora que se possa imaginar, se pôs solenemente a entoar:

– Louvai ao Senhor todos os povos... (*Laudate Dominum omnes gentes...*).

Um coro de milhares de vozes que vinha dos pórticos e da escada respondeu, ou melhor, se uniu a ele a cantar:

– Porque foi confirmada... (*Quoniam confirmata est...*).

Até todo o Glória. Várias vezes eu fiz um grande esforço para abrir os olhos e ver quem cantava, mas tudo inutilmente, porque a intensidade e a vivacidade da luz tornavam inútil toda capacidade visual.

Finalmente se cantou:

– Amém!

Terminado o canto, tudo voltou ao normal. Mas do padre Provera nada mais vi senão a sombra dele, que também ela logo desapareceu.

Dirigi-me então para baixo dos pórticos onde estavam os padres, os clérigos e os jovens. Perguntei se tinham visto padre Provera. Todos me responderam que não. Interroguei também se tinham ouvido cantar e foi-me novamente respondido que não.

A tais respostas fiquei mortificado e disse:

– Isso que ouvi do padre Provera e o canto que se fez ecoar é um sonho. Venham, portanto, escutá-lo, e eu o exporei.

Contei-o como acima ao padre Rua e ao padre Cagliero,⁶⁶ e outros padres me fizeram muitas perguntas a quem dei as devidas respostas.

Mas o meu estômago estava tão cansado que, a custo podendo respirar, despertei.

Naquele momento soaram os quartos de hora e depois as duas após a meia-noite.

⁶⁶ Bem-aventurado padre Miguel Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, falecido em 6 de abril de 1910; e cardeal João Cagliero, fundador das missões salesianas na América. Primeiro bispo salesiano, quando foi vigário apostólico da Patagônia (Argentina), morreu como cardeal e bispo de Frascati (Itália), em 28 de fevereiro de 1926.

As meninas pedem ajuda⁶⁷

Na noite de 17 de julho de 1884, Dom Bosco não pôde repousar de jeito nenhum. Do momento em que fechou o olhos até a aurora, no dia seguinte, uma fantasia o manteve ocupado. Falando com vários salesianos, ele disse:

– Não sei se eu estava acordado ou se dormia, porque me parecia tocar a realidade...

Parecia-lhe estar saindo do Oratório com sua mãe e com o irmão José. Encaminharam-se na direção de via Dora Grossa (hoje via Garibaldi), dirigindo-se depois a São Felipe, onde entraram para rezar. Na saída muita gente os esperava e cada um o convidava a passar em sua casa. Mas ele dizia que não podia, tendo de fazer alguma visita. Um bom operário, que se destacava entre todos, lhe disse:

– Mas passe um momento em minha casa para fazer a primeira visita.

Consenti. Depois retomaram o caminho com aquele operário em direção à via Pó. Chegados perto da grande praça Vittorio Emanuele, vi numa pracinha adjacente um bando de meninas que se divertiam, e o operário, indicando-lhe o lugar, disse:

– Eis que nestas partes o senhor deve fundar um Oratório.

– Oh, por caridade! – exclamou Dom Bosco. – Não me diga isso. Oratórios já temos em demasia e quase não damos conta deles.

– Mas aqui há necessidade de um Oratório para as meninas. Para elas existem somente Oratórios particulares, mas um verdadeiro Oratório público até agora não foi visto.

Caminhando para o Pó, rente aos pórticos da praça, à mão direita, eis que todas aquelas meninas suspenderam os brinquedos e se aglomeraram ao redor dele gritando:

– Oh, Dom Bosco, recolha-nos num Oratório. Nós estamos nas mãos do demônio, que faz de nós o que quer. Pelo amor de Deus, socorra-nos, abra também para nós uma arca de salvação, abra um Oratório!

– Mas minhas filhas, vejam, eu não posso agora, estou numa idade na qual não me é mais possível ocupar-me de tais coisas... Mas peçam a Nosso Senhor, rezem, e Ele há de providenciar.

– Sim, rezaremos, rezaremos, mas o senhor nos ajude, recolha-nos debaixo do manto de Maria Auxiliadora.

– Sim, rezem, mas digam-me, como querem que eu faça para abrir aqui um oratório?

– Eis, senhor Dom Bosco – disse uma que parecia a mais tagarela –, vê aqui a avenida ao longo do Pó? Pois bem, vá ali perto, no número 4. Estão lá os militares. O chefe deles é um certo senhor Burlezza. Ele já aprontou o local ao lado e lho cederá de boa vontade.

⁶⁷ Cf. MB XVII, p. 486-488.

– Está bem, verei, verei. Mas vocês rezem.

– Sim, sim, rezaremos – responderam em coro as meninas –, mas o senhor se recorde de nós e de nossas necessidades.

Dom Bosco então se afastou, quis observar o local, encontrou os militares. Mas aquele senhor Burlezza não se fez ver. Depois voltou ao Oratório e, chegando aqui, acordou.

Narrado o sonho, ordenou a Viglietti que tomasse nota e verificasse se realmente existia aquele local, por ele nunca visto antes, no número 4, ao longo do Pó, e se existia aquele senhor. Viglietti pediu logo ao padre Bonora que fosse lá e indagasse. Padre Bonora encontrou as coisas como Dom Bosco tinha sonhado. Mas parece, observa padre Lemoyne, em uma sua notinha muito posterior, que o local não estava à venda.

Indicações para destruir a Congregação Salesiana⁶⁸

Em fins de novembro de 1884, Dom Bosco teve este sonho, no qual os demônios estudam o modo de destruir a Congregação Salesiana. Assim contou ao padre Viglietti.⁶⁹

Pareceu-me estar em uma grande sala, onde diabos em grande número estavam reunidos e tratavam do modo de exterminar a Congregação Salesiana. Pareciam leões, tigres, serpentes e outros animais, mas suas figuras estavam como que indeterminadas e se avizinham à figura humana. Pareciam sombras, que se abaixavam e se levantavam, se encolhiam, se alongavam, como fariam muitos corpos que tivessem atrás de si uma luz transportada de uma parte a outra, ora abaixando ao chão e ora eguendo-se. Mas aquela fantasmagoria metia medo.

Então um dos demônios veio adiante e abriu a sessão. Para destruir a Pia Sociedade propôs um meio: *a gula*. Fez ver as consequências desse vício: inércia para o bem, corrupção dos costumes, escândalo, nenhum espírito de sacrifício, nenhum cuidado dos jovens... Mas um outro diabo lhe respondeu:

– O seu meio não é geral nem eficaz, e não se podem atacar com ele todos os membros juntos, porque a mesa dos religiosos será sempre modesta e o vinho medido. A regra fixa seu alimento ordinário. Os superiores vigiam para impedir que aconteçam desordens. Quem se excedesse alguma vez no comer e no beber, em lugar de escandalizar, provocaria antes asco. Não, não é esta a arma para combater os salesianos; procurarei um outro meio, que será mais eficaz e nos fará obter melhor nosso intento: *o amor às riquezas*.

Quando numa congregação religiosa entra o amor às riquezas, entra junto o amor às comodidades. Busca-se qualquer caminho para ter um pecúlio. Rompe-se o vínculo da

⁶⁸ Cf. MB XVII, p. 385-387.

⁶⁹ Padre Carlos Viglietti foi secretário de Dom Bosco e faleceu em 8 de novembro de 1915.

caridade, pensando cada um em si mesmo. Descuidam-se dos pobres para ocupar-se só daqueles que têm fortuna, rouba-se à congregação...

Ele queria continuar, mas surgiu um terceiro demônio.

– Mas que gula! – exclamou. – Mas que riquezas! Entre os salesianos o amor às riquezas pode vencer poucos. Os salesianos são todos pobres, têm poucas ocasiões para procurar-se um pecúlio. Além disso, em geral eles são de tal forma constituídos e são tamanhas as suas necessidades para os tantos jovens e para as tantas casas, que qualquer soma, mesmo vultosa, seria consumida. Não é possível que acumulem tesouros. Mas eu tenho um meio, infalível, para ganhar a nós a Sociedade Salesiana, é a *liberdade*. Induzir pois os salesianos a desprezar as regras, a rejeitar certos encargos como pesados e pouco honrosos, levá-los a fazer cismas de seus superiores com opiniões diversas, e ir a casa com o pretexto de convites e semelhantes.

Enquanto os demônios parlamentavam, Dom Bosco pensava: “Sabem, eu estou bem atento àquilo que vocês estão dizendo. Falem, falem mesmo, que assim poderei frustrar suas tramas”.

No entanto, levantou-se um quarto demônio e:

– Nada disso! – gritou. – Armas quebradas as vossas! Os superiores saberão frear essa liberdade, mandarão embora das casas quem ousar mostrar-se rebelde às regras. Alguém talvez será levado pelo amor à liberdade, mas a grande maioria se manterá fiel ao dever. Eu tenho um meio apto para arruinar tudo desde os alicerces, um meio tal que dificilmente os salesianos poderão se defender dele. Será mesmo um estrago na raiz. Escutem-me com atenção. *Vamos persuadi-los de que ser douto é aquilo que deve formar sua principal glória*. Então induzi-los a estudar muito para si, para adquirir fama, e não para praticar o que aprendem, não para usufruir da ciência em vantagem do próximo. Por isso, arrogância no modo de tratar os ignorantes e os pobres, preguiça no sagrado ministério. Não mais Oratórios festivos, não mais catequese aos meninos, não mais escolinhas baratas para instruir os pobres meninos abandonados, não mais as longas horas de confessionário. Manterão somente a pregação, mas rara e medida, e estéril, porque feita para desafogo da soberba com o fim de ter os louvores dos homens e não de salvar almas.

A proposta deste foi acolhida com aplausos gerais. Então Dom Bosco divisou o dia em que os salesianos poderiam acreditar que o bem da congregação e a sua honra devesse unicamente consistir no saber, e temeu que não só colocassem isso em prática, mas também pregassem com voz forte que assim se deveria agir.

Também dessa vez Dom Bosco estava num canto da sala a escutar e a ver tudo, quando um dos demônios o descobriu e gritando o indicou aos outros. Àquele grito, todos se lançaram contra ele, urrando:

– Vamos acabar com ele!

Era uma dança infernal de espectros, que batiam nele, agarravam-no pelos braços e pelo corpo, e ele gritava:

– Larguem-me! Socorro!

Finalmente acordou, todo ruim do estômago pelo muito gritar.

Uma obra nos Becchi?

É um sonho que parece conter um elemento profético. Contou-o ao padre Lemoyne e ao clérigo Festa, no dia 1º de março de 1886. Depois de ter contado o sonho, fez esta observação:

– O lugar ao qual me conduziu minha mãe é muito próprio para abrir uma obra, sendo central entre muitas e muitas aldeias que não têm igreja alguma.

Sonhou que estava nos Becchi. Sua mãe com um baldezinho na mão estava junto da nascente e tirava dela a água suja, que despejava num balde. Aquela fonte antes sempre tinha água puríssima. Admirava-se, portanto, não sabendo como explicar a coisa.

– Pagamos pela água que bebemos (*Aquam nostram pretio bibimus*) – disse então Mamãe Margarida.

– Sempre com seu latim! – respondeu-lhe Dom Bosco. – Este não é o texto da Escritura.

– Não importa, coloque você outras palavras, caso o queira. Nestas se compreende tudo, basta estudá-las bem.

– Suas iniquidades lev... (*Iniquitates eorum porta...*)

Agora acrescenta o que quiser.

– Levamos? Levamos (agora)? (*Portavimus? Portamus?*)

– O que quiser: *portavimus, portamus, portabimus*.

– Pense bem nessas palavras, estude-as, e faça que as estudem todos os seus padres, e encontrará tudo que deve acontecer.

Então o levou para trás da fonte num lugar elevado, de onde se distingiam Capriglio e suas aldeias e as aldeias de Buttigliera e a própria Buttigliera, e mais outras aldeias espalhadas cá e acolá. Mostrando-as disse-lhe:

– Que diferença há entre estas aldeias e a Patagônia?

– Mas eu desejaria, se pudesse, fazer o bem aqui e o bem lá – respondi.

– Se é assim, está bem – replicou Mamãe Margarida.

Então pareceu-lhe que a mãe ia embora e ele, tendo-o cansado demais a fantasia, acordou.⁷⁰

⁷⁰ Cf. MB XVIII, p. 27-28.

As missões da Patagônia⁷¹

Foi o sonho que levou Dom Bosco a iniciar pela Patagônia o apostolado missionário.

Narrou-o pela primeira vez a Pio IX, em março de 1876. Em seguida contou-o também a alguns salesianos em particular. O primeiro admitido a esta narração confidencial foi padre Francesco Bodrato,⁷² em 30 de julho do mesmo ano. E padre Bodrato, naquela mesma noite, o contava a padre Júlio Barberis, em Lanzo, onde tinha ido passar alguns dias com um grupo de noviços.

Três dias depois, padre Barberis ia a Turim, e encontrando-se na biblioteca em colóquio com o Santo, ouvia-o também contar o mesmo sonho.

Também padre Lemoyne o ouviu dos lábios de Dom Bosco. Um e outro, padre Barberis e padre Lemoyne, colocaram-no por escrito.⁷³ Tomamos o texto das *Memórias biográficas*. Eis o sonho:

Pareceu-me que me encontrava em uma região selvagem e totalmente desconhecida. Era uma imensa planície, toda inculta, na qual não se viam nem colinas nem montes. Bem ao longe, nas extremidades, desenhavam-lhe todo o perfil escabrosas montanhas.

Nela havia turbas de homens que a percorriam. Estavam quase nus, tinham altura e aparência extraordinárias, de aspecto feroz, com os cabelos hirtos e longos, pele de cor bronzeada e enegrecida, vestidos somente com largos mantos de peles de animais, que lhes desciam dos ombros. Estavam armados com uma espécie de longa lança e a funda (o laço).

Essas turbas de homens, dispersas de cá e de lá, ofereciam ao espectador cenas diversas: uns corriam caçando feras, outros caminhavam. Levavam pedaços de carne sangrenta espetados nas pontas das lanças. De um lado, alguns se combatiam entre eles. Outros lutavam com soldados vestidos à europeia, e o terreno estava coberto de cadáveres.

Eu fremia diante desse espetáculo. E eis que surgiram na extremidade da planície muitos personagens, os quais, pela maneira de vestir e pelo modo de agir, conheci que eram missionários de várias ordens. Estes se aproximavam para pregar àqueles bárbaros a religião de Jesus Cristo. Eu fixei bem o olhar neles, mas não conheci nenhum. Foram no meio daqueles selvagens. Mas os bárbaros, apenas os viam, com um furor diabólico, com uma alegria infernal, caíam sobre eles e matavam a todos, esquartejavam-nos

⁷¹ Cf. MB X, p. 54-55. Dom Bosco era um estudioso da realidade do mundo para onde devia mandar seus filhos. As partes mais meridionais da América eram então pouco conhecidas. Sobre elas pediu informações ao capitão Bove. Mas este, não tendo passado o estreito de Magalhães, por falta de meios, e porque constringido depois por diversos negócios a voltar atrás, não lhe pôde fornecer esclarecimento algum.

⁷² Padre Francesco Bodrato irá como missionário para a Argentina. Com a volta do padre Cagliero para a Europa, ficou como inspetor das casas então existentes na América (Argentina e Uruguai). Morreu em 4 de agosto de 1880. Dele há um *Epistolario*, publicado por Jesús Borrego.

⁷³ Ver a edição crítica do sonho em Antônio da Silva Ferreira, “Due sogni sulle missioni della Patagonia e dell’America Latina”, RSS 29 (1996), p. 101-139.

ferozmente, cortavam-nos em pedaços, e enfiavam os pedaços daquelas carnes na ponta de seus longos chuços. Então se renovavam de tanto em tanto as cenas das precedentes escaramuças entre eles e com os povos vizinhos.

Depois de ficar observando aquela horrível matança, disse comigo mesmo: “Como fazer para converter essa gente tão bruta?”.

No entanto vi ao longe um punhado de outros missionários que se aproximavam dos selvagens com aspecto alegre, precedidos por um grupo de juvenzinhos. Eu tremia pensando: “Vêm para se fazer matar”.

E me avizinhei deles: clérigos e padres. Fixei-os com atenção e vi que eram nossos salesianos. Os primeiros eu conheci pessoalmente. E os muitos outros que seguiam os primeiros, me dei conta de que também eles eram missionários salesianos, exatamente dos nossos.

– Como é isso? – exclamei.

Não queria deixá-los ir adiante e estava pronto para detê-los. Temia que de um momento para o outro tivessem a mesma sorte dos antigos missionários. Queria fazê-los voltar atrás, quando vi que o fato de eles aparecerem trouxera alegria para todas aquelas turbas de bárbaros, os quais abaixaram as armas, depuseram sua ferocidade e acolheram nossos missionários com sinal de cortesia. Maravilhado com isso, dizia comigo mesmo: “Vamos ver um pouco como isso acabará!”.

E vi que nossos missionários avançavam em direção daquelas hordas de selvagens. Instruíam-nos e eles escutavam de boa vontade a sua voz. Ensinavam a eles e eles aprendiam com solicitude. Admoestavam, e eles aceitavam e punham em prática suas admoestações.

Fiquei observando, e notei que os missionários recitavam o santo Rosário, enquanto os selvagens, correndo de todas as partes, abriam alas à sua passagem e de bom grado respondiam àquela oração.

Depois de um tempo, os salesianos foram colocar-se no centro daquela multidão que os circundou, e se ajoelharam. Os selvagens, depositas por terra as armas aos pés dos missionários, também eles se ajoelharam.

E eis que um dos salesianos entoou: “Louvai a Maria, ó línguas fiéis”, e aquelas turbas, todas a uma só voz, continuaram o canto da dita loa, tão unísono e com tanta força de voz, que eu, quase assustado, acordei.

Tive este sonho quatro ou cinco anos atrás, e causou muita impressão em meu ânimo, acreditando que fosse um aviso celeste. Todavia não entendi bem seu significado particular. Entendi, porém, que se tratava de missões estrangeiras, que tinham sido meu mais vivo desejo.⁷⁴

⁷⁴ Inicialmente Dom Bosco acreditou que fossem povos da Etiópia. Depois pensou nos arredores de Hong Kong, nos povos da Austrália e das Índias. Em 1874, recebeu os mais ardentes convites para mandar os salesianos para a Argentina. O cônsul da Argentina em Savona,

Sonho sobre as missões da América (1883)⁷⁵

As Missões da América

Em 1883, os esforços de Dom Bosco para consolidar as missões da América alcançaram um feliz resultado. No mês de agosto tinham chegado algumas boas notícias. Em Niterói se tinha fundada a primeira casa no Brasil. Também as tratativas para a Patagônia andavam a velas pandas. Dia 27 de agosto tinham sido aprovados o Vicariato Apostólico da Patagônia Setentrional e a Prefeitura Apostólica da Patagônia Meridional e da Terra do Fogo. Padre Cagliero fora eleito pró-vigário da Patagônia e padre Fagnano,⁷⁶ prefeito apostólico. Naquele mesmo dia, a notícia tinha sido dada pelo cardeal Nina ao padre Francesco Dalmazzo,⁷⁷ procurador-geral da Sociedade Salesiana.

Naquela ocasião, precisamente no dia 30 de agosto, festa de Santa Rosa de Lima, no fim do retiro espiritual de San Benigno Canavese, Dom Bosco sonhou com a América do Sul. Era-lhe apresentado um campo de trabalho bem mais vasto do que a Patagônia: “Pois bem, essas montanhas são como uma margem, um confin. Até aqui, até lá é a messe oferecida aos salesianos. São milhares e milhões de habitantes que esperam vossa ajuda, esperam a fé. Essas montanhas eram as cordilheiras da América do Sul”.

Caminho percorrido pela redação do sonho

O texto não foi escrito todo de uma vez. Dom Bosco narrou esse sonho aos membros do III Capítulo Geral, reunidos em Valsalice. Fez-se então um primeiro rascunho do texto. Padre Costamagna levou uma cópia dele para a América. Era a *redação breve* do sonho.

Padre Lemoyne preparou depois uma segunda redação do sonho, mais longa, e a submeteu a Dom Bosco para que a revisse. Por duas vezes o texto foi e voltou com correções e acréscimos do padre Lemoyne e de Dom Bosco. Voltou o manuscrito pela terceira vez ao padre Lemoyne, que ainda juntou alguma coisa de seu.

Pelo epistolário de Dom Bosco, sabemos que tal trabalho não estava ainda concluído em 15 de outubro. O conde Luigi Colle⁷⁸ tinha ouvido falar de um sonho de Dom Bosco em que aparecia seu filho. Pedira uma cópia dele em francês. Dom Bosco escreveu ao padre Lemoyne: “Por favor, ultime o sonho da América e depois mo envie logo. O conde Colle deseja tê-lo, mas traduzido em francês, o que procurarei fazer imediatamente”. E no mesmo dia escreveu a um amigo: “Padre Rua terá com ele a História Americana. Ela foi escrita com detalhes e não é curta. Padre Barruel será encarregado de fazer a tradução, mas, caso ele não possa, padre Rua mesmo a completará”.

Quando Dom Bosco teve em mãos o texto, escreveu dia 12 de novembro para o padre Costamagna: “O sonho do padre Lemoyne deve ser corrigido em algumas coisas e você o verá”. Em janeiro o sonho já tinha sido levado ao conhecimento dos

Giovanni Batista Gazzolo, forneceu-lhe então livros sobre aquele país e por eles o Santo conheceu claramente que os selvagens vistos em sonho eram os indígenas daquela imensa região, quase desconhecida, a Patagônia.

⁷⁵ Cf. MB XVI, p. 384 -398.

⁷⁶ Monsenhor Giuseppe Fagnano, falecido em 1916.

⁷⁷ O cardeal Lorenzo Nina (1812-1885) era cardeal protetor da Congregação Salesiana. Padre Francesco Dalmazzo foi o primeiro procurador-geral da Congregação Salesiana e faleceu em 10 de março de 1895.

⁷⁸ O conde Luigi Colle (1822-1887) foi um dos maiores benfeitores da obra de Dom Bosco.

salesianos.⁷⁹ Na carta a Dom Bosco de 28 de janeiro de 1884, padre Lasagna dizia: “Li com afeição seu último sonho e me dá a chave do futuro. Oh, que o bom Jesus nos conserve sempre acesos no bom espírito e no santo zelo!”.

O sonho como instrumento de governo religioso e político

Para os salesianos, o fato de que Dom Bosco tivesse sonhado com algum lugar ou fundação sempre teve grande importância para que eles tomassem suas decisões.⁸⁰ Mas este sonho só adquiriu importância depois da descoberta de grandes jazidas minerais e de petróleo na Patagônia e na Terra do Fogo.

No Brasil, o uso que dele fez Juscelino Kubitschek, interessado em convencer a oposição política e a opinião pública de seu país sobre a oportunidade de construir Brasília, uniu indissolavelmente o nome de Dom Bosco à nova capital brasileira.

Houve também outras tentativas de uso político do sonho.

Em São Paulo, o governador Paulo Maluf pediu cópia do sonho aos salesianos para procurar nele uma justificação para a criação da Petropaulo.

Na Argentina, tentou-se explicar com o mesmo sonho a proposta do presidente Raúl Alfonsín de transferir a capital de Buenos Aires para Patagones-Viedma.

Os projetos de exploração dos recursos minerais da Serra da Bodoquena (Mato Grosso do Sul) ainda hoje se apoiam no fato de que Dom Bosco teria sonhado com essas riquezas.

E no Paraguai pensou-se em ligar o sonho à represa de Itaipu.

Damos o texto da redação longa do sonho.

Sonho do senhor Dom Bosco (1883)

Era a noite que precedia a festa de Santa Rosa de Lima (30 de agosto) e tive um sonho. Percebia que dormia e ao mesmo tempo parecia-me correr muito, tanto que me sentia cansado de correr, de falar, de escrever e de cansar-me no desempenho de minhas costumeiras ocupações. Enquanto pensava se o que me acontecia era um sonho ou realidade, pareceu-me entrar numa sala de lazer onde havia muitas pessoas que falavam de coisas diversas.

Uma longa conversa tratou da multidão de selvagens que na Austrália, nas Índias, na China, na África e mais particularmente na América, em número incontável, estão ainda sepultos na sombra da morte.

“A Europa”, disse com seriedade um dos que raciocinavam, “a cristã Europa, a grande Mestra da Civilização e do catolicismo, parece que se tornou apática quanto às

⁷⁹ Ao apresentar o texto do sonho levaremos também em consideração alguns elementos de sua edição crítica.

⁸⁰ Nasce tal fato da convicção de que se tratava de visões que o Santo Fundador tivera e que haveriam de se realizar. Hoje as pesquisas nos fazem ver ao lado do Dom Bosco que sonha outro Dom Bosco, *estudioso atento ao progresso dos conhecimentos em seu tempo*.

missões estrangeiras. São poucos aqueles que têm suficiente ousadia de enfrentar as longas navegações ou desconhecidos (*sic*) para salvar as almas de milhões de almas (*sic*) que, no entanto, foram remidas pelo Filho de Deus, por Jesus Cristo”.

Disse outro: “Quantos idólatras vivem infelizes, fora e longe do conhecimento do Evangelho somente na América! Os homens pensam (e os geógrafos se enganam⁸¹) que as cordilheiras da América sejam como um muro que divide aquela grande parte do mundo. Não é assim. Aquelas extensíssimas cadeias de altas montanhas têm muitas reentrâncias de mil e mais quilômetros só em seu comprimento. Neles existem selvas nunca visitadas, há plantas, animais, e depois se encontram pedras que lá escasseiam. Carvão fóssil, petróleo, chumbo, cobre, ferro, prata e ouro estão escondidos naquelas montanhas nos lugares onde foram colocados pela mão onipotente do Criador para benefício dos homens. Ó cordilheiras, cordilheiras, quanto é rico o vosso Oriente!”.

Naquele momento fui tomado pelo vivo desejo de pedir explicações de muitas coisas, e de perguntar quem eram aquelas pessoas lá reunidas e em qual lugar me encontrava. Mas disse de mim para mim: “Antes de falar é preciso que se observe que gente é essa”.

E volvi com curiosidade o olhar em volta. Eis que todos aqueles personagens me eram desconhecidos. Eles, no entanto, como se apenas naquele momento me tivessem visto, convidaram-me a chegar e me acolheram com bondade. Perguntei:

– Por favor, dizei-me, estamos em Turim, em Londres, em Madri ou em Paris? Onde estamos? E vós quem sois? Com quem tenho o prazer de falar?

Porém, todos aqueles personagens respondiam vagamente discorrendo sobre as missões.

Naquele momento aproximou-se um jovem lá pelos 16 anos, amável, de sobre-humana beleza e todo radioso de viva luz mais clara que a do sol. O tecido da roupa que vestia era de celestial riqueza e sobre sua cabeça havia um barrete em forma de coroa, encaestado com brilhantíssimas pedras preciosas. Fixando-me com olhar benévolo demonstrava por mim um interesse especial. Seu sorriso exprimia um afeto de irresistível atração. Chamou-me pelo nome, agarrou minha mão e começou a falar-me da Congregação Salesiana.

A um dado ponto o interrompi:

– Com quem tenho a honra de falar? Por favor, qual o seu nome?

E aquele jovem:

– Não duvide! Fale mesmo com plena confiança, que está com um amigo.

⁸¹ No Instituto Histórico de Roma, pode-se ver um mapa da Argentina, de 1875, que traz indicações de várias expedições missionárias dos inícios. Nele realmente veem-se num dado ponto os Andes como uma muralha que separa a Argentina do Chile. Também nesse mapa se pode ver, antes de chegar a Punta Arenas, o rio que, no dizer do padre Lemoyne [manuscrito H], não dava para saber se desaguava no Atlântico ou no Pacífico (cf. MB XVI, p. 391).

– Mas qual é o seu nome?

– Eu lhe diria o meu nome se fosse preciso, mas não é necessário, pois o senhor me conhece.

Fixei então melhor aquela fisionomia cingida pela luz. Oh, como era bonita! E então reconheci nele o filho do conde Colle, insigne benfeitor de todas as nossas casas e especialmente de nossas missões americanas.

– Oh! Você? – disse eu chamando-o pelo nome. – E quem são todos estes?

– São amigos de seus salesianos. E eu, como seu amigo e dos salesianos, em nome de Deus desejaria dar-lhe um pouco de trabalho.

– Vamos ver de que se trata. Qual é esse trabalho?

– Coloque-se nesta mesa e depois puxe esta corda.

No meio daquela grande sala havia uma mesa sobre a qual estava enrolada uma corda, e vi depois que esta corda estava marcada como o metro, com linhas e números. Mais tarde percebi até que aquela sala estava colocada na América do Sul, exatamente sobre a linha do Equador, e os números impressos sobre a corda correspondiam aos graus geográficos de latitude.

Peguei, portanto, na extremidade daquela corda, olhei e vi que no começo tinha assinalado este número: zero.

Eu ria.

E aquele angélico jovem:

– Não é tempo para rir – disse-me. – Observe! O que está escrito sobre a corda?

– Número 0.

– Puxe um pouco!

Puxei e eis o número 1.

– Puxe ainda e faça um grande rolo com aquela corda.

Puxei e apareceram os números 2, 3, 4 até 20.

– Basta? – perguntei.

– Não, mais para cima! Vá indo até encontrar um nó – respondeu aquele jovem.

Puxei até o número 47 onde encontrei um grosso nó. A partir desse ponto, a corda continuava ainda, mas dividida em tantas cordinhas que se espalhavam para o oriente, o ocidente e o meio-dia.

– Basta? – repliquei.

– Que número é? – interrogou o jovem.

– É o número 47.

– Quanto são 47 mais 3?

– São 50!

– E mais 5?

– São 55!

– Tome nota: 55.

E depois me disse:

– Puxe ainda!

– Estou no fim!

– Então volte atrás e puxe a corda da outra parte.

Puxei a corda da parte oposta até o número 10.⁸²

Aquele jovem:

– Puxe ainda!

– Não há mais nada.

– Como! Não há mais nada? Observe ainda! O que existe?

– Há água! – respondi.

De fato, naquele momento operava-se em mim um fenômeno extraordinário que não é possível descrever. Encontrava-me naquela sala, puxava aquela corda e ao mesmo tempo desenrolava-se diante de meus olhos como que um panorama imenso, que eu dominava quase a voos de pássaro, e que se estendia com o estender-se da corda.

Do primeiro zero até o número 47 era uma terra sem-fim, que depois de um estreito de mar no fundo se esparramava em cem ilhas das quais uma era bem maior que as outras. A essas ilhas aludiam as cordinhas espalhadas que partiam do grande nó.⁸³

Cada cordinha terminava numa ilha. Algumas delas eram habitadas por indígenas bastante numerosos. Outras eram estêreis, nuas, rochosas, desabitadas. Outras todas cobertas de neve e gelo. Para ocidente, grupos de numerosas ilhas habitadas por muitos selvagens.

⁸² O bispo de São José, capital da Costa Rica, dia 15 de setembro de 1883 escrevia uma carta a Dom Bosco pedindo alguns missionários salesianos. Essa cidade se encontra exatamente no grau 10 do sonho de Dom Bosco.

⁸³ Parece que o ponto 47 representa o lugar de partida, o centro salesiano de onde se espalha para as Malvinas, a Terra do Fogo e outras ilhas daqueles países da América. Na edição crítica do sonho fica claro que se trata de um comentário do padre Lemoyne ao texto do sonho.

Da parte oposta, isto é, do zero a 10, continuava a mesma terra, e terminava naquela água por mim vista como última coisa. Pareceu-me que essa água era o Mar das Antilhas, que via então de maneira surpreendente e que não consigo explicar aquele modo de ver.⁸⁴

Ora, pois, tendo eu respondido: – Há água! – aquele juvenzinho retomou:

– Agora coloque 55 mais 10. A que é igual?

E eu:

– Dá 65.

– Agora coloque tudo isso junto e faça uma só corda.

– E depois?

– O que existe dessa parte?

– A ocidente vejo montanhas altíssimas e a oriente há o mar.

– Pois bem, estas montanhas são como uma praia, uma fronteira. Até aqui, até lá é a messe oferecida aos salesianos. São milhares e milhões de habitantes que esperam vossa ajuda, esperam a fé.

Essas montanhas eram as cordilheiras da América do Sul.

– E como fazer? – retomei.

– Como fazer? Olha!...

E eis que chegou o padre Lago,⁸⁵ o qual trazia um cesto de figos pequenos e verdes. E me disse:

– Tome, Dom Bosco!

– O que você está me trazendo?

– Disseram-me que os trouxesse para o senhor.

– Mas estes figos não servem para comer, não estão maduros.

Então aquele juvenzinho tomou o cesto, que era muito largo, mas tinha pouco fundo, e o apresentou a mim:

– Eis o presente que eu lhe dou.

– E que devo fazer destes figos?

⁸⁴ Vi em resumo aquilo que depois vi em particular. E os graus da corda foram aqueles que me permitiram guardar na memória os sucessivos pontos que visitei viajando (Nota do padre Lemoyné).

⁸⁵ Padre Ângelo Lago, secretário particular do padre Rua, morreu em conceito de santidade em 14 de março de 1914.

– Estes figos não estão maduros, mas pertencem à grande figueira da vida. E o senhor procure o meio de fazê-los amadurecer.

– E de que jeito? Se fossem maiores, menos mal, poderiam fazer-se amadurecer com a palha como se usa com outras frutas, mas tão pequenos... tão verdes... É impossível.

– Antes, saiba que para amadurecê-los é necessário que façam que todos esses figos sejam de novo colocados na planta.

– É incrível, e como fazer?

– Olhe!

E o juvenzinho tomou um daqueles figos e colocou-o num vasinho de sangue, depois o imergiu num outro vasinho cheio de água e disse:

– Com o suor e com o sangue os selvagens voltarão a ser inseridos na planta e a ser agradáveis ao Senhor da vida.

Eu pensava: “Mas para isso se requer tempo!”. Assim, disse àquele caro juvenzinho:

– Eu não sei mais o que responder.

O jovem:

– Este acontecimento será conseguido antes que se acabe a segunda geração.

– E qual será a segunda geração?

– Esta não se conta. Haverá outra e depois outra.

Eu falava confuso, embrulhado e quase gaguejando e perguntei:

– Mas cada uma dessas gerações quantos anos compreende?

– Sessenta anos!

– E depois?

– Quer ver o que haverá? Venha.

E sem saber como encontrei-me numa estação de estrada de ferro. Havia muita gente reunida. Subimos no trem. Perguntei onde estávamos.

O juvenzinho respondeu:

– Note bem! Olhe! Faremos uma longa viagem sobre as Cordilheiras. O senhor tem a estrada aberta também para o oriente, até o mar. É outro dom do Senhor.

– E a Boston, onde nos esperam, quando iremos?

– Cada coisa a seu tempo.

Falando assim, tirou um mapa. Eu perguntei:

– O que é que há?

Ele, como resposta, me desdobrou o mapa onde em letra grande se destacava a Diocese de Cartagena.⁸⁶

Enquanto eu olhava aquele mapa, a máquina apitou e o trem partiu. Viajando, meu amigo falava muito, mas eu, pelo rumor do comboio, não podia entendê-lo completamente. Todavia aprendi coisas belíssimas e novas de astronomia, de náutica, de mineralogia, da fauna, da flora daquelas regiões, que ele me explicava com maravilhosa precisão. Desde o princípio tinha me segurado a mão, conservando-a assim afetuosamente apertada até o fim do sonho. Eu às vezes levava minha mão livre sobre a sua, mas parecia que esta fugia debaixo da minha como se evaporasse, e minha mão esquerda apertava somente a minha direita. O juvenzinho sorria diante de minha tentativa inútil.

Olhava pelas janelas do vagão e via passar diante de mim variadas e estupendas regiões. Bosques, montanhas, planícies e rios larguíssimos e majestosos que eu não acreditava serem tão grandes em regiões tão distantes da foz. Por mais de mil milhas costeamos a margem de uma floresta virgem hoje em dia ainda inexplorada. Era maravilhosa a paisagem vislumbrada. Não encontrava obstáculos para penetrar naquelas regiões. Não só as cordilheiras, mas até as cadeias de montes isoladas naquelas planícies sem-fim eram por mim contempladas.⁸⁷

Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desse solo, que um dia serão descobertas. Via numerosas minas de metais preciosos, de carvão fóssil, depósitos de petróleo tão abundantes como não se encontram iguais em outros lugares. Mas não era tudo. Em vários lugares as cordilheiras apresentavam reentrâncias formando seios de cuja existência os presentes geógrafos nem sequer suspeitam, imaginando que naquelas partes as vertentes das montanhas fossem uma espécie de muro direito. Nesses seios e nesses vales, que às vezes se estendiam até mil quilômetros, habitavam densas populações que ainda não tiveram contato com os europeus, nações ainda totalmente desconhecidas.

Entre o grau 15 e o grau 20 havia uma curvatura bastante longa e bem larga que partia de um ponto onde se formava um lago. Então uma voz disse repetidas vezes: quando se vierem a escavar as minas escondidas em meio a esses montes (daquela curvatura) aparecerá a terra prometida de onde fluem leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.⁸⁸

⁸⁶ Era esse o ponto de partida? (Nota do padre Lemoine).

⁸⁷ Aquelas da Nova Granada, da Venezuela, das três Guianas, aquelas do Brasil e da Bolívia, até os últimos confins (Nota do padre Lemoine).

⁸⁸ Como se pode ver pela letra, este último parágrafo é um acréscimo feito pelo padre Lemoine à margem do texto. Não há nenhuma correção de Dom Bosco, que, porém, aceitou o texto. Edições feitas fora da América do Sul veem nesse lago o lago Titicaca. Os paraguaios pensam na represa de Itaipu. Padre José Vieira de Vasconcelos, apoiando-se na expressão “que partia de um ponto onde *se formava* um lago”, vê aí o lago de Brasília, *formado* pela mão do homem (José Vieira de Vasconcelos, *Don Bosco sognò Brasília?* [Aos cuidados de Casimiro Semeraro]. Pádua, Cedam, 1980, 8 p. [Roma e América, 3]. Estrato de *Don Bosco e Brasília: profezia, realtà sociale e diritto*. Pádua, Cedam, 1990, p. 131-138).

O comboio, no entanto, continuava a correr, e vai e vai, e gira de cá e gira de lá, finalmente parou. Nesse lugar desceu uma parte dos viajantes e passava debaixo das cordilheiras andando para ocidente.⁸⁹

O trem novamente se pôs a caminhar, indo sempre adiante. Como na primeira parte da viagem, atravessávamos florestas, penetrávamos em túneis, passávamos sobre gigantescos viadutos, nos internávamos na garganta de montanhas, sobre pontes costeávamos lagos e pântanos, atravessávamos largos rios, corríamos em meio a pradarias e planícies.

Passamos pelas margens do Uruguai. Eu pensava que fosse um rio de pequeno curso, no entanto é longuíssimo. Num dado ponto, vi o rio...⁹⁰ que se aproximava do...⁹¹ todos os dois larguíssimos, mas depois se afastavam fazendo um largo cotovelo.⁹²

E o trem vai sempre para baixo e gira de uma parte e gira de outra.⁹³ Depois de um longo espaço de tempo parou uma segunda vez. Aqui muitas outras pessoas desceram do comboio e passaram também elas debaixo das cordilheiras, indo para ocidente.⁹⁴ O trem retomou sua carreira através dos Pampas e da Patagônia. Os campos cultivados e as casas esparsas cá e acolá indicavam que a civilização tomava posse daqueles desertos.

No princípio da Patagônia, passamos por uma derivação do rio Colorado ou do rio Chubut.⁹⁵ Não podia ver para que parte andasse sua correnteza, se para as Cordilheiras ou se para o Atlântico. Procurava resolver esse problema, mas não podia orientar-me.

Finalmente chegamos ao estreito de Magalhães. Eu olhava. Descemos. Tinha diante de mim Punta Arenas. O solo por várias milhas estava todo tomado por depósitos de carvão fóssil, de tábuas, de traves e de lenha.⁹⁶

Longas filas de vagões de carga estavam sobre os trilhos.

Meu jovem amigo acenou a todas estas coisas. Então perguntei:

– E agora, que me queres dizer com isso?

Respondeu-me:

⁸⁹ Dom Bosco acenou à Bolívia. A estação era, talvez, La Paz, onde uma galeria abrindo passagem para o litoral do Pacífico pode colocar em comunicação o Brasil com Lima por meio de outra estrada de ferro (Nota do padre Lemoyne).

⁹⁰ Anote-se o nome do rio. Creio seja Paraná (Nota do padre Lemoyne).

⁹¹ Dom Bosco coloca aqui também o nome do rio Uruguai (Nota do padre Lemoyne).

⁹² A longa nota que se segue nas *Memórias biográficas* parece mais uma explicação dada muito tempo depois, em capítulo geral, quando representantes da Argentina fizeram observações sobre o texto até então apresentado aos salesianos.

⁹³ E passa como antes por pontes, galerias, lagos, rios, florestas (Nota do padre Lemoyne).

⁹⁴ Dom Bosco indicou na República Argentina a província de Mendoza. Portanto a estação era talvez Mendoza e aquela galeria levava a Santiago de Valparaíso, capital do Chile (Nota do padre Lemoyne).

⁹⁵ Ou talvez do rio Negro? (Nota do padre Lemoyne)

⁹⁶ Montes de metal em parte bruto e em parte trabalhado (Nota do padre Lemoyne).

– Isso que agora está em projeto, um dia será realidade. Esses selvagens serão tão dóceis no futuro que virão eles mesmos para receber instrução, religião, civilização e comércio. O que alhures causa maravilha, aqui será uma maravilha tal que superará aquelas de todos os outros povos.

– Já vi bastante – concluí –, agora me conduza a ver os meus salesianos da Patagônia.

Conduziu-me. Eu os vi.⁹⁷ Eram muitos, mas eu não os conhecia e entre eles não havia nenhum de meus antigos filhos. Todos me olhavam estupefatos e eu dizia a eles:

– Não me conheceis? Vocês não conhecem Dom Bosco?

– Oh, Dom Bosco! Nós o conhecemos de fama, mas o vimos somente nos retratos. Pessoalmente, certamente não.

– E padre Fagnano, dom Lasagna, dom Costamagna, onde eles estão?

– Não os conhecemos. São aqueles que uma vez vieram aqui nos tempos passados. Os primeiros salesianos que chegaram nestes países vindos da Europa. Mas já passaram tantos anos que eles morreram!

A esta resposta eu pensava maravilhado: “Mas isso é sonho ou realidade?”.

E batia as mãos uma contra a outra, tocava-me os braços e ficava chocado ao ouvir o som das mãos e sentir-me a mim mesmo.

Estava agitado dessa forma, quando me pareceu que Quirino tocasse a Ave-maria da aurora, mas, despertando, percebi que eram os sinos da paróquia de San Benigno.⁹⁸

Dom Bosco concluiu dizendo:

– Com a doçura de São Francisco de Sales os salesianos atrairão para Jesus Cristo as populações da América. Será coisa muito difícil moralizar os primeiros selvagens, mas seus filhos obedecerão com toda facilidade à palavra dos missionários e com eles fundarão colônias, a civilização tomará o lugar da barbárie e muitos selvagens virão fazer parte do redil de Jesus Cristo.

⁹⁷ Foi coisa de um instante. Tendo descido do trem encontrei-os logo. Havia muitas Igrejas e escolas, muitas casas, habitantes em grande número, vários internatos para aprendizes e agricultores, jovens e adultos juntos, guiados pelos missionários. Meninas trabalhavam em serviço doméstico. Fui para o meio deles. Olhavam-me como se eu fosse uma pessoa nova (Nota do padre Lemoyne).

⁹⁸ Deixamos de publicar a continuação do sonho (MB XVI, p. 392-394). Trata-se de outro manuscrito no qual não há correções de Dom Bosco. Além disso, literariamente o texto ainda não está de todo definido. Há momentos em que padre Lemoyne, autor do texto, ainda não se decidiu sobre qual palavra usar entre as várias possíveis.

Os frutos das missões salesianas⁹⁹

Na noite de 31 de janeiro para 1º fevereiro de 1885, Dom Bosco teve um sonho semelhante ao de 1883 sobre as missões. Contou-o ao padre Lemoyne, que logo o pôs por escrito. É o seguinte:

Pareceu-me que acompanhava os missionários em sua viagem. Falamos por um breve momento antes de partir do Oratório. Eles estavam ao meu redor e me pediam conselho, e pareceu-me dizer a eles:

– Não com a ciência, não com a saúde, não com as riquezas, mas com o zelo e com a piedade farão um grande bem, promovendo a glória de Deus e a salvação das almas.

Pouco antes no Oratório, e depois, sem saber por qual caminho tivéssemos ido e com qual meio, nos encontramos quase imediatamente na América. Chegado ao termo da viagem achei-me sozinho no meio de uma vastíssima planície, posta entre o Chile e a Argentina. Meus caros missionários tinham todos se dispersado por aqui e por ali naquele espaço sem limites. Eu, olhando-os, me maravilhava, porque me pareciam poucos. Depois de tantos salesianos que em várias vezes tinha mandado para a América, eu pensava que deveria ver um número maior de missionários. Mas depois, refletindo, conheci que se seu número parecia pequeno isso acontecia porque tinham se espalhado por muitos lugares, como sementeira que se devia transportar para outro lugar para ser cultivada e multiplicada.

Naquela planície apareciam muitas e compridíssimas estradas, ao longo das quais se viam esparsas numerosas casas. Essas estradas não eram como as estradas desta terra, e as casas não eram como as casas deste mundo. Eram objetos misteriosos e diria quase espirituais.

Aquelas estradas eram percorridas por veículos, ou por meios de transporte que, correndo, tomavam sucessivamente mil aspectos fantásticos e mil formas todas diversas, embora magníficas e estupendas, de modo que eu não posso definir ou descrever uma só delas.

Observei com estupor que os veículos, chegando perto dos grupos de casas, das aldeias, das cidades, passavam pelo alto, de forma que quem viajava via debaixo de si os tetos das casas, as quais – embora fossem muito elevadas – ficavam, no entanto, muito abaixo daquelas estradas. Estas, enquanto no deserto aderiam ao solo, chegando perto dos lugares habitados, tornavam-se aéreas, quase formando uma ponte mágica. De lá de cima se viam os habitantes nas casas, nos terreiros, nas ruas, e nos campos ocupados a tabalhar suas propriedades.

Cada uma daquelas estradas levava a uma de nossas missões. No fundo de uma longuíssima estrada que se estendia da parte do Chile, eu via uma casa com muitos irmãos salesianos, os quais se exercitavam na ciência, na piedade, em várias artes e ofícios e na agricultura.

⁹⁹ Cf. MB XVII, p. 299-305.

Ao sul estava a Patagônia. Da parte oposta, num golpe de olho se viam todas as nossas casas na República Argentina. E então no Uruguai, Paissandu, Las Piedras, Villa Colón; no Brasil o Colégio de Niterói e muitos outros espalhados pelas províncias daquele império. Última para ocidente, abria-se uma outra longuíssima estrada que, atravessando rios, mares e lagos, ia terminar em países desconhecidos. Nessa região vi poucos salesianos. Observei com atenção e só pude ver dois deles.

Naquele instante apareceu perto de mim um personagem de aspecto nobre e bonito, de pele um pouco pálida, gordo, com barba feita de modo a parecer imberbe e, por idade, homem feito. Estava vestido de branco, com uma espécie de capa cor-de-rosa entrelaçada com fios de ouro. Resplandecia todo. Eu vi que ele era meu intérprete.

– Onde estamos? – perguntei, mostrando-lhe este último país.

– Estamos na Mesopotâmia – respondeu-me o intérprete.

– Na Mesopotâmia? – eu repliquei. – Mas esta é a Patagônia.

– Digo-lhe –, respondeu o outro –, esta é a Mesopotâmia.

– Mas no entanto... mas no entanto... não posso persuadir-me disso.

– A coisa é assim! Esta é a Me-so-po-tâ-mia – concluiu o intérprete, silabando a palavra, para que me ficasse bem impressa.

– Mas por que os salesianos que vejo aqui são tão poucos?

– Isto que não é será – concluiu meu intérprete.

Eu, no entanto, sempre parado naquela planície, percorria com o olhar todas aquelas intermináveis estradas e contemplava, de modo muito claro mas inexplicável, os lugares que são e serão ocupados pelos salesianos. Quantas coisas magníficas eu vi! Vi todos e cada um dos colégios. Vi como num só ponto o passado, o presente e o futuro de nossas missões.

Como vi tudo com um só olhar, é bem difícil, até impossível, dar mesmo que de forma imprecisa qualquer ideia desse espetáculo. Somente o que eu vi naquela planície do Chile, do Paraguai, do Brasil, da República Argentina necessitaria de um grosso volume, querendo indicar alguma notícia sumária. Vi também naquela vasta planície a grande quantidade de selvagens que estão espalhados no Pacífico até o Golfo de Ancud, no Estreito de Magalhães, no Cabo Horn, nas Ilhas Diego, nas Ilhas Malvinas. Toda uma messe destinada aos salesianos. Vi que agora os salesianos somente semeiam, mas nossos pósteros recolherão. Homens e mulheres nos hão de reforçar e se tornarão pregadores. Os próprios filhos deles, que parece quase impossível ganhar à fé, eles mesmos se tornarão os evangelizadores de seus pais e de seus amigos. Os salesianos conseguirão tudo com a humildade, com o trabalho e com a temperança. Aquelas coisas que eu via naquele momento e que vi a seguir, todas diziam respeito aos salesianos, ao regular estabelecimento deles naqueles países, ao seu aumento maravilhoso, à conversão de tantos indígenas e de tantos europeus estabelecidos lá.

A Europa se desafogará na América do Sul. Do momento em que na Europa se começou a espoliar as igrejas, começou a diminuir a prosperidade do comércio, o qual foi e irá sempre mais decaindo. Então os operários e suas famílias, levados pela miséria, correrão a buscar refúgio naquelas novas terras hospitaleiras.

Visto o campo que nos confia o Senhor e o glorioso futuro da Congregação Salesiana, pareceu-me que me punha em viagem para voltar à Itália. Eu era transportado com uma corrida rapidíssima por um caminho estranho, altíssimo e assim cheguei num átimo sobre o Oratório. Toda a cidade de Turim estava a meus pés, e as casas, os palácios, as torres me pareciam casinhas baixas, tão alto eu me encontrava. Praças, ruas, jardins, avenidas, ferrovias, muralhas, campos e colinas ao redor, cidades, vilas da província, a gigantesca cadeia dos Alpes coberta de neve, tudo estava sob os meus olhos, apresentando-me um estupendo panorama. Via os jovens lá no fundo no Oratório que pareciam tantos ratinhos. Mas o número deles era extraordinariamente grande; padres, clérigos, estudantes, chefes de oficina ocupavam todos os lugares. Muitos partiam em procissão e outros substituíam as fileiras daqueles que partiam. Era uma procissão contínua.

Todos iam se concentrar naquela vastíssima planície entre o Chile e a República Argentina, e para lá eu logo voltei num piscar de olhos. Estava ali, observando. Um jovem padre, o qual parecia nosso padre Pavia,¹⁰⁰ mas que não era, com ar afável, palavras corteses, de aspecto cândido e compleição infantil, veio em minha direção e me disse:

– Eis as almas e os países destinados aos filhos de São Francisco de Sales.

Eu estava maravilhado como tamanha multidão que se era reunida lá desaparecesse num momento e mal se percebesse de longe a direção que tinha tomado.

Aqui eu noto que, ao narrar resumidamente meu sonho, não me é possível precisar a sucessão exata dos magníficos espetáculos que se me apresentavam e os vários pormenores acessórios. O espírito não aguenta, a memória esquece, a palavra não basta. Além do mistério que envolvia aquelas cenas, estas se sucediam, às vezes se entrelaçavam, com frequência se repetiam de várias maneiras, à medida que os missionários se uniam, se dividiam ou partiam, e aqueles povos que eram chamados à fé e à conversão se chegavam a eles ou deles se afastavam.

Repito: via num só ponto o presente, o passado, o futuro dessas missões, com todas as fases, os perigos, os êxitos, as desditas ou desenganos momentâneos que acompanharão esse apostolado. Então eu entendia claramente tudo, mas agora é impossível desfazer esse novelo de fatos, de ideias, de personagens. Seria como quem quisesse encerrar numa única história e reduzir a um só fato e à unidade todo o espetáculo do firmamento, narrando o movimento, o esplendor, as propriedades de todos os astros com suas relações e leis particulares e recíprocas, enquanto um só astro daria matéria para a atenção e o estudo da mente mais robusta. E noto ainda que aqui se trata de coisas que não têm relação com os objetos materiais.

¹⁰⁰ Padre Giuseppe Pavia morreu em 14 de agosto de 1915.

Retomando, pois, a narração, digo que fiquei maravilhado ao ver desaparecer tamanha multidão. Dom Cagliero estava naquele instante ao meu lado. Alguns missionários estavam a certa distância. Muitos outros estavam ao meu redor com um belo número de cooperadores salesianos, entre os quais distingui monsenhor Espinosa,¹⁰¹ doutor Torrero, doutor Carranza e o vigário-geral do Chile.¹⁰²

Então o costureiro intérprete veio em minha direção, que conversava com padre Cagliero e muitos outros, enquanto íamos estudando se aquele fato encerrasse algum significado. No modo mais cortês o intérprete me disse:

– Escutem e vejam.

E eis que naquele momento a vasta planície se tornou uma grande sala. Eu não posso descrever exatamente com qual magnificência e riqueza ela se apresentasse. Digo somente que, se alguém se pusesse a descrevê-la, nenhum homem poderia aguentar seu esplendor, nem mesmo com a imaginação. A largura era tal que se perdia de vista e não se conseguia ver seus muros laterais. Sua altura não se podia atingir. A abóbada terminava toda com altíssimos arcos, muito largos e resplandecentes, e não se via sobre o que se apoiavam. Não havia nem pilastras, nem colunas.

Em geral parecia que a cúpula daquela grande sala fosse de um linho candidíssimo a modo de tapeçaria. O mesmo se diga do pavimento. Não havia luzes, nem sol, nem lua, nem estrelas, mas sim um esplendor geral, difundido igualmente em toda parte. A mesma brancura dos linhos brilhava e tornava visível e amena toda parte, todo ornamento, toda janela, toda entrada, toda saída. Ao redor de tudo difundia-se uma suavíssima fragrância, a qual era uma mistura de todos os odores mais agradáveis.

Um fenômeno se viu naquele momento. Uma grande quantidade de mesas se encontrava lá, de um comprimento extraordinário. Havia por todas as direções, mas concorriam a um único centro. Estavam cobertas por elegantes toalhas e em cima estavam dispostos em ordem belíssimos vasos de cristal em que havia flores muitas e variadas.

A primeira coisa que notou dom Cagliero foi:

– As mesas estão, mas e os comestíveis, onde estão?

De fato não estava preparado nenhum alimento e nenhuma bebida, antes nem mesmo havia pratos, copos ou outros recipientes nos quais colocar as iguarias.

O amigo intérprete respondeu então:

– Aqueles que aqui veem não terão sede e não mais terão fome (*neque sitient, neque esurient amplius*).

Dito isso começou a entrar gente, toda vestida de branco com uma simples faixa como gargantilha, cor-de-rosa, bordada com fios de ouro, que cingia o pescoço e

¹⁰¹ Dom Mariano Antonio Espinosa (1844-1924) foi arcebispo de Buenos Aires.

¹⁰² Talvez se referisse ao monsenhor Domingos Cruz, vigário capitular da Diocese de Concepción (cf. MB XVII, p. 302).

as espáduas. Os primeiros que entraram eram em número limitado. Só alguns num pequeno grupo. Apenas entrados naquela grande sala iam assentar-se em volta de uma mesa preparada para eles, cantando:

– Viva!

Mas depois deste outros grupos mais numerosos avançavam, cantando:

– Triunfo!

E então começou a aparecer uma variedade de pessoas, grandes e pequenas, homens e mulheres, de toda geração, diversos por cor, por formas, por atitudes, e de todas as partes ressoavam cânticos. Cantava-se: “Viva!”, por aqueles que já estavam em seu lugar. Cantava-se: “Triunfo!”, por aqueles que entravam. Cada turba que entrava eram tantas outras nações ou partes de nações que serão todas convertidas pelos missionários.

Dei uma olhada naquelas mesas intermináveis e conheci que, lá assentadas e cantando, havia muitas nossas irmãs e grande número de nossos irmãos. Estes, porém, não tinham nenhum distintivo de ser padres, clérigos ou irmãs, mas da mesma forma que os outros tinham a veste branca e o pálio cor-de-rosa.

Mas a minha maravilha cresceu quando vi homens de aspecto rude, com as mesmas vestes dos outros, a cantar:

– Viva! Triunfo!

Naquele momento nosso intérprete disse:

– Os estrangeiros, os selvagens que beberam o leite da palavra divina de seus educadores, tornaram-se pregoeiros da Palavra de Deus.

Observei também em meio à multidão grupos de meninos com aspecto rude e estranho e perguntei:

– E esses meninos que têm uma pele tão áspera, que parece a de um sapo, mas no entanto tão bela e de uma cor tão resplandecente? Quem são eles?

O intérprete respondeu:

– Estes são os filhos de Cam que não renunciaram à herança de Levi. Eles reforçarão os exércitos para tutelar o Reino de Deus que finalmente chegou também entre nós. Era pequeno seu número, mas os filhos de seus filhos o aumentaram. Agora escutem e vejam, mas não podem entender os mistérios que verão.

Aqueles juvenzinhos pertenciam à Patagônia e à África meridional.

Entrementes se engrossaram tanto as filas daqueles que entraram naquela sala extraordinária, que toda cadeira parecia ocupada. As cadeiras e os bancos não tinham forma determinada, mas tomavam aquela forma que cada um desejava. Cada um estava contente com o assento que ocupava e com o assento que ocupavam os outros.

E eis que, enquanto se gritava por todas as mesas “Viva! Triunfo!”, chegou por último uma grande turba que festivamente vinha ao encontro dos outros que já tinham entrado, cantando:

– Aleluia, glória, triunfo!

Quando a sala apareceu inteiramente cheia, e os milhares de reunidos não se podiam contar, fez-se um profundo silêncio e então aquela multidão começou a cantar, dividida em diversos coros.

O primeiro coro:

– *Aproximou-se de nós o Reino de Deus:
alegrem-se os céus e exulte a terra;
o Senhor reinou sobre nós: aleluia.*

Outro coro:

– *Venceram, e o mesmo Senhor
dará de comer da árvore da vida
e não terão fome para sempre: aleluia.*

O terceiro coro:

– *Louvai ao Senhor todas as gentes,
deem louvor a Ele todos os povos.*¹⁰³

Enquanto cantavam estas e outras músicas e se alternavam, em certo momento se fez pela segunda vez um profundo silêncio. Então começaram a ressoar vozes que vinham do alto e longínquas. O sentido do canto era este, com uma harmonia inexprimível:

Só a Deus honra e glória pelos séculos dos séculos.

Outros coros, sempre no alto e de longe, respondiam a estas vozes:

– *Sempre ação de graças Àquele
que era, que é e que há de vir.
A Ele a eucaristia, somente a Ele a honra eterna.*¹⁰⁴

Mas naquele momento aqueles coros se abaixaram e se aproximaram. Entre aqueles músicos celestes estava também Luigi Colle. Os outros que estavam na sala se puseram então todos a cantar, e uniram as vozes à semelhança de extraordinários instrumentos musicais, com sons cuja extensão não tinha limites. Aquela música parecia ter ao mesmo tempo mil notas e mil graus de elevação que se associavam para fazer um só

¹⁰³ *Appropinquavit in nos regnum Dei:/laetentur Coeli et exultet terra;/Dominus regnavit super nos;/alleluia./Nicerunt: et ipse Dominus dabit edere de ligno vita/et non esurient in aeternum: alleluia./Laudate Dominum omnes gentes,/laudate eum omnes populi.*

¹⁰⁴ *Soli Deo honor et glória in saecula saeculorum./Semper gratiarum actio illi/qui erat, est, et venturus est./Illi eucharistia, illi soli honor sempiternus.*

acorde de vozes. As vozes do alto atingiam tal altura que não se pode imaginar. As vozes daqueles que estavam na sala desciam sonoras, redondas, e tão baixo que não se pode exprimir. Todos formavam um só coro e uma só harmonia, mas tanto os baixos como os altos com tal gosto e beleza e com tal penetração em todos sentidos humanos, que eram absorvidos a ponto de se esquecer da própria existência, e então eu caí de joelhos aos pés de dom Cagliero, exclamando:

– Oh, Cagliero! Nós estamos no paraíso!

Dom Cagliero me tomou pela mão e me respondeu:

– Não é o paraíso, é uma simples, uma debilíssima figura disso que na realidade será no paraíso.

No entanto, as vozes dos dois grandiosos coros prosseguiram unânimes, e cantavam com inexprimível harmonia:

– *Só a Deus honra e glória
e triunfo, aleluia,
para sempre, para sempre.*¹⁰⁵

Aqui me esqueci de mim mesmo e não sei mais o que aconteceu.

De manhã custava a levantar-me do leito. Só pude dar-me conta de mim mesmo quando fui celebrar a santa missa.¹⁰⁶

O pensamento principal que me ficou impresso depois deste sonho foi de dar a dom Cagliero e aos meus caros missionários um aviso de suma importância com relação à sorte futura de nossas missões:

– Todas as solicitudes dos salesianos e das Irmãs de Maria Auxiliadora sejam voltadas para promover as vocações eclesíásticas e religiosas.¹⁰⁷

De Santiago a Pequim

Na noite de 9 para 10 de abril de 1886, Dom Bosco teve um novo sonho missionário, que contou ao padre Rua, ao padre Branda e a Viglietti com voz às vezes interrompida pelos soluços. Viglietti o escreveu logo depois e por ordem sua enviou uma cópia ao padre Lemoyne, para que fosse lido a todos os superiores do Oratório e servisse de encorajamento geral. Advertia o secretário: “Isto, porém, é apenas o rascunho de

¹⁰⁵ *Soli Deo honor et gloria, et triumphus, alleluia, in aeternum in aeternum!*

¹⁰⁶ Todas as vezes que, contando, repetia aquelas palavras, “Viva! Triunfo!”, a voz de Dom Bosco, tomava um acento tão vibrado, que fazia estremecer. Quando depois por fim nomeou seu querido dom Cagliero, suspendeu por um instante a narração, um soluço lhe truncou a palavra e seus olhos se encheram de lágrimas (cf. MB XVII, p. 305).

¹⁰⁷ Veja-se sonho semelhante a este, sobre a expansão das missões salesianas no mundo em MB XVII, p. 643-645.

uma magnífica e longuíssima visão”. O texto que nós publicamos é de Viglietti, mas um pouco retocado na forma pelo padre Lemoyne para tornar mais correta a dicção.

Dom Bosco se encontrava nas vizinhanças de Castelnuovo sobre a colina assim chamada Bricco del Pino, próxima do vale Sharnau. Lá de cima lançava um olhar, mas não lhe era dado ver senão um bosque cerrado, espelhado por toda parte, antes coberto de uma quantidade incontável de pequenos cogumelos.

– Mas isso – dizia Dom Bosco – é o condado de Giuseppe Rossi:¹⁰⁸ bem que deveria estar aqui!

E de fato depois de algum tempo avistou Rossi, o qual, todo sério, estava olhando de uma colina ao longe os vales lá embaixo. Dom Bosco o chamou, mas ele não respondeu senão com um olhar de quem está preocupado com alguma coisa.

Voltando-se para a outra parte, Dom Bosco viu também padre Rua ao longe, o qual, do mesmo modo que Rossi, estava assentado com toda seriedade, tranquilamente, quase repousando.

Dom Bosco chamava a ambos, mas eles, silenciosos, não respondiam nem mesmo com gestos.

Então desceu daquela colina e caminhando chegou a outra, de cujo cimo avistava uma selva, mas cultivada e percorrida por estradas e veredas. De lá deu uma olhada em torno, dirigiu o olhar para o fundo, para o horizonte. Mas, mais que os olhos, feriu seu ouvido pelo burburinho de uma turba inumerável de meninos.

Apesar de tudo quanto fizesse para descobrir de onde vinha aquele rumor, não via nada. Então àquele burburinho sucedeu uma gritaria como ao sobrevir alguma catástrofe. Finalmente viu uma imensa quantidade de juvenzinhos, os quais, correndo em torno dele, lhe diziam:

– Esperamos tanto por você, esperamos tanto, mas finalmente você chegou. Está entre nós e não há de fugir!¹⁰⁹

Dom Bosco não entendia nada e pensava que coisas aqueles meninos realmente quisessem dele. Mas, enquanto estava como atônito no meio deles a contemplá-los, via um imenso rebanho de cordeiros guiados por uma pastorinha, a qual, separados os

¹⁰⁸ Brincando, Dom Bosco o tinha feito conde daquela terra.

¹⁰⁹ Como escreve padre Rabbagliati, em Valparaíso, no dia da chegada dos salesianos, mais de duzentos meninos corriam atrás deles gritando: “Finalmente chegaram nossos padres! Oh, que prazer! Amanhã poderemos ir para a escola”. Vendo e ouvindo estas coisas, os salesianos pensavam em quanto tinham lido no sonho, tanto o fato correspondia à predição (Rabbagliati-Bosco, 14 de maio de 1875). Conta o *Bollettino*, de setembro de 1877, que quando dom Cagliero e monsenhor Fagnano chegaram a Santiago, ao visitar um orfanato, ouviram um órfão que leu estas palavras: “São dois anos que choramos e rezamos para que Dom Bosco nos dê um pai”. Monsenhor Fagnano, entretendo-se com os meninos, falou com alguns mais simples que lhe diziam: “As meninas têm mãe (aludiam às irmãs), mas nós não podemos ter um pai. Nosso pai é Dom Bosco, mas até agora não chegou” (citado em MB XVIII, p. 74-75).

jovens e as ovelhas e colocados uns de uma parte e as outras da outra, parou junto de Dom Bosco e lhe disse:

– Viu quanto está à sua frente?

– Sim, vejo – respondeu Dom Bosco.

– Pois bem, recorda-se do sonho que teve na idade de 10 anos?

– Oh! É muito difícil que me lembre dele. Tenho a mente cansada. No momento não recordo mais bem.

– Bem, bem, pense e se lembrará dele.

Depois, tendo feito que os jovens viessem para junto de Dom Bosco, disse-lhe:

– Agora, olhe deste lado, lance o seu olhar. Lançam-no vocês todos, e leiam o que está escrito... Bem, o que você vê?

– Vejo montanhas, depois o mar, depois colinas e de novo montanhas e mares.

– Leio: Valparaíso – dizia um menino.

– Eu leio: Santiago – dizia outro

– Eu leio as duas coisas – retornava um terceiro.

– Pois bem – continuou a pastorinha –, parta agora daquele ponto e terá uma norma de quanto os salesianos deverão fazer para o futuro. Volte-se agora para esta outra parte, trace uma linha visual e olhe.

– Vejo montanhas, colinas e mares!

E os jovens aguçavam o olhar e exclamaram em coro:

– Lemos: Pequim.

Dom Bosco viu então uma grande cidade. Ela era atravessada por um largo rio sobre o qual tinham lançado algumas grandes pontes.

– Pois bem – disse a moça que parecia a mestra deles –, agora trace uma linha de uma extremidade à outra, de Pequim a Santiago. Faça nela um centro no meio da África e terá uma ideia exata de quanto devem fazer os salesianos.

– Mas como fazer tudo isso? – exclamou Dom Bosco. – As distâncias são imensas, os lugares difíceis e os salesianos poucos.

– Não se perturbe. Seus filhos farão isso, os filhos de seus filhos e dos filhos deles; mas devem ficar na observância das regras e no espírito da Pia Sociedade.

– Mas de onde ter tanta gente?

– Venha aqui e veja. Vê lá cinquenta missionários prontos? Mais para lá vê outros e outros ainda? Trace uma linha de Santiago ao centro da África. O que você vê?

– Vejo dez centros de parada.

– Pois bem, estes centros que você vê formarão estudantado e noviciado e darão uma multidão de missionários para prover a estas regiões. E agora volte-se para esta outra parte. Aqui vê dez outros centros do meio da África até Pequim. E também estes centros fornecerão os missionários a todas essas outras regiões. Lá está Hong Kong, lá Calcutá, mais para lá Madagascar. Estes e mais outros terão casas, estudantados e noviciados.

Dom Bosco escutava, olhando e examinando. Depois disse:

– E onde encontrar tanta gente, e como enviar missionários àqueles lugares? Lá estão os selvagens que se nutrem de carne humana; lá estão os hereges, lá os perseguidores, e como fazer?

– Olhe – respondeu a pastorinha –, ponha-se de boa vontade. Há uma só coisa a fazer: recomendar que meus filhos cultivem constantemente a virtude de Maria.

– Sim, sim, parece-me que entendi. Pregarei suas palavras a todos.

– E evitando o erro agora em vigor, que é a mistura daqueles que estudam as artes humanas com aqueles que estudam as artes divinas, porque a ciência do céu não quer ser misturada com as coisas da terra.

Dom Bosco queria falar, mas a visão desapareceu. O sonho tinha acabado.¹¹⁰

Visita às casas salesianas em companhia do padre Cafasso¹¹¹

Como Dom Bosco narrou dia 24 de outubro de 1887, numa das noites seguintes ele viu em sonho padre Cafasso, com o qual visitou todas as casas da congregação, inclusive as da América. Verificou as condições de cada uma e o estado dos indivíduos especificamente. Infelizmente lhe faltaram forças para contar os particulares do que tinha visto.

¹¹⁰ Cf. MB XVIII, p. 71-74.

¹¹¹ Cf. MB XVIII, p. 64.

Capítulo 3

Sonho sobre a pedagogia salesiana

Carta de Roma de 1884

Não basta amar...¹¹²

Aos poucos Dom Bosco fora se afastando do contato direto com a realidade do Oratório de Turim. Por um lado, seus incômodos de saúde tinham-no obrigado algumas vezes a permanecer por meses fora da cidade.

A isso se acrescentem as viagens a Roma – para cuidar dos interesses da congregação –, a diversas outras cidades da Itália e à França – especialmente a viagem triunfal a Paris, em 1883.

Sem esquecer que fora escolhido pelo governo italiano para mediador na questão com a Santa Sé sobre a nomeação de novos bispos, o que lhe tomara muito tempo.

Com isso, foram se introduzindo no Oratório maneiras de fazer que não correspondiam mais aos ideais e à praxe do Fundador. O Oratório de São Francisco de Sales de Turim – chamado também de Instituto Bosco pelas autoridades escolares – passava por uma crise muito séria.

Na primavera de 1884 – precisamente de 14 de abril a 14 de maio – encontrava-se em Roma. Recorreu à ajuda do padre Lemoyne, que o acompanhava, para escrever aos jovens e aos salesianos da casa.

Padre Lemoyne é o redator das cartas.¹¹³ Padre Rua, usando da liberdade concedida por Dom Bosco, ajustou cá e lá seu texto.

¹¹² Cf. MB XVII, p. 107-114.

¹¹³ Padre Lemoyne era um bom escritor de peças teatrais. Lendo-se a Carta de Roma como se fosse uma peça de teatro, mais do que uma carta, fica muito mais fácil penetrar em seus conteúdos. Padre Giovanni Battista Lemoyne (1839-1916), nascido em Gênova, foi ordenado sacerdote em 1862. Em 1864 foi para Turim e no ano seguinte já era salesiano. De 1865 a 1877 dirigiu o colégio de Lanzo. De 1877 a 1883 foi diretor espiritual do instituto das FMA. Foi depois para Turim, como secretário do Capítulo Superior e redator do *Boletim Salesiano*. Publicou também uma vida de Dom Bosco em dois volumes. Mas a obra que verdadeiramente o tornou conhecido foram as *Memórias biográficas* de Dom Bosco. Padre Lemoyne pôde publicar em vida até o volume oitavo. O nono volume é póstumo. Padre Eugenio Ceria e padre Angelo Amadei concluíram seu trabalho. Tudo foi possível porque ele preparara o trabalho com 45 grossos volumes de *Documenti*, fonte inexaurível para conhecer a vida e o pensamento do Fundador.

A carta aos jovens permaneceu esquecida até sua publicação por Pietro Braidó. Somente em 1920 encontramos, na documentação oficial da Congregação Salesiana, um aceno à carta de Dom Bosco aos salesianos do Oratório de Turim.¹¹⁴

Depois de ter recomendado a leitura do pequeno tratado sobre o Sistema Preventivo, de 1877, padre Albera evoca um ponto essencial contido na Carta de Roma: é preciso saber amar os jovens.

Hoje a Carta de Roma está cada vez mais presente na vida da Família Salesiana e de seus colaboradores.

Por motivos didáticos, preferimos publicar as duas cartas em colunas paralelas. Com isso se evidenciam as partes da carta aos salesianos que não correspondem à carta aos jovens. Assim, os conceitos pedagógicos de Dom Bosco são imediatamente captados.

<p><i>Carta aos jovens do Oratório de Turim-Valdocco (1884)</i></p> <p>Roma, 10 de maio de 1884</p> <p>Meus caríssimos filhos em Jesus Cristo.</p> <p>Perto ou longe, eu penso em vocês. Meu único desejo é ver vocês felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento, esse desejo me levaram a escrever-lhes esta carta. Sinto, meus caros, o peso de estar longe de vocês, e o fato de não vê-los nem ouvi-los me aflige como vocês não podem imaginar. Por isso eu desejava escrever-lhes estas linhas uma semana atrás, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem os ama ternamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-lhes com a liberdade de um pai. E vocês mo permitirão, não é verdade? E me prestarão atenção e colocarão em prática o que vou dizer.</p>	<p><i>Carta aos salesianos do Oratório de Turim-Valdocco (1884)</i></p> <p>Meus caríssimos filhos em J. C.</p> <p>Perto ou longe, eu penso sempre em vocês. Meu único desejo é ver vocês felizes no tempo e na eternidade. Esse pensamento, esse desejo me levaram a escrever-lhes esta carta. Sinto, meus caros, o peso de estar longe de vocês, e o fato de não vê-los nem ouvi-los me aflige como vocês não podem imaginar. Por isso eu desejava escrever-lhes estas linhas uma semana atrás, mas as contínuas ocupações me impediram. Todavia, embora faltem poucos dias para minha volta, quero antecipar minha chegada ao menos por carta, já que não posso fazê-lo pessoalmente. São palavras de quem os ama ternamente em Jesus Cristo e tem obrigação de falar-lhes com a liberdade de um pai. E vocês mo permitirão, não é verdade? E me prestarão atenção e porão em prática o que vou dizer.</p>
---	--

¹¹⁴ *Letere circolari di Don Paolo Albera ai salesiani*. Turim, Direzione Generale delle Opere Salesiane, 1965, p. 339-342.

Afirmei que vocês são o único e contínuo pensamento de minha mente. Pois bem, numa das noites passadas havia me recolhido ao quarto e, enquanto me dispunha a ir repousar, tinha começado a rezar as orações que me ensinou minha boa mãe. Nesse momento, não sei bem se tomado pelo sono, ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver diante de mim dois dos antigos jovens do Oratório.

Um deles aproximou-se e tendo me saudado afetuosamente me disse:

– Ó Dom Bosco, não me conhece?

– Sim que te conheço – respondi.

– E lembra-se ainda de mim? – acrescentou.

– De ti e de todos os outros. Tu és Valfré e estava no Oratório antes de 1870.

– Diga – continuou Valfré –, quer ver os jovens que estavam no Oratório nos meus tempos?

– Sim. Mostra-me – respondi –, isso me dará muito prazer.

E Valfré me mostrou os jovens todos com as mesmas feições, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena toda de vida, toda movimento, toda alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui se brincava de rã, lá de barra comprida, ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre que lhes contava uma estória. Noutro, um clérigo no meio dos jovens brincava de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se clérigos e padres, e ao redor deles jovens que gritavam alegremente. Via-se que

Afirmei que vocês são o único e contínuo pensamento de minha mente. Pois bem, numa das noites passadas, havia me recolhido ao quarto, e, enquanto me dispunha a repousar, tinha começado a rezar as orações que me ensinou minha boa mãe. Nesse momento, não sei bem se tomado pelo sono ou fora de mim por uma distração, pareceu-me ver diante de mim dois dos antigos jovens do Oratório.

Um deles aproximou-se e, tendo me saudado afetuosamente, me disse:

– Dom Bosco, não me conhece?

– Se te conheço – respondi.

– E lembra-se ainda de mim? – acrescentou.

– De ti e de todos os outros. Você é Valfré e estava no oratório antes de 1870.

– Diga – continuou Valfré –, quer ver os jovens que estavam no Oratório nos meus tempos?

– Sim, mostra-me – respondi –, isso me dará muito prazer.

E Valfré me mostrou os jovens todos com as mesmas feições, estatura e idade daquele tempo. Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena toda de vida, toda movimento, toda alegria. Quem corria, quem pulava, quem fazia pular. Aqui se brincava de rã, lá de barra comprida, ou com bola. Num lugar uma roda de jovens pendia dos lábios de um padre que lhes contava uma estória. Noutro, um clérigo no meio de outros meninos brincava de burro voa e de jerônimo. Cantava-se, ria-se por todos os cantos e em toda parte encontravam-se padres e clérigos, e ao redor deles jovens brincando e gritando

entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade. Eu estava encantado com esse espetáculo e Valfré me disse:

– Veja, a familiaridade traz o afeto e o afeto produz confiança na confissão e fora da confissão.

Naquele instante aproximou-se de mim o outro meu antigo aluno, que tinha a barba toda branca, e me disse:

– Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório?

Este era José Buzzetti.

– Sim – respondi –, pois faz já um mês que não os vejo mais.

E apontou-os para mim. Vi o Oratório e todos vocês que faziam recreio. Mas não mais ouvia gritos e cânticos, não mais via aquele movimento, aquela vida como na primeira cena.

Nos atos e no rosto de muitos de vocês se lia um cansaço, um enfado, uma cara feia, uma desconfiança que dava pena ao meu coração. Vi, é verdade, muitos que corriam, brincavam, se agitavam com

alegremente.¹¹⁵ Via-se que entre jovens e superiores reinavam a maior cordialidade e a maior confiança. Eu estava encantado com o espetáculo. Valfré me disse:

– Veja, a familiaridade gera o afeto e o afeto produz confiança. Isso é que abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem temor aos mestres, assistentes e superiores. Tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão e se prestam docilmente a tudo o que porventura lhes mandar aquele de quem têm certeza de serem amados.

Naquele instante aproximou-se de mim o outro meu antigo aluno, que tinha a barba toda branca, e me disse:

– Dom Bosco, quer conhecer e ver agora os jovens que atualmente estão no Oratório?

(Era José Buzzetti.)

– Sim – respondi –, porque há já um mês que não os vejo.

E apontou-os para mim: vi o Oratório e todos vocês no recreio. Mas já não ouvia gritos de alegria e cantos, não via o movimento e a vida da cena anterior.

Nos modos e nos rostos de muitos jovens lia-se enfado, cansaço, mau humor, desconfiança, que me faziam sofrer o coração. Vi, é verdade, muitos a correr, brincar, agitar-se, com

¹¹⁵ Nós aqui na casa suportamos todo capricho, toda criança, todo desgosto, mas nunca a ofensa de Deus. Alguém dará um empurrão num companheiro, dirá uma palavra de insubordinação, terá descuidado os seus deveres: caso se veja que está arrependido, não se leva mais em conta a falta. Mas quando entrassem a ofensa de Deus, a sedução, então é uma chaga que para ser curada precisa cortar toda a parte podre. Evitem pois causar este desgosto aos seus superiores, e especialmente a Deus (cf. MB XII, p. 585).

feliz despreocupação, mas outros, não poucos, eu os via estar sozinhos, apoiados às colunas, tomados por pensamentos não confortadores; outros pelas escadas e nos corredores para escapar do recreio; outros passeavam em grupo falando a meia-voz entre eles e dando olhadas suspeitosas e malignas em redor: até entre aqueles que brincavam havia alguns com tão pouca vontade, que faziam ver claramente como não experimentavam prazer nos divertimentos. Raros se viam entre os jovens os clérigos e os padres.

Vários jovens procuravam cuidadosamente afastar-se dos mestres e dos superiores.

feliz despreocupação, mas muitos outros estavam sós, encostados às colunas, dominados por pensamentos desalentadores; encontravam-se outros pelas escadas e nos corredores ou na sacada do jardim para evitar o recreio comum; outros passeavam lentamente em grupo falando em voz baixa, lançando ao derredor olhares desconfiados e maliciosos. Sorriam de vez em quando, mas com um sorriso acompanhado de olhares que faziam suspeitar que São Luís haveria de corar se andasse em tal companhia; mesmo entre os que brincavam alguns havia tão enfarados que mostravam claramente não achar nenhum gosto nos divertimentos.

– Viu seus jovens? – perguntou-me o ex-aluno.

– Vejo-os – respondi suspirando.

– Como são diferentes do que éramos nós em nosso tempo! – exclamou o ex-aluno.

– É pena! Quanta falta de vontade nesse recreio!

– Daí é que vêm a frieza de tantos meninos na frequência dos santos sacramentos, o desleixo das práticas de piedade na igreja e fora, o estar de má vontade num lugar onde a Divina Providência os cumula de todo bem para o corpo e para a alma, para a inteligência. Daí não corresponderem muitos à sua vocação; daí a ingratidão para com os superiores; daí os segredinhos e as murmurações; com todas as demais deploráveis consequências.

– Compreendo, entendo – respondi.
– Mas como reanimar estes meus caros

jovens para que retomem as antigas vivacidade, alegria, expansão?

– Com o amor!

– Com o amor? Mas meus jovens não são bastante amados? Sabes quanto os amo. Sabes quanto por eles sofri e tolerei no decorrer de bem quarenta anos, e quanto suporte e sofro mesmo agora. Quantas privações, quantas humilhações, quantas oposições, quantas perseguições para dar-lhes pão, casa, professores e especialmente para garantir-lhes a salvação da alma. Fiz tudo quanto soube e pude por eles, que são o amor de toda a minha vida.

– Não falo do senhor!

– De quem, então? Dos que me fazem as vezes? Dos diretores, prefeitos, professores, assistentes? Não vê como são mártires do estudo e do trabalho? Como consomem sua juventude por aqueles que a Divina Providência lhes confiou?

– Vejo, sei perfeitamente, mas isso não basta. Falta o melhor.

– Que é que falta, então?

– Que os jovens não somente sejam amados, mas que eles próprios saibam que são amados.

– Mas afinal não têm olhos? Não têm a luz da inteligência? Não veem que tudo o que por eles se faz é por amor deles?

– Não – repito –, isso não basta.

– Que é preciso então?

– Que sendo amados nas coisas que lhes agradam, com participar em suas inclinações infantis, aprendam a ver o amor nas coisas que naturalmente pouco lhes agradam, como a disciplina, o estudo,

<p>Os superiores não eram mais a alma dos recreios.</p> <p>Eu então perguntei ao meu amigo de barba branca:</p> <p>– Parecem-te melhores os jovens de agora ou os de uma vez?</p> <p>Respondeu-me:</p> <p>– O número dos jovens bons mesmo no tempo presente é muito grande no Oratório.</p> <p>– Mas por que tanta diferença entre os jovens de uma vez e os jovens de agora?</p> <p>– Causa de tanta diversidade é que um certo número de jovens não tem confiança nos superiores.</p> <p>Antigamente os corações estavam todos abertos para com os superiores, que os jovens amavam e a quem obedeciam prontamente. Recorda-se bem daqueles belos anos quando o senhor Dom Bosco podia entreter-se continuamente conosco?</p>	<p>a mortificação de si mesmos; e aprendam a fazer essas coisas com entusiasmo e amor.</p> <p>– Explica-te melhor.</p> <p>– Observe os jovens no recreio.</p> <p>Observei e respondi:</p> <p>– E que há de especial para ver?</p> <p>– Há já tantos anos que vive a educar os jovens e não entende? Olhe melhor! Onde estão os nossos salesianos?</p> <p>Observei e vi que bem poucos padres e clérigos se misturavam com os jovens e bem menos ainda eram os que tomavam parte em seus divertimentos</p> <p>Os superiores já não eram a alma do recreio. A maior parte deles passeava conversando entre si, sem ligar ao que faziam os alunos. Outros olhavam o recreio sem se preocupar absolutamente com os jovens. Outros vigiavam, mas tão de longe que não poderiam perceber se os jovens cometiam alguma falta. Um ou outro avisava, mas em atitude ameaçadora e bem de raro.</p> <p>Ainda havia um ou outro salesiano que gostaria de intrometer-se no meio dos jovens. Vi, porém, que estes procuravam propositadamente afastar-se dos professores e superiores.</p> <p>Então meu amigo continuou:</p> <p>– Nos velhos tempos do Oratório o senhor não estava sempre no meio dos jovens, especialmente na hora do recreio? Lembra aqueles belos anos? Era um santo alvoroço, um tempo que lembramos</p>
--	--

Era um tripúdio do paraíso, e nós não tínhamos segredos para com o senhor.

Mas agora os superiores são considerados como superiores, e não mais como pais, irmãos e amigos. São, pois, temidos e pouco amados. Por isso, caso se queira fazer um só coração e uma só alma por amor de Jesus é necessário que se rompa a barreira fatal da desconfiança e no lugar desta entre a confiança cordial. Que, pois, a obediência guie o aluno, como a mãe guia o seu menininho. Então reinarão no Oratório a paz e a antiga alegria.

sempre com saudade, porque o afeto é que nos servia de regra, e nós não tínhamos segredos para o senhor.

– Certamente. Tudo então era alegria para mim. Os jovens corriam ao meu encontro, para falar-me; ansiavam por ouvir meus conselhos e pô-los em prática. Veja, porém, que agora as contínuas audiências, os muitos afazeres e minha saúde não o permitem.

– Está bem, mas se o senhor não pode por que seus salesianos não o imitam? Por que não insiste, não exige que tratem os jovens como o senhor os tratava?

– Eu falo, canso-me de falar, entretanto muitos não se sentem dispostos a enfrentar os trabalhos como outrora.

– E então descuidando o menos perdem o mais, e esse mais são seus trabalhos. Amem o que agrada aos jovens e os jovens amarão o que aos superiores agrada. E assim ser-lhes-á fácil o trabalho. A causa da mudança atual no Oratório é que bom número de jovens não tem confiança nos superiores. Antigamente os corações estavam todos abertos aos superiores, a quem os jovens amavam e obedeciam prontamente.

Mas agora os superiores são considerados como superiores e não como pais, irmãos e amigos; são, pois, temidos e pouco amados. Por isso, caso se queira fazer um só coração e uma só alma por amor de Jesus, é preciso que se rompa a barreira fatal da desconfiança e no lugar desta entre a confiança cordial. Que, pois, a obediência guie o aluno, como a mãe guia o seu filhinho; reinarão então no Oratório a paz e a antiga alegria.

– Como, portanto, fazer para romper esta barreira?

– A ti e aos teus eu digo: Jesus Cristo se fez pequeno com os pequenos e carregou nossas fraquezas. Ele não quebrou o caniço já rachado, nem apagou a lanterna que fumegava. Eis o vosso modelo.

– Como fazer então para romper esta barreira?

– Familiaridade com os jovens especialmente no recreio. Sem familiaridade não se demonstra afeto e sem essa demonstração não pode haver confiança. Quem quer ser amado deve demonstrar que ama.

Jesus Cristo fez-se pequeno com os pequenos e carregou nossas fraquezas. Aí está o mestre da familiaridade!

O professor visto apenas na cátedra é professor e nada mais, mas se está no recreio com os jovens torna-se irmão.

– Se alguém é visto somente a pregar do púlpito, dir-se-á que está fazendo apenas o próprio dever; mas se diz uma palavra no recreio é palavra de alguém que ama. Quantas conversões não provocaram algumas palavras suas ditas ocasionalmente aos ouvidos de um jovem enquanto brincava! Quem sabe que é amado ama; e quem é amado alcança tudo especialmente dos jovens. A confiança estabelece uma corrente elétrica entre os jovens e os superiores. Os corações se abrem e dão a conhecer suas necessidades e manifestam seus defeitos. Esse amor faz os superiores suportarem canseiras, aborrecimentos, ingratidões, desordens, faltas e negligências dos meninos. Jesus Cristo não quebrou a cana já partida, nem apagou a mecha que fumeja. Eis o modelo de vocês. Então não se verá ninguém mais trabalhar apenas por vanglória; punir somente para satis-

fazer o amor-próprio ofendido, retirar-se do campo da vigilância tão somente por ciúme de temida preponderância alheia; murmurar dos outros querendo ser estimado e querido pelos jovens, com exclusão de todos os demais superiores, ganhando nada mais que desprezo e falsas manifestações de carinho; deixar-se roubar o coração por uma criatura e, para fazer-lhe corte, descuidar todos os outros meninos; por amor da própria comodidade julgar de somenos importância o dever importantíssimo da vigilância; por vão respeito humano deixar de advertir quem deve ser advertido. Se houver esse verdadeiro amor, não se haverá de procurar senão a glória de Deus e a salvação das almas. Se vier a definharem, então é que as coisas já não irão bem. Por que se quer substituir à caridade a frieza de um regulamento? Por que se afastam os superiores da maneira de educar que Dom Bosco ensinou? Por que ao sistema de prevenir com a vigilância e amorosamente as desordens se vai substituindo pouco a pouco o sistema, menos pesado e mais cômodo para quem manda, de impor leis que se mantêm com castigos, acendem ódios e geram desgostos, e se não se cuida de as fazer observar geram desprezo aos superiores e causam gravíssimas desordens? É o que acontece necessariamente se falta familiaridade. Se se quiser, pois, que o Oratório volte à antiga felicidade, reponha-se em vigor o antigo sistema. O superior seja tudo para todos, sempre disposto a ouvir qualquer dúvida ou queixa dos jovens, todo olhos para vigiar-lhes paternalmente a conduta, todo coração para procurar o bem espiritual e temporal dos que a Providência lhe confiou. Então já não haverá corações fechados e não se alastrarão mais certos segredinhos que acabam matando.

Somente em caso de imoralidade os superiores sejam inexoráveis. É melhor correr perigo de expulsar de casa um inocente que conservar um escandaloso. Os assistentes considerem gravíssimo dever de consciência relatar aos superiores tudo o que souberem ser de algum modo ofensa de Deus.

Então indaguei:

– Qual é o meio mais indicado para que reinem essa familiaridade, esse amor e essa confiança?

– A observância exata das regras da casa.

– E nada mais?

– O melhor prato de um jantar é o bom humor.

Enquanto meu antigo aluno acabava de falar e eu continuava a observar com vivo desprazer o recreio, pouco a pouco senti-me abatido por grande canseira, que ia crescendo cada vez mais. E chegou a tal ponto que, não podendo mais resistir, estremei e acordei.

Encontrei-me de pé junto à cama. As pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia ficar de pé. A hora já ia muito adiantada, de modo que me deitei resolvido a escrever estas linhas a meus filhos.

Desejo não ter sonhos assim, por que me cansam demais. No dia seguinte sentia-me todo moído e não via a hora de descansar na próxima noite. Eis, porém, que, apenas me deitei, o sonho recomeçou. Reapareceram o pátio, os jovens que atualmente estão no Oratório e o mesmo aluno do Oratório. Comecei a interrogá-lo.

– E aos jovens?

– Que eles reconheçam quanto os superiores, os mestres, os assistentes se cansam e estudam por amor deles, porque se não fosse para o bem deles não se sujeitariam a tantos sacrifícios; que se lembrem de que a humildade é fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros porque no mundo não se encontra nunca a perfeição, mas só no paraíso; que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus não tem paz consigo, não tem paz com os outros.

– E tu me dizes então que há entre os meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

– Esta é a primeira causa do mau humor, entre as outras que tu sabes, às quais debes remediar, e que não é necessário que agora te diga. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos para guardar, senão quem teme que estes segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que lhe adviriam vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, irrequieto, não suporta a obediência, se irrita por nada, parece-lhe que tudo vai mal, e porque ele não tem amor julga que os superiores não o amam.

– No entanto, meu caro, não vêes quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

– Comunicarei aos salesianos o que me dissera; mas que devo dizer aos jovens do Oratório?

Respondeu-me:

– Que reconheçam quanto os superiores, mestres e assistentes se cansam e estudam por amor deles, pois se não fosse pelo bem deles não se haviam de sujeitar a tantos sacrifícios. Que se lembrem de que a humildade é a fonte de toda tranquilidade; que saibam suportar os defeitos dos outros, porque no mundo não se encontra nunca a perfeição, mas somente no paraíso. Que deixem de murmurar, porque as murmurações esfriam os corações; e sobretudo que procurem viver na santa graça de Deus. Quem não tem paz com Deus não tem paz consigo, não tem paz com os outros.

– E você me diz então que há entre meus jovens alguns que não estão em paz com Deus?

– Entre as causas do mal-estar que o senhor conhece e não vou recordar agora, e às quais deve pôr remédio, esta é a principal. Com efeito, não desconfia senão quem tem segredos a guardar, senão quem teme que tais segredos venham a ser conhecidos, porque sabe que isso lhe trará vergonha e desgraça. Ao mesmo tempo, se o coração não está em paz com Deus, fica angustiado, irrequieto, não suporta a obediência, irrita-se por nada, parece-lhe que tudo vai mal. E porque ele não tem amor julga que os superiores não o amam.

– Entretanto, meu caro, não vêes quanta frequência de confissões e comunhões há no Oratório?

– É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta radicalmente em tantos juvenzinhos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre as mesmas faltas, as mesmas ocasiões próximas, os mesmos hábitos, as mesmas desobediências, o mesmo descuido dos deveres. Assim se vai adiante por meses e meses, e também por vários anos. São confissões que valem pouco ou nada; portanto não trazem paz. E se um juvenzinho fosse chamado naquele estado ao tribunal de Deus seria um negócio bem sério.

– E desses há muitos no Oratório?

– Poucos em comparação com o grande número dos juvenzinhos que há na casa. Observa-os – e os mostrava.

Eu olhei; e vi tais juvenzinhos um por um. Mas nestes poucos vi coisas que amarguraram profundamente meu coração. Não quero colocá-las no papel, mas quando voltar quero expô-las a cada um a que se referem. Aqui somente lhes direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções; propor não com as palavras mas com os fatos e fazer que os Comollo, os Domingos Sávio, os Besucco e os Saccardi vivam ainda entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

– Não tens mais nada para me dizer?

– Prega a todos, grandes e pequenos, que se recordem sempre que são filhos de Maria Santíssima Auxiliadora. Que Ela mesma os reuniu aqui para que se amassem como irmãos e para que dessem glória a Deus e a Ela com seu bom comportamento. Que se recordem de que

– É verdade que é grande a frequência das confissões, mas o que falta radicalmente em muitos juvenzinhos que se confessam é a firmeza nos propósitos. Confessam-se, mas sempre das mesmas faltas, das mesmas ocasiões próximas, dos mesmos maus hábitos, das mesmas desobediências, dos mesmos descuidos dos deveres. E vai-se assim para a frente por meses e meses, e também por vários anos e alguns chegam assim até o fim do curso secundário. São confissões que pouco ou nada valem; conseqüentemente não trazem a paz. E se um juvenzinho fosse chamado nesse estado ao tribunal de Deus que desgraça não seria.

– E há muitos assim no Oratório?

– Poucos em comparação com o grande número de juvenzinhos que se encontram em casa. Veja. E apontava.

Olhei e vi os tais juvenzinhos um por um. Nesses poucos, porém, vi coisas que amarguraram profundamente o meu coração. Não quero pô-las no papel, mas quando voltar quero contar a cada um dos interessados. Aqui apenas lhes direi que é tempo de rezar e de tomar firmes resoluções. Tomar propósitos não com palavras, mas com fatos, e demonstrar que os Comollo, os Domingos Sávio, os Besucco e os Saccardi vivem ainda entre nós.

Perguntei por fim ao meu amigo:

– Não tem mais nada para me dizer?

– Pregue a todos, grandes e pequenos, que se recordem sempre que são filhos de Maria Santíssima Auxiliadora. Que Ela mesma os reuniu aqui para tirá-los dos perigos do mundo, para que se amassem como irmãos, e para que dessem glória a Deus e a Ela, com o bom procedimento.

estão na vigília da festa de sua Santíssima Mãe, e que com sua ajuda deve cair aquela barreira de desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores e da qual sabe aproveitar-se para a ruína de certas almas.

Enquanto o amigo falava, eu pouco a pouco sentia crescer em mim um cansaço que me oprimia. Não podendo mais resistir me sacudi e voltei a mim.

Achei-me de pé, perto da cama. Minhas pernas estavam tão inchadas e me doíam tanto que não podia estar de pé. A hora era muito tarde e portanto fui me deitar, resolvido a escrever a vocês, ó meus caros filhos, estas linhas. Muitas outras coisas importantíssimas que eu vi, desejaria ainda narrar a vocês, mas o tempo e a conveniência não mo permitem.

Concluo. Sabem o que deseja de vocês este pobre velho que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do antigo Oratório. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores; os dias do espírito de condescendência e de tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com os outros; os dias dos corações abertos com toda simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Preciso que vocês me consolem

Que é Nossa Senhora que lhes providencia pão e outros meios para estudar mediante graças e portentos.

Lembrem-se de que estão na vigília da festa de sua Mãe Santíssima, e que com sua ajuda deve cair aquela barreira de desconfiança que o demônio soube erguer entre jovens e superiores, e da qual sabe aproveitar-se para ruína de certas almas.

– E conseguiremos destruir essa barreira?

– Sim, certamente, contanto que grandes e pequenos estejam dispostos a sofrer alguma pequena mortificação por amor de Maria e ponham em prática o que eu disse.

Entrementes, eu continuava a olhar meus juvenzinhos; ante o espetáculo dos que via encaminhar-se para a eterna perdição, senti tamanho aperto no coração que acordei.

Muitas coisas importantíssimas que eu vi, gostaria de contar a vocês, mas o tempo e as conveniências não permitem.

Vou concluir. Sabem o que deseja de vocês este pobre velho que gastou toda a vida por seus caros jovens? Nada mais que, feitas as devidas proporções, retornem os dias felizes do antigo Oratório. Os dias do afeto e da confiança cristã entre jovens e superiores. Os dias do espírito de condescendência e tolerância por amor de Jesus Cristo de uns para com os outros. Os dias dos corações abertos com toda simplicidade e candura; os dias da caridade e da verdadeira alegria para todos. Tenho necessidade

dando-me a esperança e a promessa de que vocês farão tudo o que desejo para o bem de suas almas. Vocês não conhecem suficientemente qual fortuna é a de haverem sido acolhidos no Oratório. Diante de Deus lhes declaro: basta que um jovem entre numa casa salesiana para que a Virgem Santíssima o tome imediatamente sob a sua especial proteção.

Coloquemo-nos, pois, todos de acordo. A caridade de quem manda, a caridade de quem obedece façam reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales.

Ó meus caros filhos, aproxima-se o tempo em que deverei me separar de vocês e partir para a minha Eternidade (a este ponto Dom Bosco deixou de ditar, os olhos se lhe encheram de lágrimas, não de desgosto, mas de inefável ternura, que transparecia de seu olhar e do som da voz. Depois de alguns instantes continuou), portanto, eu desejo deixar vocês, ou padres, ou clérigos, ou jovens caríssimos, naquele caminho do Senhor no qual Ele próprio os deseja.

Para tal fim o Santo Padre, que vi sexta-feira, 9 de maio, lhes manda de todo o coração sua bênção. No dia da festa de Maria Santíssima Auxiliadora estarei com vocês diante da imagem de nossa amorosíssima Mãe. Quero que esta grande festa se celebre com toda solenidade e padre Lazzero e padre Marchisio¹¹⁶ providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Seu afeçoadíssimo amigo em Jesus Cristo,

Sac. João Bosco

de que vocês me consolem dando-me a esperança e a promessa de que farão tudo o que desejo para o bem de suas almas. Vocês não conhecem suficientemente qual fortuna é a de haverem sido acolhidos no Oratório. Diante de Deus declaro: Basta que um jovem entre numa casa salesiana, para que a Virgem SS. o tome imediatamente sob a sua especial proteção.

Ponhamo-nos, pois, todos de acordo. A caridade de quem manda, a caridade dos que devem obedecer façam reinar entre nós o espírito de São Francisco de Sales.

Ó meus caros filhinhos, aproxima-se o tempo em que deverei me separar de vocês e partir para a minha eternidade. (Nota do secretário: a este ponto Dom Bosco suspendeu o ditado; os olhos se lhe encheram de lágrimas, não por desgosto, mas por inefável ternura, que ressumava de seu olhar e do som de sua voz. Depois de alguns instantes continuou). Desejo, portanto, deixar a todos vocês, padres, clérigos, jovens caríssimos, no caminho do Senhor, em que Ele próprio os deseja.

Para tal fim o Santo Padre, que vi na sexta-feira, 9 de maio, manda-lhes de todo o coração sua bênção. No dia da festa de Maria Santíssima Auxiliadora estarei com vocês diante da imagem de nossa amorosíssima Mãe. Quero que essa grande festa se celebre com toda a solenidade, e o padre Lazzero e o padre Marchisio providenciem para que estejamos todos alegres também no refeitório. A festa de Maria Auxiliadora deve ser o prelúdio da festa eterna que deveremos celebrar um dia, todos juntos, no paraíso.

Vosso af.mo amigo em J. C.

Sac. João Bosco

¹¹⁶ Padre Giuseppe Lazzero (1837-1910) dirigia o Oratório com o título de Vice-diretor; padre Secondo Marchisio (1857-1914) tinha o cargo de Prefeito da casa.

Capítulo 4

Sonhos sobre a ação do demônio

O calar-se na confissão¹¹⁷

Na primeira semana de julho de 1862, entretendo-se de novo com seus padres, recomendava-lhes grande caridade e muita paciência no confessar os meninos para não perder a confiança deles. Ao mesmo tempo assegurava-lhes como a prudência necessária e a eficácia da palavra para tornarem-se donos dos corações eram dons do Senhor. Era preciso obtê-los com muitas orações, com perfeita pureza de intenção e também com atos de penitência e de sacrifício, como fazem os confessores zelosos.

Então passou a falar das confissões sacrílegas dos jovens. E contava um fato acontecido a ele mesmo:

Uma noite sonhei e vi no sonho um jovem que tinha o coração roído pelos vermes, que ele arrancava com a mão e jogava fora. Não dei atenção ao sonho, mas eis que na noite seguinte vi o mesmo jovem, o qual tinha junto a si um grande cachorro que lhe mordia o coração.

Não duvidei mais que o Senhor tivesse alguma graça especial para aquele jovem e que o pobrezinho tivesse alguma coisa atrapalhada em sua consciência. Por isso o tinha debaixo dos olhos. Um dia dei um aperto nele e lhe disse:

- Quer fazer um favor para mim?
- Sim, sim, desde que possa.
- Se quiser, pode fazer.
- Pois bem, peça que eu lhe farei.
- Mas certamente?
- Certamente!
- Diga-me: não tem calado nada na confissão?

Ele queria negar, mas logo lhe disse:

- Mas esta e aquela outra coisa, por que não as confessa?

Então, me olhou no rosto e se pôs a chorar. Depois respondeu:

¹¹⁷ Cf. MB VII, p. 193-194.

– Tem razão, são dois anos que quero confessá-la e passa uma vez, passa outra, nunca ousei!

Então o encorajei e lhe disse aquilo que devia fazer para colocar-se em paz com Deus.

Jovens vítimas de escândalo sexual¹¹⁸

Naqueles dias, narrava-nos José Buzzetti, ele teve um sonho que lhe causou muita dor. Dom Bosco narrou o sonho a alguns daqueles que tinha consigo, nomeando os jovens com os quais tinha sonhado. E os acontecimentos demonstraram não ter sido pura fantasia. Aqueles dois infelizes, tendo abandonado o Oratório, entregaram-se a toda espécie de desordens.

Viu dois jovens (e os conheceu) que partiam de Turim para ir aos Becchi, mas quando chegaram à ponte do Pó, atacou-os uma besta de formas horríveis. Esta, depois de tê-los sujado com a baba, jogou-os por terra, fazendo-os rolar por um longo tempo na lama, de modo que ficaram sujos que causavam nojo.¹¹⁹

O elefante¹²⁰

Dom Bosco contou este sonho na estreia para o ano de 1863. Estava confessando em Borgo Cornalense numa noite de sábado. Cansado por causa da pregação e das confissões, facilmente adormeceu. E então começou o sonho:

Caros jovens, sonhei que era dia de festa, após o almoço, na hora da recreação, e vocês estavam ocupados em se divertir de mil modos diversos. Pareceu-me estar em meu quarto com o professor de belas letras, cavalheiro Vallauri. Tínhamos conversado sobre assuntos literários e sobre outros que diziam respeito à religião, quando improvavelmente escutei um toque-toque de alguém que batia à porta.

Corri a ver. Era minha mãe, morta havia seis anos, que aflita me chamava:

– Venha ver, venha ver.

– Que há? – respondi.

– Venha, venha! – insistiu.

Fui então ao balcão e eis que vi no pátio em meio aos jovens um enorme elefante.

– Mas o que é isso? – perguntei. – Vamos já para baixo!

¹¹⁸ Dom Bosco chamava de *desgraça* esses tristes acontecimentos de adultos que abusam sexualmente dos jovens. As pesquisas atuais dão plena razão a ele.

¹¹⁹ Cf. MB II, p. 511.

¹²⁰ Cf. MB VII, p. 356-360.

Amedrontado, olhava para o cavaleiro Vallauri, e ele para mim, como para interrogar-nos de que maneira tinha entrado essa besta monstruosa. Precipitadamente, descemos ao pórtico.

Como é natural, muitos de vocês tinham se acercado. Aquele elefante parecia manso, dócil. Divertia-se correndo com os jovens; acariciava-os com a tromba; era tão inteligente que obedecia às ordens como se tivesse sido ensinado e criado aqui no Oratório desde a primeira idade. De modo que era sempre seguido e acariciado por um grande número de jovens. Não todos vocês, porém, estavam em torno dele. Vi que a maior parte, espantada, corria de cá e de lá, buscando um lugar onde refugiar-se, e por fim entraram na igreja. Eu também procurei entrar nela pela entrada que dá para o pátio, mas, ao passar próximo à imagem da Virgem colocada junto do bebedouro, tendo eu tocado a extremidade de seu manto, como invocando seu patrocínio, ela levantou o braço direito. Da outra parte Vallauri quis imitar o meu ato e a Virgem moveu o braço esquerdo.

Eu fiquei surpreso, não sabendo como explicar um fato tão extraordinário.

Chegou então a hora das sagradas funções e vocês, os juvenzinhos, foram todos à igreja. Eu também entrei, e vi o elefante em pé no fundo, vizinho da porta. Cantaram-se as vésperas, e depois da pregação fui ao altar assistido pelo padre Alasonatti e pelo padre Sávio¹²¹ para dar a bênção com o Santíssimo Sacramento. Mas no momento solene no qual todos estavam profundamente inclinados a adorar o Santo dos Santos, vi sempre no fundo da Igreja, no meio da passagem, entre as duas fileiras dos bancos, o elefante ajoelhado e inclinado em sentido contrário, isto é, com o focinho e os horríveis dentes voltados para a porta principal.

Terminadas as funções eu queria logo sair para o pátio para observar o que ia acontecer, mas, detido por alguém na sacristia que ansiava por me dar algum aviso, tive de demorar.

Depois de breve tempo saí. Eu estava debaixo dos pórticos e vocês se encontravam no pátio para retomar os divertimentos como antes. Tendo saído da igreja, o elefante avançou para o segundo pátio em torno do qual estão em construção os edifícios. Notem bem essa circunstância, porque naquele pátio aconteceu a cena angustiante que agora descreverei.

No fundo desse pátio aparecia um estandarte sobre o qual estava escrito: “Santa Maria, socorre os fracos” (*Sancta Maria succurre miseris*). Os jovens seguiam o animal processionalmente. De repente, vi aquele bruto animal, que antes parecia tão gentil, investir com furiosos barridos sobre os alunos que lhe estavam em volta e, pegando os mais vizinhos com a tromba, arremessá-los para o alto, esfacelá-los batendo com eles na terra, e com os pés fazer com eles um estrago horrível.

Todavia, aqueles que eram maltratados dessa maneira não morriam, mas ficavam em um estado de poder se recuperar, embora as feridas fossem terríveis.¹²²

¹²¹ Padre Ângelo Sávio (1835-1893), ecônomo geral da Congregação Salesiana e depois missionário na Patagônia.

¹²² Ver em MB VII, p. 362-363, a carta de um dos que tinham sido feridos pelo elefante, no sonho.

Era uma fuga geral, para cá e para lá. Alguns gritavam, alguns choravam, e alguns, feridos, invocavam a ajuda dos companheiros. Enquanto isso – coisa de causar angústia –, alguns jovens poupados pelo elefante, em vez de ajudar e socorrer os feridos, fizeram aliança com o monstro para procurar-lhe outras vítimas.

Enquanto aconteciam tais coisas (e eu me encontrava no segundo arco do pórtico junto do bebedouro), aquela imagem que vocês veem lá (indicava a imagem da Santíssima Virgem) se animou e cresceu, tornou-se uma pessoa de alta estatura, levantou os braços e abriu o manto, no qual estavam tecidas com arte muitas inscrições. Depois, este se alargou tanto que cobria todos os que se abrigavam debaixo dele: aqui estavam seguros quanto à vida.

Primeiro, um número escolhido dos melhores correu àquele refúgio. Mas, vendo Maria Santíssima que muitos não se preocupavam em apressar-se para ela, gritava em alta voz:

– Venham a mim todos! (*Venite a me omnes*).

E eis que crescia a multidão dos juvenzinhos debaixo do manto, que sempre se alargava. Alguns, porém, em vez de abrigar-se debaixo do manto, corriam de um lado para o outro, e eram feridos antes de encontrar refúgio seguro. A Virgem Santíssima, vermelha no rosto, continuava com afã a gritar. Mas se tornavam mais raros os que corriam para ela. O elefante continuava o massacre, e vários jovens, que manejavam uma espada, às vezes dois juntos, espalhados de cá e de lá, com ameaças, impediam os companheiros, que ainda se encontravam no pátio, de ir a Maria. E a estes o elefante não tocava por nada.

No entanto, alguns dos jovens refugiados perto de Maria e por ela encorajados faziam rápidas saídas. Arrancavam ao elefante alguma presa e transportavam o ferido para baixo do manto da estátua misteriosa e logo ele se recuperava. E então partiam de novo, correndo a novas conquistas. Vários, armados de bastões, afastavam o elefante de suas vítimas, e se opunham a seus cúmplices. E não cessaram aquele trabalho, mesmo com risco de suas vidas, até que conduziram quase todos a salvo, junto deles.

O pátio enfim ficou deserto. Alguns estavam estendidos por terra quase mortos. De uma parte, junto dos pórticos, uma multidão de meninos sob o manto da Virgem. Da outra, a distância, o elefante com o qual tinham ficado somente uns dez ou doze jovens, que o tinham coadjuvado no fazer tanto mal e que insolentemente, destemidos, brandiam as espadas.

Eis então que o elefante levantou-se sobre as pernas traseiras e transformou-se num horrível fantasma com rabo comprido, e com um rugido tomou um grande manto negro e enrolou aqueles miseros jovens que tinham se aliado a ele. Daí uma densa fumaça envolveu a todos e o monstro sumiu numa voragem que se abriu improvisamente debaixo de seus pés.

No fim desta horrenda cena olhei em volta para dizer alguma coisa à minha mãe e ao cavaleiro Vallauri, mas não os vi mais.

Voltei-me para Maria, desejoso de ler as inscrições que apareciam tecidas sobre o seu manto e vi que várias tinham sido tiradas literalmente da Sagrada Escritura e outras também eram da Escritura, mas um pouco modificadas. Li algumas:

“Aqueles que me tornam conhecida terão a vida eterna” (*Qui elucidant me vitam aeternam habebunt*).

“Quem me encontrar encontrará a vida” (*Qui me invenerit inveniet vita*).

“Se alguém é pequenino venha a mim” (*Si quis est parvulus veniat ad me*).

“Refúgio dos pecadores” (*Refugium peccatorum*).

“Salvação dos que creem” (*Salus credentium*).

“Cheia de toda piedade, mansidão e misericórdia” (*Plena omnis pietatis, mansuetudinis et misericordiae*).

“Felizes os que guardam os meus caminhos” (*Beati qui custodiunt vias meas*).

Após o desaparecimento do elefante tudo estava tranquilo. A Virgem parecia como que cansada de seu gritar tanto tempo. Depois de breve silêncio, dirigiu aos jovens belas palavras de conforto, de esperança, e, repetindo aquelas palavras que vocês veem lá embaixo daquele nicho, e que mandei escrever “Aqueles que me tornam conhecida terão a vida eterna” (*Qui elucidant me, vitam aeternam habebunt*). A Virgem disse:

– Vocês que escutaram a minha voz e se refugiaram do massacre do demônio, viram e puderam observar aqueles companheiros esfacelados. Querem saber qual é a razão da perdição deles? *Sunt colloquia prava*, são as más conversas contra a pureza, aquelas obras desonestas que se seguiram imediatamente depois das más conversas. Viram também aqueles companheiros armados com a espada: eis aqueles que buscam a condenação de vocês, afastando-os de mim, e que causaram a perda de tantos discípulos. Aqueles que Deus espera por longo tempo, Ele os pune mais severamente (*Quos diutius expectat durius damnat*). E aquele demônio infernal, enrolando-os, conduziu-os consigo à perdição eterna. Agora vocês vão tranquilos, mas recordem-se de minhas palavras: fujam daqueles companheiros amigos de Satanás, fujam das más conversas, especialmente contra a pureza, tenham em mim uma ilimitada confiança e meu manto será para vocês refúgio seguro.

Ditas estas e outras palavras semelhantes, desapareceu e nada mais ficou no lugar, senão nossa cara imagem. Então vi aparecer de novo minha mãe defunta, e de novo se levantou o estandarte com a escrita: *Sancta Maria succurre miseris*. Todos os jovens colocaram-se em ordem atrás deste em procissão e entoaram o canto “Louvai a Maria, línguas fiéis”.

Mas não tardou muito que o canto começasse a enfraquecer. Depois desapareceu todo aquele espetáculo e eu acordei banhado inteiramente de suor. Eis! Isto é o que sonhei.

Ó meus filhos, cada um de vocês tire suas conclusões. Quem estava debaixo do manto, quem foi jogado para o alto pelo elefante e quem tinha a espada examine a

própria consciência. Eu não repito a vocês senão as palavras da Virgem Santíssima: “*Venite ad me omnes*”, recorram todos a Ela, invoquem a Maria em todos os perigos e asseguro a vocês que serão atendidos. No mais, aqueles que foram maltratados pela fera pensem em evitar as más conversas, os maus companheiros, e aqueles que procuravam afastar os outros de Maria, ou mudem de vida, ou partam logo desta casa. Quem, pois, quiser saber qual o lugar em que estava, venha a mim em meus aposentos e eu lhe direi. Mas, repito, os ministros de Satanás ou mudem ou vão embora. Boa-noite!

A marmotinha

Estamos em 1859. A frequência aos sacramentos da Confissão e da Comunhão não estava ainda satisfatória entre os jovens que retornavam das férias. Dom Bosco contou-lhes um sonho:

Parecia-lhe estar perto da entrada do Oratório e observava os jovens à medida que voltavam das férias. Via em qual estado se encontrava cada um diante de Deus. Quando eis que entrou no pátio um homem com uma caixinha e foi colocar-se no meio dos jovens.

Quando chegou a hora fixada para as confissões, abriu a caixinha e tirou fora uma marmotinha. E fez que ela bailasse. Os jovens, em lugar de entrar na igreja, faziam círculo ao redor daquele homem, rindo e gritando por suas pilhérias. Ele, lentamente, retirou-se para a parte do pátio mais longe da capela.

Com aquela marmotinha Dom Bosco fez seu auditório rir muito, mas o levou a refletir seriamente sobre as coisas da alma. E a maior parte dos jovens resolveu confessar-se com assiduidade e a santa Comunhão ficou muito frequentada.¹²³

A lanterna mágica¹²⁴

No dia 1^a de maio de 1865, Dom Bosco contava o seguinte sonho:

Sonhei e me parecia estar na igreja. A igreja estava toda cheia de jovens, mas poucos se aproximavam da santa Comunhão.

Ao longo da balaustrada havia um homem comprido, comprido, negro, negro, e dois chifres na cabeça. Ele tinha nas mãos uma lanterna mágica e fazia ver aos diversos jovens diversas coisas. A um fazia ver a recreação toda animada pelos brinquedos e o interessava em seu divertimento predileto. Ao outro apresentava os jogos passados, as perdas que tivera e a esperança das futuras vitórias. A este a sua terra natal com aqueles passeios, aqueles campos, aquela casa. A alguém fazia ver em sua lanterna o estudo,

¹²³ Cf. MB VI, p. 301.

¹²⁴ Cf. MB VIII, p. 115-116.

os livros, os trabalhos de classificação.¹²⁵ A outro ainda a fruta, os doces e o vinho que tinha no baú. E a outro os parentes, ou os amigos, ou alguma coisa de pior, os pecados, e também o dinheiro não entregue. Eram então poucos os que se aproximavam dos sacramentos. Alguns viam os passeios, as férias e, deixando tudo de lado, paravam para contemplar os antigos companheiros de suas diversões.

Sabem o que quer dizer este sonho? Quer dizer que o demônio faz de tudo para distrair os jovens na Igreja, para afastá-los dos santos sacramentos. E os jovens são tão simplórios que estão a ver.

Meus filhos, é necessário romper esta lanterna do diabo. Sabem como fazer? Dar uma olhada na cruz e pensar que se afastar da Comunhão é o mesmo que se lançar nos braços do demônio.

A serpente¹²⁶

Uma centena de alunos tinha voltado de casa para os cursos de recuperação e de preparação para o próximo ano escolar. Dia 20 de agosto de 1862, Dom Bosco contou para eles este sonho que tivera algumas noites antes. As *Memórias biográficas* representam a realidade da vida. Manifestam o estado íntimo de tantas comunidades onde, junto com preciosíssimas virtudes, se encontram não poucas misérias. “Infelizmente, o vício se expande mais rapidamente do que a virtude, daí a necessidade de uma vigilância contínua.”¹²⁷

Sonhei que me encontrava com todos os jovens em Castelnuovo d’Asti, na casa de meu irmão. Enquanto todos faziam recreação, veio a mim um que eu não sabia quem era e me convidou a ir com ele. Acompanhei-o e levou-me a um prado junto do pátio. Lá ele me mostrou, no meio do mato, uma serpente longa, de sete ou oito metros, e de uma espessura extraordinária.

Fiquei horrorizado com tal vista e queria fugir:

– Não, não – me disse aquele tal –, não fuja. Venha aqui e veja.

– Como quer que eu chegue perto daquele bruto animal? – respondi. – Não sabe que é capaz de lançar-se sobre mim e devorar-me num instante?

– Não tenha medo, não lhe fará mal algum. Venha comigo.

– Ah, não! Não sou tão louco de me meter em tal perigo.

– Então pare aqui! – continuou o desconhecido.

Depois ele foi pegar uma corda e com ela na mão retornou junto de mim e disse:

¹²⁵ Eram trabalhos com os quais alguém se classificava para obter bolsa de estudos.

¹²⁶ Cf. MB VII, p. 238-243.

¹²⁷ Cf. MB VII, p. 243.

– Tome esta corda por uma ponta e segure-a bem entre as mãos. Eu tomarei a outra ponta e irei à parte oposta e assim suspenderemos a corda sobre a serpente.

– E depois?

– Depois a deixaremos cair em seu dorso.

– Ah, não! Por caridade! Ai de nós se fizermos isso! A serpente saltará irritada e nos fará em pedaços.

– Não, não! Deixe por minha conta.

– Não! Eu não quero gozar dessa satisfação que me pode custar a vida.

E já queria fugir, mas aquele tal insistiu. Assegurou-me de que não tinha o que temer. Que a serpente não me faria mal algum. E tanto disse que eu fiquei e consenti em fazer-lhe a vontade. Ele, no entanto, passou para a outra parte do monstro, levantou a corda e deu uma chicotada no dorso da cobra. A serpente deu um salto, virando a cabeça para trás para morder o que a batera. Mas em lugar de morder a corda ficou enlaçada como num nó corredio. Então aquele homem gritou para mim:

– Segure firme, segure firme e não deixe escapar a corda.

E correu para uma pereira ali perto. Amarrou aquela ponta da corda que tinha entre as mãos. Correu então para a minha parte. Tirou-me a minha ponta de corda e foi amarrá-la à grade de uma janela da casa.

Entretanto a serpente se agitava. Debatia-se furiosamente e dava tais golpes na terra com a cabeça e com suas desmedidas espirais, que dilaceravam suas carnes e as faziam saltar aos pedaços a grande distância. Assim continuou até que teve vida e, morta, mais não ficou dela que o esqueleto despolpado.

Morta a serpente, aquele mesmo homem soltou a corda da árvore e da janela, trouxe-a, para si, recolheu-a, formou como um rolo com ela e depois me disse:

– Esteja atento, sim!

E colocou a corda numa caixeta, que fechou e depois de algum instante abriu.

Os jovens tinham vindo em torno de mim. Demos uma olhada dentro da caixeta e ficamos todos estupefatos. Aquela corda se tinha colocado de modo que formava as palavras Ave-maria!

– Mas como é isso? – falei. – Você colocou aquela corda na caixeta de qualquer jeito e agora está tão arrumada!

– Eis – disse ele –, a serpente representa o demônio, e a corda, a Ave-maria, ou melhor, o Rosário, que é uma sequência de Ave-marias, com a qual e com as quais se podem bater, vencer, destruir todos os demônios do inferno.

Até aqui, concluiu Dom Bosco, é a primeira parte do sonho. Há outra parte, a qual será ainda mais curiosa e interessante para todos. Mas já é tarde e por isso deixamos

para contá-la amanhã à noite. No entanto, vamos ter em consideração isso que disse a aquele meu amigo com relação à Ave-maria e ao Rosário. Recitemo-la devotamente a cada assalto de tentação, seguros de sair sempre vitoriosos. Boa-noite!

Dia 21 de agosto à noite, recitadas as orações em comum, estávamos todos impacientes para ouvir a segunda parte do sonho que Dom Bosco tinha dito ser curiosa e interessante para todos, mas nossos desejos não foram satisfeitos. Dom Bosco subiu à costumeira tribuna e disse:

– Ontem à noite anunciei que hoje contaria a vocês a segunda parte do sonho, malgrado isso não creio oportuno manter a palavra.

Então, levantou-se de todas as partes um sussurro que indicava pesar e descontentamento. Dom Bosco, depois de ter deixado acalmar-se um pouco aquele murmúrio, retomou:

– O que querem afinal? Pensei nisso ontem à noite, pensei hoje e vi não ser coisa conveniente contar o restante do sonho, pois ele contém coisas que eu não queria que se soubessem fora de casa. Fiquem contentes de aproveitar quanto lhes disse da primeira parte.

No dia seguinte, 22 de agosto, pedimos a ele várias vezes que quisesse contar-nos, se não em público, ao menos em privado aquela parte de sonho que tinha ocultado. Não queria condescender. Depois, porém, de muitas súplicas se dobrou e disse que à noite falaria ainda do sonho. Assim fez. Ditas as orações, começou:

Após muita insistência de vocês vou contar a segunda parte do sonho. Se não toda, pelo menos direi aquele tanto que poderei contar a vocês. Mas antes devo colocar uma condição, isto é, que nenhum de vocês escreva ou diga fora de casa isso que eu vou contar. Falem entre vocês, riam, façam o que quiserem, mas somente entre vocês.

Portanto, enquanto eu e aquele personagem falávamos da corda, da serpente e de seus significados, voltei-me para trás e vi jovens que recolhiam pedaços daquela carne da serpente e comiam. Eu então gritei logo:

– Mas o que estão fazendo? Loucos que vocês são! Não sabem que aquela carne é venenosa e fará muito mal a vocês?

– Não, não! – respondiam-me os jovens. – É tão boa!

Mas, no entanto, tendo comido, caíam por terra, inchavam e ficavam duros como pedra. Eu não podia ficar sossegado, porque, não obstante aquele espetáculo, outros e outros jovens continuavam a comer. Eu gritava com um, gritava com outro, dava bofetadas neste, socos naquele, procurando impedir que comessem. Mas inutilmente. Um caía aqui, lá outro se punha a comer.

Então pedi ajuda aos clérigos e disse a eles que se pusessem no meio dos jovens e fizessem de tudo para que nenhum mais comesse daquela carne. Minha ordem não obteve o efeito desejado. Antes, alguns dos próprios clérigos se puseram a comer as

carnes da serpente e caíram da mesma forma que os outros. Eu fiquei fora de mim quando vi em torno um grande número de jovens estendidos por terra naquele estado.

Dirigi-me então àquele desconhecido e lhe disse:

– Mas o que quer dizer isso? Estes jovens sabem que aquela carne leva-os à morte, todavia querem comer dela! E por quê?¹²⁸

Ele respondeu:

– Sabe bem que o homem animal não percebe as coisas que são de Deus (*animalis homo non percipit ea quae Dei sunt*).

– Mas e agora, não há mais remédio para reaver estes jovens?

– Sim, existe.

– Qual seria?

– Não há outro que não sejam a bigorna e o martelo.

– A bigorna? O martelo? E que fazer de tais coisas?

– É preciso submeter os jovens à ação desses instrumentos.

– Como? Devo eu, por acaso, colocá-los sobre uma bigorna e depois bater neles com um martelo?

Então o outro, explicando seu pensamento, disse:

– Eis: o martelo significa a Confissão, a bigorna, a santa Comunhão. É preciso fazer uso desses dois meios.

Pus-me a trabalhar e vi como era proveitoso esse remédio. Mas não para todos. Muitíssimos voltavam à vida e saravam, mas para alguns o remédio foi inútil. Estes eram aqueles que não faziam boas confissões.

O gato e as flores¹²⁹

Dia 6 de fevereiro de 1865, Dom Bosco contava aos jovens este sonho. Dizia ele: “Como amo meus jovens, então sonho sempre estar na companhia deles”.

Parecia-me, pois, que me encontrava aqui no meio do pátio, circundado por meus caros filhos, e todos tinham em mãos uma bela flor. Um tinha uma rosa, outro tinha um lírio, esse tinha uma violeta, aquele tinha a rosa e o lírio juntos etc. Em suma, uns tinham uma flor e outros uma flor diferente.

¹²⁸ E o que diria Dom Bosco dos jovens de hoje que se perdem com o uso de drogas?

¹²⁹ Cf. MB VIII, p. 34.

Em dado momento, surgiu um bruto gatão, com chifres, todo preto, grande como um cachorro, de olhos acesos como brasas. Tinha unhas grossas como pregos e ventre inchado de maneira disforme. O feio animal se avizinhava quietamente dos jovens e, girando no meio deles, ora dava um golpe de pata à flor que um tinha e, arrancando-a da mão, jogava-a por terra, ora fazia o mesmo a outro e assim por diante.

Ao aparecer esse gatão eu me assustei todo e fiquei maravilhado ao ver como os jovens não se perturbaram nada e ficaram tranquilos como se nada fosse.

Quando vi que o gato avançava em minha direção para tomar-me minhas flores, pus-me a fugir.

Mas fui parado e me foi dito:

– Não fuja e diga seus jovens que levantem o braço e o gato não poderá chegar a arrancar-lhes das mãos as flores.

Eu parei e levantei o braço. O gato se esforçava por tirar-me as flores. Saltava para chegar a isso, mas como era muito pesado não podia chegar e caía desajeitadamente por terra.

E Dom Bosco concluía com várias recomendações sobre como praticar as virtudes, especialmente a da castidade. Levantar os braços significava dar-se à oração. Com ela, o inimigo não conseguiria tirar a virtude do coração dos jovens.

Os animais ferozes

Dom Bosco fora a Lanzo, esperando repousar um pouco. Dia 11 de abril de 1868 teve vários sonhos, entre os quais este, que dizia respeito aos alunos daquele colégio. Padre Lemoyne escreve aos alunos contando esses sonhos, entre os quais este:

Acordando depois de um sonho pouco agradável, Dom Bosco dormiu de novo.

Parecia encontrar-me num grande prado onde estavam todos vocês. Brincavam, saltavam, mas, coisa espantosa de se ver, no mesmo prado passeavam e corriam animais ferozes de toda espécie! Leões com olhos de fogo, tigres que descobriam as enormes unhas e raspavam a terra, lobos que sorrateiramente passavam entre as diversas rodinhas de jovens, ursos que, com sorriso repugnante, assentados sobre as patas traseiras, abriam as patas dianteiras para abraçar todos vocês.

Em que péssima companhia vocês estavam! Mais ainda, que bruto domínio essas feras tinham sobre vocês!

As feras se lançavam sobre vocês furiosamente. Alguns encontravam-se estendidos por terra e, por cima, aqueles monstros, que com as unhas e as mordidas dilaceravam, rasgavam e matavam vocês. Outros, perseguidos, corriam desesperadamente e se refugiavam em torno de Dom Bosco, pedindo ajuda! À presença de Dom Bosco as feras retrocediam.

Outros, porém, procuravam defender-se delas sozinhos. Mas não conseguiam, porque era demasiada a força daqueles animais. E eram despedaçados. E uns, vejam que insensatos, em vez de fugir, paravam, esperando aqueles monstros, e sorriam para eles, usavam de faceirices e parecia que gostassem de ser estrangulados pelos ursos.

O pobre Dom Bosco corria de cá e de lá, se esforçava por chamar uns e outros. Gritava. Mas era um gritar sem muito resultado, porque, se muitos o obedeciam, alguns não o escutavam. O prado estava cheio de cadáveres dos pobres juvenzinhos mortos e dos corpos dos feridos. Seus gemidos, os rugidos, os urros dos animais ferozes, os gritos de Dom Bosco se misturavam estranhamente. E em meio a essas violentas comoções, Dom Bosco acordou pela segunda vez.

E continuou padre Lemoyne: “Quem são esses leões, tigres, ursos? São o demônio e as suas tentações. Alguns as vencem porque recorrem ao guia, outros ficam pobres vítimas delas, consentem nas sugestões; outros gostam do pecado, do demônio e se colocam por si mesmos em suas unhas! Filhos! Coragem! Lembrar-se-ão sempre que têm uma alma para salvar?”¹³⁰

Confissões malfeitas¹³¹

Dom Bosco tinha partido de Lanzo dia 3 de abril de 1869, depois de ter contado um sonho que tivera poucos dias antes. No dia seguinte, 4 de abril, na boa-noite contava o sonho aos do Oratório de Turim:

Estava perto da porta de meu quarto. Quando saía, a um dado momento olhei em torno e me vi na igreja, no meio de uma multidão de jovens. A igreja estava inteiramente cheia. Eram os jovens do Oratório de Turim, de Lanzo e de Mirabello e outros muitos que eu não conhecia. Não rezavam, mas parecia que se preparassem para poder se confessar. Uma quantidade imensa estava apinhada em volta de meu confessorário, debaixo do púlpito, esperando por mim.

Eu, depois de ter olhado um pouco, me pus a pensar como poderia fazer para confessá-los todos. Mas temia estar dormindo, a sonhar. E, para assegurar-me de que não dormia, comeci a bater as mãos. Eu ouvia o rumor delas. Para me certificar mais ainda, espichei o braço e toquei na parede que está atrás do meu pequeno confessorário.

Assim, certo de estar acordado, disse:

– Já que estou aqui, confessemos.

E comeci a confessar. Mas logo, vendo tantos jovens, levantei-me para olhar se havia outros confessores que me ajudassem. Não vendo nenhum, encaminhei-me para ir à sacristia para pedir que algum padre viesse ouvir as confissões.

¹³⁰ Cf. MB IX, p. 134-135.

¹³¹ Cf. MB IX, p. 593-595.

E eis que vi cá e lá jovens que tinham uma corda ao pescoço que lhes apertava a garganta.

– Por que aquela corda? – perguntei. – Tirem-na.

E não me respondiam e me fitavam.

– Vamos – disse a alguém –, vá e tire aquela corda.

O jovem a quem mandara foi, mas me respondeu:

– Não posso tirá-la, há alguém por trás que a segura. Venha ver.

Voltei então os olhos com maior atenção sobre aquela multidão de jovens e me pareceu ver, por trás dos ombros de muitos, despontar dois chifres compridíssimos. Aproximei-me um pouco mais para ver melhor. E passando para trás daquele que me estava mais vizinho vi um bruto animal, com um focinho horrível, em forma de grande gato, com longos chifres, que apertava aqueles laços. Mas ele abaixava o focinho e o escondia debaixo das patas, abaixando-se para não se deixar ver. Eu interrogava este jovem e outros, pedindo seu nome, e eles não me respondiam. Interroguei aquele feio animal e ele se escondeu ainda mais. Então disse a um jovem:

– Olá! Vá à sacristia e diga ao padre Merlone, diretor da sacristia, que dê a você a caldeirinha da água benta!

O jovem voltou logo com a caldeirinha, mas, enquanto ia, eu descobria que cada jovem tinha atrás dos ombros um servidor tão pouco gracioso como o primeiro, e que ele também sempre mais se enrolava. Eu temia ainda estar dormindo.

Tomei então o aspersório e perguntei a um daqueles gatões:

– Diga-me, quem é você?

O animal que me olhava alargou a boca, espichou a língua e depois se pôs a ranger os dentes em ato de atirar-se contra mim.

– Diga-me depressa: o que está fazendo aqui, bruto animal? Fique furioso como quiser, eu não tenho medo de você. Veja, com esta água vou lavá-lo bem!

O monstro me olhava espavorido. Depois se pôs a se contorcer de tal modo, que as pernas traseiras vinham para cima, a tocar os ombros pela frente. E de novo queria atirar-se sobre mim. Eu o observava atentamente e vi que tinha na mão vários laços.

– Vamos, diga-me: o que está fazendo aqui?

E levantei o aspersório. Ele então se desvencilhou e queria fugir.

– Não vai fugir, não – eu continuava. – Fique aqui, eu ordeno!

Rosnou, e:

– Olhe! – disse, e me apresentava os laços.

– Diga-me, o que são estes três laços? O que significam?

– Não sabe? Com estes três laços aperto os jovens para que se confessem mal. Com eles eu conduzo à perdição nove décimos do gênero humano.

– Como? De que modo?

– Oh, não lhe quero dizer. Você o mostrará aos jovens.

– Quero saber o que são estes três laços. Fale! Senão jogo a água benta em você...

– Por piedade, mande-me para o inferno, mas não jogue dessa água em cima!

– Em nome de Jesus Cristo, fale, então!

Contorcendo-se espantosamente o monstro respondeu:

– O primeiro modo com o qual aperto este laço é fazer os juvenzinhos calarem os seus pecados em confissão.

– E o segundo?

– O segundo é estimulá-los a se confessar sem arrependimento.

– O terceiro?

– O terceiro não lhe quero dizer.

– Como, não me quer dizer? Agora jogo em você a água benta...

– Não, não, não falarei.

E se pôs a gritar alto:

– Como? Não basta? Já falei demais!

E voltou a enfurecer-se.

– Eu quero que você me conte tudo para que eu avise os diretores! – repetindo a ameaça, levantei o braço.

Então saíram chamas e depois algumas gotas de sangue de seus olhos. Disse:

– O terceiro é não tomar firme propósito e não seguir os avisos do confessor.

– Bruto animal! – gritei-lhe pela segunda vez, e enquanto queria perguntar-lhe outras coisas e intimar que me revelasse de que modo se poderia remediar aquele grande mal e tornar vãs suas artes, todos os outros horríveis gatões, que até então estavam escondidos, começaram a murmurar. Depois romperam em lamentações e se puseram a gritar e a colocar-se todos contra aquele que tinha falado e fizeram uma sublevação geral.

Diante daquela balbúrdia, vi que não obteria mais nada de vantajoso daqueles animais. Aí levantei o aspersório e joguei água benta sobre aquele gatão que tinha falado:

– Agora, vá embora! – disse-lhe. E ele desapareceu.

Então joguei a água santa por todas as partes. E, com grandíssimo estrépito, todos aqueles monstros se deram a precipitosa fuga, uns por uma parte, outros por outra. Àquele rumor acordei e me achei no leito.

O demônio no pátio¹³²

Enquanto estava doente em Varazze (dezembro de 1871 a janeiro de 1872), Dom Bosco sonhou várias vezes com os alunos do Oratório.

Voltando ao Oratório, uma noite nos primeiros dias de março, narrou aos alunos um daqueles sonhos. Poucos dias depois, 4 de março, tornou a expor outros particulares dele.

As *Memórias biográficas* apresentam um relato detalhado escrito, ao que parece, naqueles dias.

Tinha falado com alguém de um sonho e já houve outros que me pediram que eu dissesse o que poderia significar. De outra casa, alguém me escreveu somente por esse motivo. Agora, escutem, eu vou contá-lo como para fazer rir; porque se sabe que se sonha, dorme-se, e por isso damos a ele o peso que merece.

Mesmo durante o tempo de minha doença, eu sempre estava aqui no meio de vocês com o pensamento. De lá eu falava de vocês, de dia e de noite, em qualquer tempo, porque meu coração estava inteirinho aqui no meio de vocês. Assim, também quando sonhava, sonhava com vocês e com as coisas do Oratório. Vim, por isso, muitas vezes fazer-lhes uma visita e saberia contar as coisas que dizem respeito a tantos indivíduos, talvez melhor do que o saibam eles mesmos.

É certo que ao fazer estas visitas não vinha com o corpo, pois se assim fosse vocês me teriam visto.

Uma noite, apenas adormecido, eis que logo me pareceu estar aqui no meio de vocês. Pareceu-me que saía da igreja velha e, apenas fora, vi um homem aqui, neste canto do pátio.¹³³

Tinha em mãos um caderno no qual estavam escritos todos os nomes dos jovens. Ele me olhava e logo escrevia. Deixado este canto, foi para o ângulo das antigas escolas, depois para o fundo da escada onde estou presentemente, e, em menos tempo que eu falo, girava por todo o pátio, observando e escrevendo sem perder tempo.

Desejoso de saber quem fosse e o que estava escrevendo, ia atrás dele; mas ele ia com tal celeridade que devia correr bem depressa para ficar perto dele.

Passou também pelo pátio dos aprendizes, e com presteza extraordinária observava e escrevia. Deu-me vontade de saber o que estava escrevendo. Aproximei-me dele e

¹³² Cf. MB X, p. 45-49.

¹³³ Próximo do pórtico que se unia ao parlatório.

vi que escrevia na linha em que figurava o nome de um jovem, depois numa outra. Enquanto ele olhava cá e lá, eu me avizinei mais, virei as folhas de cá e de lá, e vi que de uma parte estavam os nomes dos jovens e, na outra página do caderno, de quando em quando estavam figuras de animais. Para algum havia um porco com o escrito: “Foi comparado com os jumentos insensatos, e ficou semelhante a eles” (*Comparatus est iumentis insipientibus, et similis factus est illis*).

Para outros estava desenhada uma língua com duas pontas, e escrito: “Murmuradores, caluniadores... são dignos de morte; e não somente os que fazem essas coisas, mas também os que concordam com os que fazem” (*Sussurrones, detractores,... digni sunt morte; et non solum qui ea faciunt sed etiam qui consentiunt facientibus*).

Para outros havia duas orelhas de asno bem longas, que significavam as más conversas, com o escrito: “Corrompem os bons costumes os maus colóquios” (*Corrumpunt bonos mores colloquia prava*).

Para outros estava pintado um mocho, e para algum outro algum outro animal.

Eu virava com muita rapidez as folhas; e pude observar também que alguns nomes se notava que estavam escritos, pelos caracteres feitos sobre o papel; mas não estavam escritos com tinta, e os nomes apenas se podiam compreender.

Neste momento eu olhei bem para aquele tal, e vi que tinha duas orelhas longas e muito vermelhas. Cintilavam-lhe na fronte dois olhos que borrifavam sangue e cintelhas de fogo e tinha o rosto como se tivesse estado todo de fogo.

– Ah, reconheço-o agora! – disse para mim mesmo.

Ele fez dois ou três outros giros pelo pátio; e enquanto, todo atento ao seu trabalho, olhava e escrevia, tocou o sino para ir para a igreja. Eu me encaminhei para ela, e logo também ele se colocou junto da cancela por onde se devia passar. De lá observava os jovens que iam à igreja.

Tendo entrado todos, entrou ele também, e foi meter-se no meio da igreja, perto da cancela da balaustrada, e dali observava os jovens que assistiam à santa missa.

Eu queria ver tudo e, tendo visto que a primeira porta da sacristia estava semiaberta, fui para lá e continuei a observá-lo. Era padre Cibrario que celebrava a missa. Chegada a elevação, os jovens entoaram aqueles versetos: “Seja louvado e agradecido a cada momento o Santíssimo e Diviníssimo Sacramento”. E neste momento se ouviu um rumor tão forte na igreja, como se viesse abaixo; desapareceu o indivíduo, e desapareceu numa fumaça, com alguns pedaços de papel queimados, também o caderno que tinha nas mãos.

Agradei a Nosso Senhor, que quis assim vencer e expulsar de sua igreja o demônio. Conheci também que o ouvir a santa missa dissipa todo o ganho deste, e que maximamente os instantes da elevação são terríveis para o demônio.

Acabada a missa, saí, crendo que não mais encontraria aquele indivíduo. Mas eis que apenas fora da porta, vejo um, todo acorocado, com as costas contra o ângulo da

igreja. Tinha na cabeça um gorro feio e vermelho. Olhei bem e vi que daquele gorro saíam dois compridos chifres.

– Ah! Está ainda aqui bruto animal! Eu gritei, e gritei com tanta força que espantei o pobre Enria, que estava ali perto cochilando e neste momento eu acordei.

O touro furioso¹³⁴

Dia 20 de setembro de 1876, começaram os exercícios espirituais dos salesianos. Naqueles dias, Dom Bosco teve um sonho, que contou depois como encerramento dos mesmos exercícios espirituais. Padre Lemoyne tomou alguns apontamentos enquanto ele falava, e depois apresentou a Dom Bosco, que fez algumas correções. Eis o sonho, que as *Memórias biográficas* dividem em quatro partes:

Primeira parte

Dizem que não se deve dar atenção aos sonhos; a vocês eu digo que, na maior parte dos casos, também eu sou desse parecer. Todavia alguma vez, embora não nos revelem coisas futuras, servem para nos fazer conhecer de que modo resolver negócios intricadíssimos e fazer-nos agir com verdadeira prudência em vários assuntos. Então se podem levar em conta, por causa da parte que nos oferecem de bom.

Eu, neste momento, quero justamente contar a vocês um sonho que me manteve ocupado, pode-se dizer, em todo o tempo destes exercícios e especialmente me molestou nesta noite passada. Conto-o tal qual o tive, resumindo-o um pouco só cá e acolá para não ser demasiado longo, porque me parece rico de muitos e graves ensinamentos.

Pareceu-me, pois, que estávamos todos juntos e íamos de Lanzo para Turim. Nós nos encontrávamos todos em um veículo, mas não saberia dizer se estávamos na ferrovia ou nos ônibus,¹³⁵ mas não estávamos a pé.

Chegados a um dado ponto da estrada, não me recordo mais onde, o veículo parou. Eu desci para ver o que poderia ser e dei de cara com um personagem que não saberia definir. Parecia de estatura alta e baixa ao mesmo tempo; era gordo e delgado, enquanto era branco, era também vermelho. Caminhava por terra e por ar.

Fiquei todo estupefato e não sabia dar-me razão disso, quando, criando coragem, lhe perguntei:

– Quem é você?

Sem dizer-me outra coisa, ele respondeu:

– Venha!

¹³⁴ Cf. MB XII, p. 463-469.

¹³⁵ Naquele tempo chamava-se ônibus a carruagem que fazia transporte de quaisquer passageiros, como os atuais ônibus de carreira. Poderíamos compará-las com as *diligências*, tão comuns nos filmes do oeste norte-americano.

Eu antes queria saber quem fosse, o que desejasse, mas ele retomou:

– Venha depressa. Fazemos girar os veículos neste campo.

O admirável era que falava baixo e forte ao mesmo tempo e a várias vozes. Eu estava maravilhado com isso.

O campo era vastíssimo, na verdade ao que se via todo bem plano. Não era cortado por sulcos, mas bem batido, como se fosse um terreiro. Não sabendo o que dizer, e vendo aquele personagem tão decidido, fizemos que os veículos dessem a volta e entrassem naquele vastíssimo campo. Depois gritamos a todos aqueles que estavam dentro para que descessem. Todos desceram rapidamente. E de imediato desapareceram os veículos, sem se saber para onde tinham ido.

– Agora que descemos, me dirá... me direis.. me dirá... –, sussurrei eu, incerto de como comportar-me com aquele personagem –, por que nos fez parar neste lugar?

Respondeu:

– O motivo é grave, é para fazer que vocês evitem um grandíssimo perigo!

– E qual?

– O perigo de um touro furioso, que não deixa pessoa viva à sua passagem. “Um touro que ruge, procurando a quem devorar” (*Taurus rugiens quaerens quem devoret*).

– Devagar, meu caro, você atribui ao touro aquilo que na Sagrada Escritura São Pedro diz do leão: *leo rugiens*!

– Não importa. Lá era *leo rugiens*, e aqui é *taurus rugiens*. O fato é que é necessário que estejam bem alertas. Chame todos os seus ao seu redor. Anuncie-lhes solenemente e com grande urgência que estejam atentos, muito atentos. E apenas ouçam o mugido do touro, mugido extraordinário e imenso, joguem-se logo por terra, e assim fiquem, de bruços, com a face voltada para o solo até que o touro tenha passado. Ai daquele que não escutar a sua voz. Quem não se prostrar de bruços como lhe disse, está perdido com toda a certeza. Porque se lê nas Santas Escrituras: “Quem se abaixa será exaltado, e quem se exalta será abaixado” (*Qui se humiliat exaltabitur; et qui se exaltat humiliabitur*).

Depois me acrescentou de novo:

– Depressa, depressa. O touro está para chegar. Grite, grite, grite forte para que se abaiquem.

Eu gritava, e ele:

– Vamos, vamos! Grite ainda mais forte. Grite, grite!

Eu gritei tão forte, que creio até ter espantado padre Lemoyne, que dorme no quarto vizinho. Mais do que aquilo não podia.

Eis que num instante se escutou o mugido do touro:

– Atenção! Atenção! Faça que se ponham em linha reta, todos próximos uns dos outros, de uma parte e da outra, com uma passagem no meio, pela qual o touro possa passar – assim me gritou aquele personagem.

Eu gritei e dei essas ordens. Num piscar de olhos todos estavam prostrados por terra e nós começamos a ver o touro lá muito longe que chegava furioso.

Embora a grande maioria estivesse prostrada, alguns queriam ver aquele touro, e não se prostravam. Eram poucos.

Aquele indivíduo me disse:

– Agora verá o que acontecerá com aqueles. Verá o que vão receber por não se abaixarem.

Eu queria adverti-los ainda, gritar, correr para junto deles. O outro me impedia. Eu insisti para que me deixasse ir até eles. Respondeu-me resolutivo:

– A obediência é também para você: abaixe-se!

Mal me prostrei, um enorme mugido, tremendo, espantoso, se fez ouvir. O touro estava já perto de nós. Todos tremiam e perguntavam:

– Quem sabe?... Quem sabe?...

– Não tenham medo. Abaixem-se! – eu gritei.

E aquele tal continuava a gritar:

– *Qui se humiliat exaltabitur, et qui se exaltat, humiliabitur... qui se humiliat... qui se humiliat...*

Uma coisa estranha, que também a mim causou maravilha, foi que, embora eu tivesse a cabeça sobre o pavimento e estivesse mesmo inteiramente prostrado, com os olhos no pó, via muito bem as coisas que aconteciam em torno de mim.

O touro tinha sete chifres em forma quase de círculo: dois debaixo do nariz, dois no lugar dos olhos, dois no lugar dos chifres, um em cima. Mas, coisa maravilhosa, esses chifres eram fortíssimos. Móveis, virava-os do lado que queria para abater e derrubar alguém. Correndo, não tinha que se virar para cá e para lá. Bastava ir adiante sem voltar-se, que abatia qualquer um que encontrasse. Eram mais compridos os chifres do nariz, e com estes fazia estragos verdadeiramente surpreendentes.

O touro estava muito próximo de nós. Então o outro gritou:

– Vejam o efeito da humildade!

E, num instante, ó maravilha! Todos nós fomos levantados no ar, a uma considerável altura, de modo que era impossível que o touro nos pudesse atingir. Aqueles poucos que não tinham se abaixado não foram levantados. Chegou o touro e os dilacerou num momento. Nem um foi salvo. Nós, no entanto, assim levantados no ar, tínhamos medo e dizíamos:

– Se cairmos estaremos perdidos! Pobres de nós! Que será de nós?

No entanto, víamos o touro furioso que procurava atingir-nos. Dava saltos terríveis para poder dar-nos chifradas, mas não pôde fazer-nos mal algum. Então, furioso como nunca, deu sinal de que queria ir buscar companheiros, quase dizendo: “Então nos ajudaremos uns aos outros, faremos uma escalada...”. E assim, cheio de grande ira (*habens iram magnam*), foi embora.

Então nos encontramos de novo por terra e aquele tal se pôs a gritar:

– Voltemo-nos para a parte do sul.

Segunda parte

E eis que, sem entender como a coisa acontecesse, mudou-se totalmente a cena diante de nós.

Voltando-nos para o meio-dia, vimos exposto o Santíssimo Sacramento. Muitas velas estavam acesas de uma e de outra parte. E já não era aquele prado, mas parecia que nos encontrávamos numa igreja imensa, bem ornada.

Enquanto estávamos todos em adoração diante do Santíssimo Sacramento, eis que chegaram furiosos muitos touros, todos com chifres horríveis e cujo aspecto causava muito medo. Mas, estando nós todos em adoração ao Santíssimo Sacramento, não puderam nos fazer mal algum. No entanto, nos tínhamos posto a recitar a coroinha do Sacratíssimo Coração de Jesus.

Depois de um pouco, não sei como, olhamos, e os touros não estavam mais.

Voltando-nos de novo para o altar, vimos que os lumes tinham desaparecido, o Sacramento não mais estava exposto, desaparecera a igreja. Onde estávamos? No campo anterior.

Vocês entendem bastante que o touro é o inimigo das almas, o demônio, que tem grande ira contra nós e busca continuamente fazer-nos o mal. Os sete chifres são os sete vícios capitais. O que pode nos libertar dos chifres deste touro, isto é, dos assaltos do demônio, do cair nos vícios, é principalmente a humildade, base e fundamento da virtude.

Terceira parte

Nós, no entanto, estupefatos, maravilhados, nos olhávamos uns aos outros. Ninguém falava, não sabíamos o que dizer. Esperava-se que Dom Bosco falasse ou que aquele tal nos dissesse alguma coisa. Então, tomando-me à parte, ele acrescentou:

– Venha. Vou mostrar-lhe o triunfo da Congregação de São Francisco de Sales. Suba nesta pedra e verá!

Havia uma grande rocha em meio àquela planície sem-fim, e eu subi nela. Ó, que vista imensa se apresentou aos meus olhos! Aquele campo, que não teria acreditado ser tão vasto, me apareceu como se ocupasse toda a terra. Homens de todas as raças, com

toda a espécie de roupa, de todas as nações, estavam reunidos ali. Vi muita gente! Não sabia que o mundo possuísse tanta.

Comecei a observar os primeiros que se apresentaram ao nosso olhar. Estavam vestidos como nós, italianos. Eu conhecia os das primeiras fileiras e ali estavam salesianos que conduziam como pela mão turmas de meninos e meninas. Depois vinham outros, com outras turmas. Depois ainda outros e outros, que não conhecia mais e não podia mais distinguir. Mas eram um número indescritível. Para o sul apareceram aos meus olhos sicilianos, africanos e um mundo de gente que eu não conhecia. Eram sempre conduzidos por salesianos, que eu conhecia nas primeiras filas e depois não mais.

– Vire para o outro lado – disse-me aquele tal.

Eis que me se antepuseram aos olhos outros povos em número incontável, vestidos de maneira diversa da nossa: tinham peles, espécie de mantos que pareciam veludo, de várias cores.

Fez-me olhar para os quatro pontos cardeais. Entre outras coisas vi, no Oriente, mulheres com os pés tão pequenos que lhes custava estar em pé e quase não podiam caminhar. O singular era que por toda parte via salesianos que conduziam turmas de meninos e de meninas e com eles um povo imenso. Nas primeiras fileiras sempre os conhecia. Depois, indo adiante, não os conhecia mais, e nem mesmo os missionários. Aqui muitas coisas não posso narrá-las detalhadamente, porque seria demasiado longo.

Então, aquele tal que me tinha conduzido aqui e aconselhado sobre o que fazer tomou de novo a palavra e acrescentou:

– Olhe, considere. Você agora não entenderá tudo aquilo que lhe digo. Mas fique atento: tudo isso que você viu é a messe preparada para os salesianos. Vê como é imensa a messe? Este campo vasto em que você se encontra é o campo em que os salesianos devem trabalhar. Os salesianos que vê são os trabalhadores desta vinha do Senhor. Muitos trabalham, e você os conhece. O horizonte depois se alarga, com gente que você não conhece ainda, e isso quer dizer que não só neste século, mas também no outro e nos séculos futuros os salesianos trabalharão no próprio campo. Mas sabe como poderá realizar o que você está vendo? Vou dizer-lhe: é preciso que faça imprimir estas palavras, que serão seu lema, sua palavra de ordem, seu distintivo. Note bem: o trabalho e a temperança farão florescer a Congregação Salesiana. Estas palavras, as fará explicar, as repetirá, insistirá. Fará imprimir o manual que as explique e faça entender bem que o *trabalho e a temperança* são a herança que você deixa à congregação, e ao mesmo tempo serão também a glória dela.

Eu respondi:

– Farei isso de muito boa vontade. Este é o nosso escopo, é o que já recomendo todos os dias e vou insistindo sempre que me venha a ocasião.

– Está, pois, bem persuadido? Compreendeu-me bem? Esta é herança que deixará a eles. E diga também a eles claramente que, enquanto seus filhos corresponderem,

terão seguidores no meio-dia, no norte, no oriente e no ocidente. Agora desce pois dos exercícios e encaminha-os para a sua destinação. Estes servirão como norma, depois virão os outros.

E eis que apareceram novamente os ônibus para conduzir todos a Turim. Eu observei, observei; eram ônibus todos *sui generis*, estranhos como nunca.

Os nossos começaram a subir. Ora, aqueles ônibus não tinham apoio em nenhuma parte, e eu temia que os jovens caíssem, e não queria deixá-los partir. Mas aquele tal me disse:

– Podem ir, podem ir. Eles não precisam de apoio. Só que cumpram bem aquelas palavras. “Sejam sóbrios e vigiem” (*Sobrii estote et vigilate*). Cumpram bem estas duas palavras. Não se cai, embora não haja apoios e a carruagem corra.

Quarta parte

Partiram, pois, e eu fiquei sozinho com aquele tal:

– Vem – me acrescentou logo –, vem, quero que veja a parte mais importante. Oh! Terá de aprendê-la bem! Vê aquele carroção lá?

– Vejo!

– Sabe o que é?

– Não vejo bem.

– Se quer ver bem, avizinhe-se. Vê aquele cartaz? Aproxime-se. Observe-o. No cartaz está escrito o que você deve saber.

Eu me aproximei e vi pintados naquele cartaz quatro pregos muito grossos.

Dirigi-me a ele dizendo:

– Não entendo. Explique-me.

– Não vê aqueles quatro pregos? Observe bem. São os quatro cravos que furaram e atormentaram tão cruelmente a pessoa do Divino Salvador.

– E com isto?

– São os quatro pregos que atormentam as congregações religiosas. Se evitar estes quatro pregos, isto é, se sua congregação não for atormentada por eles, se souber mantê-los afastados, então as coisas irão bem e vocês estarão salvos.

– Mas eu sei como antes – respondi. – O que significam estes pregos?

– Se quer saber melhor, visite melhor este carroção que tem os pregos por emblema. Veja, este carroção tem quatro compartimentos. Cada um deles corresponde a um prego.

– Mas... E estes compartimentos, o que significam?

– Observe o primeiro compartimento.

Observei e li sobre o cartaz: “Cujo Deus é o ventre” (*Quorum Deus venter est*).

– Oh, agora começo a entender alguma coisa.

Aquele tal me respondeu:

– Este é o primeiro prego que atormenta e arruína as congregações religiosas. Ele fará estragos também entre vocês, se não estiver atento. Combate-o bem e verá que as suas coisas vão prosperar.

– Vamos ao segundo compartimento. Leia a inscrição do segundo prego: “Procuram o que é seu, não o que é de Jesus Cristo” (*Quaerunt quae sua sunt, non quae Jesu Christi*). Aqui estão aqueles que buscam as próprias comodidades, o conforto, e brigam pelo bem próprio ou, talvez, também dos parentes. E não buscam o bem da congregação, que é o que forma a porção de Jesus Cristo. Fique atento. Afaste este flagelo e verá prosperar a congregação.

Terceiro compartimento: observei a inscrição do terceiro prego. Era: “É de uma cobra a língua deles” (*Aspidis lingua eorum*).

– Pregos fatais para as congregações são os murmuradores, os sussurradores; aqueles que procuram sempre criticar. Por fás ou por nefas.

Quarto compartimento: “Cubículo da ociosidade” (*Cubiculum otiositatis*).

– Aqui estão os ociosos em grande número. Quando se começa a introduzir o ócio, a comunidade fica bem arruinada. Em vez disso, que se trabalhe muito e não haverá nenhum perigo para vocês. Agora observe ainda uma coisa que há neste carroção e à qual muitas e muitas vezes não se dá atenção. Eu quero que você a observe com atenção toda especial. Vê aquele esconderijo, que não faz parte de nenhum compartimento, mas se estende um pouco em todos? É como um meio compartimento ou distrito.

– Vejo, mas são apenas restos de folhas, erva alta. Outra mais baixa, meio confusa.

– Bem, bem! É isso que quero que você observe.

– Mas o que posso eu usufruir disso?

– Observe bem a inscrição que está quase escondida.

Observei bem e vi escrito: “A serpente se enconde na erva” (*Latet anguis in herba*).

– Então...?

– Olhe, há certos indivíduos que estão escondidos. Não falam, não abrem nunca o coração aos superiores, ruminam sempre no coração seus segredos. Fique atento: *latet anguis in herba*. São verdadeiros flagelos, verdadeira peste das congregações. Embora maus, se se manifestassem poderiam ser corrigidos. Mas não. Ficam escondidos. Nós não nos damos conta deles. E no entanto o mal se faz grave, o veneno se multiplica no coração destes, e quando forem conhecidos não haverá mais tempo para reparar o dano que já produziram.

Aprenda, pois, bem as coisas que deve manter longe de sua congregação. Tenha bem em mente quanto ouviu. Dê ordem para que estas coisas sejam explicadas e retomadas por um longo tempo. Fazendo assim, fique sossegado quanto à sua congregação, que as coisas hão de prosperar dia a dia.

Então eu pedi àquele tal que, para não esquecer nenhuma das coisas que me tinha dito, me deixasse um pouco de tempo para poder escrevê-las.

– Se quer experimentar – me respondeu –, escreva-as, mas temo que lhe falte o tempo. E fique atento.

Enquanto ele me dizia estas coisas e eu me preparava para escrever, pareceu-me ouvir um rumor confuso, uma agitação toda em torno de mim. O chão parecia tremer. Olhei em torno para ver se alguma coisa nova acontecera e vi os jovens que tinham partido pouco antes, assustados, voltarem a mim de toda parte. Logo depois, o mugido do touro, e o touro mesmo que os seguia. Quando o touro reapareceu, eu fiquei tão espantado à sua vista que acordei.

Capítulo 5

Sonhos sobre monstros

O banquete¹³⁶

Na noite de 8 para 9 de agosto de 1880, Dom Bosco teve um sonho que narrou na noite do dia 10, durante os exercícios espirituais dos noviços. As *Memórias biográficas* fazem uma síntese da redação do padre Barberis e de outra que é evidentemente uma tradução não muito feliz do francês. Note-se que naquele ano havia vários noviços franceses.

Antes de tudo devem saber que os sonhos se têm dormindo. Eu sonhava que me encontrava aqui em São Benigno (coisa estranha, porque se sonha quase sempre que a gente se encontra em lugares e circunstâncias diversas daquelas que presentemente são a realidade) e precisamente que me encontrava em uma grande sala, como seria o nosso refeitório daqui, maior ainda.

Esta sala muito grande era toda iluminada e eu pensava comigo mesmo: “Padre Barberis fez isso de propósito? Mas de onde pôde tomar tanto dinheiro?”.

Lá estavam muitos jovens para o almoço, sentados em torno das mesas. Mas não comiam. Quando entrei em companhia de *outro*, eles pegaram o pão como se fosse para comer.

A sala estava elegantemente iluminada, mas de uma luz que não deixava ver de onde viesse. Os talheres, as toalhas, os guardanapos estavam tão brancos que os nossos mais cândidos, colocados perto daqueles, pareceriam sujos. Talheres, copos, garrafas e pratos estavam todos tão luzentes e belos que eu suspeitei que estivesse sonhando, e dizia para mim mesmo:

– Mas eu sonho! Nunca houve em São Benigno tanta riqueza! Porém, estou aqui e não sonho.

Entretanto, observava aqueles jovens que estavam lá, mas não comiam. Perguntei:

– Que estão fazendo ali, eles não comem?

Enquanto dizia isso, todos se puseram a comer.

Eu olhava e via tantos jovens de nossas casas e muitos daqueles que estão aqui a fazer os exercícios. Não sabia a resposta, e pedi a meu companheiro que me dissesse o que significava tudo aquilo. Ele me respondeu:

¹³⁶ Cf. MB XIV, p. 552-555.

– Preste atenção um momento e compreenderá todo o mistério.

Enquanto ele dizia estas palavras, mudou-se a luz que havia antes. Apareceu outra mais resplandecente ainda. E, enquanto procurava aproximar-me para ver melhor, eis que me aparece uma turma de graciosíssimos juvenzinhos, como anjos, que seguravam na mão um lírio, e se puseram a passear sobre a mesa sem tocá-la com os pés. Os comensais se levantaram e com o sorriso nos lábios estavam observando. Aqueles anjos distribuíam lírios cá e acolá e os que os recebiam se alçavam também eles da terra, como se fossem espíritos.

Observando quais eram os jovens que recebiam os lírios, eu os reconhecia, mas sua aparência era tão bela e resplandecente que não teria imaginado encontrar algo de melhor no paraíso. Perguntei o que significavam aqueles jovens que levavam o lírio. Foi-me respondido:

– Não pregou tantas vezes sobre a bela virtude da pureza?

– Sim – disse eu –, preguei sobre ela e a insinuei tanto no coração de meus jovens.

– Pois bem – retomou meu companheiro –, aqueles que vê com o lírio na mão são justamente aqueles que souberam conservá-la.

Não sabia mesmo o que dizer. Ficando todo maravilhado, vi aparecer de novo outro grupo de jovens que passeavam sobre a mesa sem tocá-la e tinham em mão muitas rosas e as andavam distribuindo. Quem as recebia adquiria naquele momento e conservava depois um esplendor belíssimo no rosto.

Perguntei ao meu companheiro o que queria significar este outro grupo de jovens que tinham as rosas; e ele me respondeu:

– São aqueles inflamados de amor de Deus.

Vi então que todos tinham sobre a fronte, escrito em caracteres de ouro, o próprio nome, e me aproximei para poder vê-los melhor. Antes fiz que ia tomar nota de seus nomes. Mas eles, num dado momento, desapareceram todos.

Com eles desapareceu também a luz, de modo que eu fiquei no escuro, numa obscuridade, porém, na qual se podia ver ainda um pouco.

Via faces vermelhas quase de fogo, e eram daqueles que não tinham recebido nem o lírio nem a rosa. Vi também alguns que se afadigavam junto de uma corda lodosa que pendia do alto e se esforçavam para subir por ela e ir para o alto. Mas a corda cedia sempre e vinha para baixo um pouco, de modo que aqueles pobrezinhos caíam sempre por terra com as mãos e o corpo enlameados.

Estranhei e me maravilhei de ver naquela sala tal jogo, perguntei com insistência o que significava aquilo que eu via. Foi-me respondido:

– A corda, como você pregou, é a Confissão. Corda à qual quem sabe agarrar-se bem levará certamente ao céu. E estes são justamente aqueles jovens que com frequência vão à Confissão e se agarram a esta corda para poder se levantar. Mas se agarram à

corda, isto é, vão se confessar, sem todas as disposições necessárias, com pouca dor e pouco propósito, e por isso não podem subir. Aquela corda se rompe sempre e não podem nunca subir, escorregam e estão sempre no mesmo plano.

Eu queria tomar nota do nome também daqueles, mas tive apenas tempo de escrever dois ou três, e eles desapareceram de meus olhos. Com eles desapareceu também aquele pouco de luz e eu fiquei em total escuridão.

Em meio àquela escuridão vi um espetáculo ainda mais desolador. Certos jovens de um aspecto tétrico tinham enrolada no pescoço uma grande serpente, que com a cauda ia ao coração e estendia a cabeça adiante e a pousava próximo à boca do mísero, como para morder-lhe a língua, se por acaso abrisse os lábios. A face daqueles jovens era tão feia que me dava medo. Os olhos vinham para fora, tinham a boca torta e estavam numa posição que espantava.

Tremendo todo, perguntei novamente o que queria significar aquilo, e me foi dito:

– Não vê? A antiga serpente aperta a garganta daqueles infelizes com duas voltas, para não deixar que eles falem na Confissão. Pobrezinhos! Se falassem, fariam uma boa confissão e o demônio não poderia mais nada contra eles. Mas por respeito humano não falam, têm seus pecados na consciência, voltam muitas e muitas vezes a se confessar sem ousar nunca pôr para fora o veneno que retêm no coração.

Então disse a meu companheiro:

– Dá-me o nome de todos estes para que eu possa recordar-me.

– Vamos, vamos, escreva – me respondeu.

– Mas não há tempo – dizia eu.

– Coragem, coragem, escreva.

Pus-me a escrever, mas escrevi poucos deles, porque desapareceram todos de meus olhos.

E meu companheiro me disse:

– Vá, diga a seus jovens que estejam atentos e conte a eles aquilo que você viu.

– Dê-me um sinal – respondi-lhe –, para que me possa persuadir bem se este é simplesmente um sonho ou uma advertência que o Senhor quer me dar para meus jovens.

– Preste atenção! – disse-me.

Então reapareceu a luz que crescia sempre mais e reapareceram aqueles jovens que tinham o lírio e as rosas. A luz crescia a cada instante, de modo que pude observar que aqueles jovens estavam todos contentes. Uma alegria de anjos resplandecia em seu rosto.

Observava com uma maravilha indescritível. No entanto a luz crescia sempre e cresceu tanto que depois deu em uma terrível detonação. Àquele fragor acordei e me encontrei em meu leito, tão cansado que ainda agora me ressinto daquele cansaço.

Agora vocês deem a este sonho aquela fé que se pode dar aos sonhos. Para mim, no entanto, direi a vocês que me parece haver também algo de verdadeiro. Ontem à noite e hoje quis experimentar e, indagando, encontrei que o meu sonho não era todo um sonho e que somente uma misericórdia extraordinária do Senhor pode salvar certos desgraçados.

Um monstro ataca Dom Bosco¹³⁷

Em fevereiro de 1862, Dom Bosco estava hospedado com o bispo de Ivrea, dom Moreno. Uma noite, levou a conversa com o bispo até hora avançada. Depois se retirou para o quarto.

Apenas apagada a luz, o travesseiro começa a balançar. Depois se apresentou aos pés do leito um monstro horrível, em ato de lançar-se sobre ele. A tal aparição, ele mandou um grito que acordou todos no palácio episcopal.

Acorreram os criados, correu o secretário do bispo, o vigário-geral, correu o próprio bispo, temendo que tivesse acontecido algo ao hóspede.

Encontraram-no prostrado de forças, mas tranquilo. E a todos respondia:

– Não foi nada, não foi nada... Foi um sonho.¹³⁸

O sapo gigante¹³⁹

Na noite de 30 de abril de 1868, quinta-feira, depois das orações, os aprendizes foram se unir aos seus companheiros estudantes, e Dom Bosco começou a dizer:

– Meus caros jovens! Ontem à noite disse a vocês que eu tinha alguma coisa ruim para contar a vocês.

E contou-lhes este sonho tido em Lanzo:

Pareceu-me ver entrar em meu quarto um grande monstro, que avançava e foi se colocar justamente aos pés do leito. Tinha uma forma asquerosa de sapo e seu tamanho era o de um boi.

¹³⁷ Nas *Memórias* do Oratório Dom Bosco nos narra que, uma vez, indo a cavalo pregar numa cidadezinha dos arredores de Castelnuovo, o cavalo se assustou com uma revoada de pássaros. Dom Bosco foi lançado fora da sela e caiu de cabeça sobre algumas pedras (cf. MO, p. 114-116). O doutor Giovanni Albertotti, médico de Dom Bosco, achava que tal fato tivesse deixado sequelas. E atribuía a elas o fato de Dom Bosco sonhar tanto com monstros.

¹³⁸ Cf. MB VII, p. 75.

¹³⁹ Cf. MB IX, p. 155-156.

Eu o olhava fixamente, quase sem respirar. O monstro pouco a pouco crescia. Crescia nas pernas, crescia no corpo, crescia na cabeça, e quanto mais aumentava seu volume tanto mais se tornava horrível. Era de cor verde com uma linha vermelha ao redor da boca e do pescoço, o que o tornava ainda mais terrivelmente espantoso. Seus olhos eram de fogo e suas orelhas ósseas muito pequenas. (Observando-o, eu pensava comigo: “Mas sapo não tem orelhas!”.) E sobre o nariz se elevavam dois chifres, dos flancos despontavam duas pequenas asas esverdeadas. Suas pernas eram parecidas com as de um leão e atrás se estendia uma longa cauda que terminava em duas pontas.

Naqueles momentos parecia-me não ter medo de jeito nenhum. Mas aquele monstro começou a aproximar-se cada vez mais em minha direção e alargava a boca ampla e guarnecida de grossos dentes. Eu então fui tomado de grande terror. Pensei que era um demônio do inferno, pois de demônio tinha todos os sinais. Fiz o sinal da cruz, mas não adiantou nada. Toquei a campainha, mas naquela hora não veio ninguém, ninguém ouviu. Gritei. Em vão. O monstro não fugia.

– O que quer de mim – disse então –, bruto demônio?

Mas ele mais e mais se aproximava, e levantava e alargava as orelhas. Pousou então suas patas anteriores sobre a beirada no fundo do leito, e foi se levantando lentamente, até agarrar-se à cabeceira da cama com as patas posteriores.

Ficou imóvel por um momento, fixando-me. Depois alongando-se para diante, estendeu o focinho face a face comigo. Fui tomado por tal repugnância que me levantei de um pulo, ficando sentado na cama. E estava para jogar-me no chão, mas o monstro abriu a boca. Queria defender-me, repeli-lo, mas era tão nauseabundo que também naquele apuro não ousei tocá-lo. Comecei a gritar. Estiquei a mão para trás, buscando a caldeira de água benta. Batia as mãos contra a parede, mas não a encontrava. E o sapo abocanhou por um instante a minha cabeça de maneira que metade de minha pessoa estava dentro daquelas horrendas goelas. Então eu gritei:

– Em nome de Deus, por que me faz isso?

O sapo, à minha voz, se retirou um tantinho, deixando livre a minha cabeça. Fiz então de novo o sinal da santa cruz e, tendo conseguido colocar os dedos na água benta, joguei um pouco dela sobre o monstro.

Então aquele demônio, mandando um berro terrível, precipitou-se para trás e desapareceu. Mas no desaparecer eu pude ouvir uma voz que do alto pronunciou distintamente estas palavras:

– Por que não fala?

O diretor de Lanzo, padre Lemoyne, acordou naquela noite com meus gritos prolongados. Ouviu que batia as mãos na parede e de manhã me perguntou:

– Dom Bosco, sonhou esta noite?

– Por que me faz esta pergunta?

– Porque ouvi seus gritos.

Foi buscar frutos e nada achou¹⁴⁰

E Dom Bosco continuou falando aos meninos:

– Tinha conhecido, pois, ser vontade de Deus que eu dissesse a vocês isto que vi. Então determinei-me a contar todo o sonho a vocês, e porque sou obrigado em consciência a dizê-lo até para livrar-me destes espectros. Agradecemos ao Senhor por suas misericórdias e, entretanto, qualquer que seja o modo com que Deus queira nos fazer conhecer sua vontade, procuremos colocar em prática os avisos que nos foram dados e servirmo-nos destes meios que nos foram oferecidos para a salvação de nossas almas. Eu pude conhecer nestas circunstâncias o estado da consciência de cada um de vocês. Desejo, porém, que quanto estou para dizer se conserve entre nós. Peço a vocês que não queiram escrever nem falar disso fora de casa, porque não são coisas que se ponham em ridículo, como alguns poderiam fazer, e para que não possam daí acontecer inconvenientes que tragam desgosto para Dom Bosco. A vocês as digo em confiança como a meus amados filhos e vocês as escutem como vindas de vosso pai. Eis pois os sonhos que eu queria que passassem despercebidos¹⁴¹ e que sou constrangido a narrar a vocês:

Já desde os primeiros dias da Semana Santa (5 de abril) comecei a ter sonhos que depois me ocuparam e me molestaram por diversas noites. Estes sonhos me cansavam tanto que na manhã seguinte eu estava muito mais cansado do que se tivesse trabalhado toda a noite, pois minha mente estava muito perturbada e agitada.

A primeira noite sonhei que estava morto. Na segunda, que estava no juízo de Deus, onde me tocava ajustar minhas contas com Nosso Senhor. Mas acordei e vi que estava vivo no leito, e que tinha ainda tempo para preparar-me um pouco melhor para uma santa morte.

Na terceira noite sonhei que estava no paraíso, e lá parecia-me que estava muito bem e gozava muito. Passada a noite, ao despertar pela manhã vi desaparecer aquela cara ilusão, mas sentia-me resolvido a ganhar a qualquer custo aquele reino eterno que tinha divisado. Até aqui eram só coisas que não têm importância alguma para vocês e não têm nenhum significado. Vai-se dormir com aquele pensamento e no sono se reproduzem as coisas pensadas.

Sonhei pois uma quarta vez, e é este o sonho que devo expor a vocês.

Na noite da Quinta-feira Santa (9 de abril), pareceu-me em minha imaginação que estava aqui debaixo destes pórticos, circundado por nossos padres, clérigos, assistentes e jovens. Pareceu-me depois, tendo vocês todos desaparecido, ter avançado um tanto no pátio. Estavam comigo padre Rua, padre Cagliero, padre Francesia, padre Sávio e o jovenzinho Preti. Um pouco distantes José Buzzetti e padre Estêvão Rumi, adido ao Seminário de Gênova, nosso grande amigo.

Em dado momento, o Oratório atual mudou de aspecto e tomou o aspecto de nossa casa como era em seus primórdios, quando estavam quase que só os estudantes.

¹⁴⁰ Cf. MB IX, p. 156-164.

¹⁴¹ Esta será uma leitura não muito agradável. A um leitor muito sensível, convém passar adiante.

Note-se que o pátio era confinante com vastos campos não cultivados, desabitados, que se estendiam até os prados da cidadela, onde os primeiros jovens muitas vezes corriam brincando. Eu estava perto do lugar onde agora, debaixo das janelas de meu aposento, está a oficina dos carpinteiros, espaço uma vez cultivado como horta.

Enquanto, assentados, estávamos conversando sobre as coisas da casa e o andamento dos jovens, eis que aqui, diante desta pilastra¹⁴² que sustenta a bomba, junto da qual estava a porta da casa Pinardi, vimos brotar da terra uma belíssima videira, aquela mesma que tempos atrás estivera já naquele mesmo lugar. Ficamos maravilhados que a videira aparecesse de novo depois de tantos anos. E um perguntava ao outro o que poderia ser isso.

A videira crescia a olhos vistos e estava da altura de um homem. Eis que começou a estender seus galhos em número extraordinário, de cá, de lá, por todas as partes, e a brotar suas folhas. Em breve tempo se estendeu tanto que ocupou todo o nosso pátio e foi além. O que era singular é que seus galhos não se lançavam para o alto, mas se estendiam paralelamente ao solo como um imenso caramanchão, ficando assim suspensos sem um esteio visível.

Belas e verdes eram as folhas, brotadas então. E os longos ramos de uma prosperidade e de um vigor surpreendentes. Logo surgiram belos cachos, engrossaram os bagos e a uva foi tomando cor.

Dom Bosco e aqueles que estavam com ele olhavam estupefatos e diziam:

– Como fez esta videira para crescer tão depressa? O que será?

E disse Dom Bosco:

– É! Vamos ver o que acontece.

Eu observava com os olhos bem abertos, sem piscar, quando em dado momento todos os bagos caíram por terra e se tornaram outros tantos jovens vivazes e alegres, dos quais num momento ficou cheio todo o pátio do Oratório e todo o espaço ao redor sombreado pela videira. Saltavam, brincavam, gritavam, corriam debaixo daquele singular caramanchão, de tal forma que dava grande prazer o vê-los. Estavam aqui todos os jovens que estiveram, estão e estarão no Oratório e nos outros colégios, porque muitíssimos não os conhecia.

Então um personagem, que no início não conheci quem fosse – e vocês sabem que Dom Bosco em seus sonhos tem sempre um guia –, me apareceu ao lado e observava também ele os jovens. Em dado momento um véu misterioso se estendeu diante de nós e escondeu aquele agradável espetáculo.

O longo véu, não mais alto que a vinha, parecia pendurado nos ramos da videira em todo o seu comprimento e descia ao solo como uma cortina. Não se via mais nada a não ser a parte superior da videira, que parecia um vastíssimo tapete de verdura. Toda a alegria dos jovens tinha cessado num instante e sucedia-se um melancólico silêncio.

¹⁴² Onde estava apoiada a cátedra da qual ele falava.

– Olhe! – disse-me o guia. E me indicou a videira.

Aproximei-me e vi que aquela bela videira, que parecia carregada de uvas, não tinha mais que as folhas, sobre as quais estavam escritas as palavras do Evangelho: “Nada encontrou nela!” (*Nihil invenit in ea!*).

Não sabia o que isso quisesse significar e disse àquele personagem:

– Quem é você? O que significa esta videira?

Ele tirou o véu que estava diante da videira e debaixo apareceu apenas certo número dos muitíssimos nossos jovens, em grande parte desconhecidos por mim.

– Estes – acrescentou – são aqueles que têm muita facilidade para fazer o bem, mas não têm como objetivo agradar a Nosso Senhor. São aqueles que fazem ver que realizam obras de bem só para não desaparecer diante dos bons companheiros. São aqueles que observam com exatidão as regras da casa, mas por cálculo, para evitar reprimendas e não perder a estima dos superiores. Mostram-se atenciosos com eles, mas não tiram nenhum fruto das instruções, das palavras de animação e dos cuidados que recebem. O ideal deles é procurar para si uma posição honrosa e lucrativa no mundo. Não cuidam de estudar a vocação, rejeitam o convite do Senhor quando os chama e ao mesmo tempo simulam suas intenções, temendo algum prejuízo. Em suma, são aqueles que fazem as coisas forçados e por isso elas não os ajudam em nada para a eternidade.

Assim falou. Oh, quanto desprazer me causou ver entre eles também alguns que eu pensava serem muito bons, afeiçoados e sinceros!

E o amigo acrescentou:

– O mal não está todo aqui.

E deixou cair o véu. Reapareceu estendida a parte superior de toda aquela videira.

– Agora olhe de novo! – disse-me.

Olhei aqueles ramos. Entre as folhas viam-se muitos cachos de uva que à primeira vista prometiam uma rica vindima.

Já me alegrava mas, aproximando-me, vi que aqueles cachos eram defeituosos ou estavam estragados. Alguns cheios de mofo, outros com abundantes vermes e insetos que os roíam, outros comidos pelos passarinhos e pelas vespas, outros apodrecidos ou secos. Olhando bem mesmo, me persuadi de que nada de bom se podia tirar daqueles cachos, que não faziam senão empestar o ar à volta com o mau cheiro que deles emanava.

Aquele personagem então levantou de novo o véu:

– Olhe! – exclamou.

E debaixo apareceu não o número extraordinário de nossos jovens visto no princípio do sonho, mas muitos e muitos deles. Suas fisionomias, antes tão belas, tinham se

tornado feias, escuras e cheias de chagas asquerosas. Eles passeavam curvos, encolhidos no porte e melancólicos. Ninguém falava. Entre estes havia daqueles que já moraram aqui na casa e nos colégios, daqueles que aqui estão presentemente, e muitíssimos que eu não conhecia ainda. Todos estavam envergonhados e não ousavam levantar o olhar.

Eu, os padres e alguns que me rodeavam estávamos espantados e emudecidos. Finalmente perguntei a meu guia:

– Como é isso? Por que aqueles jovens antes eram tão alegres e belos e agora estão tão tristes e feios?

O guia respondeu:

– Eis as conseqüências do pecado!

Os jovens no entanto passavam diante de mim e o guia me disse:

– Observe-os bem um pouco!

Atentamente eu os fixei e vi que todos traziam escrito sobre a fronte e sobre a mão o seu pecado. Entre estes reconheci alguns que me causaram espanto. Sempre acreditei que fossem exemplos de virtude e em vez disso descobria que tinham gravíssimas falhas na alma.

Enquanto os jovens desfilavam, eu lia sobre suas frentes: imodéstia – escândalo – malignidade – soberba – ócio – gula – inveja – ira – espírito de vingança – blasfêmia – irreligião – desobediência – sacrilégio – furto.

Meu guia me fez observar:

– Nem todos são agora como os vê. Mas um dia serão tais se não mudarem de conduta. Muitos desses pecados não são por si graves. São, porém, causa e início de terríveis quedas e de eterna perdição. “Quem despreza as coisas pequenas, aos poucos irá caindo” (*Qui spernit modica, paulatim decidet*). A gula produz a impureza; o desprezo pelos superiores leva ao desprezo pelos sacerdotes e pela Igreja; e assim por diante.

Desolado com esse espetáculo peguei a cadernetinha e o lápis para escrever os nomes dos jovens que conhecia e anotar os pecados ou ao menos o vício dominante de cada um. Porque queria adverti-los e corrigi-los. Mas o guia me agarrou pelo braço e me perguntou:

– Que está fazendo?

– Escrevo o que vejo impresso na fronte deles, para que possa adverti-los e se corrijam.

– Não lhe é permitido – respondeu o amigo.

– Por quê?

– Não faltam meios para viver livres dessas doenças. Têm os regulamentos, que os observem. Têm superiores, obedeçam a eles. Têm os sacramentos, que os frequentem.

Têm a Confissão, não a profanem com o esconder os pecados. Têm a santa Comunhão, não a recebam com a alma suja por culpa grave. Saibam defender os olhos, fujam dos maus companheiros, se abstenham das más leituras e das más conversas etc. Estão nesta casa e os regulamentos os salvarão. Quando toca o sino estejam prontos para a obediência. Não busquem subterfúgios para enganar os mestres e ficar ociosos. Não sacudam o jugo dos superiores, considerando-os como vigilantes importunos, conselheiros interesseiros, como inimigos, e cantando vitória quando conseguem encobrir os próprios defeitos ou ver que suas faltas não foram punidas. Sejam respeitosos e rezem de boa vontade na igreja e em outros templos destinados à oração, sem perturbar e conversar. Estudem no estudo, trabalhem na oficina e tenham um comportamento decente. Estudo, trabalho e oração: eis o que os conservará bons etc.

Não obstante essa negativa eu continuei ainda a pedir insistentemente a meu guia que me deixasse escrever aqueles nomes. E ele me arrancou decididamente das mãos a cadernetinha e a jogou por terra, dizendo:

– Digo a você que não escreva esses nomes. Com a graça de Deus e com a voz da consciência seus jovens podem saber o que devem fazer ou evitar.

– Então não poderei manifestar alguma coisa a meus caros jovens? Diga-me você pelo menos o que poderei anunciar a eles, que aviso dar! – falou.

– Poderá dizer o que se recordar, à sua vontade.

E deixou cair de novo o véu. Apareceu diante dos nossos olhos a videira, cujos ramos, quase sem folhas, estavam carregados de uma bela uva rubicunda e madura. Aproximei-me, observei atentamente os cachos e os encontrei quais pareciam ser de longe. Era um prazer vê-los e davam água na boca só ao contemplá-los. Espargiam ao redor suavíssimo odor.

O amigo levantou logo o véu. Debaixo daquele caramanchão tão extenso estavam muitos de nossos jovens que estão, estiveram e estarão conosco. Eram belíssimos e radiantes de alegria.

– Estes – disse ele – são e serão aqueles que com seus cuidados dão e darão bons frutos, aqueles que praticam a virtude e lhe darão muitas consolações.

Eu me alegrei e ao mesmo tempo fiquei aflito, porque eles não eram aquele número grandíssimo que esperava. Enquanto os contemplava tocou o sinal para o almoço e os jovens foram embora. Os clérigos foram para sua destinação. Olhei em volta e não vi mais ninguém. Também a videira com seus galhos e cachos tinha desaparecido. Procurei por aquele homem e não mais o vi. Então acordei e pude repousar um pouco.

Dia 1º de maio, sexta-feira, Dom Bosco continuou a contar:

Como disse a vocês ontem à noite, eu acordara parecendo-me ter ouvido o som do sino. Mas tornei a adormecer e repousava com um sono tranquilo quando fui sacudido pela segunda vez. Pareceu-me que me encontrava em meu quarto, despachando minha

correspondência. Saí na sacada, contemplei por um instante a cúpula da igreja nova que se levantava gigantesca e desci para debaixo dos pórticos.

Pouco a pouco chegavam das próprias ocupações nossos padres e os clérigos que me faziam coroa. Entre estes estavam os padres Rua, Cagliero, Francesia e Sávio. Eu me entretinha a falar com meus amigos de coisas diversas quando improvisamente mudou o cenário. Desapareceu a igreja de Maria Auxiliadora. Desapareceram todos os atuais edifícios do Oratório, e nos encontramos diante da velha casa Pinardi. E eis que novamente brotou da terra uma videira no mesmo lugar em que vi a primeira. Foi quase como surgisse das mesmas raízes e se elevou a igual altura. Lançou então muitíssimos galhos horizontais que se espalharam por um vastíssimo espaço. Eles se cobriram de folhas, depois de cachos e por último amadureceram as uvas. Mas não mais apareceram as turbas de jovens.

Os cachos eram enormes como aqueles da terra prometida. Teria sido necessária a força de um homem para sustentar um só. Os bagos eram extraordinariamente grossos e de forma alongada. A cor, de um belo amarelo-ouro. Pareciam muito maduros. Um só bastaria para encher a boca. Tinham o aspecto tão belo que faziam vir água na boca.

Também padre Cagliero observava maravilhado aquele espetáculo comigo e com os outros padres. Exclamei:

– Que uva estupenda!

Sem tanta cerimônia, padre Cagliero se aproximou da vinha, pegou alguns bagos, jogou um na boca e apertou-o com os dentes. Mas ficou ali, nauseado, com a boca aberta. Jogou fora a uva com um ímpeto que parecia que a vomitasse. A uva tinha um gosto tão ruim como o de um ovo podre.¹⁴³

– Nossa! – exclamou padre Cagliero, depois ter cuspidido várias vezes. – É veneno, é coisa para fazer morrer um cristão!

Todos olhavam e ninguém falava. Então saiu da porta da sacristia da capela antiga um homem sério e resolutivo. Aproximou-se de nós e parou ao meu lado. Interroguei:

– Como é que uma uva tão bela tem um gosto tão ruim?

Aquele homem não respondeu, mas, sempre sério, foi pegar um feixe de bastões. Escolheu um cheio de nós e apresentando-se ao padre Sávio ofereceu a ele, dizendo:

– Tome e bata nestes ramos!

Padre Sávio se recusou, dando um passo para trás.

¹⁴³ Até parece ver algumas propostas que surgem na sociedade atual. Na aparência são de uma capacidade sedutora e sem rival. Mas na realidade... Vejam a *opção sexual*. Não se confunda com o *respeito pela pessoa homossexual*. Esta é uma proposição baseada no princípio do *respeito à pessoa*. A própria ciência dá forças a ela e procura esclarecer a situação de cada um. A *opção sexual* vivida como está, com grande leviandade, nada tem a ver com isso. E as pesquisas sobre o assunto já começam a revelar o quanto são prejudiciais as consequências.

Então aquele homem se voltou para padre Francesia, lhe ofereceu o bastão e disse:

– Tome e bata!

Como ao padre Sávio, acenava o lugar onde devia bater. E padre Francesia, levantando os ombros e arrebitando o queixo, abaixou um pouquinho a cabeça, acenando que não.

Aquele homem foi colocar-se diante do padre Cagliero e tomando-o por um braço lhe apresentou o bastão, dizendo:

– Tome e bata, espanca e derruba! – mostrando-lhe onde bater.

Aterrorizado, padre Cagliero deu um salto para trás e, batendo o dorso de uma mão contra o da outra, exclamou:

– Faltava também esta!

O guia apresentou-lhe pela segunda vez, repetindo:

– Tome e bata!

Padre Cagliero fez estalar os lábios, dizendo:

– Eu não! Eu não! (*Me no, me no!*)

Correu, tomado pelo medo, a esconder-se atrás de mim.

Vendo isso, aquele personagem, sem se descompor, se apresentou do mesmo modo ao padre Rua:

– Tome e bata!

E padre Rua, como padre Cagliero, veio abrigar-se atrás de mim.

Então eu me encontrei em face daquele homem singular que, parando diante de mim, me disse:

– Tome e bata você nestes ramos.

Eu fiz um grande esforço para ver se estava sonhando ou se estava lúcido, e pareceu-me que todas aquelas coisas fossem verdadeiras. Disse então àquele homem:

– Quem é você que me fala deste modo? Diga-me: por que tenho que bater nestes rebentos? Por que devo derrubá-los? Isto é um sonho, é uma ilusão? Que é isto? Em nome de quem você fala? Fala-me talvez em nome do Senhor?

– Aproxime-se da videira, me respondeu, e leia sobre aquelas folhas!

– Aproximei-me, examinei com atenção as folhas e li que sobre elas estava escrito: “Por que ocupa inutilmente a terra?” (*Ut quid terram occupat?*)¹⁴⁴

– Está escrito no Evangelho! – exclamou meu guia.

¹⁴⁴ Cf. Ls 13,7.

Tinha entendido o bastante, mas quis observar:

– Antes de bater, recorde-se de que no Evangelho se lê também como o Senhor, a pedido do cultivador, esperou que se adubasse a planta inútil, começando pela raiz, e se cultivasse, arrancando-a somente depois de ter experimentado de tudo para que desse bom fruto.

– Pois bem, o castigo poderá ser adiado, mas olhe e verá.

E me indicou a videira. Eu olhava, mas não entendia.

– Venha e observe – replicou. – Leia sobre os bagos. O que está escrito?

Dom Bosco se aproximou e viu que todos os bagos tinham uma inscrição: o nome de um aluno e o título de sua culpa. Eu lia, e entre tantas imputações fiquei aterrorizado por estas: soberbo – infiel às suas promessas – incontinente – hipócrita – descuidado em todos os seus deveres – caluniador – vingativo – sem coração – sacrílego – desprezador da autoridade dos superiores – pedra de escândalo – sequaz de falsas doutrinas. Vi o nome: daqueles cujo Deus é o ventre (*quorum Deus venter est*); daqueles que a ciência incha (*scientia inflat*); daqueles que buscam seus interesses, não os de Cristo (*quaerunt quae sua sunt, non quae Iesu Christi*); daqueles que fazem grupinho contra os superiores e os regulamentos.

Eram os nomes de certos desgraçados que estiveram ou estão atualmente entre nós, e grande número de nomes novos para mim, ou seja, daqueles que virão a nós nos tempos futuros.

– Eis os frutos que dá esta vinha – disse sempre sério aquele homem –, frutos amargos, ruins, prejudiciais à salvação eterna.

Sem mais, peguei a caderneta e tomei o lápis. Queria escrever os nomes de alguns, mas o guia me agarrou pelo braço como da primeira vez e me disse:

– O que está fazendo?

– Deixe-me anotar o nome daqueles que eu conheço, para que possa adverti-los em privado e corriji-los.

Pedi inutilmente. O guia não me permitiu. E eu acrescentei:

– Mas se eu disser a eles como estão as coisas, em que mau estado eles se encontram, vão cair em si.

E ele me falou:

– Se não acreditam no Evangelho não acreditarão nem mesmo em você.

Insisti porque desejava tomar nota e ter normas também para o que dizia respeito ao futuro. Mas aquele homem nada mais respondeu, e indo diante do padre Rua com o feixe dos bastões convidou-o a pegar um deles:

– Tome e bata!

Padre Rua, cruzando os braços, abaixou a cabeça e murmurou:

– Paciência!

Deu uma olhada em Dom Bosco, que fez então um sinal de aprovação, e padre Rua tomou o bastão em suas mãos. Aproximou-se da vinha e começou a bater no lugar indicado. Mas tinha apenas dado os primeiros golpes e o guia lhe acenou para que parasse, gritando a todos:

– Retirem-se!

Paramos longe dali. Observávamos e víamos os bagos incharem, ficarem maiores, tornarem-se nojentos. Tinham o aspecto de lesmas sem o caracol, de cor sempre amarela, sem perder a forma de uva. O guia gritou ainda:

– Observem! Deixem que o Senhor descarregue suas vinganças!

E eis que o céu se anuviou, e uma névoa tão fechada que não deixava mais ver sequer a pouca distância cobriu toda a videira. Tudo escureceu. Relâmpagos riscaram o céu, ribombaram trovões, caíam tantos raios por todo o pátio que davam medo. Os ramos, agitados por ventos furiosos, se dobravam e voavam as folhas. Finalmente uma forte tempestade começou a cair sobre a videira. Eu queria fugir mas meu guia me deteve dizendo-me:

– Olhe aquele granizo!

Olhei e vi que o granizo era grande como um ovo. Em parte era preto, em parte vermelho. Cada pedra era pontuda de um lado e achatada do outro. O granizo preto batia no terreno próximo de mim, e mais atrás via-se cair o granizo vermelho.

– Como pode? – dizia. – Nunca vi granizo semelhante.

– Aproxime-se – respondeu-me o amigo desconhecido – e verá.

Aproximei-me um pouco do granizo preto, mas ele exalava tão mau cheiro que eu tive de me afastar. O outro sempre mais insistia para que eu me aproximasse. Então peguei uma pedra daquelas pretas para examiná-la. Logo tive de jogá-la, de tanto que me repugnou aquele odor pestilencial. E disse:

– Não posso ver nada!

E o outro:

– Olhe bem e verá!

E eu, fazendo-me maior violência, vi escrito sobre cada uma daquelas pedras de gelo preto: imodéstia.

Passei ainda ao granizo vermelho, que era frio, e no entanto queimava por toda parte onde caía. Peguei uma pedrinha que cheirava do mesmo modo, mas pude, com um pouco mais de facilidade, ler escrito sobre ela: soberba.

À vista disso também eu, cheio de vergonha, exclamei:

– Portanto são estes os dois vícios principais que ameaçam esta casa?

– Estes são os dois vícios capitais que arruinam um maior número de almas, não só em sua casa mas em todo o mundo. A seu tempo você verá quantos serão precipitados no inferno por causa destes dois vícios.

– E o que deverei pois dizer a meus filhos para que tenham aversão por eles?

– Quanto deverá dizer a eles, vai sabê-lo daqui a pouco.

Falando assim, afastou-se de mim. No entanto o granizo, entre o clarão dos relâmpagos e dos raios, continuava a bater furiosamente sobre a videira. Os cachos eram pisados, esmagados como se tivessem estado na tina, debaixo dos pés dos cantineiros, e expeliam seu suco. Um mau cheiro horrível se espalhou pelo ar e parecia sufocar a respiração. De cada bago saía um fedor variado, diferente, mas cada um era mais desagradável do que o outro, segundo as diversas espécies e o número dos pecados.

Não podendo mais resistir, coloquei o lenço no nariz. Logo voltei atrás para ir para o meu quarto. Mas não vi mais nenhum dos meus companheiros, nem padre Francesia, nem padre Rua, nem padre Cagliari. Tinham me deixado sozinho e tinham fugido. Tudo estava deserto e silencioso. Eu também fui então tomado por um tal espanto que me lancei na fuga e, fugindo, acordei.

Como veem este sonho é muito ruim, mas o que aconteceu na tarde e na noite depois da aparição do sapo diremos depois de amanhã, domingo, 3 de maio, e será muito pior ainda.

Agora vocês não podem conhecer as consequências, mas como não há mais tempo, para não privar vocês do repouso, vão dormir, deixarei para manifestá-las a vocês em outra ocasião.

Uma visita ao colégio de Lanzo¹⁴⁵

Em carta de 11 de fevereiro de 1871, Dom Bosco anunciou aos alunos do colégio que iria visitá-los durante os dias de carnaval. Um dos motivos era o sonho que narrou a eles nessa carta.

Turim, 11 de fevereiro de 1871

Caríssimos e amadíssimos filhos,

Escutem que terrível e dolorosa coisa tenho para contar. Sem que vocês e os superiores de vocês soubessem fui visitá-los. Chegando à pracinha diante da igreja vi um monstro verdadeiramente horrível. Olhos grandes e cintilantes, nariz grosso e curto, boca larga, queixo pontudo, orelhas de cachorro, dois chifres como os de um bode

¹⁴⁵ Cf. MB X, p. 42-43. Neste sonho reproduz, aplicando-a ao colégio, uma antiga história dos monges.

sobressaíam na cabeça. Ele ria e brincava com alguns de seus companheiros, pulando daqui e dali.

– O que você está fazendo aqui, seu palhaço dos infernos? – disse-lhe, espantado.

– Divirto-me – respondeu –, não sei o que fazer.

– Como, não sabe o que fazer? Talvez você tenha decidido deixar em paz estes meus caros juvenzinhos?

– Não é preciso que eu mesmo me ocupe, porque tenho a meu serviço alguns amigos meus que fazem com excelência a minha vez. Alunos escolhidos que se alistam e se mantêm fiéis a mim.

– Você mente, ó pai da mentira! Tantas práticas de piedade, leituras, meditações, confissões...

Olhou-me com um riso brejeiro e, acenando-me para que o seguisse, conduziu-me à sacristia, fazendo-me ver o diretor que confessava:

– Veja – juntou –, alguns são meus inimigos. Muitos, porém, me servem também aqui. São aqueles que prometem e não cumprem; confessam sempre as mesmas coisas, e eu fico muito alegre com as confissões deles.

Depois me conduziu a um dormitório e me fez observar alguns que durante a missa pensam maldades e não em ir à igreja. Em seguida me apontou um dizendo:

– Este já estive à beira da morte e então fez mil promessas ao Criador. Mas se tornou pior do que antes!

Levou-me ainda a outros lugares da casa e me fez ver coisas que me pareciam incríveis e que não quero escrever, mas contarei de viva voz. Então me reconduziu para dentro do pátio. Depois, com seus companheiros, diante da igreja, lhe perguntei:

– Qual é a coisa que presta melhor serviço a você entre estes juvenzinhos?

– As conversas, as conversas, as conversas! Tudo vem de lá. Cada palavra é uma semente que produz frutos maravilhosos.

– Quem são seus maiores inimigos?

– Os que frequentam a Comunhão.

– Qual a coisa que lhe dá maior fastio?

– Duas: a devoção a Maria... – e aqui calou-se como se não quisesse mais prosseguir.

– Qual é a segunda?

Então se perturbou, tomou o aspecto de um cão, de um gato, de um urso, de um lobo. Ora tinha três chifres, ora cinco, ora dez; três cabeças, cinco, sete. E isso quase ao mesmo tempo. Eu tremia, e o outro queria fugir. Eu queria fazê-lo falar, e lhe disse:

– Eu quero que me diga o que você mais teme entre todas aquelas coisas que aí se fazem. E isso eu ordeno em nome de Deus Criador, seu e meu patrão, a quem todos devemos obedecer.

Naquele momento, ele e todos os seus se contorceram, tomaram formas que não desejaria nunca mais ver na minha vida. Depois fizeram barulho com urros horríveis que terminaram com estas palavras:

– O que nos causa maior mal, o que mais que tudo tememos é a observância dos propósitos que se fazem na confissão!

Estas palavras foram pronunciadas com bramidos tão diabólicos e espantosos que todos aqueles monstros desapareceram como raios e eu me encontrei assentado à mesa em meu quarto. O resto vou dizer a vocês de viva voz e lhes explicarei tudo.

Deus nos abençoe e creiam-me de vocês

Afeiçoadíssimo em Jesus Cristo

Sacerdote João Bosco

Invoquemos a misericórdia de Deus¹⁴⁶

Dia 29 de novembro de 1873, tendo voltado da visita às casas de Sampierdarena, Varazze e Alassio, depois das orações da noite, Dom Bosco narrou outro sonho. Padre Berto tomou breves apontamentos desta narração e dela fez também detalhada exposição:

Nos dias que se passaram, meus caros jovens, nos quais me encontrava fora de casa, tive um sonho muito espantoso. Uma noite fui para a cama pensando na natureza daquele que me tinha acompanhado com o lampião nas mãos, no sonho que narrei a vocês algumas noites atrás, para visitar os dormitórios, fazendo-me observar sobre a frente dos jovens as manchas pretas com as quais estava suja a consciência deles. Isto é, se aquele indivíduo era um homem como nós ou um espírito em forma humana. Com tal pensamento em mente adormeci.

Eis que me pareceu ser transportado ao Oratório. Mas para minha surpresa vi que não se encontrava mais nesse lugar. Tinha sido transportado para a abertura de um grande e comprido vale, ladeado por dois pequenos montes em forma de duas graciosas colinas.

Eu me achava no meio dos jovens ali recolhidos, mas nenhum deles falava. Estavam todos preocupados. Em dado momento vi despontar no céu um sol tão luminoso e brilhante que com sua vividíssima luz ofuscava totalmente a vista de cada um, e para não ficar deslumbrados éramos obrigados a manter o olhar e a cabeça abaixados.

¹⁴⁶ Cf. MB X, p. 73-79.

Ficamos com a face voltada para o solo por algum tempo, até que a luz desse sol, tão resplandecente, começou a diminuir pouco a pouco até extinguir-se quase completamente, deixando-nos em uma profunda escuridão. Assim, os jovens, também os mais próximos, com dificuldade podiam ver-se e reconhecer-se um ao outro.

Essa repentina passagem da vivíssima luz às espessas trevas nos encheu a todos de grande terror. Mas, enquanto eu pensava de que modo sairíamos daquela tétrica obscuridade, vi aparecer num canto do vale uma luz esverdeada que, estendendo-se à semelhança de longa faixa, vinha pousar sobre o mesmo vale e, descrevendo um bellissimo arco, tocava ligeiramente com as duas extremidades o cimo dos dois pequenos montes.

Então, em meio a tanta escuridão, apareceu um pouco mais de luz. Antes, o dito arco-íris, que era semelhante aos naturais que aparecem depois da chuva, ou de um furioso temporal, ou como costuma acontecer em tempo de aurora boreal, deixava cair vale abaixo torrentes de luz de todas as cores mais lindas.

Enquanto estávamos ali atentos em admirar e gozar desse espetáculo gracioso, vi lá embaixo, no fundo do vale, um novo portento, que fez desaparecer o primeiro. Era um globo elétrico de extraordinária grandeza, suspenso no ar entre o céu e a terra. Mandava de todas as partes jorros de luz tão vivos que ninguém podia fixar nele o olhar sem perigo de cair desfalecido por terra. Esse globo vinha em nossa direção e tornava o vale muito mais resplandecente do que não teriam feito dez sóis como o nosso em pleno meio-dia. E à medida que se aproximava viam-se cá e lá os jovens caírem de bruços por terra, deslumbrados com o clarão daquele globo, como se tivessem sido atingidos por um raio.

A essa vista também eu fiquei no início bastante aterrorizado e incerto sobre o que fazer. Mas depois, retomando o ânimo, com grande esforço me pus a olhar fixamente e impávido aquele globo, acompanhando-o com o olhar em todos os seus movimentos, até que, sobre nós, parou a cerca de trezentos metros da terra.

Então falei para mim mesmo:

– Quero ver um pouco do que se trata este maravilhoso e inaudito fenômeno!

Examinei-o, portanto, atentamente em cada uma de suas partes e, embora estivesse alto, pude perceber que em cima terminava em forma de grande bola, na qual estavam gravadas com caracteres bem visíveis estas palavras: *Aquele que tudo pode.*

À volta toda levantavam-se vários balcões, ocupados por uma imensa multidão de pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. Mas todas gloriosas e alegres, adornadas por vestes resplandecentes de uma infinidade de cores diversas e de indescritível beleza. Com seu sorriso e sua atitude amigável pareciam convidar-nos a tomar parte em seu gozo e seu triunfo.

Do centro daquele celeste globo partia uma densa chuva de raios e setas de luz tão vívida que, vindo bater diretamente nos olhos dos jovens, ficavam aturdidos e cambaleavam por um momento. Então, não podendo mais ficar em pé, eram obrigados a jogar-se com a face por terra. E eu, não podendo mais aguentar tamanho esplendor, exclamei:

– Ó Senhor, por caridade, peço-vos: faça cessar esse divino espetáculo ou me faça morrer, pois eu não posso resistir a tão extraordinária beleza!

Dito isso e sentindo que me faltavam as forças, joguei-me também eu por terra, gritando:

– Invoquemos a misericórdia de Deus!

Tendo me recuperado após algum instante, levantei-me e dei uma volta pelo vale para ver o que acontecia com nossos jovens. Para minha grande surpresa e maravilha, observei que estavam todos prostrados e estendidos por terra, imóveis e em oração. Comecei, portanto, a fim de me assegurar se estavam vivos ou mortos, a tocar ora um ora outro com o pé, dizendo-lhe:

– Ei, o que está fazendo aqui? Está vivo ou morto?

E ele:

– Invoco a misericórdia de Deus!

E a mesma resposta me davam todos os outros que jaziam no chão.

Mas, chegando a um certo ponto do vale, vi com pesar diversos que estavam em pé, insolentemente com a cabeça empinada, voltada para o balão, como se quisessem desafiar a majestade de Deus, e com a face tornada preta como carvão. Aproximei-me deles, chamei-os pelo nome, mas eles não davam mais nenhum sinal de vida. Tinham ficado frios como o gelo, fulminados pelos raios e pelas setas do balão por causa de sua obstinação em não querer dobrar-se e invocar com seus companheiros a misericórdia de Deus. O que porém me trouxe também maior desgosto foi, como disse, ver que esses desgraçados não eram poucos.

Mas eis que nesse momento vi desembocar do fundo do vale um monstro de extraordinária grandeza e de indizível deformidade. Era mais feio e repelente do que qualquer monstro terreno que eu tenha visto. Ele se aproximava com grandes passos em nossa direção. Então fiz que ficassem de pé todos os jovens, que, àquela vista horrorosa, foram também tomados por um medo muito grande. Ansioso e ofegante, busquei em torno algum superior que me ajudasse a fazer os jovens subirem logo ao pequeno monte mais próximo e nos defender das presas daquela fera, se tentasse nos atacar. Mas não encontrei ninguém.

No entanto, o monstro se aproximava sempre mais, e estava ali a pouca distância de nós, quando aquele globo luminoso, que até então tinha ficado imóvel no alto sobre nossas cabeças, moveu-se rapidamente e, indo ao encontro do monstro, veio colocar-se precisamente entre nós e ele. Então abaixou-se quase até a terra para impedir-lhe de nos fazer mal. Ouviu-se naquele instante, a rimbombar pelo vale, como um estouro de trovão, esta voz:

– Nenhum acordo é possível entre Cristo e Belial! (*Nulla est conventio Christi cum Belial!*)

Entre os filhos da luz e os filhos das trevas, isto é, entre os bons e os malvados, que na Sagrada Escritura são chamados justamente de filhos de Belial.

Àquelas palavras acordei, enrijecido pelo frio, trêmulo pelo medo que experimentara. Pelo resto da noite, embora fosse só meia-noite, não pude mais retomar o sono nem aquecer-me.

Mas se de uma parte experimentei muita consolação por ter observado a quase totalidade dos nossos jovens a invocar com humildade e de coração a misericórdia de Deus, e a corresponder fielmente aos divinos favores, da outra devo também dizer a vocês que me causou não pouca dor ver o número não tanto exíguo daqueles ingratos, que, por teimosia e dureza de coração, resistindo a todos os convites da graça, tinham sido alcançados pela potência divina e ficaram privados da vida.

A alguns já os fiz chamar ontem à tarde e outros hoje, para que se coloquem logo em paz com Nosso Senhor, parem de abusar ainda mais da Divina Misericórdia e de ser pedra de escândalo para os companheiros. Porque não pode haver nenhuma aliança entre os filhos de Deus e os sequazes do demônio: *Nulla est conventio Christi cum Belial*. Este é o último aviso que lhes é dado.

Como veem, ó caros jovens, o que recomendei a vocês não é mais que um sonho, como todos os outros. Todavia devemos agradecer a Nosso Senhor, o qual se serve desse meio para nos fazer conhecer o estado de nossa alma e quanto ele é generoso de suas luzes e de suas graças para com aqueles que invocam com humildade de mente sua ajuda e sua assistência nas necessidades da alma e do corpo, porque Deus resiste aos soberbos, mas aos humildes dá a graça (*quia Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam*).

O país da prova¹⁴⁷

Dom Bosco anunciara aos meninos que contaria um sonho. Por vários motivos adiou um pouco aquela boa-noite. Finalmente, em 4 de maio de 1875, o desejo comum pôde ser satisfeito. Depois das orações, da costumeira cátedra Dom Bosco falou assim:

Eis-me aqui para manter minha promessa. Vocês sabem que os sonhos se têm dormindo. Aproximando-se pois o tempo dos exercícios espirituais, eu pensava no modo com que os meus jovens os teriam feito, e o que poderia sugerir-lhes para tirar fruto deles. Na noite do domingo, 25 de abril, vigília dos exercícios, fui para a cama com tal pensamento. Apenas deitei-me, peguei no sono. Pareceu-me que me encontrava totalmente só em um extenso vale. De cá e de lá havia uma alta colina. No fundo do vale, um lado do terreno era mais elevado e ali resplandecia uma luz clara; da outra parte, o horizonte estava meio escuro.

¹⁴⁷ Cf. MB XI, p. 257-261.

Contemplando esta planície, vi que vinham em minha direção Buzzetti e Gastini,¹⁴⁸ que me disseram:

– Dom Bosco, monte no cavalo! Depressa, depressa!

E eu:

– Vocês querem brincar comigo: sabem que faz muito tempo que eu não ando mais a cavalo!

Os dois jovens insistiam, mas eu me desculpava repetindo:

– Não quero andar a cavalo, uma vez fui andar e caí.

Buzzetti e Gastini, sempre com maior insistência, me apressavam, dizendo:

– Monte a cavalo, e logo, porque não temos tempo a perder.

– Mas, afinal, quando tiver montado a cavalo, onde querem me conduzir?

– Verá, ande depressa, monte.

– Mas onde está o cavalo? Eu aqui não vejo nenhum cavalo.

– Lá! – gritou Gastini, mostrando-me um lado daquele vale. Eu me volvei e de fato vi um belíssimo e brioso cavalo. Tinha pernas altas e grossas, espessa a crina e muito luzente o pelo.

– Pois bem – respondi –, já que vocês querem que eu monte a cavalo, montarei, mas olhem bem que se me fizerem cair...

– Fique tranquilo – responderam –, estamos com o senhor prontos para o que der e vier.

– E se quebrar o pescoço – disse a Buzzetti – você deverá colocá-lo no lugar.

Buzzetti se pôs a rir.

– Não é mais tempo de rir! – resmungou Gastini.

Assim nos aproximamos do cavalo. Com a ajuda deles, com muita dificuldade subi na garupa. Finalmente, acomodei-me na sela. Como me pareceu alto aquele cavalo! Dava-me a impressão de me encontrar sobre um outeiro elevado, do qual eu dominava todo o vale até as últimas extremidades.

Então meu cavalo se pôs em movimento. Aqui novas coisas estranhas. Parecia-me estar no meu quarto e me perguntei: “Onde estamos?”.

Via entrar, para encontrar-se comigo, padres, clérigos e outras pessoas, todos assustados, ansiosos.

¹⁴⁸ Carlos Gastini (1833-1902), oratoriano desde 1848, foi mestre de encadernação nas Escolas Profissionais do Oratório de Valdocco. Em 1870, promoveu a primeira reunião de ex-alunos salesianos, prestando uma homenagem a Dom Bosco. A partir de 1875, passou a presidir o comitê de ex-alunos do Oratório.

Depois de um bom caminho o cavalo parou. Vinham ao meu encontro todos os padres do Oratório, com muitos clérigos, os quais circundaram meu cavalo. Entre eles vi padre Rua, padre Cagliari e padre Bologna.¹⁴⁹ Assim que chegaram, pararam firmes, em pé, a contemplar o tamanho do cavalo sobre o qual eu me assentava. Ninguém falava. Eu os via todos com um aspecto melancólico, com uma perturbação que eu nunca tinha visto igual.

Chamei padre Bologna e lhe disse:

– Padre Bologna, você que está na portaria, sabe me dizer o que há de novo em casa? Por que vejo em todos uma perturbação tão grande?

Ele respondeu:

– Eu não sei onde estou... O que faço... Sinto-me confuso... Veio gente, falaram, saíram. Na portaria há um entra-e-sai que eu não entendo mais nada.

– Pode ser que hoje esteja acontecendo alguma coisa extraordinária – eu ia repetindo comigo mesmo.

Então alguém trouxe e me entregou uma trompa, dizendo-me que a tivesse comigo e que me seria útil. Eu perguntei:

– Onde estamos aqui?

– Sobre na trompa!

Soprei na trompa e saiu esta voz:

– Estamos no país da prova.

Então viu-se descer da colina uma quantidade tal de jovens que creio fossem uns 100 mil ou mais. Nenhum falava. Mudos, armados de uma força, avançavam a grandes passos para o vale. Entre eles vi todos os jovens do Oratório e dos outros nossos colégios, e muitíssimos que eu nem sequer conhecia.

Naquele momento o céu começou a escurecer de tal modo que parecia noite. Aí surgiu um grande número de animais, que pareciam leões e tigres. Esses monstros ferozes, grossos de corpo, com pernas robustas e pescoço comprido, tinham a cabeça bastante pequena. Seus focinhos metiam medo: olhos vermelhos quase fora das órbitas, se lançaram contra os jovens, os quais, vendo-se atacados por aqueles animais, se colocaram em defesa. Tinham na mão uma força com duas pontas e apresentavam aquela força àqueles monstros, erguendo-a ou abaixando-a segundo o assalto dos animais.

Não conseguindo vencer no primeiro ímpeto, mordiam os ferros da força, rompiam os dentes e desapareciam.

Havia entre aqueles jovens quem tinha a força com uma só ponta, e estes ficavam feridos. Outros a tinham com o cabo quebrado, outros com o cabo carunchado, e

¹⁴⁹ Padre Giuseppe Bologna (1847-1907), que será depois inspetor na França.

outros, ainda, presunçosos, atiravam-se contra aqueles animais sem armas e se tornaram vítimas. Não poucos foram mortos. Muitos tinham a forca com o cabo novo e com duas pontas.

Meu cavalo, no princípio, no entanto, também ele foi circundado por uma quantidade sem conta de serpentes. Mas com saltos e coices à direita e à esquerda ele as esmagava e as afastava, enquanto se erguia a uma grande altura e ia sempre crescendo.

Perguntei a alguém o que significavam aquelas forcas com duas pontas, e ele me trouxe uma forca onde estava escrito sobre uma das duas pontas: *Confissão*; e sobre a outra: *Comunhão*.

– Mas o que significam aquelas duas pontas?

– Sobre na trompa.

Soprei e saiu esta voz: “Confissão e Comunhão benfeitas”.

Soprei de novo e saiu esta voz: “Cabo quebrado: confissões e comunhões malfeitas. Cabo carunchado: confissões defeituosas”.

Acabado este primeiro assalto, dei uma volta a cavalo pelo campo de batalha e vi muitos feridos e muitos mortos.

Observei que alguns jaziam por terra mortos, estrangulados, com o pescoço inchado de maneira disforme. Outros com a face deformada de modo horrível, e outros mortos de fome, embora tivessem ao lado um prato de belos confeitos.

Os estrangulados são aqueles que, tendo tido a desgraça de cometer desde pequenos algum pecado, nunca se confessaram disso. Os deformados no rosto eram os gulosos. Aqueles mortos de fome, os que se vão confessar mas não colocam em prática os avisos e os conselhos do confessor.

Perto de cada um daqueles que tinham o cabo carunchado havia uma palavra escrita. Para uns estava escrito *Soberba*, para outros, *Preguiça*, para outros, *Imodéstia* etc. Deve-se ainda notar que os jovens, enquanto caminhavam, passavam sobre um tapete de rosas e se alegravam com isso. Mas dados poucos passos, dando um grito, caíam mortos ou ficavam feridos, pois debaixo das rosas estavam os espinhos. Outros, porém, calcando aquelas rosas com coragem, caminhavam sobre elas, animando-se uns aos outros, e permaneciam vencedores.

Mas de novo se obscureceu o céu e de repente surgiu uma quantidade daqueles animais ou monstros superior à vez anterior. Mas tudo isso em menos de três ou quatro segundos. Também meu cavalo foi rodeado por eles. Os monstros cresceram desmesuradamente, de modo que também eu comecei a ter medo; e me parecia já ser arranhado pelas patas deles. Então em boa hora trouxeram um forcado também para mim. Aí pus-me a combater, e aqueles monstros foram postos em fuga. Todos desapareceram, porque saíram vencidos no primeiro assalto.

Então soprei na trompa e ribombou pelo vale esta voz: “Vitória, vitória!”.

– Mas como obtivemos a vitória – disse eu – se há tantos feridos e também mortos?!

Então soprei na trompa. Ouviu-se esta voz: “Tempo aos vencidos”.

Depois, o céu de escuro que estava tornou-se sereno. Viu-se um arco-íris ou um íris tão belo, com tantas cores, que não se pode descrever. Era largo, como se se apoiasse em Superga e, fazendo um arco, fosse pousar em Moncenisio. Devo ainda notar que os vencedores tinham sobre a cabeça coroas tão brilhantes, com tantas e tais cores, que era uma maravilha vê-los. E a face deles resplandecia de uma beleza maravilhosa.

Lá para o fundo, de uma parte do meio do vale, viu-se uma espécie de orquestra (palco) na qual havia gente cheia de júbilo e com tantas coisas belas que não posso nem mesmo imaginar. Uma nobilíssima senhora vestida regamente colocou-se na borda daquele balcão, gritando:

– Meus filhos, venham, abriguem-se debaixo de meu manto.

Naquele momento, estendeu-se um larguíssimo manto e todos os jovens começaram a correr para baixo dele. Só que alguns voavam e tinham escrito na frente: “Inocência”. Outros caminhavam a pé e outros se arrastavam. E também eu me pus a correr e naquele movimento instantâneo, que durou não mais de meio segundo, pensei comigo: “Ó, isso tem de acabar! Se continuar, ainda que pouco, morreremos todos!”.

Então, enquanto corria, acordei.

Voltou a falar sobre isso no dia 6 maio, festa da Ascensão. Estudantes e aprendizes reunidos para rezar as orações da noite, falou assim:

Na outra noite não pude dizer tudo por causa de um estranho que estava presente. Estas coisas fiquem entre nós. Não se escreva nem a parentes nem a amigos. Eu com vocês digo tudo, também os meus pecados.

Aquele vale, aquele país de prova é este mundo. O semiescuro é o lugar de perdição. As duas colinas são os Mandamentos da Lei de Deus e da Santa Igreja. Aquelas serpentes são os demônios e os monstros são as más tentações. Aquele cavalo me parece o cavalo que pisoteou Eliodoro, e significa a confiança em Deus. Os que passavam sobre as rosas e caíam mortos são os que se dão aos prazeres deste mundo e que trazem a morte à alma. Aqueles que calcavam os pés sobre as rosas são os que desprezam os prazeres do mundo e saem vencedores. Os que voavam para debaixo do manto são os inocentes.

Agora, quem desejar saber qual sua arma, se estava ou não entre os vencedores, mortos ou feridos, um pouco por vez eu o direi. Mesmo não conhecendo todos aqueles jovens, todavia, os que se encontram no Oratório, conheci-os. E os outros que deverão vir, se os visse, me recordaria muito bem da fisionomia.

A fé, nosso escudo e nossa vitória¹⁵⁰

Na boa-noite de 30 de junho de 1876, Dom Bosco cumpriu a promessa que tinha feito aos jovens de contar-lhes um sonho. Tivera-o quinze dias antes, mas não quisera contá-lo com medo de criar medo no coração deles. Mas agora tinha resolvido fazê-lo. Pediu que não dessem maior importância a este do que aos demais sonhos que temos.

Pedira muito a Maria Santíssima que lhe fizesse conhecer o estado de consciência de seus jovens. Rogara também a Deus que lhe fizesse conhecer o que podia ajudar ou prejudicar a salvação da alma deles. Com tais pensamentos foi para a cama. E sonhou:

Pareceu-me que me encontrasse no Oratório, com meus jovens, que formam minha glória e minha coroa. Era à tarde, ao escurecer. Via-se ainda, mas não mais tão claramente. Eu, saindo dos pórticos, tinha me encaminhado para a portaria. Mas um número imenso de jovens me cercava, como vocês costumam fazer, porque somos amigos. Alguns tinham vindo para cumprimentar-me, outros para me dizer alguma coisa. Eu endereçava uma palavra a este e outra àquele.

Assim, lentamente tinha chegado ao meio do pátio quando escutei “ai! ai!”, lamentáveis e prolongados, e um grandíssimo rumor, misturado com gritos altos de jovens e com urros ferozes que vinham da portaria. Diante daquele insólito tumulto os estudantes correram ver, mas logo junto com os aprendizes, espantados, vi-os fugir precipitadamente, gritando e vindo em nossa direção. Muitos aprendizes tinham passado pela porta no fundo do pátio.

No entanto cresciam sempre mais os gritos de dor e de desespero. Ansiosamente eu perguntava a todos o que tinha acontecido e procurava avançar para ajudar onde fosse preciso. Mas os jovens aglomerados ao meu redor me detinham. Então eu disse:

– Deixem-me ir ver o que é que causa tanto medo a vocês!

– Não, não, por caridade – todos me diziam –, não vá adiante. Venha, venha para trás! Há um monstro que o devorará. Fuja, fuja conosco. Não vá para lá.

Todavia, quis ver o que havia e, desvinculando-me dos jovens, avancei um pouco no pátio dos aprendizes, enquanto todos os jovens gritavam:

– Veja, veja!

– O que é que há?

– Veja lá no fundo!

Voltei-me e vi um monstro que a princípio me pareceu um gigantesco leão, que igual certamente não existe sobre a terra. Fixei-o atentamente. Era repugnante. Tinha o aspecto quase de um urso, mas mais feroz e horrendo. Em proporção com os outros membros a parte de trás era bastante pequena. Mas as espáduas anteriores eram larguíssimas.

¹⁵⁰ Cf. MB XII, p. 348-356.

simas, como também o estômago. Enorme era a sua cabeça, e a boca tão desmesurada e aberta que parecia feita para devorar a gente numa bocada só. Dela saíam dois grandes, agudos e longuíssimos dentes à guisa de espadas cortantes.

Eu logo me retirei para o meio dos jovens, os quais me pediam conselho ansiosamente. Mas eu também não estava livre do espanto e me encontrava bastante embaraçado. Todavia respondi:

– Eu queria poder dizer a vocês o que devem fazer, mas não sei. Vamos nos juntar debaixo dos pórticos.

Enquanto falava assim, o urso entrava no segundo pátio e avançava para nós com passo grave e lento, como quem está seguro da presa que quer pegar.

Recuamos horrorizados até que nos encontramos aqui debaixo dos pórticos. Os jovens tinham se apinhado à minha volta. Todos os olhos estavam fixados em mim:

– Dom Bosco, o que vamos fazer? – me diziam.

E eu também olhava os jovens, mas em silêncio, não sabendo o que fazer. Finalmente exclamei:

– Voltemo-nos para o fundo dos pórticos, para a imagem de Nossa Senhora. Coloquemo-os de joelhos. Vamos rezar para ela fervorosamente, com maior devoção do que de costume, para que ela nos diga o que temos de fazer neste momento e nos faça conhecer quem seja esse monstro. Que ela venha em nossa ajuda e nos livre. Se é um animal feroz, de algum modo, todos juntos tentaremos matá-lo. Se é um demônio, Maria nos socorrerá. Não temam, a Mãe celeste providenciará nossa salvação!

No entanto o urso se aproximava lentamente, quase se arrastando para tomar impulso e atirar-se sobre nós. Ajoelhamo-nos e nos pusemos a rezar. Transcorreram poucos minutos de grande consternação. A fera tinha chegado tão perto que podia com um salto cair sobre nós.

Quando eis que, não sei como nem quando, nos vimos num átimo transportados para lá da parede e nos encontramos todos no refeitório dos clérigos.

No meio deste via-se Nossa Senhora, que se assemelhava não sei bem se com a imagem que está aqui debaixo dos pórticos ou com aquela do refeitório, ou com aquela que está sobre a cúpula, ou então com aquela que está na igreja. Seja como for, o fato é que estava toda radiante de vivíssima luz e iluminava todo o refeitório, ampliado em vastidão e altura cem vezes mais, como um sol em pleno meio-dia. Estava rodeada por bem-aventurados e por anjos, de forma que aquela sala parecia um paraíso. Seus lábios se moviam como se quisesse falar, para dizer-nos alguma coisa.

Naquele refeitório nós éramos em número extraordinário. Em nossos corações ao espanto substituiu-se o estupor. Os olhos de todos estavam atentos à Senhora, a qual com voz dulcíssima nos assegurou:

– Não temam – disse –, tenham fé. Esta é só uma prova a que meu divino Filho quer submeter vocês.

Observei então atentamente aqueles que fulgurantes de glória faziam coroa à Santa Virgem e reconheci padre Alasonatti, padre Ruffino, um certo Michelle, irmão das Escolas Cristãs, que algum de vocês terá conhecido,¹⁵¹ meu irmão José e outros que estiveram antes em nosso Oratório, pertenceram à congregação e agora estão no paraíso. Com estes vi alguns outros que ainda estão vivos.

Quando eis que um daqueles que faziam cortejo à Virgem disse em voz alta:

– Levantemo-nos! (*Surgamus*).

Nós estávamos em pé e não sabíamos o que significava aquele aviso, e dizíamos:

– Como *surgamus*, se já estamos todos em pé?!

– Levantemo-nos! (*Surgamus*) – repetiu mais forte a mesma voz.

Os jovens, parados e atônitos, tinham se voltado para mim, esperando um aceno meu, e não sabiam que coisa fazer. Eu me volvei para lá de onde partira aquele som e disse:

– Mas como fazer? O que quer dizer “Levantemo-nos!”, se já estamos todos em pé?

E aquela voz me respondeu com maior força:

– Levantemo-nos!

Eu não sabia como cumprir esta ordem que não entendia.

Então um outro daqueles que estavam com a Bem-aventurada Virgem se dirigiu a mim, que estava sobre uma mesa para dominar toda a multidão, e se pôs a dizer assim, com voz admiravelmente firme, enquanto os jovens estavam atentos:

– Você que é padre deveria entender este “levantemo-nos!”. Quando celebra a santa missa não diz todos os dias “Corações ao alto” (*Sursum corda*)? Acha, com isso, que deve levantar materialmente ou levantar os afetos do coração ao céu, a Deus?

Eu logo gritei aos jovens:

– Eia! Eia, filhos, reavivemos, fortifiquemos nossa fé, levantemos os nossos corações a Deus; façamos um ato de amor e de arrependimento; façamos um esforço de vontade para rezar com vivo fervor, confiemos em Deus.

E dei um sinal e todos nos ajoelhamos.

Um momento depois, enquanto rezávamos baixinho com entusiasmo cheio de confiança, de novo se fez ouvir uma voz: Levantem-se! (*Surgite!*). (E ficamos todos em pé e sentimo-nos levantar sensivelmente da terra por uma força sobrenatural. Subimos

¹⁵¹ Irmão Michelle Romano, diretor da casa de noviciado dos Irmãos das Escolas Cristãs, em Turim.

eu não sei dizer quanto, mas estávamos todos muito no alto. Não saberia nem mesmo dizer sobre o que pousassem nossos pés. Recordo-me de que eu me mantinha agarrado ao caixilho ou ao parapeito de uma janela. Todos os jovens, depois, subiam pelas janelas e pelas portas. Agarravam-se de cá e de lá; às barras de ferro, a robustos pregos, à cornija da abóbada. Todos estávamos suspensos no ar e eu estava estupefato porque não caíamos por terra.

E eis que aquele monstro, que tínhamos visto no pátio, entrou na sala seguido por uma inumerável quantidade de animais de várias espécies, mas todas ferozes. Corriam de cá e de lá pelo refeitório, soltavam urros horríveis, davam a impressão de que estavam desejosos de combater. Parecia que a cada momento estivessem para lançar-se com um salto sobre nós. Mas ainda não experimentavam atacar-nos. Olhavam-nos, porém, levantando o focinho com olho ensanguentado. Nós, do alto, os estávamos observando, e eu, agarrando-me apertadamente àquela janela, dizia para mim mesmo:

– Se caísse, como seria horrível, me despedaçariam!

Enquanto estávamos naquela estranha posição, uma voz vinda de Nossa Senhora cantava as palavras de São Paulo:

– Tomem, pois, o escudo inexpugnável da fé (*Sumite ergo scutum fidei inexpugnabile*).

Era um canto tão harmonioso, de tão sublime melodia, que estávamos como em êxtase. Ouviam-se todas as notas, da mais baixa à mais alta, e parecia que cem vozes cantassem numa só.

Ouvíamos aquele canto do paraíso quando vimos partir dos flancos da Senhora muitos jovens de incomparável beleza, dotados de asas e descidos do céu.

Aproximaram-se de nós trazendo escudos na mão e punham um deles sobre o coração de cada um dos nossos jovens. Todos aqueles escudos eram grandes, belos, resplandecentes. Refletia-se neles a luz que vinha de Nossa Senhora e parecia mesmo coisa celeste. No meio, cada escudo parecia de ferro, depois um grande arco de diamante e, por fim, um círculo de ouro puríssimo na beirada. Este escudo representava a fé.

Quando todos fomos armados dessa maneira, aqueles que estavam em torno da Beatíssima Virgem entoaram um dueto, e cantavam com tão bela harmonia que não saberia quais palavras possam de algum modo exprimir tanta doçura. Era tudo o que se pode imaginar de mais belo, suave e melodioso.

Enquanto eu contemplava aquele espetáculo, absorto naquela música, fui sacudido por uma voz potente que gritava: “À luta!” (*Ad pugnam!*). Todas aquelas feras começaram a agitar-se furiosamente.

Em um átimo todos nós caímos, ficando em pé, no solo. E eis que cada um se encontrou em luta com as feras, protegido pelo escudo divino. Não sei dizer se travamos batalha no refeitório ou no pátio. O coro celeste continuava com suas

harmonias. Aqueles monstros se lançavam contra nós, com os vapores que saíam de suas gargantas, balas de chumbo, lanças, setas e outros projéteis de todos os tipos. Mas essas armas ou não chegavam a nós ou batiam contra nossos escudos e ricocheteavam. Os inimigos queriam ferir e matar de qualquer modo e se precipitavam ao assalto. Mas não podiam ferir-nos de modo algum. Todos os golpes batiam com ímpeto naqueles escudos, e eles rompiam os dentes e fugiam. Como ondas, umas depois das outras, aquele montão de feras assustadoras se sucediam no atacar-nos, mas todas tinham a mesma sorte.

A luta foi longa. Finalmente se fez ouvir a voz da Senhora:

– Esta é a vitória que vence o mundo, a fé que vocês têm (*Haec est victoria vestra, quae vincit mundum, fides vestra*).

A esta voz a multidão de feras, espantada, fugiu precipitadamente e desapareceu. Nós ficamos livres, salvos, vencedores naquela sala imensa do refeitório, sempre iluminada pela viva luz que se difundia de Nossa Senhora.

Então eu olhei, fixando-os atentamente, aqueles que tinham o escudo. Eram muitos milhares. Entre outros vi padre Alasonatti, padre Ruffino, meu irmão José e o irmão das Escolas Cristãs que tinha combatido conosco.

Mas os olhos de todos os jovens não podiam se desviar da Senhora Santíssima. Ela entoava um cântico de agradecimento, que em nós despertava novos gáudios e novos êxtases indescritíveis. Não sei se se possa ouvir cântico mais bonito no paraíso.

Mas nossa alegria foi improvisamente perturbada por gritos e gemidos que feriam o coração, misturados com urros ferozes. Parecia que nossos jovens fossem dilacerados por aquelas feras que poucos momentos antes tinham fugido daquele lugar. Eu quis logo ver o que estava acontecendo e levar socorro a meus filhos. Mas não podia, porque à porta estavam os jovens que me detinham e não queriam que eu sáisse. Eu fazia todo o esforço para livrar-me e dizia a eles:

– Deixem-me ir ajudar aqueles que gritam. Quero ver meus jovens e saber se estão feridos ou mortos, quero morrer com eles. Quero ir, mesmo que tenha de perder a vida.

E arrancando-me das mãos deles fui para baixo dos pórticos e, ó miserando espetáculo!, o pátio se encontrava coalhado de mortos, de moribundos e feridos.

Os jovens, tomados de medo pelo espanto, tentavam fugir de uma parte e de outra, e todos aqueles monstros os seguiam, se lançavam sobre eles, enfiavam os dentes em seus membros e os dilaceravam. A cada instante eram jovens que caíam e expiravam, dando gritos os mais dolorosos.

Mais que todos, quem fazia uma espantosa carnificina era aquele urso que aparecera por primeiro no pátio dos aprendizes. Com aqueles dois dentes semelhantes a espadas

transpassava o peito dos jovens da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, e então, com dupla ferida no coração, caíam miseravelmente mortos.

Resolutamente gritei:

– Coragem, meus caros jovens!

Muitos se refugiaram junto a mim. Mas me parece que o urso correu ao meu encontro. Eu, criando coragem, dei uns passos em sua direção. No entanto, alguns daqueles jovens que estavam no refeitório e que já tinham vencido os animais vieram à porta e se uniram a mim. Aquele príncipe dos demônios se ajorrou contra mim e contra eles, mas não pôde nos ferir porque estávamos protegidos pelos escudos. Antes, nem mesmo nos tocou, porque à vista destes, espantado e quase reverente, retrocedia. Então foi que, olhando fixamente aqueles seus longos dentes em forma de espadas, escritas neles li duas palavras em grandes caracteres. Sobre um estava escrito: “Ociosidade” (*Otium*), sobre o outro: “Gula”.

Fiquei estupefato e pensei comigo: “Será possível que em nossa casa, onde todos estão tão ocupados, onde há tanto para fazer que nem se sabe por onde começar para desempenhar nossas ocupações, haja quem peque por ociosidade? E em relação aos jovens, me parece que trabalham, estudam e que no recreio não percam tempo.

Eu não podia entender aquilo.

E me foi respondido:

– No entanto se perdem meias horas!

– E de gula? – eu continuava. – Entre nós parece que mesmo querendo não temos gulodices. Não temos de maneira alguma ocasiões de ser intemperantes. Os alimentos não são requintados e não temos bebidas, apenas o necessário. Como, pois, podem acontecer intemperanças que conduzam ao inferno?

De novo me foi respondido:

– Ó sacerdote! Você acredita ser profundo no conhecimento da moral e de ter já muita experiência, mas nesse ponto não sabe nada, é de todo ingênuo. Não sabe que se pode ser guloso ou ser intemperante até bebendo água?

Não contente, eu quis uma explicação mais clara e, ainda no refeitório iluminado pela Virgem, fui todo triste até irmão Michelle para que ele esclarecesse minha dúvida. Michelle me respondeu:

– É, meu caro, nesta parte você ainda é noviço. Vou explicar. Em relação à gula deve saber que se pode pecar por intemperança também quando à mesa se come ou se bebe mais do que o necessário. Comete-se intemperança no dormir ou quando se faz qualquer coisa relacionada ao corpo que não seja necessária. Quanto ao ócio, saiba que com esta palavra não se entende somente o não trabalhar e o ocupar ou não o tempo de recreio em divertir-se, mas também quando se deixa livre a imaginação, pensando em coisas perigosas. O ócio tem lugar também quando, no estudo, um se diverte incomo-

dando os outros, quando certos retalhos de hora se desperdiçam em leituras frívolas, ou estando inertes a reparar nos outros, deixando-se vencer por aquele momento de preguiça, e especialmente quando na igreja não se reza e se tem fastio pelas coisas de piedade. O ócio é o pai, a fonte, a causa de tantas tentações ruins e de todos os males. Então você, que é diretor desses jovens, deve procurar afastar deles esses dois pecados, buscando reavivar neles a fé. Se puder obter de seus jovens que sejam temperantes naquelas pequenas coisas que lhe disse, eles hão de vencer sempre o demônio, e com a temperança virão a humildade, a castidade e as outras virtudes. E se ocuparem o tempo como se deve não cairão nunca nas tentações do inimigo infernal e viverão e morrerão como santos cristãos.

Tendo escutado essas coisas, eu lhe agradei tão bela instrução. E para me certificar de que o que eu via era realidade ou simples sonho, procurei tocar-lhe a mão, mas nada apertei. Tentei pela segunda vez e pela terceira. Inutilmente. Apertei o ar. No entanto, todas aquelas pessoas, eu as via, falavam, pareciam vivas. Aproximei-me do padre Alasonatti, do padre Ruffino, de meu irmão, mas não me foi possível apalpar a mão deles.

Eu, fora de mim, exclamei:

– Mas é verdade ou não é verdade tudo isso que eu vejo? Não parecem pessoas? Não as ouvi falar?

Irmão Michelle me respondeu:

– Deveria saber, e você o estudou, que enquanto a alma não for reunida ao corpo é inútil tentar me tocar. Você não pode tocar os puros espíritos. Só para fazer-nos ver pelos mortais temos de assumir a nossa figura. Mas quando todos ressurgirmos no dia do Juízo então retomaremos nossos corpos imortais e espiritualizados.

Então quis me aproximar da Senhora que parecia tivesse alguma coisa para me dizer. Estava quase perto dela quando me chegou aos ouvidos um novo rumor e novos e altos gritos de fora. Logo quis sair pela segunda vez do refeitório, mas ao sair acordei.

As dez colinas

É um sonho tido em 1864, não só por Dom Bosco, mas também por um jovem de Casale Monferrato, e as *Memórias biográficas* o identificam com as letras C. E. Dom Bosco contou-o aos jovens na boa-noite de 22 de outubro daquele ano. Apenas Dom Bosco terminou de contar o sonho, padre Lemoyne escreveu seu texto, que damos abaixo:

Pareceu, pois, a Dom Bosco, que se encontrava num grandíssimo vale todo cheio de milhares e milhares de jovens, mas tão numerosos que ele não acreditava poderem

encontrar-se tantos em todo o mundo. Entre eles distinguia todos aqueles que estiveram e aqueles que estão na casa. Todos os outros eram os que – talvez – haverão de vir. Misturados com os jovens se viam os padres e os clérigos da casa.

Uma ribanceira altíssima fechava de um lado aquele vale. Enquanto Dom Bosco pensava no que deveria fazer com tantos jovens, uma voz lhe disse:

– Vê aquela ribanceira? Pois bem, é preciso que você e seus jovens cheguem ao cimo dela.

Então Dom Bosco ordenou a todos aqueles jovens que se movessem em direção ao ponto indicado. Eles obedeceram e em grande corrida se lançaram pela subida. Os padres da casa corriam também, empurrando os jovens para a frente. Levantavam os que caíam e levavam sobre os ombros aqueles que, cansados, já não podiam caminhar.

Padre Rua, com as mangas da batina arregaçadas, trabalhava mais que todos, pegando os jovens dois a dois. Até mesmo os lançava pelo ar sobre a ribanceira. Caindo, eles ficavam de pé e depois corriam alegremente de cá e de lá. Padre Cagliero e padre Francesia corriam para cima e para baixo pelas filas gritando:

– Coragem, adiante, adiante, coragem!

Em pouco mais de uma hora aquelas turbas de jovens chegavam ao cimo da ribanceira. Dom Bosco também tinha subido e disse:

– E agora, o que vamos fazer?

E a voz acrescentou:

– Você deve transpor com seus jovens estas dez colinas que vê estender-se diante de si, uma depois da outra.

– Mas como farão para aguentar uma viagem tão longa tantos juvenzinhos que são tão pequenos e delicados?

– Quem não puder andar com seus pés será carregado – foi a resposta que recebeu.

E um magnífico carro, de fato, despontou numa extremidade da colina e subiu.

É impossível dar uma descrição dele, tanto era bonito. No entanto, alguma coisa se pode dizer. Era triangular e tinha três rodas que se moviam em todas as direções. Dos três ângulos partiam três hastes que vinham reunir-se num só ponto sobre ele, formando como que um pináculo de caramanchão.

Sobre este ponto de junção levantava-se um magnífico estandarte sobre o qual estava escrito: “Inocência” (*Innocentia*). Ao redor do carro margeava uma faixa com a inscrição: “Com a ajuda do Deus Altíssimo, Pai, Filho e Espírito Santo” (*Adjutorio Dei Altissimi Patris et Filii et Spiritus Sancti*).

Resplandecente pelo ouro e pelas pedras preciosas, o carro avançou e veio colocar-se no meio dos jovens. Dada a ordem, muitos meninos subiram nele. Eram quinhentos. Apenas quinhentos no meio de tantos milhares de jovens eram ainda inocentes.

Colocados no carro, Dom Bosco pensava que caminho devia tomar, quando viu abrir-se diante dele uma estrada larga e cômoda, mas com espinhos espalhados nela. Apareceram então improvisamente seis jovens do Oratório, já falecidos, vestidos de branco, que levantavam uma outra belíssima bandeira sobre a qual estava escrito: “Penitência” (*Poenitentia*). Estes foram se colocar na frente de todas aquelas falanges de jovens que deviam pôr-se em viagem como pedestres.

Então foi dado o sinal da partida. Muitos padres se lançaram à direção do carro, que puxado por eles começou a se mover. Os seis jovens vestidos de branco o seguiram. Atrás, o resto da multidão. A magnífica e inexprimível música “Louvai, meninos, ao Senhor” (*Laudate pueri Dominum*) era entoada pelos jovens que estavam no carro.

Dom Bosco caminhava inebriado por aquela música celestial, quando se lembrou de voltar-se para ver se todos os jovens o tinham seguido. Mas que doloroso espetáculo! Muitos tinham ficado no vale e outros tantos tinham voltado atrás.

Agitado por inexprimível dor, Dom Bosco decidiu refazer o caminho para tentar persuadir aqueles jovens descabeçados a segui-lo. Mas lhe foi absolutamente proibido.

– Mas aqueles pobrezinhos se perdem! – exclamou ele.

E lhe foi respondido:

– Pior para eles, pois foram chamados como os outros e não quiseram seguir você. Eles viram a estrada a seguir e isso basta.

Dom Bosco queria replicar, pediu, esconjurou. Tudo foi inútil.

– A obediência é também para você! – lhe foi dito.

E teve de continuar o caminho.

Não se era ainda suavizada esta dor, quando outro triste acidente aconteceu. Muitos juvenzinhos daqueles que se encontravam sobre o carro, pouco a pouco, tinham caído por terra. De 500 apenas 150 permaneciam sob a bandeira da inocência.

O coração de Dom Bosco explodia de insuportável ansiedade. Ele esperava que aquilo fosse um sonho. Fazia todos os esforços para despertar. No entanto, percebia que era uma terrível realidade. Batia as mãos e ouvia o som delas. Gemia, e ouvia seu gemido ressoar pelo quarto. Queria dissipar aquele terrível fantasma, mas não podia.

– Ah, meus caros jovens! – exclamava ele a esse ponto, narrando o sonho. – Eu conheci e vi aqueles que ficaram no vale, aqueles que voltaram para trás ou caíram do carro! Conheci todos. Mas não tenham dúvida. Eu farei todo o esforço possível para salvá-los. Muitos de vocês foram convidados por mim a se confessar, mas não responderam ao chamado! Por caridade, salvem suas almas.

Muitos dos jovens caídos do carro tinham ido pouco a pouco colocar-se entre as filas daqueles que caminhavam atrás da segunda bandeira. No entanto, a música do carro continuava tão docemente que pouco a pouco venceu a dor de Dom Bosco.

Já tinham superado sete colinas, e aquelas fileiras, quando chegaram à oitava, entraram em um maravilhoso país, onde pararam para repousar um pouco. As casas eram de uma riqueza e uma beleza indescritíveis.

Dom Bosco, falando aos jovens sobre essa região, acrescentou:

– Direi a vocês com Santa Teresa o que ela afirmou das coisas do paraíso: são coisas que com o falar delas se aviltam, porque tão bonitas que é inútil esforçar-se para descrevê-las. Então, observarei somente que as pilastras daquelas casas pareciam de ouro, de cristal, de diamante, tudo ao mesmo tempo, de modo que surpreendiam, satisfaziam à vista, infundiam alegria. Os campos estavam cheios de árvores sobre as quais se viam ao mesmo tempo flores, botões, fruta madura e fruta verde. Era um encanto magnífico.

Os jovens se espalharam pelo território, de um lado e de outro, por uma coisa ou por outra, pois era grande a curiosidade e o desejo de ter daquelas frutas.¹⁵²

Dom Bosco teve aqui outra estranha surpresa. Num dado momento, viu o quanto seus jovens tinham envelhecido: sem dentes, cheios de rugas no rosto, com os cabelos brancos, curvados, mancando, apoiados à bengala. Dom Bosco se maravilhava desta metamorfose, mas a voz lhe disse:

– Você se maravilha, mas tem de saber que não faz poucas horas que partiu do vale, são anos e anos. É aquela música que lhe fez parecer curto o caminho. Como prova, olhe sua fisionomia e se persuadirá da verdade do que estou dizendo.

E a Dom Bosco foi apresentado um espelho. Ele se olhou e viu que seu aspecto era o de um homem idoso, rosto cheio de rugas e com poucos e gastos dentes.

A comitiva, no entanto, retomara a caminhada e os jovens de quando em quando pediam para parar, para ver aquelas coisas novas. Mas Dom Bosco lhes dizia:

– Adiante, adiante, nós não precisamos de nada, não temos fome, não temos sede. Logo, adiante.

(No fundo, lá longe, sobre a décima colina despontava uma luz que ia sempre crescendo, como se saísse de uma estupenda porta.)

Recomeçou então o canto, mas tão belo que somente no paraíso se pode ouvir igual a ele e apreciá-lo. Não era música de instrumentos, nem parecia de vozes humanas. Era uma música impossível de se descrever, e tamanha foi a onda de júbilo que inundou a alma de Dom Bosco que, acordando, se encontrou em seu leito.¹⁵³

Dom Bosco explicou o sonho assim: o vale é o mundo – a ribanceira, os obstáculos para desapegar-se dele – o carro vocês entendem – os grupos de jovens a pé são os jovens que perderam a inocência e se arrependeram de suas faltas.

¹⁵² Foi nessa aldeia que aquele jovem de Casale se encontrou com Dom Bosco e manteve com ele um longo diálogo. Veja na apresentação do sonho o que se fala deste jovem. “Dom Bosco e o jovem se recordavam perfeitamente das perguntas feitas e das respostas obtidas. Singular combinação de dois sonhos” (cf. MB VII, p. 799).

¹⁵³ Cf. MB VII, p. 796-800.

Acrescentou ainda que as dez colinas representam os Dez Mandamentos da Lei de Deus, a observância dos quais conduz à vida eterna.

Padre Lemoyne discorda desta última interpretação. A oitava colina, na qual Dom Bosco faz uma parada e se vê no espelho tão envelhecido, ele crê que mostre que o fim da vida de Dom Bosco deveria acontecer além dos 70 anos, e conclui: “Vamos ver no futuro”.¹⁵⁴

A perdiz e a codorna¹⁵⁵

Em 14 de janeiro de 1865, Dom Bosco sonhou com o estado de consciência de seus jovens. Ele o contou na boa-noite de 16 de janeiro:

– Já passou a metade de janeiro: como temos empregado o tempo? Esta noite, se quiserem, contarei a vocês um sonho que tive na noite de anteontem.

Estava viajando com todos os jovens do Oratório e muitos outros que não conhecia. Paramos para o desjejum numa vinha e todos os jovens se espalharam de cá e de lá para comer frutas. Uns comiam figos, outros chupavam uvas, outros pegavam pêssegos ou ameixas. Eu estava no meio deles e cortava cachos de uva, colhia figos e os distribuía aos jovens, dizendo:

– Para você, pegue e coma.

Parecia-me que sonhava e não gostava que fosse sonho, mas disse comigo mesmo:

– Seja aquilo que for, deixemos que os jovens comam.

No meio das fileiras via-se o vinhateiro.

Depois desse descanso, novamente nos pusemos a caminho, atravessando a vinha. Mas o caminho era penoso. A vinha, como se usa, em toda a sua extensão era cortada por profundos sulcos, de modo que era necessário ora descer, ora subir, ora saltar. Os mais robustos saltavam. Os menores saltavam também eles, mas em vez de atingir a fileira oposta rolavam no fosso. Isso me desagradava grandemente. Então me volvei para olhar ao redor e vi uma estrada que costeava a vinha. Com todos os jovens me dirigi para aquela parte.

Mas o cultivador me fez parar e me disse:

– Olhe, não vá por aquela estrada, ela é impraticável, cheia de pedras, espinhos, barro e fossos. Continue por aquele caminho que tinha tomado.

Eu respondi:

– Tem razão, mas estes pequeninos não podem caminhar sobre estes sulcos.

¹⁵⁴ Cf. MB VII, p. 801.

¹⁵⁵ Cf. MB VIII, p. 11-17.

– Oh! Isso se resolve num instante – retomou o outro. – Os maiores tomem sobre os ombros os menorzinhos e poderão saltar, embora carregados com esse peso.

Não persuadido do que me tinha sido dito, com toda a minha turma fui para a orla da vinha, próxima àquela estrada, e vi que aquele cultivador falara a verdade. A estrada era espantosa e impraticável.

Voltando-me para o padre Francesia disse:

– Dá com Cila quem quer evitar Caribde (*Incidit in Scyllam qui vult vitare Charybdim*).¹⁵⁶

Forçosamente, tomando um trilho ao longo da estrada, tivemos de atravessar da melhor maneira possível toda a vinha, seguindo o conselho do cultivador.

Chegados onde terminava a vinha, encontramos uma densa sebe de espinhos. Abrimos uma passagem com grande esforço. Descemos uma alta ribanceira e nos encontramos num vale ameníssimo, cheio de árvores e todo coberto por uma relva. No meio desse prado vi dois antigos jovens do Oratório que, apenas me viram se moveram em minha direção e me cumprimentaram. Paramos para conversar um pouco e um deles falou:

– Olhe como são belas! – mostrando-me dois pássaros que tinha em mãos.

– O quê? – perguntei.

– Uma perdiz e uma codorna que encontrei.

– Está viva a perdiz?

– Claro, olhe.

E me deu uma belíssima perdiz que tinha poucos meses.

– Come por si só?

– Começa.

E enquanto eu estava ocupado em dar-lhe de comer percebi que tinha o bico dividido em quatro partes. Fiquei admirado e perguntei àquele jovem a razão disso:

– Como? – disse ele –, não sabe Dom Bosco o que isso quer dizer? Significa a mesma coisa o bico da perdiz dividido em quatro partes e a mesma perdiz.

– Não entendo.

– O senhor que estudou tanto não entende? Como se chama a perdiz em latim?

– *Perdix*.

– Pois bem. Tem a chave de tudo.

¹⁵⁶ A mitologia clássica ou greco-romana nos fala de um lugar em que na praia havia um monstro que devorava os que tentavam passar, e no mar, o redemoinho, que engolia as naus que tentavam evitar o monstro.

– Faça-me o favor, tire-me dessa trapalhada.

– Então medite sobre as letras que compõem o vocábulo Perdix:

P: quer dizer *Perseverantia* (Perseverança);

E: *Aeternitas te expectat* (A eternidade te espera);

R: *Referet unusquisque secundum opera sua, prout gessit, sive bonum, sive malum* (Cada um prestará contas de acordo com suas obras, como agiu, para o bem ou para o mal);

D: *Dempto nomine* (Tirado o nome. Cancelada toda celebridade humana, glória, ciência, riqueza);

I: significa *Ibit* (Irá).

Eis o que indicam as quatro partes do bico: os quatro novíssimos.

– Tem razão, entendi. Mas, diga-me, e o **X**, onde o deixa? O que quer dizer?

– Como, o senhor que estudou matemática não sabe o que quer dizer o **X**?

– **X** quer dizer a incógnita.

– Ora bem, mude a palavra e o chame de o desconhecido: irá a um lugar desconhecido, ao seu lugar (*in locum suum*).

Enquanto eu estava maravilhado e persuadido com essas explicações, perguntei-lhe:

– Me dá esta perdiz?

– Sim, de muito boa vontade. Quer ver também a codorna?

– Sim, faça-me vê-la.

Entregou-me então uma magnífica codorna. Pelo menos assim parecia. Peguei-a, levantei-lhe as asas e vi que estava toda cheia de chagas e pouco a pouco apareceu feia, podre, malcheirosa de causar nojo. Então perguntei ao meu jovem o que queria dizer essa transformação.

Ele respondeu:

– Padre! Padre! Não sabe estas coisas depois ter estudado a Sagrada Escritura? Lembra-se de quando os hebreus no deserto murmuravam e Deus mandou as codornas. Comeram delas e tinham ainda aquela carne entre os dentes quando tantos milhares deles foram punidos pela mão de Deus? Portanto, esta codorna significa que mata mais a gula que a espada e que a origem da maior parte dos pecados deriva da gula.

Fiquei agradecido pelas explicações.

No entanto, nas sebes, sobre as árvores, em meio à relva, apareciam perdizes e codornas em grande número, umas e outras semelhantes às que tinha nas mãos o jovem que me havia falado. Os jovens começaram a caçá-las e assim procuraram a sua refeição.

Colocamos-nos, pois, novamente em viagem. Os que comeram da perdiz tornaram-se robustos e continuaram o caminho. Os que comeram da codorna ficaram no vale, deixaram de seguir-me, se espalharam e os perdi, isto é, não mais os vi.

Mas em dado momento, enquanto eu caminhava, mudou-se inteiramente a cena. Pareceu-me estar num imenso salão maior que todo o Oratório, compreendido o pátio inteiro. Vi que estava todo cheio de uma grande multidão de pessoas. Olhei ao redor e não conheci ninguém. Não havia nem sequer um do Oratório.

Enquanto estava ali estupefato, um homem se avizinhou de mim e me disse que havia um pobrezinho gravemente doente, com grande perigo de morrer. Que eu tivesse a bondade de ir confessá-lo. Eu respondi que de boa vontade e o segui.

Entramos num quarto e me aproximei do enfermo. Comecei a confessá-lo, mas vendo que a pouco a pouco ia se enfraquecendo, temendo que morresse sem absolvição, cortei pelo meio a confissão. Não apenas o absolvi, morreu. O cadáver começou logo a cheirar tão horripelantemente que não se podia suportar. Eu disse que era necessário sepultá-lo logo e perguntei por que cheirava tanto. Foi-me respondido:

– Quem morre tão depressa, depressa é julgado.

Saí de lá. Sentia-me extremamente cansado e pedi para repousar. Foi-me logo respondido que de boa vontade atendiam ao meu desejo. Fui conduzido para cima por uma escada que terminava em outro aposento. Entrando, vi dois jovens do Oratório que falavam entre si, e um deles tinha um embrulho. Perguntei-lhes:

– O que vocês têm nas mãos? O que fazem aqui?

Eles se desculparam de encontrarem-se naquele lugar, mas não responderam ao que lhes tinha perguntado. Eu retomei:

– Pergunto a vocês: por que se encontram aqui?

Eles se olharam e me pediram que esperasse. Então desenrolaram o embrulho, tiraram fora e estenderam um pano fúnebre. Eu olhei em redor e vi num canto, estendido, morto, um jovem do Oratório. Mas não o reconheci. Perguntei aos dois jovens quem fosse, mas se desculparam e não quiseram me dizer. Aproximei-me daquele cadáver, fitei-o no rosto. Olhava-o e não me parecia conhecê-lo, não pude reconhecer seus traços.

Decidido então a sabê-lo a qualquer custo, desci a escada e me encontrei de novo naquele grande salão. A multidão de gente desconhecida tinha sumido e em seu lugar estavam os jovens do Oratório. Apenas os jovens me viram, se aglomeraram em volta de mim e me disseram:

– Dom Bosco! Dom Bosco! Morreu um jovem do Oratório.

Eu perguntei a eles quem era ele e ninguém quis me dar resposta: mandavam-me de um para o outro, mas nenhum deles queria falar. Tornei a perguntar com maior insistência. Desculpavam-se, mas não me quiseram dizê-lo. Ansioso e desiludido em

minha pesquisa acordei e me encontrei em meu leito. O sonho durou toda a noite e de manhã me achei tão cansado e abatido que realmente parecia que tivesse viajado toda a noite. As coisas que eu vi eu conto a vocês, desejo que não sejam ditas fora do Oratório. Falem delas entre vocês o quanto quiserem, mas que fiquem entre nós.

Dom Bosco foi a Lanzo. Na volta, no dia 30 de janeiro, contou aos jovens do Oratório algo sobre sua visita e depois voltou a falar do sonho acima:

Mas passemos a outro assunto. Vocês querem saber ainda alguma coisa do sonho. Explicarei somente o que quer dizer codorna e perdiz. A perdiz, para ir ao último termo do significado, é a virtude. A codorna, o vício. Por que a codorna era tão bela na aparência e depois, vista de perto, cheia de chagas debaixo das asas, toda malcheirosa, vocês o entendem e não há necessidade de explicar. São as coisas desonestas.

Entre os jovens, alguns comiam a codorna gulosamente, com avidez, não obstante fosse podre: estes são o que se dão ao vício, ao pecado. Outros comiam a perdiz, e são aqueles que têm amor à virtude e a seguem. Alguns tinham em uma das mãos a codorna, na outra a perdiz, e comiam a codorna: são aqueles que conhecem a beleza da virtude, mas não querem aproveitar a graça que Deus lhes concede para se tornarem bons.

Outros, tendo numa das mãos a perdiz e na outra a codorna, comiam a perdiz dando olhares de cupidez, de inveja à codorna. São aqueles que seguem a virtude, mas com dificuldade, forçados, dos quais se pode duvidar, e se não mudarem cairão.

Outros comiam a perdiz e a codorna saltitava diante deles, mas eles não olhavam para ela e continuavam a comer a perdiz. São aqueles que seguem a virtude e abominam o vício, consideram-no com desprezo.

Outros comiam um pouco de codorna e um pouco de perdiz, e são aqueles que alternam entre o vício e a virtude e assim se enganam, esperando não ser tão maus.

Vocês me dirão: quem de nós comeu a codorna e quem a perdiz? A muitos já o disse. Os outros, se quiserem, venham a mim e lhes direi.

Situações dos jovens do Oratório¹⁵⁷

Dia 13 de junho de 1867, Dom Bosco tinha prometido contar um sonho aos jovens do Oratório. Dia 16 de junho, assim falou-lhes:

Numa das últimas noites do mês de Maria, ou 29 ou 30 de maio, estando no leito e não podendo dormir, pensava em meus caros jovens e dizia comigo mesmo:

– Ó, se pudesse sonhar alguma coisa que fosse de proveito para eles!

Estive refletindo um pouco e resolvi:

¹⁵⁷ Cf. MB VIII, p. 840-845.

– Sim, agora quero ter um sonho para os jovens!

E eis que adormeci. Apenas caí no sono, encontrei-me numa imensa planície coberta por um número sem-fim de grandes ovelhas, as quais, divididas em rebanhos pastavam em prados que se estendiam a perder de vista.

Quis aproximar-me delas e me pus a procurar o pastor, maravilhando-me de que pudesse haver no mundo quem possuísse tão grande número de ovelhas. Procurei por breve tempo, quando me vi diante um pastor apoiado ao seu bastão. Logo passei a interrogá-lo e lhe perguntei:

– De quem é este rebanho tão numeroso?

O pastor não me respondeu. Repeti a pergunta e então me disse:

– Por que você tem de saber?

– E por que me responde desse modo?

– Pois bem: este rebanho é do seu dono!

“Do seu dono? Isso eu já sabia”, disse comigo mesmo.

Continuei em voz alta:

– Quem é esse dono?

– Não se aborreça – respondeu-me o pastor –, vai sabê-lo.

Então, percorrendo com ele aquele vale comecei a examinar o rebanho e toda aquela região pela qual ele andava vagando. O vale, em alguns lugares, estava coberto de rica verdura com árvores que estendiam largas frondes com sombras graciosas e ervas fresquíssimas nas quais se apascentavam belas e flóridas ovelhas. Em outros lugares a planície era estéril, arenosa, cheia de pedras, com espinheiros sem folhas, e de graminhas amarelentas, e sem um fio de erva fresca. No entanto também aqui estavam muitíssimas outras ovelhas que pastavam, mas de aspecto miserável.

Eu pedia várias explicações a meu guia quanto a esse rebanho, e ele, sem dar nenhuma resposta a minhas perguntas, me disse:

– Você não é destinado a ele. Nestas ovelhas você não deve pensar. Vou conduzi-lo a ver o rebanho do qual deve cuidar.

– Mas quem é você?

– Sou o dono. Vem comigo ver de lá, daquela parte.

E me conduziu a outro ponto da planície onde estavam milhares e milhares só de cordeirinhos. Estes eram tão numerosos que não se podiam contar, mas tão magros que a custo passeavam. O prado estava seco, árido, arenoso e não se via nem um fio de erva fresca, um arroio, apenas estrepes e umas moitas secas. O pasto tinha sido completamente destruído pelos próprios cordeiros.

Via-se à primeira vista que aqueles pobres cordeiros, cobertos de chagas, tinham sofrido muito e muito sofriam ainda. Coisa estranha! Cada um tinha dois chifres longos e grossos que lhe brotavam sobre a fronte, como se fossem velhos carneiros, e sobre a ponta dos chifres tinham um apêndice em forma de S.

Maravilhado, eu estava perplexo em ver aquele estranho apêndice de tão novo gênero, e não conseguia tranquilizar-me por não saber por que aqueles cordeirinhos tivessem já os chifres tão longos e grossos, e tivessem destruído já tão depressa toda a sua pastagem.

– Como pode? – perguntei ao pastor. – São ainda tão pequenos estes cordeiros e têm já tais cornos?

– Olhe – respondeu-me –, observe.

Observando mais atentamente vi que aqueles cordeiros em todas as partes do corpo, sobre o dorso, sobre a cabeça, sobre o focinho, sobre as orelhas, sobre o nariz, sobre as pernas, sobre as unhas levavam impresso tantos números 3 em cifra.

– Mas o que quer dizer isso? – exclamei. – Eu não entendo nada.

– Como, não entende? – disse o pastor. – Escuta, pois, e saberá tudo. Esta vasta planície é o grande mundo. Os lugares cobertos de erva, a Palavra de Deus e a Graça. Os lugares estéreis e áridos são aqueles lugares onde não se escuta a Palavra de Deus e somente se busca agradar o mundo. As ovelhas são os homens feitos, os cordeiros são os juvenzinhos. Para estes, Deus enviou Dom Bosco. Este canto de planície que você vê é o Oratório e os cordeiros aí reunidos são seus meninos. Este lugar tão árido significa o estado de pecado. Os cornos significam a desonra. A letra S quer dizer escândalo.¹⁵⁸ Com o mau exemplo eles vão à ruína. Entre esses cordeiros há alguns que têm os chifres quebrados. Foram escandalosos, mas agora cessaram de dar escândalo. O número 3 quer dizer que levam a pena da culpa, isto é, que sofrerão três grandes carestias: carestia espiritual, moral e material.

1º a carestia de auxílio espiritual: pedirão esta ajuda e não a terão;

2º carestia da Palavra de Deus;

3º carestia de pão material. Os cordeiros terem comido tudo significa não lhes restar senão a desonra e o número 3, ou seja, as carestias.

– Este espetáculo mostra também os sofrimentos atuais de tantos jovens no meio do mundo. No Oratório, também aqueles que, embora indignos disso, não carecem de pão material.

Enquanto eu escutava e observava cada coisa como se estivesse distraído, eis nova maravilha. Todos aqueles cordeiros mudaram de aspecto!

Levantando-se sobre as pernas traseiras, tornaram-se altos e todos tomaram a forma de outros tantos juvenzinhos. Eu me aproximei para ver se conhecia algum deles. Eram todos jovens do Oratório. Muitíssimos eu nunca os tinha visto, mas todos declaravam

¹⁵⁸ Do italiano *Scandalo*.

ser filhos de nosso Oratório. E entre aqueles que eu não conhecia havia também alguns poucos que atualmente se encontram no Oratório. São aqueles que não se apresentam nunca a Dom Bosco, que nunca vão aconselhar-se com ele, ou seja, aqueles que fogem dele. Numa palavra, *aqueles que Dom Bosco não conhece ainda!* Porém, a imensa maioria dos desconhecidos era formada por aqueles que não estiveram nem estão ainda no Oratório.

Com pena, enquanto observava a multidão, aquele que me acompanhava me tomou pela mão e disse:

– Venha comigo e verá outras coisas!

E me conduziu num ângulo remoto do vale, circundado por pequenas colinas, circundado por uma sebe de plantas viçosas, onde havia um grande prado verdejante, o mais aprazível que se possa imaginar, cheio de toda espécie de ervas aromáticas, repleto de flores campestres, com bosques frescos e correntes de águas límpidas. Aqui encontrei outro grandíssimo número de filhos,¹⁵⁹ todos alegres, os quais com as flores do prado tinham formado e iam formando uma lindíssima veste.

– Pelo menos você tem estes que lhe dão grande consolação.

– E quem são eles? – perguntei.

– São aqueles que se encontram na graça de Deus.

Ah! Eu posso dizer que nunca vi coisas e pessoas tão belas e resplandcentes, nem jamais poderia imaginar tais esplendores. É inútil que me ponha a descrevê-los, porque seria estragar aquilo que é impossível de se dizer sem que se veja.

Estava, porém, reservado para mim um espetáculo muito mais surpreendente. Enquanto olhava com imenso prazer aqueles jovens e no meio destes contemplava muitos que não conhecia ainda, meu guia me acrescentou:

– Venha, venha comigo e lhe farei ver uma coisa que lhe dará um gozo e uma consolação maiores.

E me conduziu a outro prado, todo esmaltado de flores, as mais lindas e mais perfumadas já vistas. Tinha o aspecto de um jardim de príncipes. Aqui se via um número de jovens, não tão grande, mas que eram de tão extraordinária beleza e esplendor que fazia sair de cena aqueles por mim admirados um pouco antes. Alguns destes estão já no Oratório, outros aqui virão mais tarde.

Disse-me o pastor:

– Estes são aqueles que conservam o belo lírio da pureza. Estão ainda vestidos com a estola da inocência.

Olhava estático. Quase todos traziam na cabeça uma coroa de flores de indescritível beleza. Essas flores eram compostas de outras pequeníssimas florzinhas de uma genti-

¹⁵⁹ Em piemontês, *filho* significa também *jovem*.

leza surpreendente. E suas cores eram de uma viveza e uma variedade que encantavam. Mais de mil cores numa só flor, e numa só flor se viam mais de mil flores. Descia-lhes até os pés uma túnica de brancura resplendente, também ela toda entrelaçada de grinaldas de flores semelhantes às da coroa.

A luz encantadora que partia destas flores revestia toda a pessoa e traduzia nela a própria alegria. As flores se refletiam umas nas outras e as das coroas nas das grinaldas, refletindo cada uma os raios que eram emitidos pelas outras. Um raio de uma cor refrangendo-se com um raio de outra cor produzia raios novos, diversos, cintilantes, e então a cada raio se produziam sempre novos raios, de modo que eu nunca acreditaria que no paraíso houvesse um encanto tão múltiplice.

Isso não é tudo. Os raios e as flores da coroa de uns se espelhavam nas flores e nos raios da coroa de todos os outros: assim também as grinaldas e a riqueza da veste de uns se refletiam nas grinaldas e nas vestes dos outros. E os esplendores do rosto de um jovem, ricocheteando, se fundiam com aqueles do rosto dos companheiros. Refletindo centuplicados sobre todas aquelas inocentes e redondas facezinhas, produziam tanta luz que embaralhavam a vista e impediam de fixar neles o olhar.

Assim, num só se acumulavam as belezas de todos os companheiros com uma harmonia de luz inefável! Era a glória acidental dos santos. Não há nenhuma imagem humana para descrever, mesmo languidamente, quanto se tornasse belo cada um daqueles jovens em meio àquele oceano de esplendores.

Entre estes observei alguns em particular, que agora estão aqui no Oratório e estou certo de que, se pudessem ver ao menos a décima parte da atual formosura, estariam prontos a sofrer o fogo, a deixar-se cortar em pedaços, a ir ao encontro de qualquer martírio, por atroz que fosse, antes que a perder.

Apenas pude reaver-me um pouco de tal celestial espetáculo, dirigi-me ao guia e lhe disse:

– Mas então entre tantos jovens meus são tão poucos os inocentes? São tão poucos aqueles que nunca perderam a graça de Deus?

Respondeu-me o pastor:

– Como? Não lhe parece bastante grande este número? Além disso, aqueles que tiveram a desgraça de perder o belo lírio da pureza, e com este a inocência, podem ainda seguir seus companheiros na penitência. Veja lá, naquele prado se encontram ainda muitas flores. Pois bem, eles podem tecer uma coroa para si e uma veste belíssima e seguir ainda os inocentes na glória.

– Sugira-me ainda alguma coisa para dizer a meus jovens! – eu acrescentei então.

– Repita a seus jovens que se eles conhecessem quanto são preciosas e belas aos olhos de Deus a inocência, a pureza, estariam dispostos a fazer qualquer sacrifício para conservá-las. Diga a eles que criem coragem para praticar essa cândida virtude, que supera as outras em beleza e esplendor. Pois que os castos são aqueles que crescem como lírios na presença do Senhor (*crescunt tanquam lilia in conspectu Domini*).

Eu então quis ir ao meio daqueles meus caríssimos, tão formosamente coroados, mas tropecei no terreno e tendo acordado me encontrei no leito.

A jangada¹⁶⁰

Na boa-noite de 1^a de janeiro de 1866, ao dar Dom Bosco a costumada lembrança de ano-novo, descerrava diante da ardente fantasia de seus filhos um vasto panorama de onde se desenvolvem as vicissitudes da vida do espírito. Tomamos a liberdade de acrescentar subtítulos que ajudarão a ler o texto do sonho.

[O mundanismo reinante]

Pareceu-me estar nas vizinhanças de uma pequena cidade que, pelo aspecto, me parecia Castelnuovo d’Asti, mas não era. Todos os alunos do Oratório divertiam-se alegremente num vasto campo. Eis que de repente, nas margens daquela planície,¹⁶¹ começam a aparecer as águas. Vimo-nos, então, cercados de todos os lados por uma grande inundação,¹⁶² que crescia à medida que se aproximava de nós.

O rio Pó tinha transbordado e de suas margens rolavam torrentes imensas e desoladoras.

Estarrecidos, fugimos correndo para um grande moinho isolado¹⁶³ longe das demais habitações. O moinho tinha grossas muralhas, como uma fortaleza. Eu me detive no pátio interno, no meio dos meus alunos consternados. Mas, começando as águas a penetrar também onde nos encontrávamos, fomos obrigados a refugiar-nos dentro da casa e subir depois ao andar superior. Olhando pelas janelas, via-se toda a extensão do desastre. Da colina de Superga até os Alpes, em vez de prados, campos cultivados, hortas, bosques, casas, aldeias e cidades, nada mais se via do que a superfície de um lago imenso. À medida que as águas cresciam, subíamos de um para outro andar. Perdida toda esperança humana, comecei a animar os meus jovens, dizendo-lhes que se entregassem todos, com confiança, nas mãos de Deus e nos braços de nossa querida Mãe Maria Santíssima.

[A nau da salvação]

Mas a água já tinha chegado quase ao nível do último andar. Então o espanto foi geral e não vimos outro recurso senão retirar-nos em uma jangada, em forma de navio, que apareceu naquele instante flutuando perto de nós. Ofegantes, cada um queria ser o primeiro a refugiar-se naquela embarcação, mas ninguém ousava fazê-lo, pois não era possível arrastar a jangada para junto da casa, por causa de um muro que se elevava um pouco mais alto do que o nível das águas. O único meio que havia era passar por um comprido e estreito tronco de árvore.¹⁶⁴ Mas a passagem tornava-se muito difícil, pois

¹⁶⁰ Cf. MB VIII, p. 275-280. Colocamos em nota as explicações dadas mais tarde por Dom Bosco.

¹⁶¹ Representa o mundo.

¹⁶² Indica os perigos do mundo.

¹⁶³ A Igreja Católica, a casa do pão.

¹⁶⁴ A cruz da mortificação cristã.

aquele tronco, apoiado com uma das extremidades na embarcação agitada pelas ondas, movia-se acompanhando sua oscilação.

Criando coragem, passei primeiro e, para facilitar a baldeação dos jovens e tranquilizá-los, estabeleci clérigos e padres que do moinho sustentassem um pouco quem partia e da barca dessem uma ajuda a quem chegava.

Caso singular! Passado um tempo naquele serviço, os clérigos e os padres sentiam-se tão esgotados que, ora um, ora outro, começaram a desfalecer: os que os substituíram, tinham a mesma sorte. Admirado disso, quis também eu experimentar: senti-me tão extenuado que não podia mais ficar em pé.

Entretanto, muitos jovens impacientes, por medo da morte ou para se mostrarem corajosos, tendo achado um pedaço de tábua, pouco mais larga que o tronco de árvore, fizeram uma segunda ponte e,¹⁶⁵ sem esperar o auxílio dos clérigos e dos padres, estavam para saltar apressadamente, sem dar ouvidos aos meus brados.

– Parem, parem que vão cair – eu gritava-lhes.

Aconteceu que muitos, ou empurrados ou perdendo o equilíbrio, caíram antes de alcançar a embarcação e desapareceram tragados por aquelas turvas e fedorentas águas. Também aquela frágil ponte foi ao fundo com todos os que estavam passando por ela. Foi tão grande o número desses infelizes que a quarta parte de nossos jovens pereceu vítima de seu capricho e de sua ousadia.

Eu, que até então segurara a extremidade do tronco, enquanto os meninos passavam, percebendo que as águas tinham subido acima do nível do muro, pude conduzir a embarcação até perto do moinho.

Encontrava-se ali padre Cagliero, que com um pé na janela e outro na borda da barca fez que saltassem os jovens que haviam permanecido naquelas salas, dando-lhes a mão e colocando-os a salvo na jangada.

Nem todos os jovens, porém, estavam salvos. Vários meninos subiram ao sótão e do sótão ao teto, reunindo-se no topo, juntos uns aos outros, enquanto a inundação, crescendo sempre sem parar um instante, já cobria as calhas e parte das extremidades do telhado. Juntamente com as águas, tinha subido também a embarcação. Vendo eu aqueles pobrezinhos em tão horrível situação, gritei-lhes que rezassem com fervor, que ficassem calados, que descessem juntos, de braços dados, para não caírem. Obedeceram e, como a borda da nau estava encostada à calha, auxiliados pelos colegas, também eles se salvaram. Na jangada havia muitos cestos cheios de grande quantidade de pão,¹⁶⁶ guardado em muitas gavetas.

Quando todos já estavam na embarcação, incertos ainda se poderiam escapar ao perigo, assumi o comando de capitão e disse aos jovens:

¹⁶⁵ Significa os caprichos pessoais.

¹⁶⁶ Símbolo da Santíssima Eucaristia, que se encontra na casa de Maria.

– Maria é a estrela do mar. Não abandona quem nela confia, abriguemo-nos todos sob seu manto. Ela há de nos livrar dos perigos e nos conduzirá a porto seguro.

Em seguida, largamos à mercê das ondas a nau que flutuava muito bem e se movia, afastando-se daquele lugar: “Tornou-se como a nau do bom administrador, que de longe traz seu pão” (*Facta est quae navis institoris, de longe portans panem suum*).

O impulso das ondas agitadas pelo vento imprimia-lhe tão grande velocidade que nós, abraçados uns aos outros, formávamos como um só corpo, para não cair.¹⁶⁷

[O naufrágio dos rebeldes a Maria]

Tendo percorrido grande distância num tempo reduzido, parou repentinamente a barca e pôs-se a girar sobre si mesma, com extraordinária rapidez, de tal forma que receamos fosse afundar. Um vento muito forte, porém, afastou-a daquele redemoinho.¹⁶⁸ Tomou assim um curso mais regular. Repetindo-se de quando em quando algum redemoinho e o sopro do vento salvador, foi parar perto de uma ribanceira enxuta, bonita e ampla. Parecia surgir como uma colina no meio daquele mar.¹⁶⁹

Com isso, muitos jovens se entusiasmaram e dizendo que Deus colocara o homem sobre a terra e não sobre as águas, sem pedir licença, muito satisfeitos, deixaram a barca e, convidando outros a segui-los, subiram para aquele barranco. Foi curta a alegria deles porque, crescendo novamente as águas, por um rápido recrudescimento da tempestade, invadiram as bordas daquela ribanceira, e soltando gritos de desespero aqueles infelizes se acharam dentro da água até as ilhargas e logo, derrubados pelas ondas, desapareceram.

Eu exclamei:

– Realmente, paga de seu bolso quem faz de própria cabeça.

A nau, entretanto, qual brinquedo daquela tempestade, ameaçava novamente afundar. Notei então que meus jovens estavam pálidos e ofegantes.

– Coragem! – gritei-lhes –, Maria não nos abandonará!

Todos juntos com fervor rezamos os atos de Fé, Esperança, Caridade e Contrição; rezamos alguns Pais-nossos e Ave-marias e uma Salve-rainha. Em seguida, de joelhos, segurando-nos pelas mãos uns aos outros cada um rezava em particular outras orações.

Alguns insensatos, porém, indiferentes ao perigo, como se nada houvesse acontecido, agitavam-se e rodavam de cá para lá, rindo-se, quase zombando das atitudes suplicantes de seus companheiros.

Eis que de repente a nau parou, rodopiando rápida sobre si mesma, e um vento fortíssimo atirou às águas aqueles infelizes. Eram trinta. Sendo a água muito profunda e

¹⁶⁷ Isso significa a solidariedade no bem.

¹⁶⁸ O redemoinho representa as tentações e as perseguições.

¹⁶⁹ Representa a satisfação dos desejos mundanos.

lamacenta, assim que caíram desapareceram completamente. Entoamos então a Salve-rainha e mais do que nunca invocamos de coração o auxílio da Estrela do Mar.

[Salvamento dos que caíram, mediante o arrependimento]

Sobreveio a calma. Mas a embarcação, como se fosse um peixe, continuava a deslizar sem que nos fosse dado saber aonde nos levaria. A bordo havia um contínuo e variado trabalho de salvamento.

Fazia-se de tudo para impedir que os jovens caíssem na água e para salvar os que já haviam tombado. Havia alguns que, inclinando-se para fora das bordas muito baixas da embarcação, caíam no lago. Outros, descarados e maus, chamando alguns colegas perto das bordas, com um empurrão os atiravam na água.

Em vista disso, vários sacerdotes prepararam varas enormes, grossas linhas e anzóis de várias espécies. Outros colocavam os anzóis nas varas e as iam distribuindo; outros já se encontravam em seus lugares, com as varas erguidas, com os olhos fixos nas ondas, atentos ao grito de socorro.

Apenas caía um jovem, as varas se abaixavam e o naufrago se agarrava à linha, ou melhor, prendia o anzol na cinta ou nas roupas e assim era posto a salvo.

Mesmo entre os encarregados da pesca, havia alguns que atrapalhavam e embarcavam os pescadores e os que preparavam e distribuía anzóis. Os clérigos vigiavam ao redor, a fim de conter os jovens, que eram muitíssimos.

[Quem se afasta de Maria perece]

Encontrava-me eu ao pé de um alto estandarte, fincado no centro da nau, rodeado por muitíssimos jovens, padres e clérigos, que executavam minhas ordens.

Enquanto se conservaram dóceis e obedientes a minhas palavras, tudo correu bem, estavam tranquilos, contentes e seguros. Alguns, porém, começaram a achar incômoda aquela jangada, a recear a viagem demasiado longa, a lamentar-se dos transtornos e perigos daquela travessia, a discutir sobre o lugar em que haveríamos de aportar, a pensar de que modo poderíamos encontrar outro refúgio, a iludir-se com a esperança de que pouco longe haveria terra, onde pudessem encontrar abrigo seguro, a recear que bem depressa faltariam os víveres, a discutir entre si, a negar-me obediência. Em vão procurava eu dissuadi-los com boas razões.

Eis que apareceram outras embarcações que, ao se aproximar, pareciam levar a direção diferente da nossa. Aqueles imprudentes deliberaram seguir seus caprichos, afastando-se de mim e governando-se por si mesmos. Lançaram às águas algumas tábuas que estavam em nossa jangada e, descobrindo outras bem largas que flutuavam não muito longe, saltaram sobre elas e afastaram-se em direção às embarcações que haviam aparecido. Foi uma cena indescritível e dolorosa. Aqueles infelizes iam ao encontro da própria morte. Soprava o vento, as ondas agitavam-se. Eis que alguns foram ao fundo, no meio daquelas ondas que se erguiam e

abaixavam furiosamente. Outros, colhidos por tremendos turbilhões, foram arrastados ao abismo. Outros se chocaram com obstáculos que estavam à flor d'água e tombando desapareceram. Alguns conseguiram saltar para as embarcações, que não tardaram a afundar na imensa voragem daquelas águas.

A noite se fez escura e tenebrosa. Ao longe eram ouvidos gritos lancinantes dos que pereciam. Naufragaram todos.

“No mar do mundo naufragarão todos aqueles que não foram recolhidos por esta nau” (*In mare mundi submergentur omnes illi quos non suscipit navis ista*).¹⁷⁰

O número de meus caros filhos havia diminuído muito. Contudo, continuando a confiar em Nossa Senhora, após uma noite inteira tenebrosa, a nau entrou finalmente numa espécie de desfiladeiro apertadíssimo, entre duas margens lamacentas, cobertas de tojos, grandes lascas de pedra, paus, ramos, pranchas quebradas, mastros, remos.

Ao redor da barca viam-se tarântulas, sapos, serpentes, dragões, víboras, jacarés e mil outros animais repugnantes. Nos galhos de uns chorões, que pendiam sobre a nossa barca, estavam uns gatarrões de forma singular, que devoravam pedaços de membros humanos. Havia também numerosos macacos enormes, que, dependurando-se nos ramos, procuravam alcançar e unhar os jovens. Mas os meninos abaixavam-se cheios de medo e assim escapavam aos ataques.¹⁷¹

Foi ali, naquele estreito, que com grandes horror e surpresa tornamos a ver os pobres companheiros perdidos ou que tinham desertado de nossa companhia. Depois do naufrágio, haviam sido arremessados pelas ondas àquela costa, de encontro aos rochedos. Outros estavam enterrados nos charcos e não se lhes podia ver senão os cabelos e a metade de um braço.

Aqui aflorava à superfície do pântano uma cabeça, acolá o dorso de um jovem; mais adiante boiava um cadáver inteiramente visível. Em dado momento ouviu-se a voz de um jovem da barca:

– Aqui está um monstro que devora o corpo de fulano.

Ao dizer isso, repetia várias vezes o nome do infeliz, mostrando-o aos companheiros aterrorizados.

Eis, porém, que um espetáculo bem diverso se apresentou a nossos olhos. A uma pequena distância erguia-se uma fomalha gigantesca, na qual lavrava um fogo intensíssimo. Entre as enormes labaredas, apareciam figuras humanas e viam-se pés, pernas, braços, mãos e cabeças a subir e descer confusamente no meio daquelas chamas, da mesma forma que numa panela fervente os alimentos sobem e descem no líquido em ebulição.

¹⁷⁰ A nau de Maria Santíssima.

¹⁷¹ Esses animais significam as solicitações ao pecado.

Observando atentamente, reconhecemos muitos de nossos alunos, o que nos encheu de horror. Sobre o fogo havia uma grande cobertura, em que estava escrito com letras garrafais estas palavras: “O sexto e o sétimo conduzem para cá!”.¹⁷²

Bem perto dali surgia também uma vasta e elevada proeminência de terra, com numerosas árvores silvestres, plantadas desordenadamente. Entre elas se viam numerosos jovens nossos que tinham caído nas ondas ou tinham se afastado no decurso da viagem. Desci à terra, sem fazer muita conta do perigo, aproximei-me deles e vi que tinham os olhos, as orelhas, os cabelos e até o coração cheios de insetos e vermes repugnantes que os roíam, causando-lhes os maiores sofrimentos. Um entre eles sofria mais do que os outros e por isso tentei me aproximar do infeliz, mas ele se pôs a fugir, escondendo-se atrás das árvores. Vi ainda outros que, abrindo as roupas, levados pela dor, deixavam ver o corpo enlaçado por serpentes. Outros tinham víboras no seio.

[O remédio dos Santos Sacramentos]

Apontei a todos uma fonte da qual jorrava em abundância água fresca e ferruginosa.¹⁷³ Todos que iam lavar-se em tal água restabeleciam-se imediatamente e podiam voltar para a barca. A maior parte daqueles infelizes obedeceu a meu convite; alguns, porém, recusaram. Eu, então, para cortar as delongas, voltei-me para os que tinham se restabelecido e estes, a meu pedido, seguiram-me com segurança, tendo-se já afastado então os monstros. Apenas entramos na barca, esta, impelida pelo vento, saiu do estreito pela parte oposta àquela pela qual entrara e de novo se lançou num oceano sem limites.

[Rumo à Pátria onde está Maria]

Lastimando a triste sorte e o lamentável fim dos companheiros que lá deixávamos, pusemo-nos a cantar: “Louvemos Maria, Rainha gloriosa”. Fizemos isso em agradecimento à Grande Mãe celeste por ter nos protegido até então. Imediatamente, como obedecendo a uma ordem de Maria, cessou o vento enfurecido e a nau começou a deslizar rapidamente sobre as ondas plácidas com uma facilidade indescritível. Parecia que se movesse tão somente ao impulso que os jovens brincando lhe imprimiam, batendo na água com a palma da mão.

Eis que apareceu no céu um arco-íris mais esplêndido e variado do que uma aurora boreal, onde pudemos ler a palavra misteriosa “*Medoum*”, escrita com grandes letras luminosas. Pareceu-me que cada letra fossem as iniciais destas palavras: “*Mater et Domina omnis universi Maria*” (Maria é a Mãe e a Senhora de todo o universo).

Depois de um longo trecho de viagem, eis que no horizonte despontou uma nesga de terra, cuja aproximação gradativa suscitava em nosso coração uma alegria inefável.

¹⁷² Conforme se recitavam no catecismo os mandamentos da Lei de Deus, temos: “Sexto: não pecar contra a castidade. Sétimo: não furtar”.

¹⁷³ Figura dos sacramentos da Confissão e da Comunhão.

Essa terra encantadora, com seus bosquezinhos formados por árvores das mais variadas espécies, apresentava o panorama mais atraente porque iluminado pelos raios do sol nascente por trás das colinas.

Era uma luz que brilhava suave e tranquila, semelhante à de uma esplêndida tarde de verão, que difundia uma sensação de repouso e de paz.

Afinal, após ter tocado nas areias da praia e deslizado sobre elas, a jangada parou em terreno seco ao pé de um belíssimo vinhedo.

Pode-se afirmar dessa barca: “Tu, ó Deus, a construístes como uma ponte, graças à qual, passando através das ondas deste mundo, alcançaremos o teu sereno porto” (*Eam tu Deus pontem fecisti, quo a mundi fluctibus trajicientes ad traquillum portum tuum deveniamus*).

Os jovens estavam suspirando por entrar naquela vinha, e alguns mais curiosos saltaram para a praia. Mal, porém, tinham dado alguns passos, lembraram-se da desventura dos companheiros que haviam se deixado levar pela beleza da ilha colocada no meio do oceano borrascoso e juntamente com ela tinham sido engolidos pelas vagas. Imediatamente retrocederam para dentro da barca.

Os olhares de todos estavam fixos em mim e na frente de cada um podia-se ler a pergunta:

– Dom Bosco, já é tempo de descer e parar aqui?

Refleti um pouco e depois lhes disse:

– Vamos descer. Já é tempo! Agora estamos em segurança!

Ouviu-se um grito geral de alegria. Esfregando as mãos de contentamento, todos penetraram na vinha disposta com perfeita simetria. Das parreiras pendiam cachos de uva semelhantes aos da terra da promessa e nas árvores viam-se os frutos mais variados que se podem desejar na bela estação, de um gosto nunca experimentado. No meio daquela imensa vinha surgia um grande castelo com um parque delicioso, rodeado por grossos muros.

[O banquete]

Dirigimo-nos rumo ao castelo para visitá-lo e nos foi permitida a entrada. Cansados e cheios de fome, encontramos numa sala, toda ornada de ouro, uma grande mesa preparada para nós com todas as espécies dos mais finos manjares, dos quais cada um podia servir-se à vontade. No fim da refeição entrou na sala um nobre juvenzinho, vestido ricamente e de uma beleza indescritível.¹⁷⁴

Com afetuosa e familiar cortesia, saudou-nos a todos pelo nome. Percebendo que estávamos atônitos e maravilhados por sua beleza e pela riqueza que víamos, nos disse:

¹⁷⁴ Talvez fosse Domingos Sávio.

– Isso não é nada, venham ver.

Nós todos o seguimos e do parapeito das varandas nos fez contemplar os jardins, pondo-os à nossa disposição para as recreações. Conduziu-nos de sala em sala, cada qual mais esplêndida pela arquitetura, pelas colunatas e por ornatos de toda espécie.

[O abraço da Mãe]

Abrindo uma porta que dava para uma capela convidou-nos a entrar. De fora a capela parecia pequena, mas ao transpor os umbrais da entrada vimos que era tão extensa que mal se podia avistar uma pessoa na extremidade oposta. O pavimento, as paredes, as abóbadas eram ornamentadas e enriquecidas de admirável arte, revestidas de mármore, de prata, de ouro e de pedras preciosas. Maravilhado, exclamei enlevado:

– Mas esta é uma beleza paradisíaca. Proponho que permaneçamos sempre aqui!

No meio deste grande templo erguia-se num rico pedestal uma estátua magnífica de Maria Auxiliadora. Chamando eu muitos jovens espalhados aqui e acolá para contemplar a beleza daquele edifício sagrado, toda a multidão se reuniu ante aquela estátua para agradecer à Virgem pelos muitos favores que nos havia alcançado. Pude então fazer uma ideia da vastidão daquela Igreja, pois todos aqueles milhares de jovens pareciam um pequeno grupo que ocupava a parte central do templo.

Enquanto os jovens admiravam a estátua, cuja fisionomia era de uma beleza verdadeiramente celeste, em dado momento pareceu que a estátua se animava e sorria. Ergueu-se um murmúrio comovido dentre a multidão.

– A Virgem move os olhos! – exclamaram alguns.

Na verdade, Maria Santíssima girava com inefável bondade os olhos maternos por sobre os juvenzinhos. Eis que se ouviu um novo brado geral:

– A Virgem mexe as mãos!

E de fato, abrindo lentamente os braços, Maria ergueu o manto como para recolher a todos debaixo dele.

A comoção era tão intensa que as lágrimas corriam-nos pelas faces.

– A Virgem move os lábios! – disseram alguns.

Fez-se um profundo silêncio e descerrando os lábios a Virgem começou a dizer com uma voz suavíssima e argentina:

– Se vocês forem para mim filhos devotados, eu serei para vocês Mãe piedosa.

Ao ouvir tais palavras, todos de joelhos entoaram o canto: “Louvemos Maria, Rainha gloriosa”.

Esta harmonia era tão forte e suave que esmagado por ela despertei e assim terminou a visão.

[Ou felizes com Maria ou rejeitados e infelizes]

Meus caros filhos, vocês viram? Neste sonho podemos reconhecer o mar tempestuoso deste mundo. Se vocês forem dóceis e obedientes a minhas palavras e não derem ouvidos aos maus conselheiros, depois de nos termos cansado na prática do bem e na fuga do mal, vencendo todas as nossas más tendências, havemos de chegar finalmente no fim de nossa vida a uma praia segura.

Então há de vir ao nosso encontro, mandado pela Virgem Santíssima, alguém que em nome de Deus nos introduzirá em seu jardim real, para refazer-nos de nossas fadigas, isto é, no paraíso, na amabilíssima presença de Deus. Se, porém, fizerem o contrário do que digo a vocês e desprezarem meus conselhos, naufragarão lamentavelmente.

A vinha do Senhor¹⁷⁵

Dia 23 de janeiro de 1876, após as orações da noite, Dom Bosco subiu na cátedra para dar a boa-noite aos jovens, quando padre Barberis lhe pediu que contasse um sonho que tivera havia pouco. Eis o sonho:

Parecia-me estar longe daqui e encontrar-me em Castelnuovo d’Asti, minha terra natal. Tinha diante de mim uma grande extensão de terreno, situada numa vasta e bela planície, mas aquele terreno não era nosso e não sabia de quem fosse.

Naquele campo vi muitos que trabalhavam com enxadas, pás, ancinhos e outros instrumentos. Aravam, semeavam trigo, aplainavam a terra e faziam outras coisas. Cá e lá encontravam-se os chefes colocados para dirigir os trabalhos e entre estes parecia-me estar também eu. Coros de camponeses estavam em outra parte cantando. Eu observava estupefato e não sabia por que estava ali. Dizia comigo:

– Mas para que trabalham tanto?

E respondia a mim mesmo:

– Para providenciar pães para os meus jovens.

E era verdadeiramente uma maravilha ver como aqueles bons agricultores não desistiam um instante do trabalho e incessantemente continuavam sua tarefa com um empenho constante e com a mesma diligência. Só alguns estavam rindo e brincando entre eles.

Enquanto eu contemplava tão belo quadro, olhei ao redor e vi que me circundavam alguns padres e muitos de meus clérigos, em parte próximos e em parte a certa distância. Dizia comigo mesmo:

¹⁷⁵ Cf. MB XII, p. 41-48.

– Estou sonhando! Meus clérigos estão em Turim, em vez disso, aqui estamos em Castelnuovo. Como pode ser isso? Estou vestido com roupas de inverno dos pés à cabeça. Ontem eu tinha tanto frio, e agora aqui se semeia o trigo.

E me tocava as mãos e caminhava e dizia:

– Mas no entanto não estou sonhando. Este é mesmo um campo, este clérigo que está aqui é o clérigo A... em pessoa, aquele outro é o clérigo B... E depois como poderia, no sonho, ver esta coisa e esta outra?

No entanto, vi ali perto, mas à parte, um velho que na aparência parecia muito benévolo e ajuizado, atento a observar-me e aos outros. Aproximei-me e lhe perguntei:

– Diga, bom homem, o que é isso que eu vejo e não entendo nada? Onde estamos? Quem são esses trabalhadores? De quem é este campo?

– Oh, belas perguntas para se fazer! O senhor é padre e não sabe o que é isso? – respondeu-me aquele homem.

– Então diga-me: o senhor acha que estou sonhando ou estou acordado? Porque acho que estou sonhando, mas não me parecem possíveis as coisas que vejo.

– São muito possíveis! São reais! Parece-me que o senhor está totalmente acordado, não percebe isso? Fala, ri, brinca.

– No entanto no sonho há alguns que parecem falar, escutar e agir como se estivessem acordados.

– Mas não! Deixe tudo isso de lado. O senhor está aqui de corpo e alma.

– Pois bem, que seja. Se estou acordado, diga-me então de quem é este campo.

– O senhor estudou latim. Qual é o primeiro nome da segunda declinação que estudou no Donato? Sabe-o ainda?

– Claro que sei. Mas o que tem a ver com o que estou lhe perguntando?

– Tem muitíssimo a ver. Diga: qual é o primeiro nome que se estuda na segunda declinação.

– É *Dominus* (Senhor).

– E como é no genitivo?

– *Domini!* (do Senhor)

– Bravo, *Domini!* Este campo portanto é *Domini*, é do Senhor.

– Ah! Agora começo a entender! – exclamei.

Estava maravilhado da consequência tirada por aquele bom ancião. Entretanto, vi várias pessoas que vinham com sacos de trigo para semear, e um grupo de camponeses cantava:

– Saiu o que semeia a semear sua semente (*Exit, qui seminat, seminare semen suum*).

Parecia-me um pecado jogar fora aquela semente e fazê-la apodrecer debaixo da terra. Era tão belo aquele trigo! E dizia comigo mesmo: “Não teria sido melhor moê-lo e fazer com ele pão ou pastas?”.

Mas depois pensava: “Quem não semeia não colhe. Se não se joga fora a semente e esta não apodrece, o que se colherá depois?”.

Naquele momento vi sair de todas as partes uma multidão de galinhas e ir pela semeadura a bicar todo o trigo que outros espalhavam como semente.

E aquele grupo de cantores prosseguia em seu canto:

– Vieram as aves do céu, comeram o trigo e deixaram a cizânia (*Venerunt aves caeli, sustulerunt frumentum et reliquerunt zizaniam*).

Dei uma olhada em torno e observei aqueles clérigos que estavam comigo. Com as mãos juntas um clérigo olhava com fria indiferença. Outro tagarelava com os companheiros. Alguns davam de ombros ou olhavam o céu, outros riam daquele espetáculo. Outros tranquilamente continuavam o recreio e a brincadeira. Outros desempenhavam alguma ocupação. Mas ninguém espantava as galinhas para que fossem embora. Dirigindo-me a eles, todo ressentido, chamando cada um pelo nome, dizia:

– Mas o que vocês estão fazendo? Não veem aquelas galinhas que comem todo o trigo? Não veem que destroem toda a boa semente, fazem dissipar-se as esperanças destes bons camponeses? O que colheremos depois? Por que estão mudos? Por que não gritam, por que não as espantam?

Mas os clérigos encolhiam os ombros, olhavam-me e não diziam nada. Alguns sequer se voltaram, antes, não davam atenção àquele campo, nem lhe deram importância depois que eu gritei.

– Vocês são uns estultos! – eu continuava. – As galinhas já estão todas de papo cheio. Não podiam ter feito assim, batendo as mãos?

E no entanto eu batia as mãos. Encontrava-me num verdadeiro embrulho, pois minhas palavras não adiantavam nada. Então alguns se puseram a espantar as galinhas, mas eu repetia dentro de mim:

– Pois é! Agora que todo o trigo foi comido enxotam as galinhas.

Naquele momento chegou-me aos ouvidos o canto daquele grupo de camponeses, que cantavam assim:

– Cães mudos, que não sabem ladrar (*Canes muti nescientes latrare*).

Então eu me dirigi àquele bom ancião e, entre estupefato e indignado, lhe disse:

– Vamos, me dê uma explicação disso tudo. Eu não estou compreendendo nada. O que é aquela semente que se joga na terra?

– A semente é a Palavra de Deus (*Semen est verbum ei*).

– Mas o que quer dizer isso, se vejo que as galinhas comiam?

O ancião, mudando o tom de voz, prosseguiu:

– Oh! Se quer uma explicação mais completa, eu lhe dou: o campo é a vinha do Senhor, de que se fala no Evangelho, e também se pode entender o coração do homem. Os agricultores são os operários evangélicos que, especialmente com a pregação, semeiam a Palavra de Deus. Esta palavra produziria muito fruto naquele coração, terreno bem preparado. Mas quê? Vêm os pássaros do céu e a levam embora.

O que indicam estes pássaros?

– Quer que lhe diga? Indicam as murmurações. Ouvida aquela pregação que produziria efeito, vai-se com os companheiros. Um comenta um gesto, a voz, a palavra do pregador, e eis que lá se vai todo o fruto da pregação. Um outro acusa no pregador algum defeito ou físico ou intelectual. Um terceiro ri de seu sotaque, e se perde todo o fruto da pregação. O mesmo se deve dizer de uma boa leitura, da qual o bem que produziria fica todo impedido por uma murmuração. As murmurações são piores quando secretas, escondidas, e vivem e crescem onde nós não esperamos. Embora esteja em um campo não muito cultivado o trigo nasce, cresce, torna-se bastante alto e produz fruto. Quando num campo semeado há pouco vem um temporal, então o campo fica pisado e não produz mais tanto fruto, mesmo assim produz. Mesmo que a semente não seja tão boa, crescerá, dará pouco fruto, mas sempre dará alguma coisa. Em vez disso, quando as galinhas ou os pássaros comem a semente, não há mais nada a fazer. O campo não rende nem muito nem pouco, não produz mais fruto de espécie alguma. Assim, se às pregações, às exortações, aos bons propósitos se seguir alguma outra coisa como distração ou tentação, se obterá menos fruto. Mas quando há murmuração, o falar mal ou coisa semelhante, então há pouco que se aproveite. E a quem toca bater as mãos, insistir, gritar, velar para que essas murmurações, as más conversas, não aconteçam? O senhor o sabe!

– Mas o que fazem esses clérigos? – eu lhe perguntei. – Não podiam impedir tamanho mal?

– Não impediram nada – prosseguiu. – Alguns observavam como estátuas mudas. Outros não se importavam, não pensavam nisso, não viam, estavam de braços cruzados. Outros não tinham coragem de impedir esse mal. Alguns, poucos porém, se uniam também eles aos murmuradores. Tomavam parte em suas maledicências, faziam o trabalho de destruidores da Palavra de Deus. Você que é padre insista sobre isso. Pregue, exorte, fale, não tenha medo de falar demais, e todos saibam que o fazer comentários sobre quem prega, quem exorta, quem dá bons conselhos é o que gera um mal maior. Ficar mudo quando se vê alguma desordem e não a impedir, especialmente quem poderia ou deveria, é tornar-se cúmplice do mal dos outros.

Compenetrado com estas palavras, queria ainda olhar, observar uma ou outra coisa, chamar a atenção dos clérigos, inflamá-los no cumprimento do próprio dever. E eles já se moviam e procuravam afugentar as galinhas. E ao dar alguns passos tropecei num ancinho destinado a aplinar a terra, deixado naquele campo, e acordei.

Capítulo 6

Sonhos sobre as virtudes a ser cultivadas

O lenço¹⁷⁶

Na noite de 18 de junho de 1861, Dom Bosco contou a seguinte história ou espécie de sonho. Assim falou:

Era a noite de 14 para 15 do mês. Quando fui deitar, apenas tomado por um leve torpor, senti um grande golpe na cabeceira da cama, como se alguém viesse com uma tábua e batesse. Sentei-me rapidamente. Veio-me logo à mente um raio. Olhei de cá e de lá, mas nada vi. Por isso, persuadido de que tinha sonhado e que não era nada real, tornei a me deitar.

Mas apenas recomeçava a adormecer, eis que um segundo golpe me feriu os ouvidos e me sacudiu. Então me ergui de novo sobre os travesseiros e desci da cama. Procurei, olhei debaixo do leito, debaixo da mesinha e nos cantos do quarto, mas nada vi. Então me resignei nas mãos do Senhor. Tomei a água benta e deitei. Foi então que num devaneio vi o que agora vou narrar.

Pareceu-me que estava no púlpito de nossa igreja começando a pregação. Os jovens estavam todos sentados em seus lugares com o olhar fito em mim, e esperavam atentos que eu falasse. Eu, porém, não sabia qual argumento devesse tratar, e de que modo começar o sermão.

Por mais que me esforçasse com a memória, minha mente permanecia estéril e vazia. Fiquei assim um pouco de tempo, confundido e angustiado. Nunca me acontecera semelhante coisa depois de tantos anos de pregação.

E eis que num instante vi nossa igreja converter-se numa grande vala. Procurava as paredes da igreja e não as via mais, e não via mais nenhum jovem. Eu estava fora de mim e não conseguia persuadir-me daquela súbita mudança de cena.

“Mas o que é isso? Um momento atrás eu estava na igreja, no púlpito, e agora me encontro neste vale! Estou sonhando? Que faço?”, pensei.

Resolvi então caminhar por aquele vale. Caminhei um tanto e, enquanto procurava alguém para exprimir-lhe meu espanto e pedir explicações, vi um belo palácio com

¹⁷⁶ Cf. MB VI, p. 972-973.

muitos balcões grandes ou vastos terraços, como se queira chamar, que formavam um conjunto admirável. Diante do palácio se estendia uma praça. Num ângulo da praça, à direita, descobri um grande número de jovens reunidos, que estavam ao redor de uma Senhora que distribuía a cada um deles um lenço. Estes, recebido o lenço, subiam e se dispunham enfileirados um depois do outro sobre aquele longo terraço com balaustrada.

Eu também me aproximei daquela Senhora e ouvi que, ao entregar os lenços, dizia a todos e cada um dos jovens estas palavras:

– Não abri-lo nunca quando sopra o vento. Mas se o vento o surpreender, quando você o tivesse aberto, volte-se logo para a direita, nunca para a esquerda.

Eu observava todos aqueles jovens, mas naquele momento não reconheci nenhum deles.

Terminada a distribuição dos lenços, quando todos estavam sobre o terraço, fizeram um depois do outro uma longa fila e estavam lá em pé, sem dizer palavra. Eu continuava a observar e vi um jovem que começava a tirar fora o seu lenço e o abria e depois os outros jovens, pouco a pouco, sucessivamente tiraram o próprio lenço e o abriram, até que os vi todos com o lenço aberto. Era muito largo, bordado a ouro, num trabalho de muito valor, e nele se liam estas palavras, também elas em ouro, que o ocupavam todo: “*Regina virtutum*” (Rainha das virtudes).

Eis que começou soprar um vento do setentrião, isto é, da esquerda. Começou suave, depois se tornou mais forte, e depois muito forte.

Apenas começou este vento, vi alguns daqueles jovens dobrarem rapidamente o lenço e escondê-lo. Outros se voltaram para o flanco direito. Mas uma parte ficou imóvel com o lenço aberto.

Depois que este vento se tornou forte, começou a aparecer e estender-se uma nuvem que logo velou todo o céu. Então levantou-se o turbilhão. Desabou um grande temporal, com trovões que metiam medo. Choveu granizo e depois neve.

No entanto, muitos jovens estavam com o lenço estendido. O granizo batia nele, furando-o. Até as gotas da chuva pareciam ter ponta. Os flocos de neve também o furavam. Num instante todos aqueles lenços ficaram estragados e esburacados, de modo que não tinham mais nada de belo.

Este fato despertou em mim tal estupor que não sabia que explicação lhe dar. O pior é que me aproximando daqueles jovens, que antes não tinha reconhecido, agora, olhando com mais atenção, os reconheci todos distintamente. Eram os meus jovens do Oratório. Chegando mais perto ainda ia perguntando a eles:

– O que você faz aqui! Você é o tal?

– Claro que estou aqui! Veja! Estão também o tal, o tal, e aquele outro.

Fui então lá onde estava aquela Senhora que distribuía os lenços. Ali estavam alguns outros homens e perguntei a eles:

– O que quer dizer tudo isso?

Aquela Senhora, voltando-se para mim, respondeu:

– Não viu o que estava escrito naqueles lenços?

– Sim: “*Regina virtutum*”.

– Não sabe por quê?

– Sim, sei.

– Pois bem, aqueles jovens expuseram a virtude da pureza ao vento das tentações. Alguns, assim que o perceberam, logo fugiram: são aqueles que esconderam o lenço. Outros, surpreendidos e não tendo tido tempo de escondê-lo, viraram à direita: são aqueles que no perigo recorrem ao Senhor, voltando as costas ao inimigo. Outros, ficaram com o lenço aberto, sujeitos à tentação.

Diante disso fiquei magoado e estava para me desesperar vendo como eram poucos aqueles que tinham conservado a bela virtude. Caí então num choro doloroso. Quando pude me acalmar, perguntei:

– Mas como os lenços ficaram furados? Foi somente pela tempestade ou também pela chuva e pela neve? Essas gotas, aqueles flocos de neve não indicam talvez os pecados pequenos, ou seja, veniais?

– E não sabe que nisso não há matéria leve? (*non datur parvitas materiae?*) Todavia não se angustie, venha ver!

Um daqueles homens avançou para diante do balcão. Fez um sinal com a mão àqueles jovens e gritou:

– À direita!

Quase todos os jovens se voltaram para a direita. Mas alguns não se moveram do lugar e o lenço deles acabou por ficar inteiramente lacerado. Então eu vi o lenço daqueles que tinham se voltado para a direita tornar-se muito estreito, todo remendado e costurado, de modo, porém, que não se notava mais nenhum buraco. Estavam todavia em tão mau estado que davam dó. Não tinham mais regularidade alguma. Uns se viam compridos de três palmos, outros de dois, outros de um.

Aquela Senhora, no entanto, acrescentava:

– Eis aqueles que tiveram a desgraça de perder a bela virtude, mas remediaram com a Confissão. Os outros que não se moveram são aqueles que continuam no pecado e talvez, talvez, se perderão.

Depois, no fim, me disse:

– Não diga a ninguém, somente admoeste (*Nemini dicito, sed tantum admone*).

Meios para conservar a pureza

No mês de julho de 1884, Dom Bosco teve um sonho sobre a pureza. Nos dias seguintes ele expôs em resumo ao padre Lemoyne o que tinha visto e disse a ele que se servisse dessa informação como de um roteiro para uma sua apresentação mais livre. O secretário fez o que lhe fora mandado. Mas faltou-lhe a possibilidade de ler para Dom Bosco seu trabalho. Por essa razão não publicamos aqui o trabalho do padre Lemoyne, mas apenas o resumo apresentado pelas *Memórias biográficas*.

Pareceu a Dom Bosco que se encontrava diante de uma ribanceira vasta e com um suave declive, esplendidamente iluminada por uma luz mais pura e mais viva do que a do sol, toda coberta de ervas verdejantes, esmaltada das mais variadas flores e sombreada por grande número de árvores, cujos ramos, avizinhandos uns dos outros, se estendiam à guisa de festões. Poderia ter chamado o lugar de um verdadeiro paraíso terrestre.

Mas mais do que aquele jardim encantado atraíram sua atenção duas lindas meninas de mais ou menos 12 anos, sentadas à margem da ribanceira, perto da estradinha em que ele estava.

Uma celestial modéstia se manifestava em seus rostos e em toda a sua postura. Dos olhos, sempre fixos no alto, transpareciam uma ingênua simplicidade e uma alegria sobre-humana. A graça dos movimentos dava a ambas um ar de nobreza, que contrastava com a pouca idade.

Uma veste candidíssima lhes descia até os pés. Tinham os flancos cingidos por uma faixa purpúrea com bordas de ouro, sobre a qual se destacava um ornato à guisa de fita tecida com lírios, violetas e rosas. Um ornamento semelhante, como se fosse um enfeite, lhes pendia do pescoço. Duas faixazinhas de margaridinhas brancas circundavam seus pulsos como braceletes. Seus calçados eram bordados e tinham cadarços de filetes de ouro.

Os longos cabelos estavam presos por uma coroa que cingia a fronte, deixando cair ondulantes sobre os ombros, em anéis, as cabeleiras.

Elas conversavam, interrogando, exclamando, ora sentadas as duas, ora sentada uma e a outra em pé, ora movendo-se para cima e para baixo com passos lentos.

Dom Bosco, espectador silencioso, escutava a conversa, sem que dessem mostra de que percebessem sua presença. No final, voltaram-se e subiram a ribanceira caminhando entre as flores sem tocá-las e cantando um hino angélico, ao qual responderam grupos de espíritos celestes descidos ao seu encontro. Aos primeiros se juntaram continuamente outros e depois outros, elevando unidos um cântico imenso e harmoniosíssimo, terminado o qual todos juntos pouco a pouco se elevaram para o alto e desapareceram totalmente.

Dom Bosco, àquele ponto, acordou.¹⁷⁷

¹⁷⁷ Cf. MB XVII, p. 193-194.

Confiança em Deus

A morte do padre Calosso foi para João Bosco um desastre irreparável. Chorava desconsolado pelo benfeitor falecido. Quando estava acordado, pensava nele, dormindo, com ele sonhava. As coisas chegaram a tal ponto que Mamãe Margarida, temendo por sua saúde, mandou-o passar uma temporada com o avô, em Capriglio.¹⁷⁸

Nesse tempo teve um sonho, no qual foi asperamente repreendido por ter posto sua esperança nos homens e não na bondade do Pai do Céu.¹⁷⁹

Necessidade da correção por parte dos superiores

Estando em Marselha, na noite de 5 para 6 de abril de 1885, Dom Bosco teve um sonho. Contou-o logo ao padre Viglietti. Alguns dias depois deu-lhe a explicação. As ervas que tornavam difícil a caminhada eram os livros maus, as más conversas eram tudo quanto pode constituir obstáculo para o serviço de Deus e a salvação das almas. “Aqui está a ciência do diretor e dos outros superiores, em saber tirar do meio dos jovens tais ervas daninhas.[...] A união dos superiores e a correção feita a tempo, se não conseguirem impedir todo o mal, farão que o caminho não se encha de espinhos.” Eis o sonho:

Parecia-lhe que estava conversando com um grupo de salesianos, quando se aproximou e se introduziu na roda uma belíssima donzela, vestida de branco e cheia de modéstia. A tal vista Dom Bosco se perturbou. Depois, dirigindo-se a ela, lhe fez compreender que não era aquele o seu lugar e que devia afastar-se. Rindo e brincando ela se afastou, mas para aparecer logo em seguida. Então Dom Bosco, aproximando-se dela, imperiosamente lhe ordenou que fosse embora. E no dizer isso acordou.

Na noite seguinte, apenas adormecido, encontrou-se diante de um campo não cultivado. Querendo caminhar por ele, viu novamente a donzela, que lhe oferecia uma serra, dizendo-lhe que, para abrir o atalho, era necessário cortar rente as ervas que enchiam o terreno. Tendo pegado a serra, ele a usava rindo, mas o caminho ficava sempre áspero e cansativo.

Na terceira noite apresentou-se de novo a donzela e lhe disse:

– Os superiores devem pôr-se de acordo entre eles e nunca adiar a correção, quando a creem necessária.¹⁸⁰

¹⁷⁸ Melquior Occhiena (1752-1844).

¹⁷⁹ Cf. MB I, p. 218.

¹⁸⁰ Cf. MB XVII, p. 433-434.

O personagem dos dez diamantes¹⁸¹

Em setembro de 1881, Dom Bosco teve este sonho, que nos dá, de certo modo, a identidade do salesiano. O sonho se desenrola em três cenas. Elas nos apresentam uma síntese ágil, personalizada e dramatizada da espiritualidade salesiana.

Na primeira cena, o personagem encarna o perfil do salesiano. Na parte da frente do manto há cinco diamantes, três sobre o peito: Fé, Esperança e Caridade. Sobre os ombros há dois: Trabalho e Temperança. Na parte de trás, outros cinco diamantes: Obediência, Voto de pobreza, Prêmio, Voto de castidade e Jejum.

Na segunda cena o personagem mostra a adulteração do modelo. Manto desbotado e rasgado. No lugar dos diamantes, profundos estragos produzidos por traças e outros pequenos insetos.

Na terceira, aparece um gracioso menino, vestido de um hábito branco tecido de ouro e prata, de aspecto majestoso, mas doce e amável. Traz uma mensagem. Exorta os salesianos a escutar e entender, a manter-se fortes e corajosos, a testemunhar com as palavras e com a vida, a ser prudentes na aceitação e na formação das novas gerações, a fazer crescer de maneira sadia a congregação.

A data em que Dom Bosco teve o sonho leva a uma especial ligação a Nossa Senhora: era o dia em que se celebrava o Santíssimo Nome de Maria.

Ao longo da história salesiana o sonho foi objeto de conferências e pregações, sobretudo nos exercícios espirituais. Padre Paulo Albera fez alusão a ele em uma circular sobre “Dom Bosco nosso modelo”. Padre Rinaldi não só falava com frequência do sonho, mas publicou-o duas vezes. Padre Renato Ziggiotti quis que todos os salesianos tivessem conhecimento dele. Padre Egídio Viganò, por ocasião do centenário do sonho, escreveu uma extensa carta sobre ele.¹⁸²

*O caminho redacional do sonho*¹⁸³

O rascunho do sonho é de autoria de Dom Bosco e está sem data. Num primeiro tempo, ele começou a escrever o nome dos diamantes em italiano. Suspendeu o trabalho, ao escrever Jejum. Voltando ao trabalho, passou os nomes para o latim. Pobreza e Castidade passaram a ser Voto de pobreza e Voto de castidade. Na primeira redação, Temperança estava sobre o ombro direito. Passou para o ombro esquerdo.

A mudança mais importante foi relativa ao diamante que estava no centro da parte de trás do manto. Na primeira redação, era a Castidade. Passou depois para Obediência. A centralidade da Castidade, expressa para os jovens em *O jovem instruído*, passa para a centralidade da Obediência, na vida religiosa.

O texto que apresentamos

Baseia-se na cópia passada a limpo pelo padre Berto, com as correções de Dom Bosco. Confrontamo-la com a primeira redação autógrafo (cf. ASC 132, Sonho 5). Servimo-nos, do mesmo modo, da edição crítica de Cecilia Romero.¹⁸⁴

¹⁸¹ Cf. MB XV, p. 183-187.

¹⁸² Veja em *Atos do Conselho Superior*, abril-junho 1981, p. 1-20, a carta do padre Egídio Viganò sobre este sonho.

¹⁸³ Cf. Pietro Stella, *Don Bosco nella storia della religiosità católica*, II, p. 526-532.

¹⁸⁴ Cf. Cecilia Romero, *I sogni di Don Bosco*. Edição crítica. Turim, LDC, 1978.

Tomamos a liberdade de:

- traduzir as expressões latinas (como na publicação do padre Ziggotti);
- deixar de lado datas já superadas (como na segunda publicação do padre Rinaldi);
- colocar título e subtítulos que nos pareceram apropriados e que ajudaram a apresentar o sonho com mais clareza e agilidade.

[*Texto do sonho*]

A graça do Espírito Santo ilumine nossos sentidos e nossos corações. Amém.

A 10 de setembro do corrente ano (1881), dia que a Santa Igreja consagra ao glorioso Nome de Maria, os salesianos reunidos em San Benigno Canavese faziam os exercícios espirituais.

Na noite de 10 para 11, enquanto eu dormia, achei-me com o espírito numa grande sala esplendidamente ornamentada.

Parecia-me estar passeando com os diretores das nossas casas, quando apareceu entre nós um homem de tão majestoso aspecto que não podíamos fitar os olhos nele. Depois de lançar-nos um olhar, sem dizer palavra, pôs-se a caminhar a alguns passos de distância de nós.

Um rico manto à guisa de capa cobria-o todo. A parte próxima ao pescoço era uma como faixa que se atava na frente, e sobre o peito pendia um laço. Na faixa estava escrito em caracteres luminosos: Pia Sociedade Salesiana (*Pia Salesianorum Societas*), e na borda dessa faixa liam-se as palavras: Qual deve ser (*Qualis esse debet*).

[*Os dez diamantes*]

De tamanho e fulgor extraordinários, dez diamantes¹⁸⁵ mal nos permitiam fitar o augusto personagem. Sobre o peito achavam-se três deles. Num estava escrito “Fé” (*Fides*), noutro “Esperança” (*Spes*) e no que estava sobre o coração, “Caridade” (*Caritas*). Um quarto diamante, no ombro direito, trazia a palavra “Trabalho” (*Labor*). Outro, no ombro esquerdo, “Temperança” (*Temperantia*).¹⁸⁶

¹⁸⁵ Padre Rinaldi nos diz que “o personagem do manto e a própria disposição dos diamantes têm um significado relevante, porque concorrem para traçar o perfil espiritual da índole própria do salesiano. Trata-se das duas faces do medalhão salesiano. Na frente sua figura social, o rosto, o “*da mihi animas*”, e na parte de trás o segredo da constância e da ascese, a estrutura do “*coetera tolle*”.

¹⁸⁶ Diz padre Rinaldi que na frente, a luz dos diamantes apresenta o salesiano no testemunho público de sua doação visível aos jovens. É figura do crente, exuberante de entusiasmo pelo mistério de Cristo que, sob a guia de Maria, tende a tornar presente no mundo, do Cristo que abençoa os meninos e quer fazer o bem a todos. Impregnado de bondade, com um coração forjado pela caridade, o salesiano é assim dinâmico e equilibrado, trabalhador e temperante, criativo e de bom senso. O trabalho e a temperança sustentam todo o manto.

Os outros cinco ornavam a parte posterior do manto¹⁸⁷ e estavam assim dispostos: um maior e mais resplandecente era como o centro de um quadrilátero, e tinha escrito “Obediência” (*Obedientia*). No primeiro da direita lia-se “Voto de pobreza” (*Votum paupertatis*). No segundo, mais abaixo, “Prêmio” (*Praemium*). À esquerda, no que ficava mais alto, lia-se “Voto de castidade” (*Votum castitatis*). Seu esplendor emitia uma luz toda especial e atraía o olhar como o ímã atrai o ferro. No segundo, da esquerda, mais embaixo, estava escrito “Jejum” (*Ieiunium*). Os quatro faziam convergir seus luminosos raios para o diamante do centro.

[Algumas máximas ilustrativas]

Estes brilhantes despendiam raios que se elevavam quais pequenas chamas e traziam escritas aqui e ali várias sentenças.

Sobre a Fé se elevavam as palavras:

“Tomai o escudo da fé a fim de poderdes combater contra as insídias do demônio” (*Sumite scutum Fidei, ut adversus insidias diaboli certare possitis*).

Em outro raio:

“A Fé sem obras é morta. Não os que escutam a lei, mas os que a praticam é que possuirão o Reino de Deus” (*Fides sine operibus mortua est. Non auditores, sed factores legis regnum Dei possidebunt*).

Sobre os raios da Esperança:

“Esperai no Senhor e não nos homens. Estejam sempre fixos os vossos corações onde estão as verdadeiras alegrias” (*Sperate in Domino, non in hominibus. Semper vestra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia*).

Nos raios da Caridade:

“Suportai-vos uns aos outros, se quereis observar a minha lei. Amai e sereis amados. Mas amai as vossas almas e as do que vos são confiados. Recitai com devoção o ofício divino; a missa seja celebrada com atenção; visitai com muito amor o Santo dos Santos” (*Alter alterius onera portate, si vultis adimplere legem meam. Diligite et diligimini. Sed diligite animas vestras et vestrorum. Devote divinum officium persolvatur; missa attente celebretur; Sanctum Sanctorum peramanter visitetur*).

Sobre a palavra Labor:

“Remédio da concupiscência. Arma poderosa contra todas as insídias do demônio” (*Remedium concupiscentiae, arma potens contra omnes insidias diaboli*).

¹⁸⁷ Cf. *Atti del Capitolo Superiore* 32 (1925), p. 415-418: os cinco diamantes das costas não propõem tanto uma “lista de virtudes quanto as linhas mestras que caracterizam uma modalidade ascética na sequela de Cristo. Elas caracterizam interiormente o salesiano. Não se apresentam diretamente como lineamentos ou traços fisionômicos, mas antes como uma estrutura escondida, ainda que absolutamente indispensável”.

Sobre a Temperança:

“Se tira a lenha, o fogo se apaga. Faça um pacto com os olhos, com a gula, com o sono, para que tais inimigos não lhe arruinem a alma. Intemperança e castidade não podem viver juntas” (*Si lignum tollis, ignis extinguitur. Pactum constitue cum oculis tuis, cum gula, cum somno, ne hujusmodi inimici depraedentur animas vestras. Intemperantia et castitas non possunt simul cohabitare*).

Sobre os raios da Obediência:

“Fundamento de todo o edifício e compêndio da santidade” (*Totius aedificii fundamentum, et sanctitatis compendium*).

Sobre os raios da Pobreza:

“Deles é o reino dos céus. As riquezas são espinhos. A pobreza se obtém não com as palavras, mas com o coração e com as obras. Ela nos abrirá a porta do céu e nele nos introduzirá” (*Ipsorum est Regnum coelorum. Divitiae spiniae. Paupertas non verbis, sed corde et opere conficitur. Ipsa coeli ianuam aperiet et introibit*).

Sobre os raios da Castidade:

“Junto com ela vêm todas as virtudes. Os puros de coração penetram os segredos de Deus e verão o mesmo Deus” (*Omnes virtutes veniunt pariter cum illa. Qui mundi sunt corde, Dei arcana vident, et Deum ipsum videbunt*).

Sobre os raios do Prêmio:

“Se nos agrada a grandeza dos prêmios, não nos amedronte a multidão das fadigas. Quem sofre comigo, comigo há de gozar no céu. É momentâneo o que se padece na terra; eterno o que no céu hão de gozar os meus amigos” (*Si delectat magnitudo praemiorum non deterreat multitudo laborum. Qui mecum patitur, mecum gaudebit. Momentaneum est quod patimur in terra, aeternum est quod delectabit in coelo amicos meo*).

Sobre os raios do Jejum:

“Arma poderosíssima contra as insídias do inimigo. Guarda de todas as virtudes. Por meio dele será lançada fora toda a classe de inimigos” (*Arma potentissima adversus insidias inimici. Omnium Virtutum Custos. Omne genus daemoniorum per ipsum eiicitur*).

Uma larga faixa cor-de-rosa servia de orla à parte inferior do manto. Sobre ela estava escrito:

“Argumento de pregação. De manhã, ao meio-dia e à tarde. Praticai as pequenas virtudes e erguereis um grande edifício de santidade. Ai de vós que desprezais as coisas pequenas. Pouco a pouco caireis” (*Argumentum praedicationis. Mane, meridie et vespere. Colligite fragmenta virtutum et magnum sanctitatis aedificium vobis constituetis. Vae vobis qui modica spernitis, paulatim decidetis*).

Até esse ponto alguns diretores mantinham-se de pé, outros de joelhos, mas todos atônitos e ninguém falava. A esse ponto padre Rua, como se estivesse fora de si, disse:

– É preciso tomar nota de tudo para não nos esquecermos.

Procurou uma caneta e não a encontrou; tomou a caderneta, procurou um lápis e não encontrou. Tirou a carteira, buscou e não havia lápis.

– Eu me lembrarei – falou padre Durando.

– Vou tomar nota – acrescentou padre Fagnano. E se pôs a escrever com a haste de uma rosa. Todos olhavam e compreendiam a escrita. Assim que padre Fagnano acabou de escrever, padre Costamagna¹⁸⁸ continuou a ditar assim:

– A Caridade tudo entende, tudo suporta, tudo vence; preguemo-la com as palavras e com os fatos.

[O contrário do verdadeiro salesiano]

Enquanto padre Fagnano escrevia, desapareceu a luz, e ficamos imersos em densa treva.

– Silêncio! Ajoelhem-nos, rezemos, e a luz voltará – disse padre Ghivarello.¹⁸⁹

Padre Lasagna¹⁹⁰ começou o “Vinde, Espírito Criador” (*Veni Creator*), depois o “Das profundezas clamo a Vós, Senhor” (*De Profundis*), “Nossa Senhora Auxiliadora” (*Maria Auxilium*) etc., e todos respondemos.

Quando dissemos “Rogai por nós” (*Ora pro nobis*), reapareceu uma luz, rodeando um cartaz em que se lia: “A Pia Sociedade Salesiana qual corre perigo de se tornar” (*Pia Salesianorum Societas qualis esse periclitatur*).

Após um instante a luz se fez mais viva, de modo que nos podíamos ver e reconhecer uns aos outros.

No meio desse resplendor apareceu de novo o personagem de antes, mas com aspecto melancólico, como de quem está para chorar. O manto estava desbotado, puído e rasgado.

Onde antes estavam os diamantes, via-se agora profundo estrago causado por traças e outros pequenos insetos.

Disse o personagem:

– Olhem e entendam (*Repicite et intelligite*).

Vi os dez diamantes transformados em traças que roíam o manto.

No lugar do diamante da Fé, agora se lia: “Sono e indolência” (*Somnus et accidia*).

¹⁸⁸ Padre Celestino Durando (1840-1907): um dos fundadores da Sociedade Salesiana.

Dom Tiago Costamagna (1845-1921): missionário na América, terceiro bispo salesiano, vigário apostólico de Mendes e Gualaquiza, no Equador.

¹⁸⁹ Padre Carlos Ghivarello (1835-1913).

¹⁹⁰ Dom Luís Lasagna (1850-1895): segundo bispo salesiano, titular de Oea (Trípoli), fundador da Obra Salesiana no Uruguai, Brasil e Paraguai.

Em vez de Esperança: “Risadas e vulgaridades” (*Risus et scurrilitas*).

Em vez de Caridade: “Negligência nas coisas de Deus. Amam e buscam o que lhes interessa e não o que interessa a Jesus Cristo” (*Negligentia in divinis perficiendis. Amant et quaerunt quae sua sunt, non quae Iesu Christi*).

Em vez de Temperança: “Gula e aqueles cujo Deus é o próprio ventre” (*Gula et quorum Deus venter est*).

Em vez de Trabalho: “Sono, furto e ociosidade” (*Somnus, furtum et otiositas*).

Em vez de Castidade: “Concupiscência dos olhos e soberba da vida” (*Concupiscentia oculorum et superbia vitae*).

À Pobreza tinha sucedido: “Leito, roupas, bebida e dinheiro” (*Lectus, habitus, potus et pecunia*).

Em vez de Prêmio: “Nossa herança serão os bens da terra” (*Pars nostra erunt quae sunt super terram*).

Onde antes estava Jejum, havia outra grande falha, sem nada escrito.

A essa vista ficamos todos estarecidos. Padre Lasagna caiu desmaiado. Padre Cagliero tornou-se pálido e apoiando-se numa cadeira exclamou:

– Será possível que as coisas tenham chegado a esse ponto?

Padre Lazzerio e padre Guidazio¹⁹¹ estavam como fora de si e deram-se as mãos para não cair. Padre Francesia, conde Cays,¹⁹² padre Barberis e padre Leveratto estavam de joelhos e rezavam com o terço na mão.

Foi quando se ouviu uma voz cavernosa:

– Como esvaeceu aquela esplêndida cor! (*Quomodo mutatus est color optimus!*)

Mas na escuridão aconteceu um fenômeno singular. Vimo-nos de repente rodeados de densas trevas, no meio das quais apareceu logo uma luz vivíssima que tinha forma de corpo humano. Não podíamos fixar nela os olhos, mas percebemos que era um gracioso juvenzinho vestido de um hábito branco tecido com fios de ouro e prata. Ao redor de todo o hábito havia uma faixa de diamantes muito luminosos.

Com aspecto majestoso, mas doce e amável, aproximou-se um pouco de nós e dirigiu-nos estas palavras textuais:

– Servos e instrumentos de Deus onipotente, atendam e fiquem sabendo. Tenham coragem e sejam fortes. O que viram e ouviram é um aviso do céu que se lhes dá agora a vocês e a seus irmãos: prestem bem atenção e compreendam minhas palavras. Quando

¹⁹¹ Padre Pietro Guidazio (1841-1902).

¹⁹² O conde Carlo Cays (1813-1882) ajudara Dom Bosco nos inícios do Oratório. Tornou-se sacerdote salesiano já com idade avançada.

previstos, os dardos ferem menos e podem ser evitados. Todas as palavras aqui escritas sejam argumento de pregação. Preguem sem descanso, oportuna e importunamente. Mas pratiquem constantemente o que pregam, para que suas obras sejam luz que se transmita como tradição segura a seus irmãos e filhos, de geração em geração. Prestem bem atenção e fiquem sabendo. Tenham muito tino ao aceitar os noviços. Sejam fortes na formação deles, prudentes na admissão. Provem a todos, mas só conservem os que forem bons. Despeçam os levianos e inconstantes. Prestem bem atenção e fiquem sabendo. A meditação da manhã e da tarde seja constantemente sobre a observância das Constituições. Se assim fizerem, jamais lhes faltará o auxílio do Onipotente. Serão alvo dos olhares do mundo e dos anjos e então a glória de vocês será a glória de Deus. Os que virem o findar deste século e o início do outro hão de dizer de vocês: esta é obra de Deus, admirável aos nossos olhos. Então seus irmãos e seus filhos hão de cantar a uma só voz: “*Não a nós, Senhor; não a nós, mas ao teu nome seja a glória!*”¹⁹³

Estas últimas palavras foram cantadas, e à voz de quem falava uniu-se uma multidão de outras vozes tão harmoniosas e sonoras que ficamos sem sentidos, e para não cairmos desmaiados pusemo-nos a cantar juntos.

Terminado o canto, a luz escureceu. Então acordei e percebi que ia amanhecendo.

O sonho durou quase toda a noite, e de manhã achei-me com as forças esgotadas.

Temendo, porém, esquecê-lo, levantei-me apressadamente e tomei algumas notas, que me serviram para lembrar o que hoje, dia da Apresentação de Nossa Senhora no Templo, vos acabo de expor.

Não me foi possível lembrar tudo. Entre as muitas coisas pude notar com segurança que o Senhor usa de grande misericórdia conosco. Nossa sociedade é abençoada pelo céu, mas ele quer que contribuamos com nosso trabalho.

Haveremos de prevenir os males que nos ameaçam se pregarmos sobre as virtudes e os vícios aqui apontados, se praticarmos o que pregamos e o transmitirmos a nossos irmãos com uma tradição prática do que se tem feito e do que havemos de fazer.

¹⁹³ *Servi et instrumenta Dei Omnipotentis, attendite et intelligite. Confortamini et estote robusti Quod vidistis et audistis, est coelestis admonitio, quae nunc vobis et fratribus vestris facta est; animadvertite et intelligite sermonem. Iacula praevisa minus feriunt, et praevenire possunt. Quot sunt verba signata, tot sint argumenta praedicationis. Indesinenter praedicate oportune et importu Sed quae praedicatis, constanter facite, adeo ut opera vestra sint velut lux, quae sicuti tuta traditio ad fratres et filios vestros pertranseant de generatione in generationem. Attendite et intelligite. Estote oculati in tironibus acceptandis, fortes in colendis, prudentes in admittendis. Omnes probate sed tantum quod bonum est tenete. Leves et mobiles dimittite. Attendite et intelligite. Meditatio matutina et vespertina sit indesinenter de observantia constitutionum. Si id feceritis, nunquam vobis deficiet Omnipotentis auxilium. Spectaculum facti eritis mundo et Angelis, et tunc gloria vestra erit gloria Dei. Qui videbunt saeculum hoc exiens et alterum incipiens, ipsi dicent de vobis: A Domino factum est istud et est mirabile in oculis nostris. Tunc omnes fratres vestri et filli vestri una voce cantabunt: non nobis, Domine, non nobis; sed Nomini tuo da gloriam.*

Pude também notar que nos estão iminentes muitos espinhos, muitas fadigas, a que se seguirão grandes consolações. Por volta de 1890, grande temor, por volta de 1895, grande triunfo.

Maria, Auxílio dos Cristãos, rogai por nós!

Os jovens levam dons a Nossa Senhora¹⁹⁴

Era o mês de maio de 1865. Como de costume, toda a comunidade honrava Nossa Senhora de modo especial. Das boas-noites de Dom Bosco conservou-se somente a do dia 30 do mês.

Vi um grande altar dedicado a Maria e ornado magnificamente. Vi também todos os jovens do Oratório que, em procissão, avançavam em direção a ele. Cantavam as loas da Virgem Celeste. Mas não todos da mesma maneira, embora cantassem a mesma canção. Muitos cantavam verdadeiramente bem e com precisão de compasso, entre eles alguns cantavam com maior força e alguns mais fracamente. Outros cantavam com vozes péssimas e roucas, outros desafinavam, outros vinham adiante silenciosos e se afastavam da fila, outros bocejavam e pareciam enfadados, outros se empurravam e riam entre eles. Mas todos levavam dons para oferecer a Maria. Todos tinham um ramalhete de flores, maior ou menor, e diversos uns dos outros. Uns tinham um ramalhete de rosas, outros de cravos, outros de violetas etc.

Outros então levavam à Virgem dons verdadeiramente estranhos: uma cabeça de porco, um gato, um prato de sapos, um coelho, um cordeiro ou outras ofertas.

Diante do altar estava um belo jovem, o qual, a considerá-lo atentamente, se via que atrás dos ombros tinha asas. Era talvez o Anjo da Guarda do Oratório, que à medida que os jovens ofereciam seus dons os recebia e os colocava sobre o altar.

Os primeiros ofereciam magníficos ramalhetes de flores e o anjo, sem dizer nada, os colocou sobre o altar. Muitos outros apresentaram os seus ramalhetes. Ele os olhou; desatou o ramalhete, fez tirar algumas flores murchas que jogou fora e, recomposto o ramalhete, o colocou sobre o altar.

A outros que tinham em seu ramalhete flores belas, mas sem odor, como seriam as dalias, as camélias etc., o Anjo fez jogar fora também estas, porque Maria quer a realidade e não a aparência. E assim, refeito o ramalhete, o Anjo o ofereceu à Virgem. Muitos tinham entre as flores espinhos, poucos ou muitos, e outros tinham pregos. E o Anjo tirou estes e aqueles.

Veio finalmente o jovem que trazia o porquinho, e o Anjo lhe disse:

– Você tem coragem de vir ofertar este dom a Maria? Sabe o que significa o porco? Significa o bruto vício da impureza. Maria, que é toda pura, não pode suportar este pecado. Retire-se, pois, que não é digno de estar diante dela.

¹⁹⁴ Cf. MB VIII, p. 129-132.

Vieram os outros que tinham um gato e o Anjo lhes disse:

– Também vocês ousam levar a Maria estes dons? Sabem o que significa o gato? Ele é figura do furto e vocês o oferecem à Virgem? São ladrões os que pegam dinheiro, roupas, livros dos companheiros, aqueles que roubam comestíveis no Oratório, que rasgam as roupas quando se zangam, e que desperdiçam o dinheiro da própria família não estudando.

E os fez retirar-se também eles à parte.

Vieram aqueles que tinham os pratos de sapos e o Anjo, olhando irado para eles, disse:

– Os sapos simbolizam os pecados de escândalo e vocês vêm oferecê-los à Virgem? Vão para trás, retirem-se com os outros indignos.

E se retiraram confundidos.

Alguns avançavam com uma faca plantada no coração. Aquela faca significava os sacrilégios. E o Anjo lhes disse:

– Não veem que têm a morte na alma? Que se estão vivos é por uma misericórdia especial de Deus? De outra forma estariam perdidos. Por caridade, façam arrancar aquela faca!

E também estes foram recusados.

Pouco a pouco todos os outros jovens se aproximaram. Estes ofereceram carneiros, coelhos, peixes, nozes, uvas etc.

O Anjo aceitou tudo e colocou sobre o altar. E depois de ter assim separado os jovens, os bons dos maus, enfileirou diante do altar todos aqueles cujos dons tinham sido agradáveis a Maria, e os que tinham sido colocados à parte foram, para minha dor, muito mais numerosos do que eu pensava.

Então, de uma parte e da outra do altar apareceram dois outros anjos, os quais sustentavam duas riquíssimas cestas cheias de magníficas coroas, compostas de rosas estupendas. Essas rosas não eram propriamente rosas terrenas, mas, embora artificiais, eram símbolo da imortalidade.

E o Anjo da Guarda tomou aquelas coroas uma por uma e com elas coroou todos os jovens que estavam enfileirados diante do altar. Entre essas coroas havia as maiores e as menores, mas todas de uma beleza admirável. Notem também que não estavam ali só os atuais jovens da casa, mas também muitos outros que eu nunca tinha visto.

Pois bem, aconteceu uma coisa admirável! Havia jovens tão feios de fisionomia que quase causavam repugnância e aversão. A estes couberam as mais belas coroas, sinal de que a um exterior tão feio supria o dom, a virtude da castidade, em grau eminente. Muitos outros tinham também a mesma virtude, mas em grau menos eminente. Muitos se distinguiam por outras virtudes, como a obediência, a humildade, o amor a Deus. E todos, em proporção da eminência dessas virtudes, tinham coroas proporcionais.

E o Anjo lhes disse:

– Hoje Maria quis que vocês fossem coroados com rosas tão belas. Recordem-se, porém, de continuar de modo que não lhes sejam tiradas. Três são os meios para conservá-las. Vocês pratiquem, em primeiro lugar, a humildade, em segundo lugar a obediência e em terceiro lugar a castidade. Estas três virtudes hão de torná-los sempre aceitos por Maria e um dia os farão dignos de receber uma coroa infinitamente mais bela que esta.

Então os jovens começaram a entoar diante do altar *Ave, Maris Stella* (Ave, Estrela do Mar).

E após cantar a primeira estrofe, em procissão como tinham vindo, se moveram para partir, pondo-se a cantar a canção “Louvemos Maria!” com voz tão forte que eu fiquei aturdido e maravilhado. Segui-os ainda por um pedaço. Depois me voltei para ver os jovens que o Anjo tinha colocado à parte, mas não mais os vi.

A seguir Dom Bosco deu a explicação do sonho. Em resumo, disse:

– Meus caros! Eu sei quais foram os coroados e quais aqueles que o Anjo não aceitou. Vou dizer a cada um em particular para que procurem levar à Virgem apenas os dons que ela se digne aceitar.

E passou a fazer algumas observações.

Primeira observação: tinha observado que todos, uns mais e outros menos, no meio das flores tinham espinhos. Após pensar sobre o caso, concluiu que se tratava de desobediências.

E deu exemplos dessas desobediências. Tratavam-se normalmente de transgressões às regras da casa.

Após refletir seriamente sobre esta questão, afirmou, chegou à conclusão de que se tratava de pecado. Grave ou leve, dependia das circunstâncias. E apresentou as razões para tal afirmação. Como diz a Sagrada Escritura: “Obedecei aos que vos foram prepostos”.

Segunda observação. Alguns tinham em meio às suas flores pregos, cravos que tinham servido para pregar na cruz o bom Jesus. Começaram com pequenas coisas. Depois chegaram às grandes. Com seus pecados, voltam a crucificar o Filho de Deus.

Terceira observação: muitos jovens tinham entre as flores frescas e perfumadas de seus ramalhetes também flores murchas e apodrecidas ou flores bonitas mas sem odor. Aquelas significavam as obras boas mas feitas em pecado mortal, obras que em nada ajudam a aumentar seus méritos. As flores sem odor são as obras boas mas feitas por fins humanos, por ambição ou só para agradar aos mestres e aos superiores.

O Anjo os mandava a refazer seus ramalhetes. Feito isso, aceitava-os e eles, apenas prontos, ao retornar, não seguiam mais ordem alguma. Cada um retornava com o ramallete já pronto e depois ia se colocar com aqueles que deviam receber a coroa.

E terminava recomendando aos jovens que fizessem de modo que esta Virgem Celeste receba sempre dons que nunca serão recusados.

Capítulo 7

Sonhos sobre a morte e a vida eterna

As 22 luas

Em março de 1854, em dia de festa, depois das vésperas Dom Bosco reuniu todos os alunos internos atrás da sacristia, dizendo que queria contar-lhes um sonho. Entre outros estavam presentes os jovens Cagliero, Turchi, Anfossi, o clérigo Reviglio, o clérigo Buzzetti, dos quais recebemos nossa narração. O sonho foi este:

Eu me encontrava com vocês no pátio e me alegrava por vê-los animados e contentes. Saltavam, gritavam, corriam. Num dado momento vi um de vocês sair de uma porta da casa e se pôr a passear em meio aos companheiros, com uma espécie de cilindro, ou seja, turbante, sobre a cabeça.

Era este transparente, todo iluminado no interior, e com a figura de uma grossa lua, bem no meio da qual estava escrito o número 22. Estupefato, procurei logo aproximar-me dele para dizer-lhe que deixasse aquela peça de carnaval. Mas eis que, enquanto o ar se escurecia, como se tivesse sido dado um sinal de campainha, o pátio se esvaziou e enxerguei todos os jovens sob os pórticos da casa, dispostos em fila. Seu aspecto manifestava grande temor, e dez ou doze deles tinham o rosto coberto de estranha palidez. Eu passei diante de todos estes para observá-los. Vi entre eles aquele que tinha a lua sobre a cabeça, e era mais pálido do que os outros. De seus ombros pendia um pano fúnebre. Encaminhei-me para perguntar-lhe o que significava aquele estranho espetáculo, mas uma mão me deteve. E vi então um desconhecido de aspecto grave e porte nobre, que me disse:

– Escute-me, antes de aproximar-se dele, ele tem ainda 22 luas de tempo, e até que tenham passado morrerá. Ponha os olhos nele e o prepare!

Eu queria pedir-lhe alguma explicação do que falou e de como aparecera de improviso, mas não o vi mais. O jovem, meus caros filhos, eu o conheço e está entre vocês!

Um vivo terror se apoderou de todos os jovens, tanto mais que era a primeira vez que Dom Bosco anunciava em público e com certa solenidade a morte de alguém da casa. O bom pai não pôde deixar de notá-lo e prosseguiu:

– Eu o conheço e está entre vocês aquele das luas. Mas não quero que vocês se apavorem. É um sonho, como lhes disse, e sabem que nem sempre se deve acreditar nos sonhos. Em todo caso, é certo que devemos estar sempre preparados como nos recomenda o divino Salvador no santo Evangelho e não cometer pecados. E então a morte

não mais nos causará medo. Sejam todos bons, não ofendam a Nosso Senhor. Eu, no entanto, estarei atento e velarei sobre aquele do número 22, o que quer dizer 22 luas, ou seja 22 meses. E espero que tenha uma boa morte.¹⁹⁵

Dom Bosco salva um jovem da morte¹⁹⁶

Dia 12 de janeiro de 1861, pela manhã, chamou um jovem¹⁹⁷ ao seu quarto e lhe falou assim:

– Na noite passada eu vi a morte ir ameaçadoramente em sua direção. Quando chegou ao seu lado estava para desferir um golpe em você com sua tremenda foice. Vendo isso corri logo para fazer parar seu braço. Mas voltando-se para mim ela disse:

– Deixe-me. Este é indigno de viver. Por que tolerar que esteja no mundo alguém que não corresponde aos seus cuidados e abusa das graças do Senhor?

– Mas eu ordenei que poupasse você e ela o deixou.¹⁹⁸

Morrerá no Natal¹⁹⁹

Sábado, dia 20 de novembro de 1862, Dom Bosco anunciava aos jovens: “No dia de Natal, um de nós partirá para o paraíso”. Dia 22, Giuseppe Blangino, de 10 anos de idade, sentiu-se mal. Em poucas horas a doença agravou-se tanto que o médico perdeu as esperanças. Dia 23 recebeu o viático. Padre Miguel Rua queria passar a noite com o doente, mas Dom Bosco lhe disse: “Não há perigo até duas da madrugada. Mande, porém, que às duas horas venham chamá-lo”. E assim foi. Às duas chamaram padre Rua. Ele deu a Unção dos Enfermos ao doente, que expirou meia hora depois. De manhã, Dom Bosco contou:

Sonhei que o prefeito padre Alasonatti, minha mãe (morta faz seis anos) e eu assistíamos a Blangino. Padre Alasonatti estava ajoelhado e rezava. Minha mãe arrumava alguma coisa em torno da cama e eu estava sentado um pouco distante da mesma cama. Minha mãe se aproximou do joventinho e disse:

– Morreu!

– Morreu? – disse eu.

¹⁹⁵ Cf. MB V, p. 377-378.

¹⁹⁶ O texto é tirado dos apontamentos de Bonetti e Ruffino.

¹⁹⁷ Tratava-se do jovem Bartolomeu C. Ao ouvir o relato do sonho, ele, que muito disso necessitava, resolveu colocar em dia sua vida. Confessou-se com Dom Bosco e tomou bons propósitos para o futuro.

¹⁹⁸ Cf. MB VI, p. 828.

¹⁹⁹ Cf. MB VII, p. 345-346.

– Sim, morreu!

– Vejam um pouco que horas são?

– Logo serão três horas.

O prefeito, no entanto, exclamou:

– Oh, quisesse o Senhor que todos os nossos jovens tivessem uma morte tão tranquila!

Depois disso acordei. Apenas acordado ouvi um golpe fortíssimo, como se alguém batesse com um martelo contra a parede. Eu logo exclamei:

– Blangino parte agora para a eternidade.

Abri os olhos para ver se aparecia luz, mas nada vi. Recitei então o *De Profundis*, persuadido de que o jovem tinha morrido, e enquanto rezava tocaram as duas e meia.

A águia

Dia 1º de fevereiro Dom Bosco tinha anunciado que talvez um jovem morresse antes que se fizesse naquele mês o exercício da boa morte. Caso chegasse a fazê-lo ainda uma vez, aquele seria o máximo do tempo de vida a ele concedido. Tal anúncio era efeito de um sonho.

Enquanto dormia, uma noite pareceu a Dom Bosco que se encontrasse no pátio, no meio de seus jovens durante o recreio. Ao lado tinha o costureiro guia que o tinha acompanhado nos sonhos precedentes.

Em dado momento, surgiu no ar uma águia majestosa, de belíssimas formas, a qual dava voltas e descia pouco a pouco sobre os jovens. Dom Bosco a olhava maravilhado e o guia lhe disse:

– Vê aquela águia? Ela quer pegar um de seus jovens!

– E quem será? – perguntou Dom Bosco.

– Observa: aquele sobre cuja cabeça a águia irá pousar.

Dom Bosco tinha os olhos fixos no animal, o qual, depois de alguns giros, foi pousar sobre um jovem de 13 anos, Antonio Ferraris, de Castellazzo Bormida. Dom Bosco o reconheceu perfeitamente e acordou.

Para se assegurar de que estava de fato acordado, pôs-se a bater as mãos. No entanto refletia sobre aquilo que tinha visto e fez também uma oração:

– Senhor, se este verdadeiramente não é sonho, mas realidade, quando deverá verificar-se?

Dormiu de novo. Em sonho, reapareceu o mesmo guia, que lhe disse:

– O jovem Ferraris, que deve morrer, não fará mais duas vezes o exercício da boa morte.

E desapareceu. Então Dom Bosco se persuadiu de que aquilo não era um sonho, mas realidade, e é por isso que tinha dado aquele anúncio aos jovens.

Ferraris morreu poucos dias antes que se realizasse o exercício da boa morte do mês de março.²⁰⁰

A estreia²⁰¹

Na noite de 31 de dezembro de 1867, Dom Bosco reuniu os jovens na igreja e, subindo ao púlpito depois das orações, falou sobre a estreia a ser dada para o ano seguinte. Não conseguia chegar a um ponto determinado. Mas sonhou.²⁰²

Depois de muito tempo, agitado sempre pela mais viva preocupação, me encontrava entre o sono e a vigília, naquele tempo no qual se sente e se está consciente de si mesmo. Era um sono no qual se pode conhecer o que se faz, ouvir o que se diz e responder, se interrogado. Em tal estado comecei a ficar à mercê de um sonho que não era sonho.

Parecia-me sempre estar em meu quarto. Saí dele e no lugar da sacada me encontrei diante de incontáveis e estupendas rosas de um belo jardim circundado por um muro, no qual havia uma porta sobre a qual estava escrito, com grandes caracteres, o número 68.

Um porteiro me introduziu no jardim e lá vi nossos jovens se divertindo, gritando e saltando alegremente. Eles se aglomeraram à minha volta e juntos falamos de muitas coisas.

Caminhamos por aquele jardim. Depois de um trecho, ao longo do muro vi num canto muitos jovens agrupados que cantavam e rezavam com alguns padres e clérigos. Aproximei-me mais daqueles jovens, olhei-os e não os conhecia ainda todos bem. Na verdade, em grande parte me eram novos. E ouvi que cantavam o *Miserere* e as outras orações pelos defuntos. Chegando junto deles, disse:

– O que fazem aqui? Por que recitam o *Miserere*? Qual é a causa do luto? Morreu alguém?

– Oh, o senhor não sabe? – responderam.

– Eu não sei nada.

²⁰⁰ Cf. MB VIII, p. 52-53.

²⁰¹ Cf. MB IX, p. 11-17. Estreia: no final do ano, é costume salesiano apresentar uma recordação que servirá de pano de fundo para toda a atividade a ser posta em prática no ano seguinte.

²⁰² Dom Bosco narrou este sonho em duas boas-noites. A redação apresentada aqui é do clérigo estudante de teologia Stefano Bourlot, que deixou dela uma memória assinada, em 29 de janeiro de 1868. Escreveu no rodapé: “Do sonho de Dom Bosco eu faço simples relação e tal e qual me pareceu tê-la ouvido e na ordem, sem, porém, repetir exatamente todas as palavras por ele proferidas, porque não me recordo bem delas. Mas sei com certeza que o sentido é aquele por mim exposto. Isso basta”.

– Rezamos pela alma de um jovem que morreu dia tal, a tal hora.

– Mas quem é?

– Como? – replicaram. – Não sabe quem é?

– Não!

– Não o avisaram? – disseram entre si.

Depois, voltando-se para mim:

– Pois bem. Saiba que morreu o tal! – e me disseram o nome.

– Como? Morreu o tal?

– Sim, morreu. Mas teve uma boa morte, uma morte invejável. Recebeu com grande satisfação e edificação nossa todos os sacramentos. Resignado com a vontade de Deus, demonstrou os mais vivos sentimentos de piedade. Agora rezamos pela alma dele, acompanhando-o à sepultura, mas esperamos que já esteja de posse do céu e que reze por nós. Melhor: estamos certos de que já está no paraíso.

– Foi, pois, uma boa morte? Seja feita a vontade de Deus. Imitemos suas virtudes e peçamos ao Senhor que conceda também a nós a graça de ter uma boa morte.

Dito isso, afastei-me, circundado sempre por uma multidão de jovens. Caminhamos de novo por aquele jardim e, feito um longo trecho de estrada, chegamos perto de um bellissimo prado verdejante. Eu, no entanto, dizia comigo mesmo: “Como pode? Ontem à noite deitei-me em meu leito e agora me encontro com todos os jovens espalhados cá e lá neste jardim?”.

Eis que vi um outro grupo numeroso de jovens dispostos em círculo, no meio do qual havia alguma coisa que eu não sabia distinguir o que era. Vi, porém, que estavam ajoelhados. Uns rezavam, outros cantavam. Aproximei-me e constatei que rodeavam um caixão de defunto. Recitavam as orações pelos defuntos e cantavam o *Miserere*.

Perguntei:

– Por quem vocês estão rezando?

Melancólicos, eles me responderam:

– Morreu um outro jovem e fez uma boa morte. Recebeu, com edificação nossa, os santos sacramentos e demonstrou sentimentos de grande piedade. Agora já o levam à sepultura. Esteve doente oito dias e vieram vê-lo também seus parentes.

Perguntei então o nome do morto e me foi dito. Fiquei muito sentido ao ouvi-lo e exclamei:

– Oh! Quanto sinto por isso! Era um que me queria tão bem e não pude dar-lhe o último adeus... Nem mesmo o outro eu vi, antes que morresse... Morrem todos agora? Um morto aqui e o outro lá! Como é possível? Ontem morreu um... e hoje um outro...

– Que está dizendo? – responderam. – Um morto faz pouco tempo e o outro agora? Parece-lhe pouco tempo, e no entanto faz mais de três meses que morreu o primeiro, tal dia, e tal hora.

Ao ouvir essas coisas pensei: “Sonho ou não sonho?”. Parecia-me que não sonhava e não sabia o que dizer.

E continuamos todos a ir adiante em meio àqueles bosques e depois de não breve caminhada eis que ouço cantar de novo o *Miserere*. Parei e comigo pararam os que me acompanhavam, e vi um outro grupo numeroso de jovens que se aproximava. Perguntei àqueles que estavam a meu lado:

– O que fazem aqueles jovens? Aonde vão?

Vinham de um lugar não muito longe e estavam todos desconsolados e com os olhos cheios de lágrimas.

– Que têm vocês? – perguntei-lhes, tendo me apressado a encontrá-los.

– Ah, se soubesse!

– Que foi então?

– Morreu um jovem.

– Como? Por toda parte vejo mortos? E quem é aquele companheiro de vocês que se levou à sepultura?

Disseram maravilhados:

– Não sabe ainda de nada? Não sabe que morreu o tal?

– Ele também morreu?

– Sim, pobrezinho. Seus parentes não foram visitá-lo... mas...

– Mas por quê? Não fez uma boa morte?

– Ah, não! Teve uma morte nada desejável.

– Não recebeu os sacramentos?

– Não queria recebê-los e depois os recebeu, mas com pouca vontade e não dando sinais de verdadeiro arrependimento, de modo que ficamos pouco edificadas com ele. Até duvidamos de sua salvação eterna, e é muito desagradável que um jovem do Oratório tenha tido uma morte tão ruim.

Então eu procurei consolá-los, dizendo:

– Se recebeu os sacramentos, esperamos que se tenha salvado. É preciso não desesperar da misericórdia de Deus. É tão grande!

Mas não consegui infundir neles essa esperança e consolá-los.

Estava aflito e com a mente perturbada, pensando em qual tempo aqueles jovens tivessem morrido, quando apareceu de improviso um personagem que não conhecia e que, aproximando-se, me disse:

– Olhe, portanto, que são três!

Interrompi-o:

– E quem é você que me fala com tanta familiaridade, tratando-me por você, sem nunca me ter visto?

– Escute-me e depois lhe direi quem sou – respondeu. – Você quer uma explicação do que viu?

– Sim, que significam esses números?

Ele respondeu:

– Você viu o número 68 escrito sobre a porta do jardim? Significa o ano de 1868. Nesse ano os três jovens que lhe foram indicados deverão morrer. Como viu, os dois primeiros estão bem preparados. O terceiro, toca a você prepará-lo.

Eu, pensando se devia mesmo ser verdadeiro que em 1868 deveriam morrer aqueles três caros filhos, acrescentei:

– Mas como você pode me dizer isso?

– Esteja atento ao resultado e verá – respondeu-me.

Diante da segurança e da amabilidade do falar vi então naquele personagem um amigo e prossegui com ele a estrada, absorto nas palavras que tinha ouvido:

– Mas por acaso estou sonhando? – dizia, enquanto caminhava. – No entanto, aqui não há sonho: estou acordado! Eu vejo, eu sinto, eu conheço.

– Está bem, esta é realidade – ele me disse.

E eu:

– Realidade? Peço, pois, a você que seja cortês comigo. Falou-me do futuro, e agora me fale do presente. O que eu desejo é que você me diga alguma coisa para transmitir a meus jovens amanhã à noite como estreia.

E ele:

– Diga a seus jovens que assim como aqueles dois primeiros estavam preparados porque frequentavam com as devidas disposições a Santa Comunhão em vida, também em ponto de morte a receberam com edificação de todos. Mas aquele último não a frequentava em vida, enquanto estava com saúde, e por isso, em ponto de morte, recebeu-a com pouca satisfação. Diga-lhes que se querem ter uma boa morte frequentem a Santa Comunhão com as devidas disposições. E que a primeira disposição é uma confissão benfeita. A estreia portanto seja esta: “A comunhão devota e frequente é o meio mais eficaz para ter uma boa morte e assim salvar-se a alma”. Agora me acompanhe e esteja atento.

Continuou adiante um pouco por uma trilha do jardim. Eu o seguia, quando em dado momento vi recolhidos em um largo espaço aberto meus jovens que se reuniam.

Parei para observá-los. Eu os conhecia todos e me parecia que estavam como tantas vezes os tinha visto. Porém, examinando-os um pouco mais de perto, vi uma coisa que me encheu de maravilha e horror. De debaixo do gorro de muitos despontavam da frente dois chifrinhos. Uns os tinham mais longos, outros mais curtos. Havia quem os tinha inteiros e quem os tinha quebrados. Vários não tinham mais que o sinal de tê-los tido, porque estavam perfeitamente quebrados pela raiz e não mais se viam despontar ou crescer. A outros, ao invés, não se podia impedir que os chifres crescessem. Mas, quebrados como estavam, vinham para fora ainda mais grossos, aumentando sempre.

Alguns, então, como se não ficassem satisfeitos de os ter, não só tinham os chifres como davam grandes chifradas nos companheiros.

Havia ainda aqueles que tinham um único chifre no meio da cabeça, mas de uma grossura extraordinária, e estes eram os mais terríveis. Havia outros cuja frente cândida e serena nunca tinha sido deturpada por semelhante deformidade.

E aqui faço notar que eu poderia dizer a cada um de vocês, em particular, aquilo que fazia no jardim.

Afastando-me um pouco dos jovens, acompanhado somente por meu guia, chegamos a certo lugar elevado. Vi em vastas regiões muitíssima gente que brigava. Eram militares. Por longo tempo combatiam encarniçadamente, sem compaixão pelo mundo. Muito sangue era derramado. Eu via claramente os infelizes que caíam ao solo degolados. Perguntei a meu companheiro:

– Como é que estes homens se matam furiosamente, desse modo?

– Uma grande guerra, exclamou meu guia, em 1868. E essa guerra não terminará senão depois de muito derramamento de sangue.

– Por acaso a guerra será em nossos países? Quem são eles? Italianos ou estrangeiros?

– Olhe aqueles militares e pela roupa saberá a que nação pertencem.

Olhei-os atentamente e vi que eram de várias nações. A maior parte não tinha o uniforme de nossos soldados. Mas havia também italianos.

– Isso significa – acrescentou o guia – que desta guerra participarão também os italianos.

Partimos então daquele campo de morte e, caminhando por breve tempo, passamos a outra parte do jardim. Quando eis que ouço gritar a grandes vozes:

– Vamos fugir daqui, já. Senão morreremos todos.

E vi muita gente que corria, gritando, e no meio daquilo tudo grande número de pessoas sadias e robustas cair por terra num instante e morrer.

– E por que estes querem fugir? – perguntei a alguém daquelas turbas.

– O cólera faz que tantos morram e, se não fugirmos, morreremos também nós – me foi respondido.

– Mas o que é isso que eu vejo – disse ao meu guia. – Por toda parte reina, pois, a morte?

– Grande cólera, em 1868! – exclamou.

– Como é possível? O cólera no inverno? E morrem logo embora faça tanto frio?

– Em Reggio Calabria morrem agora cinquenta pessoas por dia!

Fomos adiante ainda e vimos uma multidão sem-fim de gente pálida, abatida, emaciada, extenuada, com a roupa rasgada.

Eu não podia entender a causa da exaustão e da magreza daquela multidão e perguntei a meu amigo:

– O que eles têm? O que quer dizer isso?

– Grande carestia, em 1868 – respondeu-me. – Não sabe que estes não têm com que saciar a fome?

– Como – disse eu –, neste estado por causa da fome?

– É isso mesmo!

No entanto, eu observava aquelas turbas que, gritando, procuravam pão para comer e não encontravam, procuravam com que saciar a sede, pois lhes ardia a garganta, e não encontravam água.

Cheio de apreensão, disse ao meu companheiro:

– Mas então neste ano caem todos os males sobre nossa mísera terra? E não haveria um meio de afastar dos homens todas essas desventuras?

– Sim, haveria esse meio se todos os homens juntos se pusessem de acordo de abster-se de cometer pecados, fazer cessar a blasfêmia, honrar Jesus Sacramentado, rezar à Bem-aventurada Virgem por eles agora abandonada indignamente.

– E essa fome e sede será de alimento corporal ou espiritual?

Respondeu-me:

– De um e do outro. A alguns lhes faltarão porque não querem, a outros porque não podem tê-lo.

– E o Oratório, terá também de sofrer com esses males? Também meus jovens morrerão do cólera?

Meu guia me olhou da cabeça aos pés e depois me disse:

– Condicionalmente, isto é, se seus jovens se puserem todos de acordo no manter longe deles a ofensa de Deus, com o honrar Jesus Sacramentado e a Bem-aventurada Virgem, serão salvos. Porque com estas duas salvaguardas se obtém tudo e sem estas não se obtém nada. Se agirem de outra maneira morrerão também eles. Olhe, porém,

que um só que cometa pecados mortais pode bastar para atrair a indignação de Deus e o cólera sobre o Oratório.

Perguntei ainda:

– E meus jovens, terão talvez de sofrer também eles a falta de alimento?

– Infelizmente! Também seus jovens sofrerão os efeitos da carestia.

– A mim parecia que ao menos a carestia cairia só sobre Dom Bosco, porque toca a mim pensar e prover à alimentação deles. Se faltar pão na nossa casa, os jovens não pensarão certamente nisso.

– Você passará fome e também deverão senti-la seus jovens. Seus parentes ou benfeitores deverão ter dificuldade para pagar a pensão deles e dar a eles tantas outras coisas necessárias. Muitos não poderão mais pagar nada e a casa, por falta de meios, não poderá mais socorrê-los em suas necessidades. E assim também eles sofrerão.

– Mas sofrerão também a falta de alimento espiritual?

– Sim, alguns porque não desejarão tê-lo, outros porque não poderão.

Conversando assim, íamos sempre avançando naquele jardim. Mas em dado momento vi o céu cobrir-se de negras e grossas nuvens que anunciavam a aproximação de uma tempestade. Tinha se levantado um vento horrível. Eu olhava em redor e ao longe vi os jovens que fugiam.

Deixando o guia, corri para alcançá-los e pôr-me a salvo com eles, mas logo os perdi de vista. Relâmpagos e trovões se sucediam. Parecia que de um momento para outro todos seríamos incinerados pelos raios. Caiu então uma chuva fortíssima. Nunca tinha visto um temporal tão violento.

Eu girava por aquele jardim buscando meus jovens e algum abrigo onde me proteger, mas não encontrava nem aqueles nem este. Toda a região estava deserta. Procurava a porta para sair e não obstante a minha pressa não consegui chegar a ela. Antes, me afastava sempre mais dela. Por último caía um granizo tão espantoso que nunca vi algo de semelhante pelo tamanho. Algumas pedras caídas sobre minha cabeça me golpearam com tanta violência que me acordaram e me encontrei no leito. Asseguro a vocês que eu estava muito mais cansado então do que quando fora repousar.

Estas coisas eu vi, como falei a vocês, sonhando, e não quero falar delas para que acreditem como coisas verdadeiras. Mas, como se pode aprender alguma coisa, vamos nos aproveitar disso. Tenhamos como sonho aquilo que não serve para nós, mas tenhamos como verdadeiras aquelas que nos são úteis. Tanto mais que, como já aconteceram coisas das quais se falou outra vez, poderiam acontecer também desta vez. Aproveitemos delas e estejamos preparados para morrer. Rezemos a Nossa Senhora e vamos nos manter longe do pecado. Por último, como estreia, deixo a vocês esta máxima: “A confissão frequente e a comunhão devota são grandes meios para salvar nossa alma”.

Boa-noite!

Uma visita aos dormitórios²⁰³

Na noite de 11 de novembro de 1873, depois das orações, dando a boa-noite, Dom Bosco contava este sonho que tivera nos dias 8 e 10 do mesmo mês.

Parecia-me que ia visitar os dormitórios e os jovens estavam todos sentados sobre a cama. Quando eis que aparece um homem desconhecido, que me tira o candeeiro da mão, dizendo-me:

– Venha e verá!

E eu o segui. Ele então se aproximou da cama de cada um e, levantando o candeeiro para a frente dele, me convidava a observar. Eu olhava atentamente a frente de cada um e via escritos todos os seus pecados. O desconhecido então me disse que escrevesse, mas eu, crendo que poderia me recordar, fui adiante um pouco sem tomar nota daquelas coisas que estavam escritas no rosto deles. Mas observando que era impossível me lembrar de tudo, voltei atrás e escrevi cada coisa na minha cadernetinha.

Andando por um dormitório comprido, meu guia me conduziu a um canto, onde se encontravam jovens com a face branca e nítida como a neve. Então externei meu contentamento. Seguindo adiante, ele mostrou-me um que tinha a face toda coberta de manchas pretas, depois, continuando o caminho, vi também outros e mais outros, e, tomando nota de tudo e de todos, dizia comigo mesmo: “Assim poderei avisá-los”.

Finalmente, chegando ao fim do corredor, escutei lá num ângulo um grande rumor, e em seguida entoar forte o *Miserere*. Voltei-me para meu companheiro perguntando-lhe quem tinha morrido, e ele:

– Morreu aquele que você observou todo coberto de manchas!

– Mas como, se ontem à noite estava vivo ainda! Vi que passeava e agora está morto?!

Ele pegou um almanaque abriu-o e depois disse:

– Olhe aqui a data.

Olhei e estava escrito dia 5 de dezembro de 1873.

– Em suma, este jovem deve morrer antes do ano-novo.

Dito isso, ele se voltou para uma parte, e eu me voltei para a outra, e fiquei acordado em meu leito.

É verdade que este é um sonho. Mas outras vezes esses sonhos foram fatais. Portanto, nós, não dando atenção nem aos sonhos nem a outras coisas, estejamos atentos à sentença do Divino Salvador, o qual nos diz que estejamos preparados.

²⁰³ Cf. MB, p. 69-70.

Cada um tem seu caminho²⁰⁴

Terça-feira, 17 de novembro de 1874, depois das orações, Dom Bosco anunciou que no dia seguinte haveria confissões para os estudantes, por ocasião do exercício da boa morte. Exortou-os a fazer bem esse exercício, pois um dos presentes não faria outra vez tal prática.

Para se assegurar de que semelhantes predições não eram somente um piedoso meio de que se servia para fazer o bem a seus jovens, padre Berto dia 19 perguntou-lhe, confidencialmente, como podia preanunciar com tanta franqueza a morte de tantos jovens, quando ainda estavam sadios e robustos, especialmente o do último anúncio. Com alguma repugnância ele respondeu:

Pareceu-me ver todos os nossos jovens dando um passeio em direção a um prado. Aqui observei que cada um deles caminhava numa vereda traçada só para ele, e por ela não podia passar nenhum outro. Diante de alguns essa vereda era muito longa e, à margem, de tanto em tanto, se lia o número progressivo do ano de nossa Redenção. A de outros era menos comprida. E outros a tinham também mais curta. A de alguns ia adiante só por breve trecho e depois se truncava ali. Portanto, o jovem que caminhava por ela, chegando àquele ponto, caía morto por terra.

Vi, depois, aqueles que a tinham toda semeada de laços e bem mais curta.

Finalmente divisei um que diante de si não tinha mais nenhum caminho traçado. Acabava bem debaixo de seus pés e se distinguia ainda, com dificuldade, o número 1875. Este é o que não fará mais outra vez o exercício da boa morte, pois morrerá em 1874 ou talvez veja apenas 1875. Mas não poderá fazer outra vez o dito exercício.

O inferno²⁰⁵

Admoestado em sonho por não contar aos jovens alguns sonhos que tivera, Dom Bosco foi advertido, ainda em sonho, que na noite seguinte teria um sonho que lhe revelaria o que mais lhe interessava, naquela ocasião. Dia 3 de maio de 1868, contou aos jovens o seguinte sonho:

No dia seguinte inteiro estive pensando na péssima noite que haveria de passar. Chegada a hora, não me decidia a ir dormir. Fiquei lendo, sentado à mesa, até meia-noite. Enchia-me de terror a ideia de ter de presenciar ainda outros espetáculos terríveis. Fiz, afinal, violência sobre mim mesmo e fui deitar-me.

Para não dormir tão rapidamente, com temor de que a imaginação me levasse aos costumeiros sonhos, apoiei o travesseiro na parede, de modo a ficar quase sentado no leito. Mas, como estava moído de cansaço, sem me dar conta o sono logo se apoderou

²⁰⁴ Cf. MB X, p. 77-78.

²⁰⁵ Cf. MB IX, p. 167-181.

de mim. E eis que de repente vi no quarto, junto à minha cama, o homem da noite anterior,²⁰⁶ o qual me disse:

– Levante-se e venha comigo!

– Rogo, por caridade – lhe respondi –, deixe-me tranquilo, pois estou cansado demais. Há vários dias sou atormentado pela dor de dentes. Deixe-me descansar. Tive sonhos espantosos, estou extenuado.

Dizia isso também porque a aparição desse homem é sempre sinal de grande agitação, cansaço e medo.

– Levante-se, que não há tempo a perder! – respondeu-me.

Então, levantei-me e o segui. No caminho, perguntei:

– Aonde quer me conduzir agora?

– Venha e verá.

E conduziu-me a um lugar onde se estendia uma planície imensa. Olhei à volta, mas de lado algum conseguia ver os confins dela, de tão extensa. Era um verdadeiro deserto! Não aparecia nenhum ser vivo. Não se via uma só planta, nem um rio, a vegetação seca e amarelecida mostrava aspecto desolador. Não sabia onde me encontrava, nem o que iria fazer. Durante alguns instantes, perdi de vista o guia. Receei ter me perdido. Não estavam comigo nem padre Rua,²⁰⁷ nem padre Francesia,²⁰⁸ nem ninguém mais. Eis que descobri de novo o amigo, que vinha a meu encontro. Respirei e lhe perguntei:

– Onde estou?

– Venha comigo e verá.

– Bem, irei com você.

Ele caminhava na frente e eu o seguia em silêncio. Após longa e triste caminhada, pensando que precisaria atravessar toda a imensa planície, Dom Bosco dizia para si mesmo:

– Pobres de meus dentes! Pobre de mim, com as pernas inchadas!...

De repente, sem saber como, apareceu uma estrada diante de mim. Rompi então o silêncio, perguntando a meu guia:

– Aonde vamos agora?

²⁰⁶ Por ele chamado muitas vezes de “o homem do boné” ou do gorro.

²⁰⁷ O beato Miguel Rua, nascido em Turim, em 1837, e falecido na mesma cidade, em 1910, foi o primeiro sucessor de São João Bosco, cuja obra ampliou e propagou por muitos países. De tal forma padre Rua se identificou com o espírito de seu fundador que – diziam os contemporâneos – era “outro Dom Bosco”. Foi beatificado em 1972.

²⁰⁸ Padre João Batista Francesia (1838-1930) foi dos mais antigos e mais ativos discípulos de São João Bosco. Eminentemente latinista, ele lecionou nos primeiros seminários salesianos. Foi o último dos salesianos da primeira geração a falecer.

– Por aqui – respondeu-me.

E seguimos por aquela estrada. Era bonita, larga, espaçosa e bem pavimentada.

“O caminho dos pecadores é muito bem pavimentado, mas no final dele estão o inferno, as trevas e os castigos” (cf. Eclo 21,11)

(Via peccantium complanata lapidibus et in fine illorum inferi, et tenebrae, et poenae).

Nos dois lados do caminho, nas margens do fosso, havia duas belas sebes, verdes e cobertas de flores encantadoras. As rosas, especialmente, brotavam por todas as partes, entre as folhas. À primeira vista esse caminho parecia plano e cômodo, e sem nada suspeitar me pus a caminhar por ele.

Mas, à medida que prosseguia, notei que imperceptivelmente ia declinando, e, ainda que não parecesse muito rápida a descida, eu corria a tal velocidade que parecia estar sendo levado pelo vento. Mais ainda, dei-me conta de que avançava quase sem mover os pés, tão rápida era nossa carreira. Refletindo que retornar depois por uma estrada tão longa me custaria grande esforço e fadiga, perguntei ao amigo:

– Como faremos para voltar depois ao Oratório?

– Não se preocupe – respondeu –, o Senhor é onipotente e quer que você vá. Quem o conduz e lhe mostra como ir adiante saberá também reconduzi-lo de volta.

O caminho baixava sempre. Continuávamos nosso trajeto por entre flores e rosas, quando vi os meninos do Oratório pelo mesmo caminho, juntamente com muitíssimos outros companheiros que eu jamais vira antes, caminhando atrás de mim. E encontrei-me no meio deles. Enquanto os observava, de repente vi que ora um ora outro caíam, e em seguida eram arrastados por uma força invisível rumo a uma horrível encosta que se entrevia a distância e que daria numa fornalha. Perguntei a meu companheiro:

– Que é que faz cair esses jovens?

“Estenderam cordas à maneira de rede. Junto do caminho puseram tropeços” (cf. Sl 139)

(Funes extenderunt in laqueum. Iuxta iter scandalum posuerunt).

– Aproxime-se um pouco mais – respondeu.

Aproximei-me e vi que os meninos passavam entre muitos laços, alguns postos à altura do chão, outros à altura da cabeça. Estes últimos não se viam. Dessa forma, enquanto caminhavam sem dar-se conta do perigo, muitos jovens eram colhidos pelos laços. No momento de ser colhidos davam um salto, depois caíam no solo com as pernas para o ar e, levantando-se, se punham em desabalada corrida para o abismo.

Um era agarrado pela cabeça, outro pelo pescoço, outro pelas mãos, por um braço, por uma perna, pela cintura, e imediatamente depois eram arrastados. Os laços estendidos pela terra, que mal se podiam ver, eram parecidos com estopa. Lembravam fios

de teia de aranha e não pareciam nocivos. Sem embargo, vi que também os jovens colhidos por tais laços caíam quase todos por terra.

Eu estava espantado, e o guia me disse:

– Sabe o que é isso?

– Um pouco de estopa – respondi.

– Menos ainda do que isso, é quase nada – acrescentou. – É apenas o respeito humano.

Vendo, entretanto, que muitos continuavam a se enredar nesses laços, perguntei:

– Mas como é que tantos ficam atados por meio desses fios? Quem é que os arrasta desse modo?

– Aproxime-se mais, olhe e verá.

Olhei um pouco e disse:

– Não estou vendo nada.

– Olhe um pouco melhor – repetiu.

Segurei então um dos laços, puxei-o para mim e notei que sua ponta não aparecia, puxei um pouco mais, mas não conseguia ver onde é que terminava aquele fio. Pelo contrário, notei que também a mim ele me arrastava. Segui então o fio e cheguei à boca de uma espantosa caverna. Parei, porque não queria entrar naquela voragem. Puxei para mim o fio e percebi que ele cedia um pouquinho. Mas era necessário fazer muita força. Depois de muito puxar, pouco a pouco foi saindo da caverna um monstro feio e grande que causava repugnância e que segurava fortemente com as unhas um cabo ao qual estavam atados todos os laços. Era ele que, mal caía alguém na rede, imediatamente o puxava para si.

– É inútil – pensei comigo – competir em força com esse monstro medonho, porque não sou capaz de vencê-lo. O melhor é combatê-lo com o sinal da santa Cruz e com jaculatórias.

Voltei, pois, para junto de meu guia, e ele me disse:

– Você já sabe agora o que é?

– Sim! Já sei, é o demônio que estende esses laços para fazer meus jovens caírem no inferno.

Observei então com atenção os muitos laços e vi que cada um deles levava escrito seu próprio título: laço da *soberba*, da *desobediência*, da *inveja*, da *impureza*, do *furto*, da *gula*, da *preguiça*, da *ira* etc.

Feito isso, coloquei-me um pouco atrás para observar quais daqueles laços colhiam maior número de jovens. Eram os da impureza, da desobediência e da soberba. A este último estavam atados os outros dois. Além desses vi muitos outros laços que faziam

grande estrago, mas não tanto como os primeiros. Sem parar de observar, vi que muitos jovens corriam mais precipitadamente que os outros, e perguntei:

– Por que essa velocidade?

– Porque são arrastados pelos laços do respeito humano – respondeu-me.

Olhando ainda mais atentamente, vi que por entre os laços havia muitas facas espalhadas por mão providencial, e serviam para cortá-los ou rompê-los. A faca maior era contra o laço da soberba e representava a meditação. Outra faca também grande, mas um pouco menor, significava a leitura espiritual benfeita.

Havia também duas espadas. Uma delas indicava a devoção ao Santíssimo Sacramento, especialmente com a Comunhão frequente. A outra, a devoção a Nossa Senhora. Havia também um martelo: a Confissão. Havia outras facas, símbolo das várias devoções, a São José, a São Luís de Gonzaga etc. Com essas armas não poucos rompiam os laços quando eram presos ou se defendiam para não ser atados.

Com efeito, vi jovens que passavam entre os laços sem nunca ser colhidos, ou passavam antes que o laço caísse, ou sabiam evitá-lo, e o laço escorregava sobre os ombros, sobre as costas, de um lado ou de outro sem, contudo, aprisioná-los.

Quando o guia se deu conta de que eu havia observado tudo, fez-me continuar o caminho bordado de rosas que, à medida que avançávamos, iam se tornando mais raras, ao passo que começavam a se fazer notar enormes espinhos.

Chegamos a um ponto em que, por mais que olhasse, já não encontrava rosa alguma, e no final as sebes haviam se tornado só de espinhos, desfolhadas e secas pelo sol. Das moitas dispersas e ressecadas partiam galhos que serpenteavam pelo solo e impediam o caminho, semeando-o de tal maneira com espinhos que só com grande dificuldade se podia andar.

Havíamos chegado a uma baixada cujas ribanceiras ocultavam as demais regiões vizinhas. O caminho, sempre em declive, se tornava cada vez mais horrível, sem pavimentação, cheio de fossos, degraus, pedras e rochas arredondadas.

Havia perdido de vista todos os meus jovens, muitos dos quais haviam saído daquele caminho traiçoeiro para tomar outros rumos.

Continuei caminhando. Quanto mais avançava mais áspera e rápida era a descida, de modo que às vezes resvalava e caía por terra, onde ficava um pouco para retomar o fôlego. De tempos em tempos o guia me sustentava e me ajudava a levantar. A cada passo as articulações se dobravam e parecia que meus ossos iam se desconjuntar. Ofegante, eu dizia ao que me guiava:

– Meu amigo, minhas pernas já não podem me sustentar. Estou tão esgotado que me é impossível prosseguir a caminhada.

O guia não respondeu, mas fazendo-me sinal para ter ânimo continuou o caminho, até que, vendo-me suado e morto de cansaço, conduziu-me a um patamarzinho que

havia na estrada. Sentei-me, respirei profundamente e me pareceu descansar um pouco. Eu olhava o caminho percorrido: parecia quase vertical e semeado de espinhos e pedras pontiagudas. Olhava depois o caminho que ainda devia percorrer e fechava os olhos, aturdido. Por fim, exclamei:

– Por caridade, voltemos para trás. Se continuarmos adiante, como faremos para retornar ao Oratório? Para mim, será impossível subir essa encosta.

O guia respondeu, resolutamente:

– Agora que chegamos a este ponto quer que o deixe só?

Diante da ameaça, exclamei em tom dolorido:

– Sem você, como poderei voltar para trás ou continuar a viagem?

– Pois bem, siga-me – acrescentou.

Levantei-me e continuamos descendo. O caminho se tornava cada vez mais espantoso e intransitável, de modo que mal podia manter-me em pé.

Eis que no fundo desse precipício, que terminava num vale sombrio, apareceu um imenso edifício que exibia, diante de nosso caminho, uma porta altíssima, fechada. Chegamos ao fundo do precipício. Um calor sufocante me oprimia e uma densa fumaça esverdeada se elevava em torno das muralhas, marcadas por chamas cor de sangue. Levantei os olhos para ver a altura dos muros. Eram mais altos que uma montanha. Perguntei ao guia:

– Onde estamos? O que é isso?

– Leia naquela porta – respondeu –, pela inscrição saberá onde estamos.

Olhei e vi escrito na porta:

“Onde não há redenção” (*Ubi non est redemptio*).

Dei-me conta de que estávamos na porta do inferno.

O guia me levou a fazer o contorno das muralhas daquela horrível cidade. De espaço a espaço, a distância regular, via-se uma porta de bronze como a primeira, também no ponto final de uma espantosa vertente, e todas tinham uma inscrição latina distinta das anteriores.

“Afastai-vos, malditos, ide para o fogo eterno que está preparado para o diabo e seus anjos... Toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo” (*Discedite, maledicti, in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis eius... Omnis arbor quae non facit fructum bonum excidetur et in ignem mittetur*).

Apanhei a cadernetinha para copiar as inscrições, mas o guia me disse:

– Pare! Que está fazendo?

– Tomo nota dessas inscrições.

– Não é preciso, você tem todas elas na Escritura. Algumas até mandou colocá-las nos pórticos (de seu Oratório).

Diante de tal espetáculo, eu teria desejado voltar para trás, para o Oratório. Tinha dado alguns passos, mas meu guia nem se moveu. Percorremos um imenso e profundíssimo despenhadeiro e novamente nos encontramos diante da primeira porta, aos pés da vertente por onde havíamos descido. De repente o guia recuou e, com o rosto entristecido e desfeito, fez sinal para que me afastasse, dizendo:

– Observe!

Assustado, voltei os olhos para trás e vi a uma grande distância, por aquele rapidíssimo caminho, alguém que caía precipitadamente. Conforme ia se aproximando, procurava fixar-lhe o rosto. Reconheci nele, afinal, um de meus jovens. Seus cabelos, em parte desordenados e eriçados, em parte lançados para trás por causa do vento; seus braços, estendidos para adiante em atitude de quem nada para escapar do naufrágio. Queria parar e não podia. Tropeçava nas pedras salientes do caminho e elas mesmas serviam para dar-lhe mais impulso na queda.

– Corramos, vamos pará-lo e ajudá-lo – eu dizia, enquanto estendia para ele as mãos.

– Não, deixe – dizia-me o guia.

– Por que não posso pará-lo?

– Não sabe como é terrível a vingança de Deus? Porventura crê que é capaz de parar alguém que foge da cólera do Senhor?

Entrementes, o jovem, voltando a cabeça para trás e olhando com olhos esbugalhados para ver se a ira de Deus o perseguia, lançava-se ao fundo e ia chocar-se na porta de bronze, como se em sua fuga não pudesse encontrar melhor refúgio.

– Por que – eu perguntava – aquele jovem olha para trás com tanto espanto?

– Porque a ira de Deus atravessa todas as portas do inferno e vai atormentá-los até no meio do fogo.

De fato, ante aquele encontro, se abriu a porta. Por trás dela abriram-se ao mesmo tempo, com estrondo ensurdecador, duas, dez, cem, mil portas mais, empurradas pelo jovem que era levado por um torvelinho invisível, irresistível, velocíssimo. Tendo ficado abertas um instante todas essas portas de bronze, uma defronte à outra, vi no fundo, embora a grande distância, como que a boca de uma fornalha. E enquanto o jovem se precipitava naquela voragem elevaram-se bolas de fogo. As portas voltaram a fechar-se com a mesma rapidez com que se haviam aberto. Tirei então minha caderneta para escrever nome e sobrenome daquele infeliz, mas o guia, segurando-me pelo braço, intimou-me:

– Pare e observe novamente.

Olhei e presenciei outro espetáculo. Vi que por aquela vertente se precipitavam outros três jovens de nossas casas, os quais, à maneira de três pedras, rolavam rapidissimamente um após o outro. Tinham os braços abertos e urravam de terror.

Chegaram ao fundo e foram bater na primeira porta. No mesmo instante, reconheci todos os três. A porta se abriu e, por trás delas, as outras mil. Os jovens foram empurrados no compridíssimo corredor, ouviu-se um prolongado rumor infernal, que se afastava mais e mais, e desapareceram, cerrando-se as portas.

Muitos outros pouco a pouco foram caindo atrás desses. Vi cair um pobrezinho empurrado por um pérfido companheiro. Uns caíam sozinhos, outros acompanhados. Uns seguros pelo braço e outros soltos, ainda que juntos uns dos outros. Todos tinham escrito na fronte o seu pecado. Eu os chamava com grande aflição, enquanto caíam. Mas os jovens não me ouviam; retumbavam as portas infernais ao abrir-se, fechavam-se depois, e seguia-se um silêncio sepulcral.

– Eis uma das causas principais de tantas condenações – exclamou meu guia –, maus livros, maus companheiros e hábitos perversos.

Os laços que antes havia visto eram os que arrastavam os jovens ao precipício. Ao ver caírem tantos deles, disse com voz desolada:

– Mas então é inútil trabalharmos em nossos colégios, se tantos são os rapazes aos quais aguarda esse fim. Não haverá nenhum outro remédio para impedir a perda de tantas almas?

Respondeu-me o guia:

– Esse é o estado atual em que se encontram, e se morressem para cá viriam sem mais.

– Nesse caso, deixe-me anotar seus nomes para que eu possa avisá-los e pô-los no caminho do paraíso.

– E acredita que alguns deles, avisados, se corrigiriam? Num primeiro momento, o aviso os impressionará, depois o desprezarão, dizendo: “É um sonho!”, e ficarão piores do que antes. Outros, sabendo-se descobertos, frequentarão os sacramentos, mas sem boa vontade e sem mérito, porque não o farão bem. Outros se confessarão, mas só por temor momentâneo do inferno, sem arrancar de seu coração o afeto ao pecado.

– Não há, então, remissão para esses desgraçados? Dê-me um aviso especial que possa salvá-los.

– Eles têm superiores: que obedeçam! Têm os regulamentos, que os observem! Têm os sacramentos: que os frequentem!

Nesse meio-tempo, precipitou-se outro bando de jovens, e as portas ficaram abertas por uns instantes.

– Entre você também – disse-me o guia.

Retrocedi horrorizado. Estava impaciente para voltar logo ao Oratório para avisar os jovens e segurá-los para que nenhum se perdesse. Mas o guia insistiu:

– Venha e aprenderá muitas coisas. Diga-me, antes, porém: quer ir só ou acompanhado?

Disse isso para que eu reconhecesse a insuficiência de minhas forças, e ao mesmo tempo a necessidade de sua benévola assistência. Respondi:

– Só?! A esse lugar de horrores?! Sem ser ajudado por sua bondade?! Quem é que poderia me ensinar o caminho de volta?

Mas no mesmo instante senti-me cheio de coragem, pensando comigo mesmo:

– Só pode ir para o inferno quem já foi julgado, e eu ainda não o fui.

Em consequência, exclamei resolutamente:

– Entremos, pois!

Entramos naquele estreito e horrível corredor. Corríamos com a velocidade do relâmpago. Em cada uma das portas interiores brilhava com tétrica luz uma inscrição ameaçadora. Quando terminamos de percorrê-lo, fomos parar num vasto e tenebroso pátio, em cujo fundo via-se uma grossa e horrível portinha, como jamais vi igual, e nela estavam escritas estas palavras:

“Os ímpios irão para o fogo eterno”
(*Ibunt impii in ignem aeternum*).

Todas as paredes em volta estavam cheias de inscrições. Pedi permissão ao guia para lê-las, e me respondeu:

– À vontade.

Então examinei tudo. Num lugar, vi escrito:

“Darei fogo às suas carnes para que se queimem eternamente”
(*Dabo ignem in carnes eorum ut comburantur in sempiternum*).

“Serão atormentados dia e noite pelos séculos dos séculos”
(*Cruciabuntur die ac nocte in saecula saeculorum*).

Noutro lugar:

“Aqui está o conjunto dos males pelos séculos dos séculos”
(*Hic universitas malorum per omnia saecula saeculorum*).

E noutro:

“Aqui não há ordem, mas habita o horror eterno”
(*Nullus est hic ordo, sed horror sempiternus inhabitat*).

“Eternamente estará subindo o fogo de seus tormentos”
(*Fumus tormentorum suorum in aeternum ascendit*).

“Não há paz para os ímpios” (*Non est pax impiis*).

“Clamor e ranger de dentes” (*Clamor et stridor dentium*).

Enquanto eu estava lendo as inscrições à volta, o guia, que havia ficado no meio do pátio, aproximou-se e me disse:

– A partir daqui ninguém mais poderá ter um companheiro que o sustente, um amigo que o conforte, um coração que o ame, um olhar compassivo, uma palavra benévola. Passamos a linha. Quer ver ou experimentar?

– Só quero ver – respondi.

– Venha, então – acrescentou o amigo, e tomou-me pela mão.

Levou-me assim diante daquela portinha e abriu-a. Comunicava com um espaço em cujo fundo havia uma grande cova fechada com uma ampla janela de um só cristal que ia desde o piso até o teto, e através do qual se podia divisar o interior. Dei um passo para trás e retrocedi até o umbral da porta, tomado por indescritível terror.

Apareceu diante de meus olhos uma espécie de imensa caverna que se perdia em saliências encavadas nas entranhas da montanha, cheias de fogo, não como o vemos na terra, com chamas vivas, mas um fogo tal e tão ardente que tudo o que havia em torno estava torrado e embranquecido pelo calor excessivo. Parede, teto, chão, ferro, pedra, lenha, carvão, tudo estava branco e incandescente. O fogo, com certeza, era de milhares e milhares de graus de calor; mas nada reduzia a cinzas, nada consumia.

Não sou capaz de descrever esse lugar em toda a sua espantosa realidade.

“Já faz tempo que está preparado o Tofet, foi preparado pelo rei, profundo e largo. Seu alimento é fogo e muita lenha; o sopro do Senhor, como uma torrente de enxofre, o mantém aceso” (cf. Is 30,33) (*Praeparata est enim ab heri Thopheth, a rege praeparata, profunda et dilatata. Nutrimentum eius, ignis et ligna multa: flatus Domini sicut torrens sulphuris succendens eam*).

Enquanto eu olhava tudo aquilo estarrecido, vi inesperadamente cair com fúria incoercível um jovem que, lançando um grito lancinante, como o de uma pessoa que estivesse a ponto de cair num lago de bronze derretido, se precipitou no meio do fogo, tornou-se incandescente como toda a caverna e ficou imóvel, ressoando por uns instantes o eco de sua voz agoniada.

Cheio de horror, fixei os olhos no jovem, e pareceu-me um do Oratório, um de meus filhos!

– Mas não é este um de meus rapazes? – perguntei ao guia –, não é fulano de tal?

– Sim, é ele – respondeu-me.

– E por que não muda de posição? – acrescentei. – Como está assim incandescente e não se consome?

– Preferiu ver, por isso, agora não me fale. Olhe e verá. Ademais, será salgado com fogo e toda vítima se condimentará com sal (*omnis enim igne salietur et omnis victima sale salietur*).

Mal havia voltado os olhos quando outro jovem, com furor desesperado e grandíssima velocidade, correu e se precipitou na mesma caverna. Também era do Oratório. Mal caiu já não se moveu mais. Ele também havia dado um grito angustiante, e sua voz tinha se confundido com o último eco do grito do que caíra antes.

Chegaram depois outros igualmente precipitados. Seu número aumentava cada vez mais, todos lançavam o mesmo grito e ficavam imóveis, incandescentes, como os que os tinham precedido.

Observei que o primeiro havia ficado com uma mão no ar e com um pé também suspenso no alto. O segundo havia ficado como que dobrado para baixo. Uns tinham os pés no ar, outros, a cara contra o solo, outros estavam como que suspensos, sustentando-se com um só pé e com uma só mão. Havia, por fim, um grande número de jovens como estátuas, em posições muito dolorosas.

Vieram ainda muitos àquela fornalha, jovens que em parte eu conhecia e em parte me eram desconhecidos. Lembrei-me então do que está escrito na Bíblia: como se cai pela primeira vez no inferno, assim se estará eternamente.

“Onde cair a árvore, ali ficará” (*Lignum, in quocumque loco ceciderit, ibi erit*).

Aumentava em mim o espanto, e perguntei ao guia:

– Mas esses que correm com tanta velocidade não sabem que vão chegar aqui?

– Oh, sim! Sabem que vão para o fogo! Eles foram avisados mil vezes. Mas correm voluntariamente por causa do pecado, que não detestam e não querem abandonar, porque desprezaram e rechaçaram a misericórdia de Deus, que incessantemente os chamava à penitência. Por isso, a divina justiça, provocada, empurra-os, insta-os, persegue-os, e não podem parar enquanto não chegam a este lugar.

– Qual não deve ser o desespero destes desgraçados, sem a menor esperança de sair daqui! – exclamei.

– Quer conhecer as inquietações e os furores das almas deles? Aproxime-se um pouco mais – respondeu o guia.

Dei alguns passos para a janela, e vi que muitos daqueles miseráveis se golpeavam e feriam uns aos outros e se mordiam como cães raivosos. Outros se arranhavam o rosto, laceravam as mãos, despedaçavam as próprias carnes e as atiravam pelo ar com desprezo. De repente, o teto da caverna se tornou transparente, como de cristal, e através dele se via um pedaço do Céu e as radiantes figuras de seus companheiros para sempre salvos.

E aqueles condenados bramiam com feroz inveja, respirando afanosamente, porque os justos haviam sido olhados por eles, em certo tempo, como objeto de irrisão.

“O ímpio vê e se irrita, range os dentes e definha”
(*Peccator videbit et irascetur, dentibus suis fremet et tabescet*).

– Diga-me, como não se ouve nem uma voz? – perguntei a meu guia.

– Aproxime-se ainda mais – me gritou.

Aproximei-me do cristal da janela e ouvi que uns rugiam e choravam contorcendo-se, outros blasfemavam e imprecavam os santos. Aquilo tudo era um caos de vozes e gritos altos e confusos, pelo que perguntei ao meu amigo:

– O que eles dizem? O que estão gritando?

– Recordando a sorte de seus companheiros bons veem-se obrigados a confessar: “Nós, insensatos, considerávamos uma loucura a vida que levavam, e seu fim sem honra. Eis que foram contados no número dos filhos de Deus e sua sorte juntamente com a dos santos. Nós nos afastamos, pois, do caminho da verdade”. Por isso, gritam: “Corremos pelo caminho da iniquidade e da perdição. Perdemos-nos por caminhos difíceis e não conhecemos o caminho do Senhor. De que nos serviu nosso orgulho? Tudo passou como uma sombra”. Estes são os lúgubres cantos que ali ressoarão por toda a eternidade. Mas inúteis gritos, inúteis esforços, inútil pranto! “Toda a dor cairá sobre eles.” Aqui já não há tempo, só eternidade.²⁰⁸

Enquanto contemplava, cheio de horror, o estado de muitos de meus jovens, assaltou-me imprevistamente uma ideia:

– Mas como é possível que os que se encontram aqui estejam todos condenados? Ontem à tarde estes jovens estavam vivos no Oratório.

O amigo me disse:

– Os jovens que aqui vê estão mortos para a graça de Deus, e se morressem agora ou continuassem procedendo como no presente se condenariam. Mas não percamos tempo, vamos em frente.

E me afastou daquele lugar, e por um corredor que baixava a um profundo subterrâneo me conduziu a outro em cuja entrada estava escrito:

“Seu verme não morrerá e o fogo não se extinguirá... O Senhor onipotente dará fogo e vermes a suas carnes para que ardam e sofram eternamente” (cf. Jd 16,17)
(*Vermis eorum non moritur, et ignis non extinguitur... Dabit Dominus omnipotens ignem et vermes in carnes eorum, ut urantur et sentient usque in sempiternum*).

²⁰⁸ *Nos insensati! Vitam illorum aestimabamus insaniam et finem illorum sine Honoré. Ecce quomodo computati sunt inter filios Dei et inter sanctos sors illorum est. Ergo erravimus a via veritatis. Lassati sumus in via iniquitatis et perditionis. Erravimus per vias difficiles, viam autem Domini ignoravimus. Quid nobis profuit superbia? Transierunt omnia illa tanquam umbra. Omnis dolor irruet super eos!*

Ali se contemplava o espetáculo dos atrozes remorsos dos que foram educados em nossas casas.

A recordação de todos e de cada um dos pecados não perdoados e sua justa condenação! A de terem tido mil remédios até mesmo extraordinários para se converterem ao Senhor, para serem perseverantes no bem, para ganharem o paraíso! A recordação de tantas graças prometidas, oferecidas e dadas por Maria Santíssima, e não correspondidas! Poderiam ter se salvado com tão pouco esforço e perderam-se irremissivelmente para sempre! Lembrem de tantos bons propósitos feitos e não cumpridos! Ah, bem diz o provérbio que o inferno está cheio de boas intenções não realizadas!

Ali voltei a ver todos os jovens do Oratório que havia visto pouco antes naquela fornalha, alguns dos quais estão me ouvindo neste momento; outros já estiveram conosco, outros eu não conhecia. Aproximei-me e observei que todos estavam cheios de vermes e animais asquerosos que lhes roíam e consumiam o coração, os olhos, as mãos, as pernas, os braços, de maneira tão miserável que nem sei exprimir com palavras. Estavam imóveis, expostos a toda espécie de moléstias, e não podiam defender-se de modo algum.

Aproximei-me ainda mais para que me vissem, esperando poder falar-lhes para que me dissessem algo, mas nenhum falava nem me olhava. Perguntei então ao guia a causa disso, e me foi respondido que no outro mundo os condenados não têm liberdade. Cada um sofre ali todo o castigo que Deus lhe impôs, sem que se possa mudar nada.

– Agora é preciso que também você vá ao meio daquela região de fogo que viu – acrescentou.

– Não, não! – respondi aterrorizado – Para ir ao inferno é preciso ser antes julgado, eu ainda não fui. Não quero, pois, ir ao inferno.

– Diga-me – observou o amigo –, o que lhe parece melhor: ir ao inferno e livrar seus jovens ou ficar fora e deixá-los no meio de tantos tormentos?

Atordoado diante dessa proposta, respondi:

– Oh! Quero muito a meus caros jovens, quero que todos se salvem! Mas não podemos fazer de tal forma que nem eles nem eu entremos aí?

– Ainda está em tempo – me respondeu o amigo – e também para eles, desde que você faça tudo o que pode.

Meu coração se dilatou e eu disse para mim mesmo:

– Pouco me importa sofrer, desde que possa livrar dos tormentos estes meus queridos filhos.

– Venha, pois – prosseguiu o amigo –, e veja a bondade e a onipotência de Deus, que amorosamente emprega mil meios para chamar à penitência seus jovens e salvá-los da morte eterna.

Tomou-me pela mão para introduzir-me na caverna. Mal pus os pés no umbral, encontrei-me inesperadamente transportado para uma magnífica sala com portas de cristal. Sobre estas, a regular distância, pendiam largos véus que cobriam outros tantos departamentos que comunicavam com a caverna.

O guia me indicou um dos véus, sobre o qual estava escrito *Sexto Mandamento*, e exclamou:

– A transgressão desse mandamento é a causa da ruína eterna de muitos jovens.

– Mas não se confessaram?

– Sim, confessaram-se. Mas os pecados contra a bela virtude eles confessaram-nos mal ou calaram-nos por completo. Por exemplo, um que havia cometido quatro ou cinco desses pecados confessou somente dois ou três. Há quem tenha cometido um só na meninice e sempre teve vergonha de confessá-lo, ou o confessou mal, ou não disse tudo. Outros não tiveram arrependimentos nem propósito. Mais ainda: alguns, em vez de examinar sua consciência, estudavam o modo de enganar o confessor. E o que morre com tal resolução está disposto a ser do número dos condenados, e assim será para toda a eternidade. Só os arrependidos de todo o coração morrem com a esperança da eterna salvação. Esses serão eternamente felizes. E agora quer ver por que a misericórdia de Deus o conduziu até aqui?

Levantei o véu e vi um grupo de meninos do Oratório, todos meus conhecidos, condenados por esse pecado. Entre eles havia alguns que, na aparência, têm boa conduta.

– Pelo menos agora me deixará escrever os nomes desses meninos para poder adverti-los em particular.

– Não é preciso – respondeu-me.

– Que devo então dizer a eles?

– Pregue por toda parte contra a impureza. Basta avisá-los em geral, e não se esqueça de que, ainda que os avisasse em particular, prometerão, mas nem sempre com firmeza. Para conseguir isso se requer a graça de Deus, a qual, se pedida, jamais faltará a seus jovens. O bom Deus manifesta especialmente seu poder em se compadecer e perdoar. Oração, pois, e sacrifício de sua parte. Quanto aos jovens, que ouçam suas exortações, interroguem suas consciências, e ela lhes sugerirá o que devem fazer.

Estivemos então conversando cerca de meia hora sobre as condições necessárias para fazer uma boa confissão. Depois o guia repetiu várias vezes, erguendo a voz:

– Cuidem-se! Cuidem-se! (*Avertere!... Avertere!...*)

– Que significa essa exclamação?

– Mudar de vida, mudar de vida!...

Todo confuso por aquela revelação, baixei a cabeça e estava a ponto de me retirar, quando o guia me chamou dizendo:

– Ainda não viu tudo.

E dirigindo-se a outra parte levantou outro véu, sobre o qual estava escrito:

“Os que querem ficar ricos caem na tentação e no laço do demônio”
(*Qui volunt divites fieri, incident in tentationem et laqueum diabolicum*).

Li e exclamei:

– Isso não diz respeito a meus jovens, porque são pobres como eu, não somos ricos nem pretendemos sê-lo. Nem mesmo o imaginamos.

Removido o véu, apareceram no fundo alguns jovens, todos meus conhecidos, que sofriam como os anteriores, e, mostrando-os, me disse:

– Acho que é bem a seus jovens que essa inscrição diz respeito!

– Explique-me, pois, o porquê da palavra *divites* (ricos).

– Por exemplo, alguns de seus jovens têm o coração de tal maneira apegado a algum objeto material, que esse afeto os afasta do amor de Deus, e por isso faltam com a caridade, a piedade, a mansidão. Não somente com o uso das riquezas se perverte o coração, mas também com o desejo delas, sobretudo se esse desejo ofende a justiça. Seus jovens são pobres, mas repara que a gula e o ócio são péssimos conselheiros. Há alguns que em seus lugares de origem se tornaram culpados de furtos significativos e, podendo, não pensam em restituir. Há quem estuda a maneira de abrir com chaves falsas a despensa; quem procura entrar no escritório do prefeito ou do ecônomo da casa; quem vai remexer as malas dos companheiros para roubar-lhes comestíveis, dinheiro ou outros objetos; quem faz coleções de cadernos ou livros para seu uso...

De uns e de outros me disse os nomes, e prosseguiu:

– Alguns se encontram aqui por terem se apropriado de objetos de vestuário, roupa branca, cobertores e colchas que pertenciam à rouparia do Oratório, para enviá-los às suas casas. Alguns, por terem causado voluntariamente danos graves e não os terem reparado. Outros, por não terem devolvido coisas que lhes haviam sido emprestadas; e alguns por terem retido somas de dinheiro que lhes haviam sido confiadas para que as entregassem ao superior.

E concluiu dizendo:

– Já que tais pessoas foram indicadas a você, avise-as; diga-lhes que rejeitem todos os desejos inúteis e nocivos, que sejam obedientes à lei de Deus e zelosos de sua honra; se não forem assim, a cobiça os arrastará a excessos piores que os submergirão nas dores, na morte, na perdição.

Eu não conseguia entender como, para certas coisas consideradas insignificantes por nossos jovens, haviam sido preparados castigos tão horríveis. Mas o amigo cortou minhas reflexões, dizendo:

– Recorda o que lhe foi dito diante do espetáculo dos cachos estragados da videira.²¹⁰

E levantou outro véu, que ocultava muitos de nossos jovens, que logo reconheci, pois estão presentemente no Oratório. Sobre o véu estava escrito:

“Raiz de todos os males” (*Radix omnium malorum*).

E logo me perguntou:

– Sabe o que significa isso? Sabe qual é o pecado indicado por essa epígrafe?

– Pareceu-me que só pode ser o da soberba.

– Não – respondeu.

– Mas sempre ouvi dizer que a soberba é a raiz de todo pecado.

– Sim, genericamente é, mas, em concreto, sabe qual foi o pecado que fez cair Adão e Eva no primeiro pecado, em consequência do qual foram expulsos do paraíso terrestre?

– A desobediência.

– Precisamente, a desobediência é a raiz de todo mal.

– E que devo dizer a meus jovens sobre esse ponto?

– Preste atenção: os jovens que você vê aqui são os desobedientes, que vão preparando para si próprios um fim tão lamentável. Esses tais e outros que você acredita que foram descansar, à noite descem a passear no pátio. Não fazendo caso das proibições, vão a lugares perigosos, trepam nos andaimes de obras em construção, pondo em risco até a própria vida. Alguns, apesar das prescrições do regulamento, na igreja não estão como devem, em vez de rezar, pensam em coisas completamente diversas, constroem em sua mente castelos no ar. Outros perturbam os companheiros. Há os que procuram posturas cômodas e dormem durante as sagradas funções. Outros você pensa que vão à igreja e, no entanto, não vão. Ai do que descuida a oração! Quem não reza se condena! Alguns estão aqui porque em vez de cantar os cânticos sagrados ou o ofício da Santíssima Virgem leem livros que tratam de tudo menos de religião, e alguns – o que é muito vergonhoso! – chegaram a ler livros proibidos.

E continuou a enumerar várias outras transgressões que são causa de graves desordens. Quando terminou, comovido olhei o guia na face. Ele também me fitou, e eu lhe disse:

²¹⁰ Possível alusão a algum episódio de outro sonho, ou talvez alusão ao Evangelho de São João: “Como a vara não pode por si mesma dar fruto se não permanecer na videira, assim também vós se não permanecerdes em Mim. Eu sou a videira e vós as varas. O que permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto, porque sem Mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em Mim será lançado fora com a vara, e secará, e enfeixá-lo-ão, e o lançarão no fogo, e arderá” (Jo 15,4-8).

– E poderei contar todas essas coisas a meus jovens?

– Sim, pode dizer a todos eles aquilo de que se recordar.

– E que conselho poderei dar a eles para que não lhes sucedam tão graves desgraças?

– Insistirá em demonstrar como a obediência, mesmo nas menores coisas, a Deus, à Igreja, aos pais e aos superiores, os salvará.

– E o que mais?

– Diga a seus jovens que evitem muito o ócio, porque essa foi a causa do pecado de Davi. Diga-lhes que estejam sempre ocupados, porque assim o demônio não terá tempo de assaltá-los.

Inclinei a cabeça e prometi. Não mais suportando aquele terror, disse ao amigo:

– Agradeço-lhe a caridade que teve comigo, mas rogo que me faça sair daqui.

– Venha comigo – disse-me então.

E, encorajando-me, tomou-me pela mão e sustentou-me, porque eu me sentia extenuado e sem forças. Uma vez saídos da sala, atravessamos rapidamente o horrível pátio e o largo corredor de entrada. Antes de atravessar o umbral da última porta de bronze, mais uma vez voltou-se para mim e exclamou:

– Agora que viu os tormentos dos outros, é preciso que também você experimente um pouco o inferno.

– Não! Não! – gritei horrorizado.

Ele insistia e eu recusava sempre.

– Não temas – dizia-me –, é só para experimentar. Toque nessa muralha.

Eu não tinha coragem e queria afastar-me, mas ele me segurou, dizendo-me:

– No entanto, é necessário que experimente!

E me agarrou resolutamente pelo braço e me levou para junto da muralha, dizendo:

– Toque-a uma vez só, para que possa dizer que visitou as muralhas dos suplícios eternos e as tocou. E também para que compreenda como será a última muralha, se a primeira já é tão terrível. Vê esta muralha?

Observei-as com mais atenção; era de colossal espessura. O guia prosseguiu:

– Esta é a milésima parede antes de chegar ao verdadeiro fogo do inferno. Mil muralhas o rodeiam. Cada uma delas tem mil medidas de espessura, e essa é a distância entre cada uma delas. Cada medida é de mil milhas. Esta muralha dista, pois, um milhão de milhas do verdadeiro fogo do inferno e, portanto, é um pequeníssimo princípio do mesmo inferno.

Dito isso, e vendo que eu me encolhia para não tocar a muralha, agarrou minha mão, abriu-a com força e fez que eu a encostasse na pedra daquela milésima muralha. Naquele instante senti uma queimadura tão intensa e dolorosa que, saltando para trás e dando um fortíssimo grito, acordei.

Encontrei-me sentado na cama, e sentindo que a mão ardia esfregava-a na outra mão para fazer cessar aquela sensação. Quando amanheceu, observei que a mão estava realmente inchada. E a impressão imaginária daquele fogo foi tão forte que pouco depois a pele da palma da mão se desprendeu e mudou.

Tenham em consideração que não contei essas coisas a vocês com todo o seu horror tal como as vi, e com a impressão que me fizeram, para não os assustar demais. Sabemos que o Senhor nunca falou do inferno a não ser por figuras, porque, ainda quando no-lo houvesse descrito como é, não o teríamos entendido. Nenhum mortal pode compreender essas coisas. O Senhor as conhece e pode dizê-las a quem quiser.

O purgatório²¹¹

Na noite de 25 de junho de 1867, após as orações da noite, Dom Bosco falou a toda a comunidade, contando o seguinte sonho:

Ontem à noite, meus caros filhos, havia me deitado e, não conseguindo adormecer logo, estava pensando na natureza e no modo de existir da alma, como ela era feita. De que modo poderia encontrar-se e falar na outra vida, estando separada do corpo. Como faria para trasladar-se de um lugar a outro. Como podemos nos conhecer uns aos outros depois de mortos, não sendo senão puros espíritos. E quanto mais pensava nessas coisas, mais obscuro me parecia tal mistério.

Enquanto divagava por essas ideias e outras semelhantes, adormeci, e me pareceu que estava na estrada que conduz a...²¹² e que caminhava naquela direção. Andei durante algum tempo, atravessei lugares para mim desconhecidos, até que, em certo momento, ouvi que alguém me chamava pelo nome. Era a voz de uma pessoa parada na estrada.

– Venha comigo – disse – e poderá ver logo o que deseja!

Obedeci imediatamente. Mas a tal pessoa andava com a rapidez do pensamento, e eu no mesmo passo que meu guia. Andávamos de maneira tal que nossos pés nem tocavam o solo. Chegados por fim a certa região que eu desconhecia o guia parou. Erguia-se sobre uma preeminência do terreno um magnífico palácio de construção admirável. Não sabia onde estava, nem sobre que montanha. Nem me recordo mais se estava realmente sobre uma montanha ou se estava no ar, sobre nuvens. Era inacessível e não se via caminho algum para poder chegar até ele. Suas portas eram de considerável altura.

– Suba a esse palácio – disse-me o guia.

²¹¹ Cf. MB VIII, p. 853-858.

²¹² Nomeou a cidade.

– Como vou fazer? – observei. – Como fazer para subir? Aqui por baixo não há estrada, e não tenho asas.

– Entre! – replicou ele com autoridade. E, vendo que eu não me movia, disse:

– Faça como eu: levante os braços com boa vontade e subirá. Venha comigo.

E assim dizendo levantou ao alto as mãos, dirigindo-as para o céu. Eu também abri os braços, e me senti num só instante alçado pelos ares como uma nuvenzinha. Eis que cheguei aos umbrais do palácio. O guia me acompanhara até lá.

– Que há aqui dentro? – perguntei.

– Entre, visite-o e verá. No fundo, num salão, encontrará quem o ensinará.

E desapareceu, ficando eu só, como guia de mim mesmo.

Entreí no pórtico, subi as escadas e cheguei a um salão verdadeiramente régio. Percorri salas espaçosas, aposentos riquíssimos de ornamentos e longos corredores. Caminhava com velocidade acima do natural.

Cada sala brilhava com magnificência de tesouros espantosos, e naquela velocidade percorri tantos aposentos que me foi impossível contá-los.

Mas uma coisa era mais admirável: para correr com a rapidez do vento, eu não movia os pés. Suspenso no ar, com as pernas juntas, deslizava sem esforço como sobre um cristal, mas sem tocar o chão.

Passando assim de um aposento a outro, finalmente vi uma porta no fundo do corredor. Entrei e me encontrei num salão grande, que superava em magnificência todos os demais. Ao fundo, sobre uma cadeira de espaldar alto, avistei um bispo, majestosamente sentado, em posição de quem se prepara para audiência. Aproximei-me com respeito e fiquei admiradíssimo por reconhecer naquele prelado um íntimo amigo meu. Era Dom..., ²¹³ bispo de..., falecido havia dois anos. Parecia nada sofrer. Seu aspecto era radiante, afetuoso e de tão grande beleza que nem mesmo poderia exprimir.

– Oh, senhor bispo, o senhor por aqui? – perguntei com grande alegria.

– Não me vê? – respondeu o bispo.

– Mas como é possível? Ainda está vivo? Não morreu?

– Sim, morri.

– Se morreu, como está sentado aqui tão radiante e satisfeito? Se ainda está vivo, por caridade, esclareça-me: na diocese de..., há outro bispo, dom..., em seu lugar. Como é que se esclarece essa confusão?

– Esteja tranquilo, não se preocupe, estou morto...

– Ainda bem, pois já há outro em seu lugar.

²¹³ E disse o nome.

– Sei disso. E o senhor, Dom Bosco, está vivo ou está morto?

– Eu estou vivo. Não vê que estou aqui em corpo e alma?

– Aqui não se pode vir com o corpo.

– Mas, no entanto, aqui estou.

– É o que lhe parece, mas não é assim...

Eu me apressava em falar-lhe, fazendo perguntas e mais perguntas, sem receber resposta alguma.

– Como pode ser que eu, que estou vivo, esteja aqui com o senhor, que já morreu?

Tinha medo de que o bispo desaparecesse, pelo que lhe roguei:

– Senhor bispo, por caridade, não me deixe. Necessito saber muitas coisas. Diga-me, senhor bispo, salvou sua alma?

O bispo, vendo-me tão ansioso, disse:

– Não se aflija tanto e fique calmo. Não fugirei. Pode falar.

– Diga-me, senhor bispo, está salvo?

– Olhe-me, observe como estou robusto, cheio de frescor e brilho.

Seu aspecto me dava realmente certeza de que estava salvo, mas, não me contentando com essa impressão, repliquei:

– Diga-me se está salvo, sim ou não.

– Sim, estou em lugar de salvação.

– Mas já está no paraíso, gozando do Senhor? Ou no purgatório?

– Estou em lugar de salvação, mas ainda não vi a Deus e ainda necessito de que rezem por mim.

– E quanto tempo ainda deverá estar no purgatório?

– Olhe aqui e leia! – disse, apresentando-me uma folha de papel.

Tomei na mão o papel, observei atentamente, mas nada vendo escrito disse-lhe:

– Nada vejo!

– Veja bem o que nele está escrito e leia!

– Já olhei com atenção e estou olhando novamente, mas nada posso ler porque nada há escrito aqui.

– Veja com mais atenção!

– Vejo um papel com floreados vermelhos, azuis, verdes, cor de violeta, mas não encontro letra alguma.

– São algarismos.

– Não vejo letras nem números.

O bispo olhou o papel que eu tinha nas mãos e disse:

– Já sei por que não vê nada. Vire o papel ao contrário.

Examinei a folha com maior atenção, virei-a de todos os lados, mas nada consegui ler, nem de um lado nem do outro. Somente me pareceu ver o número 2, entre uma infinidade de traços e desenhos.

– Sabe por que é necessário ler ao contrário? É porque os juízos do Senhor são completamente distintos dos do mundo – continuou o bispo. – O que os homens julgam sabedoria é tolice aos olhos de Deus.

Não tive coragem de insistir para que explicasse mais claramente, e disse:

– Senhor bispo, não se afaste, quero perguntar mais coisas.

– Pois pergunte, eu o escuto.

– Eu me salvarei?

– Deve ter esperança nisso.

– Não me faça sofrer, diga-me logo se me salvarei.

– Não sei.

– Pelo menos, diga-me se estou na graça de Deus.

– Não sei.

– E meus meninos, se salvarão?

– Não sei.

– Mas, por favor, diga-me, estou implorando.

– Estudou teologia, portanto pode saber, pode responder a si mesmo.

– Mas como? Está em lugar de salvação e ignora essas coisas?

– Eis: o Senhor as dá a conhecer a quem quer. Quando quer que elas sejam comunicadas, dá ordem e permissão para tal. Caso contrário, ninguém pode comunicá-las aos que ainda vivem.

Eu estava nervoso, impaciente para fazer mais perguntas, e as fazia apressadamente, com temor de que o senhor bispo se retirasse.

– Diga-me algo para transmitir de sua parte a meus jovens.

– O senhor sabe tanto quanto eu o que devem fazer. Tem a Igreja, o Evangelho e as outras Escrituras que tudo lhe dizem. Diga-lhes que salvem suas almas, pois tudo o mais de nada serve.

– Já sabemos que devemos salvar a alma. Mas o que devemos fazer para salvá-la? Dê-me alguma recomendação especial para poder salvá-la, e que nos faça recordar do senhor. Eu o repetirei aos jovens em seu nome.

– Diga-lhes que sejam bons e sejam obedientes.

– Quem é que não sabe essas coisas?

– Diga-lhes que sejam puros e que rezem.

– Mas explique-se em termos mais concretos.

– Diga-lhes que se confessem com frequência e façam boas confissões.

– Alguma outra coisa ainda mais concreta...

– Direi, já que quer. Diga-lhes que têm diante dos olhos uma neblina, e que quando alguém chega a vê-la já está muito adiantada. Que afastem essa neblina, como se lê nos Salmos: *Nubem dissipata*.

– Que neblina é essa?

– São todas as coisas mundanas que impedem de ver as coisas celestiais como de fato são.

– E o que devem fazer para afastar essa neblina?

– Considerem o mundo exatamente como ele é, “o mundo está todo posto no Maligno” (*mundus totus in Maligno positus est*), e então salvarão a alma. Que não se deixem enganar pelas aparências. Os jovens creem que os prazeres, as alegrias e as amizades podem fazê-los felizes, e não esperam senão o momento de poder gozar desses prazeres. Mas recordem-se de que tudo é vaidade e aflição de espírito. Portanto, tomem o hábito de ver as coisas do mundo não como elas parecem, mas como realmente são.

– E essa neblina, como é principalmente produzida?

– Assim como a virtude que mais brilha no paraíso é a pureza, assim a obscuridade e a neblina são produzidas principalmente pelo pecado de imodéstia e impureza. É como uma nuvem negra densíssima que tolda a visão e impede os jovens de ver o precipício para o qual caminham. Diga-lhes, portanto, que conservem zelosamente a virtude da pureza, porque os que a possuem “florescerão como o lírio na cidade de Deus” (*florebunt sicut liliam in civitate Dei*).

– E o que é preciso fazer para conservar a pureza? Diga-me e o direi a meus caros jovens de sua parte.

– Recolhimento, obediência, fuga do ócio e oração.

– E o que mais?

– Oração, fuga do ócio, obediência e recolhimento.

– Nada mais?

– Obediência, recolhimento, oração e fuga do ócio. Recomende-lhes estas coisas, que elas são suficientes.

Teria querido perguntar-lhe muitas coisas mais, porém não me vinham à lembrança. Então, mal o bispo terminou de falar, impaciente para transmitir a vocês aqueles avisos, deixei apressadamente o salão e corri para o Oratório. Voava com a rapidez do vento, e num instante encontrei-me na porta de casa. Mas, ao chegar, parei e pensei:

– Por que não permaneci mais tempo com o senhor bispo de...? Teria conseguido mais esclarecimentos. Fiz mal em deixar escapar uma ocasião tão boa.

E imediatamente voltei atrás com a mesma rapidez com que tinha ido, temeroso de não mais encontrá-lo. Entrei novamente no palácio e no salão.

Mas quantas mudanças haviam se operado em poucos instantes! O bispo, pálido como cera, estava estendido sobre um leito e parecia um cadáver, em seus olhos brilhavam ainda suas últimas lágrimas. Estava em agonia. Só pelo ligeiro movimento do peito, produzido pelos últimos alentos, se deduzia que ainda vivia. Aproximei-me com grande preocupação e perguntei:

– Senhor bispo, o que aconteceu?

– Deixe-me! – respondeu com um gemido.

– Teria ainda muitas coisas para perguntar.

– Deixe-me só! Sofro imensamente.

– Que posso fazer pelo senhor?

– Reze e deixe-me ir embora!

– Para onde?

– Para onde me conduz a mão onipotente de Deus.

– Mas, senhor bispo, rogo-lhe que me diga o local.

– Sofro imensamente, deixe-me.

Eu repetia:

– Mas ao menos diga: que posso fazer pelo senhor?

– Reze por mim.

– Uma só palavra: tem algum encargo que eu possa fazer pelo senhor no mundo?
Não quer dizer nada para seu sucessor?

– Vá ao atual bispo de... e diga-lhe, de minha parte, tal e tal coisa...

As coisas que me disse não lhes interessam, queridos jovens, e por isso as omito.

O bispo acrescentou:

– Diga também a tais e tais pessoas, tais e tais coisas secretas...²¹⁴

– Nada mais?

– Diga a seus jovens que eu sempre os quis muito bem, e que enquanto vivi sempre rezei por eles. Ainda agora me recordo deles. Que eles rezem por mim.

– Tenha certeza, senhor bispo, de que assim o direi. E começaremos imediatamente a oferecer sufrágios por sua alma. Mas quando o senhor bispo estiver no paraíso lembre-se de nós.

O bispo tinha tomado um aspecto ainda mais sofredor. Era um tormento vê-lo. Sofria muitíssimo. Era uma agonia das mais aflitivas.

– Deixe-me – repetiu –, deixe-me que vá para onde o Senhor me chama.

– Senhor bispo! Senhor bispo! – repetia eu cheio de indizível compaixão.

– Deixe-me! Deixe-me!

Parecia que expirava. Uma força invisível o arrastou dali para habitações mais interiores, de modo que desapareceu.

Eu, com tanto sofrer, assustado e comovido, quis voltar atrás, mas, tendo batido com o joelho num objeto qualquer daquelas salas, acordei e me encontrei de repente deitado em meu quarto.

Como veem, jovens, este é um sonho como todos os outros sonhos, e no que se refere a vocês não têm necessidade de explicações, porque todos o entenderam bem.

Neste sonho aprendi tantas coisas a respeito da alma e do purgatório como antes jamais havia chegado a compreender, e as vi tão claramente que jamais as esquecerei.

O jardim salesiano – Domingos Sávio²¹⁵

A tradição chamou este sonho de sonho do jardim salesiano ou então sonho de Lanzo. Dele diz Pietro Stella: “Tomada em si mesma, a narração apresenta certa arquitetura. Vida celeste e vida terrena se amalgamam. Os beatos correspondem aos jovens do Oratório que escutam a boa-noite. Mediadores entre os dois grupos são pessoas bem conhecidas: padre Alasonatti, primeiro prefeito do Oratório (morreu em 7 de outubro de 1865); padre Chiala e padre Giulitto, mortos pouco antes dessa boa-noite (28 de junho e 18 de julho de 1876).

Dom Bosco e Domingos Sávio são os atores principais. Seu diálogo trata de argumentos religiosos e morais. O tema ético, introduzido em abstrato no simbólico jardim de ramalhete de flores, é traduzido em termos concretos na revelação final sobre o estado de pecado ou de graça dos jovens que Dom Bosco conhecia.

²¹⁴ Também sobre esses recados Dom Bosco se calou. Mas tanto as primeiras quanto as segundas, parece que se referem a avisos e remédios com respeito à sua antiga diocese (Nota do padre Ceria).

²¹⁵ Cf. MB XII, p. 585-595.

Os ouvintes são levados da deliciosa contemplação do paraíso à reflexão sobre os meios para consegui-lo. E enfim a consternação geral com o estado de pecado que infestava o Oratório.²¹⁶

Em 22 de dezembro de 1876, foi antecipado um pouco o horário das orações noturnas. Estavam presentes os estudantes, também os aprendizes e todo o pessoal da casa. Dom Bosco contou:²¹⁷

Na noite em que fiquei em Lanzo, à hora do repouso, aconteceu-me ter o seguinte sonho. É um sonho que não tem nenhuma relação com outros sonhos. No tempo do retiro já contei um quase semelhante. Mas, e porque vocês não estavam todos presentes, também porque é muito diferente, decidi contar este. São coisas muito estranhas, mas vocês sabem que com meus filhos eu abro todo o meu coração. Para eles não tenho segredos. Deem a ele o valor que quiserem. Mas, como diz São Paulo, “fiquem com o que é bom” (*quod bonum est tenete*). Assim, se encontrarem neste sonho alguma coisa que faça bem à alma de vocês, aproveitem disso.

Quem não quiser acreditar, não acredite. Isso não importa nada. Mas ninguém ponha em ridículo as coisas que estou para dizer. Peço ainda que vocês não contem a outros que não sejam da casa e nem escrevam sobre isso fora de casa. Aos sonhos se pode dar a importância que os sonhos merecem. E aqueles que não conhecem nossa intimidade, poderiam pronunciar um juízo errôneo e chamar as coisas com nome diverso do que lhes é próprio. Não sabem que vocês são os meus filhos e que eu digo a vocês tudo aquilo que sei, e algumas vezes também aquilo que não sei (*risadas gerais*).

Mas aquilo que um pai manifesta aos seus amados filhos para seu bem, deve ficar entre pai e filhos, e não ir além. E também por outra razão. Geralmente, quem conta o sonho lá fora, ou altera o fato ou conta só uma parte que não se entendeu bem. E daí nasce prejuízo e o mundo desprezaria o que não deve ser desprezado.

[O jardim]

É preciso que vocês saibam que os sonhos se têm dormindo. Portanto, na noite de 6 de dezembro, enquanto estava em meu quarto, sem saber bem se lia ou girava por aqui e por ali no quarto, ou então já fosse para a cama, comecei a sonhar.

Num momento me pareceu estar sobre uma pequena elevação da terra ou colina, nas margens de uma planície imensa, cujos confins o olho não podia atingir. Perdia-se na imensidão. Era toda azulada como um mar em plena calma. Mas aquilo que eu via não era água. Parecia um cristal polido e luminoso. Debaixo de meus pés, atrás de mim e aos lados, via uma região configurada como aquela de um litoral na praia do oceano.

Aquela planície estava dividida por largas e gigantescas avenidas em vastíssimos jardins, de beleza inenarrável, todos divididos em pequenos bosques, prados e canteiros de flores, de formas e cores diversas. Nenhuma de nossas plantas pode nos dar uma

²¹⁶ Pietro Stella, *Don Bosco nella religiosità cattolica*, II, p. 509.

²¹⁷ Tomamos a liberdade de inserir subtítulos que facilitam a leitura do sonho.

ideia daquelas, embora de algum modo se visse uma semelhança. As ervas, as flores, as árvores, as frutas eram graciosas e de aspecto singular. As folhas eram de ouro, os troncos e os caules de diamante e o resto correspondia a esta riqueza.

Não se podiam contar as diferentes espécies: e toda espécie e todo indivíduo resplandeciam com luz própria.

No meio daqueles jardins e em toda a extensão da planície eu via inumeráveis edifícios de beleza, harmonia, magnificência e vastidão tão extraordinárias que, na construção de um destes, parecia não pudessem bastar todos os tesouros da terra.

Eu dizia comigo mesmo: “Se meus jovens tivessem uma só destas casas, oh, como ficariam satisfeitos, como seriam felizes e ficariam de boa vontade nelas!”.

Assim eu pensava, vendo daqueles palácios somente a parte externa. Muito maior devia ser a magnificência interna!

[Felizes os que nele habitam]

Enquanto eu me maravilhava com tantas e estupendas coisas que ornavam aqueles jardins, eis que se difundiu no ar uma música suavíssima, e de tão agradável e suave harmonia, que eu não posso dar dela uma ideia adequada. A visão de padre Cagliari e de Dogliani²¹⁸ não tem nada de musical se comparada àquela. Eram cem mil instrumentos e todos produziam um som diferente do outro. E todos os sons possíveis mandavam para o ar suas ondas sonoras. A estes se uniam os coros dos cantores.

Vi então uma multidão de gente que se encontrava naqueles jardins e se divertia. Tocavam e cantavam. Toda voz e toda nota produziam o efeito da reunião de mil instrumentos, todos diversos uns dos outros. Ao mesmo tempo, ouviam-se os vários graus da escala harmônica, do mais baixo ao mais alto que se possa imaginar, mas todos em perfeito acorde. Ah, para descrever essa harmonia não bastam comparações humanas.

Via-se na expressão daqueles felizes moradores que os que cantavam experimentavam não só um prazer extraordinário em cantar, mas sentiam ao mesmo tempo imenso gáudio em ouvir cantar os outros. E quanto mais um cantava mais se lhe acendia o desejo de cantar. E quanto mais escutava tanto mais desejava escutar. Eis o seu cântico:

– *Saúde, honra, glória a Deus Pai Onipotente...
Autor dos séculos, que era, que é,
que virá julgar os vivos e os mortos
pelos séculos dos séculos.*²¹⁹

²¹⁸ Irmão salesiano Giuseppe Dogliani (1849-1934), maestro e compositor. Dirigiu corais na Europa e na América.

²¹⁹ *Salus, honor, gloria Deo Patri Omnipotenti... Auctor saeculi, qui erat, qui est, qui venturus est iudicare vivos et mortuos in saecula saeculorum.*

[Os jovens e os salesianos]

Estático, enquanto escutava a celeste harmonia, apareceu enorme quantidade de jovens, dos quais muitíssimos eu conhecia e tinham estado no Oratório e nos outros colégios nossos. Mas a maior parte deles me era completamente desconhecida. Aquela multidão sem-fim vinha ao meu encontro. À sua frente avançava Domingos Sávio, logo depois dele caminhavam padre Alasonatti, padre Chiala, padre Giulitto e muitos, muitos outros clérigos e padres, cada um guiando um grupo de jovens.

Interrogava-me a mim mesmo:

– Estou dormindo ou estou acordado?

E batia as mãos uma contra a outra e me tocava no peito, para acertar-me de ser uma realidade o que eu via.

Chegando toda aquela multidão diante de mim, parou à distância de oito ou dez passos. Então brilhou um relâmpago de luz mais viva, cessou a música e se fez profundo silêncio. Todos aqueles jovens estavam cheios de grandíssima alegria, que lhes transparecia dos olhos, e sobre seu rosto se via a paz de uma felicidade perfeita. Olhavam-me com doce sorriso nos lábios e parecia que quisessem falar, mas não falavam.

[Domingos Sávio]

Domingos Sávio²²⁰ avançou sozinho alguns passos ainda e parou tão próximo de mim que se eu tivesse estendido a mão certamente o teria tocado. Calava-se, olhando-me ele também sorridente. Como era belo!

Suas vestes eram de todo singulares. A túnica candidíssima que lhe descia até os pés era costurada com diamantes e toda tecida com ouro. Uma ampla faixa vermelha cingia seus flancos, bordada de gemas preciosas, e uma quase tocava a outra. Entrelaçando-se no desenho maravilhoso, apresentavam tal beleza de cores que eu ao vê-las me sentia transportar pela admiração.

Do pescoço lhe pendia um colar de flores peregrinas mas não naturais: parecia que as folhas fossem de diamantes unidos sobre hastes de ouro e assim todo o resto. Essas flores resplandeciam de uma luz sobre-humana mais viva que a do sol, que naquele instante brilhava em todo o esplendor de uma manhã de primavera. Refletiam seus raios sobre o rosto cândido e rubicundo, de maneira indescritível. E o iluminavam de tal forma que não se podiam nem distinguir bem suas várias espécies.

A cabeça era cingida por uma coroa de rosas. A cabeleira descia-lhe ondulada pelos ombros e lhe dava um aspecto tão belo, tão afetuoso, tão atraente que parecia... parecia... um anjo!

²²⁰ São Domingos Sávio, aluno de São João Bosco, nascido em Riva di Chieri, em 1857, deixando fama de eminente santidade. Foi beatificado em 1950 e canonizado em 1954.

Dom Bosco, ao pronunciar estas últimas palavras, parecia que fizesse um esforço para encontrar expressões adequadas; e as terminou com um gesto indescritível, e um tom de voz que impressionou a todos. Era como alguém que está esgotado pelo esforço de encontrar os termos para revelar plenamente sua ideia. Depois de breve pausa, prosseguiu:

Também os outros resplandeciam de luz. Estavam vestidos de vários modos, e sempre estupendo. Uns mais e outros menos ricos; roupas diferentes; um com uma cor dominante, e outro com outra; e aquelas vestes diversas tinham um significado que ninguém saberia compreender. Mas todos tinham os flancos cingidos com igual faixa vermelha.

[Ansiedade de Dom Bosco]

Eu continuava a observar e pensava:

– O que quer dizer isso? Como vim parar aqui?

E não sabia onde estava. Fora de mim, tremendo todo pela reverência, não ousava ir adiante. Também os outros permaneciam silenciosos. Finalmente Domingos Sávio falou:

– Por que você está aí mudo e quase aniquilado? Não é você aquele homem que uma vez disse que não se espantava com nada, mas afrontava intrépido as calúnias, as perseguições, os inimigos e as angústias e os perigos de toda espécie? Onde está sua coragem? Por que não fala?

A custo eu respondi, quase gaguejando:

– Não sei o que dizer. Então você é Domingos Sávio?

– Sou eu! Não me reconhece mais?

– E como é que se encontra aqui? – repliquei, sempre confuso.

Sávio então respondeu com afeto:

– Vim aqui para falar-lhe. Tantas vezes nos falamos na Terra! Não se recorda de quanto me amava? De quantas vezes deu provas de amizade e de quantas demonstrações de benevolência me deu? E eu não correspondi a seus desvelos? Como era grande minha confiança em você! Por que, então, está tão transtornado? Por que você treme? Coragem! Pergunte-me alguma coisa.

Então, recobrando ânimo, disse-lhe:

– Tremo porque não sei onde me encontro.

– Está no local da felicidade – respondeu Sávio –, onde se gozam todas as alegrias, todas as delícias.

[O prêmio dos justos]

– É este, pois, o prêmio dos justos?

– Não, por certo. Aqui não se gozam os bens eternos, mas só os temporais.

– Mas então são naturais todas essas coisas?

– Sim, se bem que embelezadas pelo poder de Deus.

– E a mim, que me parecia que isto era o paraíso! – exclamei.

– Não, não, não! – respondeu Sávio. – Nenhum olho mortal pode ver as belezas eternas.

– E essas músicas – prossegui perguntando –, são as harmonias de que vocês gozam no paraíso?

– Não, não, e sempre não!

– São sons naturais?

– Sim, são sons naturais, aperfeiçoados pela onipotência de Deus.

– E esta luz que sobrepuja a luz do sol, é luz sobrenatural? É a luz do paraíso?

– É luz natural, embora avivada e aperfeiçoada pela onipotência divina.

– E não se poderia ver um pouco de luz sobrenatural?

– Ninguém pode vê-la enquanto não chegar a ver a Deus como é (*sicut est*). O menor raio dessa luz tiraria no mesmo instante a vida de um homem, porque não é suportável pelas forças dos sentidos humanos.

– E poderia haver uma luz natural ainda mais bela do que esta?

– Se soubesse! Se visse somente um raio de luz natural elevada a um grau superior a este, ficaria fora de si.

– E não se pode ver ao menos um raio dessa luz de que você fala?

– Sim, pode-se ver. Terá a prova do que eu digo. Abra os olhos.

– Já os tenho abertos – respondi.

– Olhe bem no fundo desse mar de cristal.

Levantei a vista, e apareceu de repente no céu, a uma distância imensa, uma instântanea centelha de luz, sutilíssima como um fio, mas tão brilhante, tão penetrante, que meus olhos não puderam resistir. Fechei-os e lancei um grito tão forte que despertou padre Lemoyne (aqui presente), que dormia num quarto próximo. Assustado, ele me perguntou na manhã seguinte o que me acontecera de noite, para estar assim tão agitado. Aquele fiozinho de luz era cem milhões de vezes mais claro do que o sol e seu fulgor bastariam para iluminar todo o universo criado.

Após alguns instantes, consegui abrir os olhos e perguntei a Domingos Sávio:

– É isso que vi, será talvez um raio divino?

Sávio respondeu:

– Não é luz sobrenatural, se bem que, comparada com a luz do mundo, seja tão superior em brilho. Não é senão luz natural, assim avivada pelo poder de Deus. E ainda que você imaginasse uma imensa zona de luz semelhante à centelhazinha que viu lá no fundo rodeando todo o mundo, nem por isso formaria para si uma ideia dos esplendores do paraíso.

– E vocês, de que gozam, pois, no paraíso?

– Ah, é impossível dizê-lo. O que se goza no paraíso nenhum homem mortal pode saber enquanto não deixar esta vida e se reunir a seu Criador. Basta dizer que se goza do próprio Deus.

[Elogio da pureza]

Entretanto, eu já me recobrava plenamente de meu primeiro aturdimento. Absorto, contemplava a beleza de Domingos Sávio e com franqueza lhe perguntei:

– Por que tem essa veste tão alva e deslumbrante?

Calou-se Sávio, sem dar mostras de querer responder. Mas o coro retornou então suas harmonias e cantou, acompanhado de todos os instrumentos:

– *Eles tiveram os rins cingidos e purificaram suas vestes no sangue do Cordeiro.*²²¹

– E por que – voltei a perguntar quando cessou o canto – essa faixa vermelha em sua cintura?

Tampouco dessa vez Sávio respondeu, mas antes fez sinal de que não queria fazê-lo.

Então, padre Alasonatti, em solo, se pôs a cantar:

– *São virgens e seguirão o Cordeiro aonde quer que vá.*²²²

Compreendi então que a faixa encarnada, cor de sangue, era símbolo dos grandes sacrifícios feitos, dos violentos esforços e do quase martírio sofrido para conservar a virtude da pureza. E que, para manter-se casto na presença do Senhor, ele teria estado pronto a dar a vida se as circunstâncias o houvessem requerido. Era também símbolo das penitências, que limpam a alma das culpas. A brancura e o esplendor da túnica significavam a inocência batismal conservada.

Mas eu, atraído pelos cantos e contemplando todas aquelas falanges de jovens celestiais, perguntei a Domingos Sávio:

– E quem são estes que o rodeiam?

²²¹ *Ipsi habuerunt lumbos praecinctos et dealbaverunt stolas suas in sanguine Agni.*

²²² *Virgines enim sunt, et sequuntur Agnum quocumque ierit.*

E dirigindo-me aos demais lhes disse:

– Como é que vocês estão todos tão refulgentes?

Sávio continuou calado, e todos os jovens se puseram a cantar:

– *Estes são como Anjos de Deus no Céu.*²²³

[Sávio, mensageiro de Deus]

Notava, entretanto, que Sávio parecia ter preeminência sobre aquela multidão que se encontrava uns dez passos atrás dele, e então lhe disse:

– Diga-me, Sávio, você é o mais jovem entre os muitos que o seguem e dos que morreram em nossas casas. Por que vai assim adiante deles e os precede? Por que você fala e eles se calam?

– Eu sou o mais velho de todos.

– Não, muitos outros o superaram em anos.

– Eu sou o mais antigo do Oratório – repetiu Domingos Sávio – porque fui o primeiro a deixar o mundo e ir à outra vida. Além disso, cumpro mandado de Deus.

Essa resposta me indicava o motivo da visão. Ele era embaixador de Deus.

– Então – disse-lhe – falemos do que mais nos importa neste instante.

– Sim, e pergunte-me logo o que ainda deseja saber. As horas passam, e poderia acabar o tempo que me foi concedido para falar com você, e já não mais me poderia ver.

– Parece que você tem algum assunto de suma importância para me comunicar.

– Que devo dizer a você eu, miserável criatura? – disse Sávio com profunda humildade. – Recebi do alto a missão de falar com você. E por isso vim.

– Então – exclamei – fale-me do passado, do presente e do futuro de nosso Oratório. Fale alguma coisa de meus queridos filhos, fale de minha congregação.

– A respeito desta, muito teria que lhe comunicar.

– Revele, pois, o que sabe, fale-me do passado.

– O passado recai todo sobre você.

– Terei feito alguma das minhas?

[O jardim salesiano]

– Quanto ao passado, digo-lhe que sua congregação já fez muito bem. Vê lá embaixo aquele número interminável de jovens?

²²³ *Hi sunt sicut Angeli Dei in caelo.*

– Vejo-os – respondi. – Ó, como são numerosos! E como são felizes!

– Pois olhe o que está escrito na entrada do jardim.

– Está escrito *Jardim Salesiano*.

– Pois bem – prosseguiu Sávio –, todos eles foram salesianos, ou foram educados por você, ou com você tiveram alguma relação. Foram salvos por você ou por seus sacerdotes e clérigos, ou por outros que você encaminhou pela via de sua vocação. Conte-os, se for capaz. Seu número, porém, seria cem milhões de vezes maior se maiores tivessem sido sua fé e sua confiança no Senhor.

Lancei um suspiro. Não soube o que responder a tal reprimenda, mas disse:

– Daqui para a frente procurarei ter essa fé e essa confiança.

Depois, perguntei:

– E o presente?

[O ramallete das virtudes]

Sávio me apresentou um magnífico ramallete que tinha nas mãos. Nele havia rosas, violetas, girassóis, gencianas, lírios, sempre-vivas e, entre as flores, espigas de trigo. Ofereceu-mo e disse:

– Observe!

– Vejo, mas nada entendo – respondi.

– Dê este ramallete a seus filhos para que possam oferecê-lo ao Senhor quando chegar o momento. Procure que todos o tenham, a ninguém lhe falte e que ninguém o tire deles. Pode estar certo de que com ele terão o suficiente para ser felizes.

– Mas que significa esse ramallete de flores?

– Consulte a teologia – respondeu-me. – Ela lhe dirá, lhe dará a explicação disso.

Eu disse:

– Eu a estudei, mas não saberia como tirar dela o significado do que me apresenta.

– Pois tem estrita obrigação de saber tudo isso.

– Vamos, tire-me de minha ansiedade, explique-me você!

– Vê estas flores? Representam as virtudes que mais agradam ao Senhor.

– Quais são?

– A rosa é símbolo da caridade; a violeta, da humildade; o girassol, da obediência; a genciana, da penitência e da mortificação; as espigas, da comunhão frequente; o lírio indica a bela virtude da qual está escrito: “Serão como os Anjos de Deus no céu”,²²⁴ a

²²⁴ *Erunt sicut Angeli Dei in caelo.*

castidade. E a sempre-viva significa que todas essas virtudes devem durar sempre, ela simboliza a perseverança.

[A assistência de Maria Santíssima]

– Ora bem, meu caro Sávio, você, que durante toda a sua vida praticou todas essas virtudes, diga-me: o que foi que mais o consolou na hora da morte?

– Que lhe parece que possa ser? – respondeu Sávio.

– Talvez ter conservado a bela virtude da pureza?

– Não, não é só isso.

– Alegrou-o talvez ter a consciência tranquila?

– Isso é bom, porém não é o melhor.

– Por acaso seu consolo terá sido a esperança do paraíso?

– Também não.

– Pois então! O haver entesourado muitas boas obras?

– Não, não!

– Então, qual foi seu consolo na última hora? – perguntei, entre confuso e suplicante, vendo que não conseguia adivinhar seu pensamento.

– O que mais me confortou no transe da morte foi a assistência da poderosa e amável Mãe do Salvador. Diga isso a seus filhos: que não se esqueçam de invocá-La enquanto estão em vida. Mas, se quer que lhe responda mais algo, apresse-se!

[A Congregação Salesiana]

– Quanto ao futuro, que me diz?

– Com respeito ao futuro, no próximo ano de 1877 terá de sofrer uma grande dor. Seis mais dois dos que lhe são mais caros serão chamados por Deus à eternidade. Mas console-se, pois serão transplantados do campo do mundo para os jardins do paraíso. Serão coroados. Não tenha medo. O Senhor o ajudará e lhe mandará outros filhos igualmente bons.

– Paciência! E no que se refere à congregação?

– No tocante à congregação, fique sabendo que Deus prepara grandes coisas para você. No ano que vem surgirá para ela uma aurora de glória tão esplêndida que iluminará como um relâmpago os quatro cantos do mundo; do oriente ao poente, do sul ao norte. Grande glória lhe está preparada. Você deve zelar para que o carro no qual for o Senhor não seja afastado pelos seus para fora de suas guias e de seus caminhos. Se seus sacerdotes o souberem bem conduzir e se forem dignos da alta missão que lhes foi confiada, esplêndido será o futuro, e infinitas serão as pessoas que salvarão. Mas com

uma condição: que seus filhos sejam devotos da Santíssima Virgem e saibam conservar a virtude da castidade, tão agradável aos olhos de Deus para a universalidade da casa.

[A Igreja]

– Queria agora que me falasse algo sobre a Igreja em geral.

– Os destinos da Igreja estão nas mãos de Deus Criador. Não posso revelar-lhe o que Ele determinou em seus infinitos decretos. Tais arcanos Ele reserva-os exclusivamente para Si, e deles nenhum dos espíritos criados pode participar.

– E sobre Pio IX?

– O que posso dizer é que o Pastor da Igreja não terá de sustentar ainda longos combates nesta terra. Poucas são as batalhas que ainda deve vencer. Dentro em breve será arrebatado de seu trono e o Senhor lhe dará a merecida recompensa. O resto já é bem sabido. A Igreja não perece. Tem ainda algo que perguntar?

[Os jovens do Oratório]

– E quanto a mim? – perguntei-lhe.

– Oh! Se soubesse por quantas vicissitudes terá ainda de passar! Mas apresse-se, porque muito pouco tempo me resta para falar com você.

Estendi então com ardor as mãos para segurar aquele santo filho. Mas suas mãos pareciam aéreas e nada pude tocar.

– Que loucura! Que está fazendo? – disse-me Sávio, sorrindo.

– Temo que vá embora – exclamei. – Mas não está aqui com seu corpo?

– Com o corpo, não. Vou recuperá-lo no último dia.

– Mas que são, então, esses traços que me fazem ver em você a figura de Domingos Sávio?

– Quando por permissão divina uma alma separada do corpo aparece diante de algum mortal, apresenta-se com a forma exterior do corpo que em vida animou, com todas as suas feições exteriores, embora muito embelezadas, e assim as conserva até que volte a unir-se a ele, no dia do Juízo Universal. Então o levará consigo para o paraíso. É por isso que lhe parece que tenho mãos, pés e cabeça, mas você não pode me segurar porque sou puro espírito. Esta é só uma forma exterior pela qual me pode conhecer.

– Compreendo – respondi. – Mas responda-me ainda a uma pergunta: meus jovens estão todos no reto caminho da salvação? Diga-me alguma coisa para que possa bem dirigi-los.

– Os filhos que a Divina Providência lhe confiou podem ser divididos em três categorias. Vê estas três listas? Olhe-as!

E me estendeu uma.

Olhei a primeira. Encabeçava-a a palavra “ilesos” (*invulnerati*), e continha o nome daqueles que o demônio não pôde ferir, e que não mancharam a inocência com culpa alguma. Eram em grande número esses sadios, e os vi todos. A muitos já conhecia, outros era a primeira vez que via, e certamente virão ao Oratório nos anos futuros. Caminhavam direitos por um caminho estreito, apesar de serem alvos de flechas, espadas e laços que por todos os lados choviam sobre eles. Essas armas formavam como que uma sebe ao longo das duas bordas do caminho, e os combatiam e molestavam sem, entretanto, feri-los.

Então Sávio me deu a segunda lista: “feridos” (*vulnerati*), ou seja, os que haviam estado na desgraça de Deus, mas uma vez postos em pé haviam curado suas feridas arrependendo-se e confessando-se. Eram em maior número que os primeiros e haviam sido feridos na caminhada da vida pelos inimigos que os flanqueavam durante sua viagem. Li a lista e vi todos. Muitos iam curvados e desanimados.

Sávio tinha ainda na mão a terceira lista. Encabeçava-a a epígrafe: “Caídos no caminho da iniquidade” (*Lassati in via iniquitatis*). Nela estavam escritos os nomes dos que estavam na desgraça de Deus. Eu estava impaciente para conhecer o segredo, por isso estendi a mão. Mas Sávio me disse com vivacidade:

– Não, espere um momento e escute. Se abrir essa folha, sairá dela tal mau cheiro que nem você nem eu poderemos suportar. Os Anjos têm de se retirar com asco e horror, e o próprio Espírito Santo sente repugnância pela horrível hediondez do pecado.

– Mas como pode ser isso – observei –, se Deus e os Anjos são impassíveis? Como podem sentir o mau cheiro da matéria?

– Quanto melhores e mais puras são as criaturas, tanto mais se acercam aos espíritos celestiais. Pelo contrário, quanto pior, mais desonesto e torpe é alguém, tanto mais se afasta de Deus e dos Anjos, os quais, por sua vez, se afastam dele, que se converteu num objeto de náusea e repugnância.

Passou-me então a terceira lista.

– Tome-a – disse – abra-a e aproveite-se dela para o bem de seus jovens, mas não se esqueça do ramalhete que lhe dei; que todos o tenham e conservem.

Dito isso e depois de me entregar a lista, retirou-se apressadamente, em meio de seus companheiros, quase como se estivesse fugindo de algo.

Abri então a lista. Não vi nenhum nome, mas no mesmo instante me foram apresentados de chofre todos os indivíduos nela escritos, como se na realidade eu visse suas pessoas. Com quanta tristeza os contemplei! A maior parte eu conhecia e pertencem ao Oratório e aos outros colégios. Vi muitos que parecem bons, que parecem até os melhores entre os companheiros, e não o são!

Mas, no ato de abrir a folha, espalhou-se em redor um mau cheiro tão insuportável que imediatamente me vi assaltado por terrível dor de cabeça e por tais ânsias de vômito

que me parecia estar morrendo. Obscureceu-se, entretanto, o ar, e nisso desapareceu a visão, nada mais eu vendo do maravilhoso espetáculo. Ao mesmo tempo ziguezagueou um raio e ressoou um trovão no espaço, tão forte e terrível que acordei sobressaltado.

O mau odor penetrou nas paredes e infiltrou-se em minhas vestes de tal forma que, muitos dias depois, ainda parecia sentir a pestilência. De tal modo é fétido ante os olhos de Deus até mesmo o nome do pecador! Agora mesmo, só de recordar aquele mau odor me vêm calafrios, sinto-me sufocado e se me revolve o estômago.

Em Lanzo, onde me achava, comecei a interrogar de cá e de lá alguns rapazes, e pude certificar-me de que o sonho não me havia enganado. É, pois, uma graça do Senhor, que me deu a conhecer o estado de alma de cada um de vós: mas disso nada direi ao público. Muitas outras explicações ainda haveria de dar, mas reservo-as para outra noite. Por ora, só me resta desejar-vos uma boa-noite.

Capítulo 8

Sonhos diversos

O sonhador

Nos quatro anos de ginásio, além da inteligência e da memória, parece que havia em João outra virtude secreta e extraordinária que o ajudava. Assim opinaram aqueles entre seus antigos condiscipulos que nos narraram os fatos seguintes.

Uma noite Joãozinho Bosco sonhou que o mestre tinha dado para tarefa um trabalho a fim de classificar os que iam ganhar bolsa de estudos e que ele o estava fazendo. Apenas acordado, saltou da cama e escreveu aquele trabalho, isto é, o ditado em latim. Depois pôs-se a traduzi-lo e nisto se fez ajudar por um padre seu amigo.

Seja como for, de manhã, na aula, o professor deu de fato o trabalho de classificação, e precisamente aquele mesmo tema sonhado por João. De modo que, sem usar o dicionário, nem levar muito tempo, escreveu logo seu trabalho tal como se recordava de havê-lo visto no sonho e lhe tinha sido corrigido. E saiu-se muito bem mesmo.

Interrogado pelo mestre, lhe expôs a coisa ingenuamente, causando-lhe assim vivo estupor.

Uma outra vez João entregou a página do trabalho tão depressa que ao mestre não parecia possível que um jovem tivesse conseguido, em tão breve tempo, superar tantas dificuldades gramaticais. Por isso, leu atentamente aquela folha. Admirado por encontrá-la perfeita, mandou que lhe trouxesse o rascunho no caderno. João lhe deu.

Novamente ficou estupefato, pois o mestre preparara aquele tema somente na noite anterior, e tendo saído muito comprido ditara somente a metade. No caderno de João encontrou-o inteiro, nem uma sílaba a mais, nem uma sílaba a menos.

Como tal coisa acontecera? Não era possível que naquele breve tempo João o tivesse copiado e não havia dúvida alguma de que ele não entrara na casa do professor, que era bem distante daquela em que morava, em pensão. Então? Bosco confessou:

– Sonhei com isso.

Por este e por outros acontecimentos semelhantes, os companheiros de pensão o chamavam “o sonhador”.²²⁵

²²⁵ Cf. MB I, p. 253-254.

Após a morte de Mamã Margarida

Em agosto de 1860, Dom Bosco sonhou com sua mãe. Eis o relato:

Pareceu-lhe que a encontrara perto do Santuário da Consolata, ao longo do muro do convento de Santa Anna, na esquina da rua, enquanto ele voltava ao Oratório, vindo de São Francisco de Assis. Seu aspecto era belíssimo.

– Mas como! A senhora aqui? – disse-lhe Dom Bosco. – Não está morta?

– Morri, mas vivo – respondeu Margarida.

– E está feliz?

– Felicíssima.

E Dom Bosco perguntou-lhe várias coisas. Depois a interrogou se depois da morte tivesse logo entrado no paraíso. Margarida respondeu que não. Então quis saber dela se no paraíso estavam vários jovens, dos quais disse os nomes. E Margarida respondeu que sim.

– E agora me faça conhecer – continuou Dom Bosco – o que a senhora goza no paraíso.

– Não posso fazer que você entenda.

– Dê-me pelo menos uma amostra de sua felicidade. Pelo menos me faça sentir uma gota dela!

Então viu sua mãe toda resplandecente, ornada de uma preciosíssima veste, com um aspecto de maravilhosa majestade. Atrás dela havia como um coro numeroso. Margarida se pôs a cantar. Seu canto de amor a Deus, de uma inexprimível doçura, ia direto ao coração, o invadia e o transportava sem violentá-lo. Parecia a harmonia de mil vozes e de mil gradações de vozes que dos baixos mais profundos subiam aos agudos mais altos, com uma variedade de tons, e diferença de modulações e vibrações mais ou menos fortes e às vezes imperceptíveis, combinadas com tanta arte, delicadeza e acordo que formavam um todo só.

Àquela suavíssima melodia, Dom Bosco ficou tão encantado que lhe parecia estar fora dos sentidos, e não soube mais o que dizer ou pedir à sua mãe. Quando acabou o canto, Margarida voltou-se para ele e disse:

– Espero por você, pois nós dois devemos estar sempre juntos.

Proferidas estas palavras, desapareceu.²²⁶

²²⁶ Cf. MB V, p. 567-568.

Encontro com São Pedro e São Paulo²²⁷

Em fevereiro de 1884, Dom Bosco se encontrava bem doente. Obrigado a ficar de cama, foi visitado por dois médicos, no dia 12 de fevereiro. À noite, teve então este sonho:

Pareceu-lhe que estava em uma casa, onde encontrou São Pedro e São Paulo. Vestiam uma túnica que descia abaixo dos joelhos e tinham na cabeça um gorro à moda oriental. Sorriam a Dom Bosco. Interrogados se tivessem alguma missão para ele ou algo para comunicar-lhe, não responderam à pergunta, mas começaram a falar do Oratório e dos jovens. Naquele momento eis que chegou um amigo de Dom Bosco, conhecidíssimo entre os salesianos, mas que Dom Bosco depois não se lembrava mais quem fosse.

– Olhe um pouco estas duas pessoas – disse ao recém-chegado.

O amigo olhou e:

– Mas quem estou vendo! – exclamou. – Será possível? São Pedro e São Paulo aqui?

Dom Bosco renovou então a pergunta feita pouco antes aos dois apóstolos, que, embora se mostrassem muito afáveis, continuaram de forma evasiva a falar de outra coisa. Depois, de improviso, São Pedro o interrogou:

– E a vida de São Pedro?

Da mesma forma, São Paulo:

– E a vida de São Paulo?

– É verdade – confessou Dom Bosco em ato de humilde desculpa. De fato, ele tinha pensado em reeditar aquelas duas vidas, mas depois tinha se esquecido inteiramente daquilo.

– Se não faz logo, não terá mais tempo – Paulo o advertiu.

Entretanto, tendo São Pedro descoberto a cabeça, sua cabeça apareceu calva com dois flocos de cabelos sobre as têmporas. Tinha todo o ar de um ancião sadio e belo. Pondo-se à parte, colocou-se em ato de oração. Dom Bosco queria segui-lo, mas:

– Deixe-o rezar! – lhe impôs São Paulo.

Dom Bosco respondeu:

– Queria ver diante de qual objeto se ajoelhou.

Foi-lhe, pois, ao lado e viu que estava diante de uma espécie de altar, que altar não era, e interrogou São Paulo:

– Mas não há candelabros?

²²⁷ Cf. MB XVII, p. 27-29.

– Não há necessidade de candelabros onde existe o eterno sol – respondeu-lhe o Apóstolo.

– Não vejo nem mesmo a mesa.

– A vítima não se sacrifica, mas vive em eterno.

– Mas, afinal, há ou não há altar?

– O altar é para todos o monte Calvário.

Então São Pedro, com voz alta e harmoniosa, mas sem canto, rezou assim:

– Glória a Deus Pai Criador, a Deus Filho Redentor, glória a Deus Espírito Santo Santificador. Só a Deus seja honra e glória por todos os séculos dos séculos. A ti o louvor, ó Maria, o céu e a terra te proclamam sua Rainha. Maria... Maria... Maria.

Pronunciava este nome com uma pausa entre uma exclamação e a outra e com tal expressão de afeto e com um tal crescendo de comoção que não se pode descrever. De modo que lá se chorava pela ternura.

Tendo São Pedro se levantado, foi ajoelhar-se no mesmo lugar São Paulo, que com voz distinta se pôs também ele a rezar assim:

– Oh, profundidade dos arcanos divinos! Grande Deus, teus segredos são inacessíveis aos mortais. Somente no céu eles poderão penetrar a profundidade e a majestade deles, acessível unicamente aos celestes compreensores. Ó Deus uno e trino, a ti a honra, a saúde e a ação de graças de todo ponto do universo. O teu nome, ó Maria, seja por todos louvado e bendito. Cantam no céu a tua glória, e na terra tu sejas sempre a ajuda, o conforto, a salvação. Rainha de todos os Santos, aleluia, aleluia!

Contando o sonho, Dom Bosco concluiu:

– Esta oração, pelo modo de proferir as palavras, produziu em mim tal comoção que rompi em pranto e acordei. Depois me ficou na alma uma indizível consolação.

Que missa complicada...

Em março de 1884, Dom Bosco estava em viagem à França. Fez uma primeira parada em Alássio. Ali, sonhou:

Pareceu-lhe que estava na pracinha no princípio da alameda São Máximo, descendo para a fábrica Defilippi. Havia muita gente reunida, como se se esperasse por alguém. Apenas Dom Bosco se aproximou, aquela gente o circundou, dizendo:

– Dom Bosco, esperávamos pelo senhor.

– E que querem de mim?

– Que venha conosco.

– Vamos, é fácil contentá-los.

Conduziram-no ao espaço então ocupado pela fundição, no andar térreo debaixo de seus escritórios, já parte do prado onde tinham começado as gestas do Oratório. Dom Bosco entrou com eles por uma porta, mas em lugar da fundição encontrou-se em uma belíssima igreja.

– Agora, senhor Dom Bosco, deve nos fazer uma pregação – lhe disseram.

– Mas eu não estou preparado.

– Não importa. Diga-nos o que lhe vir à mente.

– Bem, façamos a pregação!

Subi, pois, no púlpito, onde comecei a falar contra os maus costumes. Descrevi o dilúvio universal e a destruição de Sodoma, continuando assim com tal ordem e divisão de pontos que, acordado, me recordava plenamente deles.

Feita a pregação, disseram-lhe:

– Agora deve celebrar a santa missa.

– Eu não tenho nenhuma dificuldade, celebremo-la, pois.

Foi portanto à sacristia. Só que faltava tudo. Teve dificuldade em encontrar o missal. Depois não achava o cálice. Depois teve que encontrar a casula. Por último, não havia nem hóstias nem galhetas. Busca de cá, busca de lá, encontrou tudo, se vestiu e foi para o altar.

Chegada a missa à comunhão, algumas pessoas se apresentaram para comungar. Removeu o conopeu, mas não encontrou a chave do tabernáculo. Angustiado, observou sobre o altar e não a encontrou. Ninguém se mexeu para ir buscá-la.

Então desceu ele mesmo do estrado, depôs a casula e, apenas com a alva, procurou quem o ajudasse a encontrar aquela bendita chave. Da igreja passou no local onde então habitavam as Irmãs, mas não havia alma viva. Finalmente ouviu uma risada. Era a voz do padre Notário. Entrou naquele aposento e encontrou padre Notário, que falava e ria com um juvenzinho.

– Sabe – Dom Bosco exclamou para si mesmo antes de entrar –, sabe que na igreja há necessidade dele e que falta a chave do tabernáculo, e ele está aqui a rir!

Entrando, pediu a chave e, recebendo-a, retornou ao altar.

Ao girar pela casa das Irmãs, Dom Bosco não tinha encontrado nem sequer uma.

Assim que esteve novamente no altar, prosseguiu e terminou a missa.

O sonho durou toda a noite.²²⁸

²²⁸ Cf. MB XVII, p. 37-38.

Sermão sobre a Via-sacra²²⁹

Em 25 de fevereiro de 1886, contou o seguinte sonho:

Deu com um tal que lhe dizia, com insistência, para apresentar-se em público e pregar sobre a Via-sacra.

– Pregar sobre a Via-sacra? – interrogou – Quererá dizer sobre a Paixão de Nosso Senhor?

– Não, não – repetia –, sobre a Via-sacra.

Falando assim, conduziu-o por uma longa estrada, que terminava numa imensa praça, e o fez subir sobre um pedestal. O lugar estava deserto. Disse Dom Bosco:

– Mas a quem devo pregar se aqui não há ninguém?

Ora, eis que em dado momento a praça encheu-se de gente.

Ele falou então da Via-sacra, explicou o significado da palavra, enumerou as vantagens da piedosa prática e, quando terminou de falar, todos suplicaram que prosseguisse, explicando cada uma das estações.

Dom Bosco se desculpava afirmando que não sabia mais o que dizer, mas o povo persistia e ele retomou a pregação. E falou, falou sem interrupção, dizendo que a Via-sacra é o caminho do Calvário, o caminho dos sofrimentos. Que Jesus percorreu por primeiro esta estrada e que propõe a nós segui-lo por ela pela mesma com aquelas palavras: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz cada dia e me siga”.²³⁰

Finalmente, no entusiasmo do dizer, acordou.

²²⁹ Cf. MB XVIII, p. 26-27.

²³⁰ Cf. Lucas 9,23: “*Qui vult post me venire, abneget semetipsum, tollat crucem suam quotidie et sequatur me*”..

Nicho na Basílica de São Pedro

Hoje, quem visita a Basílica de São Pedro, em Roma, pode ver a imagem de bronze do Santo, cujos pés estão gastos pelo beijo contínuo dos fiéis. Bem no alto, sobre esta estátua, há um nicho. E neste nicho a imagem de Dom Bosco. Não sabemos em que ano ele sonhou com isto:

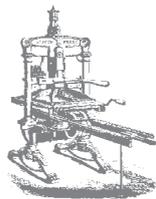
Pareceu-lhe que se encontrava exatamente dentro deste nicho, sem saber de que maneira chegara lá.

Aterrorizado, olhava em volta para pedir ajuda, mas reinava o mais profundo silêncio debaixo das abóbadas do templo. Soltou, então, um grito e, com a aflição, acordou.²³¹

²³¹ Cf. MB XIX, p. 367-368.

Referências bibliográficas

- AMARAL FERREIRA, Maria José do. *Trabalhando com os sonhos*. São Paulo, 2006 (inédito).
- JUNG, Carl Gustav. “A análise dos sonhos”. In: *Freud e a psicanálise*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 4. Petrópolis, Vozes, 1989.
- JUNG, Carl Gustav. “A aplicação prática à análise dos sonhos”. In: *Ab-reação, análise de sonhos e transferência*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 16/2. Petrópolis, Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. “Aspectos gerais da psicologia do sonho”. In: *A natureza da psique*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 8/2. Petrópolis, Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. “Da essência dos sonhos”. In: *A natureza da psique*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 8/2. Petrópolis, Vozes, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. “Símbolos e a interpretação dos sonhos”. In: *A vida simbólica: escritos diversos*. Obras Completas de Carl Gustav Jung. Vol. 18/1. Petrópolis, Vozes, 2000.
- LEMOYNE, Giovanni Battista; CERIA, Eugenio; AMADEI, Angelo *Memorie biografiche di Don [del Venerabile - del Beato - di San] Giovanni Bosco*. 20 vols. San Benigno Canavese-Turim, 1898-1948 (edição extracomercial).
- SÃO JOÃO BOSCO. “Carta de Roma”. In: *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales*. 2ª ed. São Paulo, Editora Salesiana, 2003, p. 275-287.



Esta obra foi composta pela divisão
de produção da Editora Salesiana e impressa
na gráfica das Escolas Profissionais Salesianas.